UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

INDAIÁ DE SANTANA BASSANI

Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos
(parassintéticos) do português brasileiro

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

INDAIÁ DE SANTANA BASSANI

Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos
(parassintéticos) do português brasileiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher

De acordo:

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bassani, Indaiá de Santana.

Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro / Indaiá de Santana Bassani; orientadora Ana Paula Scher. – São Paulo, 2013.

382f.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2013.

1. Prefixos. 2. Sufixos. 3. Parassíntese. 4. Morfologia. 5. Estrutura Argumental. 6. Mudança histórica. 7. Localidade. 8. Alomorfia. 9. Alternância verbal. I. Scher, Ana Paula. II. Título.

BASSANI, I. S. Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher (presidente)

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Luciana Raccanello Storto

Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^o Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Márcia Cançado

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Esta pesquisa foi apoiada por:

- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
Processo n. 142898/2009-0.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
Processo n. 8424/1-0.

À minha mãe, Eliane, por ser o meu tudo.

Aos meus queridos irmãos, Daniel e Jussara, por serem as partes que nos tornam um todo.

Ao meu cunhado, Maurício, por completar o que nos faltava, nos unindo ainda mais.

Ao meu amor, Fidel, por ser mais do que a minha metade, por ser o inteiro que me completa.

AGRADECIMENTOS

Para começar, gostaria de agradecer à minha querida orientadora, Ana Paula Scher, por confiar em mim mais do que eu mesma em todos os momentos e por me dar liberdade para refletir e coragem para propor. Obrigada por sua generosidade ao se preocupar com meu futuro, me incluindo em planos acadêmicos e me alertando sobre possibilidades e oportunidades, pela leitura cuidadosa desta tese e por toda a paciência nos momentos finais da escrita. Sua amizade é uma das conquistas mais valiosas que fiz nesta minha longa passagem pela USP.

Agradeço ao meu orientador de estágio sanduíche na Universidade da Pensilvânia, David Embick, por todos os atendimentos, por me ajudar a ir de ideias confusas a argumentos através de suas perguntas direcionadoras e por me fazer sentir muito bem-vinda, pela preocupação com minha adaptação e pela convivência amistosa e divertida.

Apesar de ser autora desta tese, muitas pessoas têm participação em ideias e desenvolvimentos de ideias iniciais: são professores e colegas. Foram muitos os professores a quem procurei e que me atenderam prontamente. Agradeço à Profa. Esmeralda Vailati Negrão e ao Prof. Mário Eduardo Viaro pelas sugestões antes e durante o exame de qualificação, bem como pelas diversas reuniões. À Profa. Evani Viotti, agradeço por ter presidido a banca do exame de qualificação e pelos comentários tecidos durante a mesma. Aos professores Luciana Storto, Marcos Lopes, Paulo Chagas e Ana Müller, agradeço por conversas e cursos. Ao Marcos, agradeço também pela introdução à nobre arte e pela amizade. Ao Prof. Ronald Beline, agradeço pelas conversas agradáveis. Pelos atendimentos durante o estágio Sanduíche, agradeço à Lisa Levinson, Rolf Noyer e, em especial, a Charles Yang pelas várias reuniões e pela disponibilidade em me explicar as questões de produtividade morfológica. Agradeço a Artemis Alexiadou pelos atendimentos durante seu curso na ABRALIN de 2013 e pela generosidade ao enviar seus manuscritos, essenciais para esta pesquisa. Agradeço ao Prof. Luiz Carlos Schwindt da UFRGS e ao Prof. Alessandro Boechat de Medeiros da UFRJ pelas discussões, pelos *emails* trocados e pelo incentivo e carinho de sempre. Agradeço a David Embick, Rolf Noyer e Tony Kroch por terem me aceitado como aluna durante seus cursos na *UPenn*. Ao Prof. Alair Pereira do Lago do IME-USP, agradeço a disponibilidade em conversar sobre a academia, ética e ciência.

Agradeço aos colegas do GREMD-USP - Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída - por comentários, discussões e leituras de manuscritos. Agradeço aos colegas do *FMART UPenn - Friday Morphology and related topics* - pelas discussões e sugestões.

Agradeços aos funcionários do Departamento de Linguística da USP, Érica, Ben Hur e Robson, por todo o suporte, especialmente à Érica, pelas inúmeras dúvidas esclarecidas e por toda a paciência.

Nestes quatro anos, tive a sorte de conseguir conservar amizades especiais que fiz em momentos do passado e de fazer novas amizades, também especiais, a maior parte delas que conheci justamente no ambiente acadêmico, ou por consequência dele, e que são frutos positivos desse processo.

Em primeiro lugar, devo agradecer imensamente à minha querida Lulu, também conhecida como Lucia Helena Rozario da Silva: obrigada pelas nossas conversas, desde as decisivas até as leves, que coloriam o meu dia a dia. Sua amizade é muito especial para mim. Agradeço ao meu querido Rafael Minussi pelas orações e pelas conversas, mesmo nos momentos em que você não tinha tempo para isso, e à minha querida Mariana Resenes que, em momentos decisivos, me fez ver a luz na escuridão. Agradeço à Aline pela amizade generosa e sincera. À minha morsinha Larissa, devo primeiro pedir desculpas por tantas vezes estar ausente e agradecer por sempre sentir o seu carinho. Ao Marcus Lunguinho pelas parcerias acadêmicas e o companheirismo do dia a dia e ao Vitor Nóbrega pela amizade e pelos momentos divertidos. Também agradeço aos meus queridos amigos de pós-graduação Alexandre Marcelo Bueno, Julio Barbosa, Janayna Carvalho, João Paulo Cyrino, Livia Oushiro, Paula Armelin, Luciana Sanchez, Kamunjin Tanguale, Lara Frutos, Ivan Rocha, Fernanda Rosa, Nilsa García entre muitas pessoas queridas. Agradeço aos queridos amigos, que nem sempre tenho a chance de encontrar pessoalmente, mas que conservo sempre em meus pensamentos e pelos quais tenho grande carinho: Marlene Teixeira, Hemerson Siqueira, Fabiana Baldim, Fabíola Santos, Paola Piovesan e Walter Sano.

Thanks to the friends I made at Penn, especially my Phuntax fellows: Amy Davies, Eric Doty, Rob Wilder, Betsy Sneller, Duna (Guðrún Gylfadóttir), Einar Sigurðsson and Haitao Cai: "Because the purpose is knowledge and friendship!" Also, thanks to Anton Ingason who was friendly since the very beginning, and also for helping me extracting data from TychoBrahe corpus. Doy las gracias a los que han sido mi familia latina en Filadelfia: Solimar Pinto-Sanches

e Oswaldo Guevara. Soli: graciás por su compañía e amistad. Thanks to Bill Kelly which, besides of being a great friend to me and to Fidel, is an exemplar human being.

Aos meus familiares, que sempre me incentivaram, em especial, agradeço aos meus primos Thiago, Tércio e Analy e minhas tias Lena e Nina. Agradeço a duas pessoas especiais que se foram nesse tempo: um agradecimento para a minha tia Cida, pois acho que não tive a chance de dizer o quanto sou grata por toda sua ajuda durante tantos anos de convivência. Agradeço à minha vó Dorinha, que sempre dizia que tinha muito orgulho de mim, mas o maior orgulho é o meu de ser sua neta.

Àqueles que sempre me deram muita força, meus irmãos Daniel e Jussara, agradeço por estarem sempre disponíveis e pelo orgulho que sei que tem de mim. Espero ser merecedora e retribuir sempre, o mesmo orgulho sinto de vocês. Ao meu cunhado, Maurício, agradeço pela alegria de sempre e por ser como um irmão também. Ao meu pai, agradeço por, a seu jeito, me amar. Agradeço à minha mãe pela vida, pelo amor e apoio incondicional. Palavras não são suficientes para declarar o amor que sinto por você, mãe, e o quanto sou grata. Ao Fidel, agradeço pelo amor e apoio e por querer começar comigo, em meio a tudo isso, uma nova vida.

A Deus, pela vida plena de riqueza; riqueza essa que são as pessoas que me rodeiam.

Ora, a gramática descritiva, ou sincrônica, tem, em última análise, por fim depreender e expor esse sistema, ou estrutura, como estabeleceu Saussure. Isso não quer dizer que a gramática descritiva seja um bloco monopolítico. Há sempre exceções e elas têm de ser levadas em conta. Em toda a gramática, ao lado da “regularidade”, há as “irregularidades”. Mas, antes de tudo, como já aqui ressaltamos, elas são fatos de superfície. Em profundidade elas obedecem a padrões particulares, que se coordenam com o padrão, ou regra geral, dito “regularidade”.

Joaquim Mattoso Câmara Jr.

BASSANI, I.S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro**. 2013. 382f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O objeto empírico desta tese é um subgrupo de verbos complexos do português brasileiro. Os dados estudados são formações sincronicamente transparentes e composicionais com prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* e sufixos *-ec-*, *-iz-*, *-e-* e *-ej-*, incluindo os chamados verbos parassintéticos, e formações originalmente complexas, porém duvidosas quanto à complexidade atualmente. O *corpus* contém 380 verbos selecionados a partir de dicionário e organizados por critérios de frequência. O objetivo geral descritivo enfoca questões relativas às propriedades e ao comportamento dos afixos, das raízes e das vogais temáticas. A discussão é organizada em torno dos níveis de estrutura morfológica, morfofonológica, argumental e eventual. O objetivo geral teórico do trabalho consiste em discutir as propostas da Semântica Lexical, da Sintaxe Lexical e da Morfologia Distribuída. Como resultados, o estudo oferece uma primeira classificação em verbos parcialmente transparentes e totalmente transparentes. Aqueles são analisados como fruto de um processo de reanálise histórica comparado ao desaparecimento de preverbos. O estudo mostra que existe um *continuum* entre formações completamente fossilizadas, reanalisadas como simples, em processo de mudança e completamente transparentes e composicionais. Uma segunda classificação se refere a formações com significado composicional e não-composicional. Os dados não-composicionais são estruturalmente analisados através de uma releitura da restrição de localidade na interpretação das raízes e do uso da noção de polissemia das raízes. Os verbos totalmente transparentes e composicionais são descritivamente classificados em verbos de mudança de estado, de lugar (*location*), de posse concreta (*locatum*), de posse abstrata, de reconfiguração e verbos de modificação de *v*. A característica mais robusta dessa subclasse é a obrigatoriedade de um argumento interno interpretado como objeto afetado (tema ou experienciador, em menor escala) da mudança expressa pelo evento. A investigação aponta que esses prefixos podem ser a realização fonológica de um núcleo misto de natureza lexical e funcional que é responsável por introduzir o argumento interno na estrutura e relacioná-lo à semântica da raiz. Tal núcleo possui minimamente o traço [+r] (relacional) e, em poucos casos, apresenta especificação direcional [+dir]. Com isso, a ideia de que esses prefixos são morfemas direcionais é desmistificada, pois essa informação interna ao verbo complexo é residual e decadente. Em geral, os prefixos se comportam como alomorfes e não há fortes evidências de associação exclusiva de um prefixo a uma determinada estrutura argumental ou classe semântica. Os sufixos são analisados como realizações de núcleos funcionais de tipo *v*_[+voice], *v*_[-voice] e *v*_[+voice, -tético] e também se observa que a ocorrência sufixal em tipos de eventos não se dá de modo tão sistemático como afirma a literatura prévia. A teoria de alomorfia prospota em Embick (2010), baseada em localidade e linearidade, se mostra efetiva para analisar a escolha dos alomorfes dos

núcleos R (relacionador), *v* e Th (Vogal temática). O tipo semântico da raiz influencia o tipo de verbo formado, mas pode ser manipulado a fim de sofrer coerção por um processo metonímico ou estrutural. A principal conclusão a partir dos resultados obtidos é que a morfologia verbal do português brasileiro pode revelar tendências em relação à estrutura argumental e a estrutura de eventos, mas não reflete correlações suficientemente regulares ou consistentes.

Palavras-chave: 1. Prefixos. 2. Sufixos. 3. Parassíntese. 4. Morfologia. 5. Estrutura Argumental. 6. Mudança histórica. 7. Localidade. 8. Alomorfia. 9. Alternância verbal.

BASSANI, I.S. **A localist approach to morphology and argument structure of complex verbs (parasyntetic) of Brazilian Portuguese**. 2013. 382f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

The empirical object of this dissertation is a subgroup of complex verbs of Brazilian Portuguese. The dataset is composed by synchronically and compositional formations containing the prefixes *a-*, *eN-* e *eS-* and the suffixes *-ec-*, *-iz-*, *-e-* e *-ej-* and originally complex formations which are dubious in relation to its synchronic complexity. The corpus contains 380 verbs selected from a dictionary and organized by frequency criteria. The general descriptive goal encompasses topics on properties and behavior of affixes, roots and theme vowels and the discussion is guided by the levels of morphological, morphophonological, argument and event structure. The general theoretical goal of this dissertation is to discuss Lexical Semantics, Lexical Syntax and Distributed Morphology proposals. As empirical results, the study offers a primary classification in terms of partially and totally transparent verbs. Partially transparent verbs are treated as resulting from a historical reanalysis process compared to the well known process of disappearance of preverbs. It is assumed that there is a continuum from forms which are: 1) completely fossilized; 2) reanalyzed as simple; 3) forms in process of change; 4) completely compositional and transparent. A secondary classification refers to compositional and non-compositional formations. Non-compositional data are structurally analyzed by means of a new reading on the literature on locality restriction on the interpretation of roots and the use of the notion of root polysemy. Completely compositional and transparent verbs are empirically classified into change of state, change of location, change of abstract and concrete possession, reconfiguration and verbs of modification of *v*. The strongest characteristic of this subclass is the obligatory presence of an internal argument interpreted as an affected object (theme or experiencer, to a less extent) of the change denoted by the event. The investigation points out that the prefix may be considered as the phonological realization of a head with a mixed lexical functional nature, which is responsible for introducing the internal argument in the structure and relating it to the root semantics. This head has at least the feature $[+r]$ and, in a few cases, it may present directional information $[+dir]$. Considering this, the assumption that these prefixes are directional morphemes is debunked since this kind of information within a complex verb is residual and decayed. In general, prefixes behave as allomorphs and there are not strong evidences of an exclusive association of a prefix and a certain kind of argument structure or semantic class. The suffixes are analyzed as realizations of three functional heads: $v_{[+voice]}$, $v_{[-voice]}$ and $v_{[+voice, -telic]}$ and it is observed that suffix occurrence in event type is not systematic as previous literature claims. The theory of allomorphy proposed in Embick (2010), which is based on locality and linearity, was efficient in accounting for selection of allomorphs of *R*, *v* and *Th* heads. Finally, semantic type shows influence on verb type but this information can be

manipulated in order to derive structural or metonymical coercion. The main conclusion to be drawn from the results is the fact that Brazilian Portuguese verbal morphology may reveal certain tendencies in argument and event structure, but it does not reflect sufficiently regular or consistent correlations.

Key-words: 1. Prefixes. 2. Suffixes. 3. Parasynthesis. 4. Morphology. 5. Argument Structure. 6. Historical change. 7. Locality. 8. Allomorphy. 9. Verb alternation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Verbos heterocategoriais (RIO-TORTO, 2004:21)	5
Tabela 2 Verbos transparentes e composicionais.	50
Tabela 3. Verbos composicionais/complexos.	51
Tabela 4. Sumário de transparência e composicionalidade.	68
Tabela 5. Formas prefixais vs. transparência.	68
Tabela 6. Vogais temáticas vs. transparência e composicionalidade.	69
Tabela 7. Porcentagem relativa de ocorrência de cada sufixo - Bossier (1998:113).....	76
Tabela 8. Descrições tradicionais dos afixos.....	80
Tabela 9. Ocorrência dos afixos no <i>corpus</i>	80
Tabela 10. Evidências para verbos formados da raiz.	83
Tabela 11. Algumas formas diacrônicas.....	117
Tabela 12. Contextos de licenciamento em Harley e Noyer (2000).....	128
Tabela 13. Papeis semânticos das bases em Pereira (2007:24).	132
Tabela 14. Classificação dos verbos heterocategoriais em Pereira (2007:145).	133
Tabela 15. Comparação.	135
Tabela 16. Sufixos e verbos de mudança de estado.	148
Tabela 17. Prefixos e verbos de mudança de estado.	149
Tabela 18. Prefixos vs. Sufixos e verbos de mudança de estado.....	149
Tabela 19. Comportamento frente aos testes para identificação de tipos de eventos.....	153
Tabela 20. Tipos de eventos de mudança de estado.	156
Tabela 21. Verbos de mudança de estado: tipo de evento vs. afixos.	186
Tabela 22. Prefixos e verbos de mudança de lugar.	190

Tabela 23. Sufixos e verbos de mudança de lugar.	191
Tabela 24. Prefixos e verbos de mudança de posse concreta.	200
Tabela 25. Sufixos e verbos de mudança de posse concreta.	200
Tabela 26. Prefixos e verbos de mudança de posse abstrata.	201
Tabela 27. Sufixos e verbos de mudança de posse abstrata.	202
Tabela 28. Prefixos e a relação com a especificação de direcionalidade.	202
Tabela 29. Prefixos e verbos de mudança de configuração.	211
Tabela 30. Sufixos e verbos de mudança de configuração.	211
Tabela 31. Prefixos e verbos de modificação de <i>v</i>	220
Tabela 32. Sufixos e verbos de modificação de <i>v</i>	220
Tabela/Gráfico 33. Visão geral de afixos e tipos semânticos.	224
Tabela 34. (originalmente tabela 8). Descrições tradicionais dos afixos.	226
Tabela 35. Classe semântica vs. prefixos vs. expressão de direcionalidade.	236
Tabela 36. Prefixos segundo Markova e Padrosa-Trias (2008).	238
Tabela 37. Evidências contra a análise por circunfixos.	244
Tabela 38. Tipos de <i>v</i> vs. sufixos.	249
Tabela 39. Realização fonológica dos categorizadores verbais do <i>corpus</i> de estudo.	250
Tabela 40. Comparação de verbos em algumas línguas românicas.	261
Tabela 41. <i>Wug</i> -teste piloto.	263

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Arquitetura da Gramática na Morfologia Distribuída.	13
Figura 2. Morfologia interna e externa por Marantz (2007:5).	59
Figura 3. Dado arcaico <i>alimpar</i>	116
Figura 4. Competição para inserção <u>sem</u> especificação contextual.....	245

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE FIGURAS.....	xi
CAPÍTULO 1. Introdução	1
1.1. Por que verbos complexos?	1
1.2. Os Dados: os verbos complexos de tipo parassintético	4
1.3. Objetivos.....	11
1.4. Filiação Teórica: Morfologia Distribuída.....	12
1.4.1. Os primitivos: separacionismo, traços, raízes e núcleos funcionais.....	15
1.4.2. Glossário específico.....	22
1.5. Hipóteses iniciais	23
1.6. Metodologia.....	25
1.7. Organização da tese	29
CAPÍTULO 2. Transparência, composicionalidade e uma proposta para a mudança morfológica (“lexicalização”).....	31
2.1. Transparência e composicionalidade.....	31
2.2. Tipo 2. Verbos parcialmente transparentes	32
2.2.1. Tipo 2.1. Verbos Parcialmente transparentes com raiz inativa ou Verbos Simples	36
2.2.2. Tipo 2.2. Verbos Parcialmente transparentes com raiz ativa: Verbos Analisáveis e Verbos não-analisáveis.....	42
2.2.3. Última palavra sobre os verbos parcialmente transparentes.....	48
2.3. Tipo 3. Verbos totalmente transparentes	49
2.3.1. Tipo 3.1. Verbos totalmente transparentes com semântica composicional: verbos produtivos	50
2.3.2. Discutindo composicionalidade: Tipo 3.2. Verbos totalmente transparentes com semântica não-composicional: formações idiossincráticas?.....	52
2.4. A Restrição de Localidade e a reavaliação da proposta de Bassani (2009)	53
2.5. Conclusão do capítulo: transparência e composicionalidade	68
CAPÍTULO 3. Os afixos e a morfofonologia dos verbos parassintéticos transparentes e composicionais e as propostas para decomposição de eventos	70
3.1. Descrições sobre os afixos na literatura	70
3.1.1. Prefixos (<i>a-</i> , <i>eN-</i> , <i>eS-</i>).....	70
3.1.2. Sufixos (<i>-ec-</i> , <i>-iz-</i> , <i>-ej-/e-</i>).....	75

3.1.3. Sumário das descrições sobre os afixos na literatura	79
3.1.4. Ocorrência dos afixos	80
3.2. Morfofonologia da base.....	81
3.2.1. Derivação denominal e deadjetival?.....	81
3.2.2. Limitação a contextos verbais e restrições morfofonológicas.....	87
3.3. Decomposição do evento verbal.....	90
3.3.1. Decomposição semântico-lexical: <i>templates</i> e constantes (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998).....	92
3.3.2. Decomposição sintático-lexical (HALE; KEYSER, 2002): <i>templates</i> sintáticos e núcleos lexicais.....	96
3.3.3. Decomposição sintático-morfológica: raízes e núcleos funcionais (MD).....	105
3.3.4. Aplicações da semântica/sintaxe-lexical em verbos do português (PEREIRA, 2007; CANÇADO; GODOY, 2012): vantagens e críticas	130
3.4. Conclusão do capítulo: afixos e decomposição do evento	136
CAPÍTULO 4. Proposta de decomposição do evento.....	138
4.1. Estruturas de mudança e resultado	141
4.1.1. Mudança de estado do argumento interno	141
4.1.2. Mudança de lugar do argumento interno (<i>location</i>)	187
4.1.3. Mudança de posse concreta e abstrata da raiz para o argumento interno (<i>locatum</i>) .	193
4.1.4. Mudança de configuração do argumento interno para a criação denotada pela raiz .	207
4.2. Estruturas em que a raiz modifica v.....	215
4.3. Conclusão do capítulo: afixos e classes semânticas	224
CAPÍTULO 5. Manipulação dos traços e inserção de vocabulário	227
5.1. C1-LIN: uma teoria localista para a alomorfia (EMBICK, 2010).....	227
5.2. O que entendemos por vogais temáticas (OLTRA-MASSUET, 1999).....	234
5.3. Análise morfofonológica	235
5.3.1. A inserção em R: um prefixo ou muitos prefixos?	236
5.3.2. A inserção em v	248
5.3.3. A inserção em Th.....	255
5.3.4. Dados possivelmente desafiadores para C1-LIN.....	258
5.4. Conclusão do capítulo	259
CAPÍTULO 6. Conclusões.....	264
6.1. Contribuições.....	264
6.2. Limitações do estudo e direcionamentos futuros	268
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	270
APÊNDICES	279
APÊNDICE A.....	280
Tipo 2.1. Parcialmente transparente com raiz inativa = Simples por derivação histórica.....	280
Tipo 2.2. Raiz ativa.....	284

Tipo 2.2.1. Parcialmente transparente com raiz ativa, mas não analisável	284
Tipo 2.2.2. Parcialmente transparente com raiz ativa e possivelmente analisável.....	285
Tipo 3.1. Totalmente transparente com semântica não-composicional.....	286
VERBOS TRANSPARENTES E COMPOSICIONAIS.....	288
ESTRUTURAS DE MUDANÇA E RESULTADO	289
APÊNDICE B: Mudança de Estado	290
APÊNDICE C: Mudança de Lugar	322
APÊNDICE D: Mudança de Posse concreta e abstrata	331
APÊNDICE E: Mudança de configuração do argumento interno para a criação denotada pela raiz	345
ESTRUTURAS EM QUE A RAIZ MODIFICA <i>v</i>	352
APÊNDICE F: Verbos em que a raiz modifica <i>v</i>	353
APÊNDICE G: Verificação de contextos fonológicos.....	359

1.1. Por que verbos complexos?

Em seu trabalho fundamental sobre a estrutura da língua portuguesa, Camara Jr (1970) trata da morfologia verbal com foco em suas flexões de tempo/modo e de concordância (pessoa/número). Ao descrever a estrutura interna de um verbo, o autor afirma o seguinte:

*“No padrão geral dos verbos portugueses o radical é uma parte invariável. Constituído de um morfema lexical, **acrescido, ou não, de um ou mais morfemas derivacionais**, ele nos dá a significação lexical, permanente, do verbo. A indicação das noções gramaticais (1-modo e tempo, 2-número e pessoa) cabe ao sufixo flexional com seus dois constituintes aglutinados”* (p. 104, grifo nosso).

Em meio a essa breve descrição, chamamos atenção à passagem grifada em que o autor afirma que morfemas derivacionais podem ser acrescentados ao radical do verbo, sendo que esse último constitui o seu sentido lexical. Neste trabalho, temos como foco primário o estudo de tais morfemas derivacionais que podem ser acrescentados ao radical e investigamos em que medida eles estão comprometidos com a noção semântica do produto verbal, com a sua constituição dita lexical. Em outras palavras, nos chamou a atenção, desde o início, o caráter híbrido dos morfemas derivacionais verbais que, ora parecem contribuir com conteúdo idiossincrático para a formação verbal, ora parecem contribuir de forma mais previsível. Tomemos, como exemplo, os seguintes verbos do português:

- (1) expatriar
- (2) esfaquear
- (3) esvaziar
- (4) exprimir

Nessas quatro formas verbais, há a presença formal de um mesmo prefixo, ainda que grafado de diferentes modos. Contudo, o papel que tal morfema desempenha quando em atuação com as diferentes bases¹ não é ponto pacífico. Dizer somente que *es-/ex-* é um prefixo que indica movimento para direção externa nos deixa em débito no esclarecimento de seu papel em (2) e (3), em que tal contribuição é discutível ou mesmo impossível. O exemplo em (4), interessantemente, é considerado um acidente histórico e, por vezes, não é tido como um dado pertinente a uma Teoria Gerativa da gramática. Resgataremos esse tipo de dado aqui, acreditando que temos algo de importante a dizer sobre ele. Além disso, tais morfemas têm uma influência que vai além da puramente semântica, como veremos no decorrer deste trabalho. Por agora, tais exemplos são apenas uma pista para o que nos espera nesta tese.

Em uma dimensão teórica, a formação de palavras com morfologia complexa traz à tona a discussão sobre as possíveis interfaces entre morfologia e outros aspectos da linguagem no quadro da Teoria Gerativa, cujas discussões mais fervorosas sobre formação de palavras emergiram com Chomsky (1970). Uma palavra complexa tem, muitas vezes, um estatuto frasal, que exige uma rede de relações para sua correta derivação/interpretação. Um verbo complexo, como *empacotar*, por exemplo, acessa diversos componentes da gramática. A título de exemplo, e ainda sem compromisso com termos estritamente teóricos, primeiramente, podemos reconhecer etapas da derivação, em que a partir da base *pacote* forma-se o verbo *empacotar* por meio da atuação do prefixo *em-* e da vogal temática verbal *-a-*. Temos aqui a presença de concatenação, logo de um tipo de operação da **sintaxe**, como explicitaremos adiante. Nesse ponto, reconhecemos, ainda, uma operação fonológica que se dá na fronteira entre o último segmento do prefixo e o primeiro elemento da base – a consoante nasal [n] do prefixo assimila o ponto de articulação bilabial do segmento [p] da base – e essa operação é sistemática e coerente para todos os verbos com o mesmo ambiente. Trata-se, assim, da atuação da **fonologia** interna à palavra. Por fim, uma das características mais interessante de tais formações concerne à sua interpretação **semântica**. *Empacotar* pode ser interpretado de forma composicional, em que todas as suas partes são literalmente interpretadas, cuja paráfrase adequada seria “fazer pacotes a partir

¹ Ainda estamos usando o termo *base* de uma forma mais geral e teoricamente descomprometida neste momento. A partir da subseção 1.4. Filiação Teórica: Morfologia Distribuída, neste capítulo, apresentaremos definições de termos de acordo com a visão teórica assumida.

de algum material” ou pode ser interpretado idiossincraticamente com o significado de *morrer*, tal como em “Michael Jackson empacotou, mas sua obra vive²”.

Parece óbvio que qualquer item lexical da língua será dotado de forma e conteúdo, significante e significado, nos termos de Saussure (2002), e precisará ser interpretado pelos componentes fonológico e semântico, pelo menos; mas as palavras complexas, de estatuto frasal, apresentam tantos desafios e questões que merecem um entusiasmo a mais.

Esse entusiasmo concentra-se, para nós, sobretudo, na relação que tais morfemas presos podem estabelecer com elementos externos à base a que se concatenam, estabelecendo a chamada interface entre morfologia e sintaxe, em que usamos sintaxe verbal pela estrutura de argumentos de um dado verbo (seguindo a inspiração de Hale e Keyser (1993, 2002), para os quais a sintaxe verbal depende da estrutura de argumentos). Em relação a essa interação, o que se discute atualmente é se a composição das palavras está, de fato, relacionada à composição das sentenças, em uma interface transparente entre sintaxe e morfologia. Nesse aspecto, um importante fenômeno a ser analisado é a hipótese de que morfemas presos, tais como prefixos e sufixos derivacionais, podem ser totalmente responsáveis ou auxiliares na introdução de argumentos na estrutura argumental de um dado verbo. Se comprovado que partes de palavras podem estar ativas na definição da estrutura argumental, teremos de encarar a natureza simultânea dos processos de formação de palavras e sentenças. Tal linha de pensamento se opõe à ideia de que palavras são formadas isoladamente no léxico e introduzidas no componente sintático como entidades acabadas e cujas partes constituintes são inacessíveis (como sugerido em ARONOFF, 1976).

Nessa linha de estudos que investiga a decomposição morfológica e a interface morfologia-sintaxe, trabalhos sobre formação de palavras têm apontado e discutido o estatuto dos afixos derivacionais verbais para a definição da estrutura argumental. Muitos trabalhos reconhecem a influência morfológica na definição da quantidade e do tipo de argumentos, mas ainda mantêm a distinção entre dois componentes na gramática para a formação de palavras e sentenças: léxico/componente morfológico/sintaxe pré-sentencial e sintaxe (estrita) (DI SCIULO, 1997; RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 1998; HALE; KEYSER, 2002; RALLI, 2004; MARKOVA; PADROSA-TRIAS, 2008). A formação de verbos nesse tipo de modelo seria um mecanismo de formação de novas entradas lexicais que necessitam da mediação de outros

² <http://www.detestogenteinteligente.com.br/2009/06/michael-jackson-empacotou-mas-sua-obra-vive.html>

mecanismos, como as *regras de linking* assumidas em Rappaport-Hovav e Levin (1998), e em toda uma série de estudos inspirados nesse modelo. Tais regras propiciam a comunicação entre informações semântico-lexicais e a estrutura argumental, que seria do âmbito sintático. Por outro lado, abordagens dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993) têm defendido a existência de um único componente gerativo para a formação de palavras e sentenças. Nessa perspectiva, os objetos complexos, morfológicos ou sintáticos, podem ser tratados como *output* de um mesmo sistema gerativo: a computação sintática (EMBICK; NOYER, 2006).

A fim de contribuir para essa discussão, esta tese tratará de verbos complexos do português brasileiro (PB) sem perder de vista o fato de que devemos discutir tanto a pertinência de propostas de cunho lexicalista, quanto propostas sintáticas de formação de palavras, partindo da ideia já comprovada por outros estudos de que os morfemas derivacionais presentes nos verbos morfológicamente complexos do português podem se revelar estruturalmente ativos, incidindo sobre a estrutura morfológica e sintática da palavra, além de contribuir para o seu significado. No decorrer do trabalho, mostraremos que os verbos morfológicamente complexos são evidência direta do fato de que morfemas derivacionais interagem ativamente com a estrutura argumental, porém tal tese pode ser estendida a verbos simples a partir de uma abstração teórica. Em outras palavras, para uma teoria como a Morfologia Distribuída, todos os verbos integram estruturas minimamente complexas.

A seguir, apresentamos com mais detalhe o tipo de verbo primordialmente enfocado.

1.2. Os Dados: os verbos complexos de tipo parassintético

As formações parassintéticas em geral são caracterizadas tradicionalmente pela junção simultânea de prefixos e sufixos a uma base, sendo que a ausência de qualquer um desses elementos implica em uma formação impossível na língua (SAID ALI, 1964:254, BASSETO, 1993; KEHDI, 2003:18; BASÍLIO, 2009:36). Por exemplo, tome-se o verbo *esfaquear*: **esfaca* e **faquear* são formas agramaticais no português, o que indica que a formação do verbo só é possível pela adição de morfologia.

Rio-torto (2004) (e trabalhos que seguem a mesma orientação – Pereira (2000, 2002, 2004, 2007)) chama de verbos heterocategoriais aqueles que são o resultado de processos de mudança de categoria da base por meio de afixação. Esses autores os classificam como prefixais, circunfixados (parassintéticos) e sufixais. Trata-se de verbos formados a partir de uma base considerada nominal ou adjetival categorizada por um ou mais afixos verbalizadores fonologicamente realizados na forma de prefixos (coluna 1, tabela 1), de prefixos e sufixos ao mesmo tempo (coluna 2, tabela 1), ou de sufixos somente (coluna 3, tabela 1). Os prefixos *a-*, *en-* e *es-* e os sufixos representados pelos autores como *-ear*, *-ecer*, *-ejar* e *-izar*, bem como as suas possíveis combinações em uma mesma formação, são os morfemas derivacionais formadores de verbos mais representativos segundo resultados de estudo estatístico em Rio-Torto (2004:20-26) e também são os afixos mais numerosos em um estudo sobre verbos denominais em Bassani (2009:33).

Prefixados	Circunfixados	Sufixados
a- a[...]Radical ar (aclarar, agrupar)	a- -ear a[...]Radical ear (assenhorear, arroxear) a- -ecer a[...]Radical ecer (amadurecer, amanhecer) a- -izar a[...]Radical izar (atemorizar, aterrorizar) a- -ejar a[...]Radical ejar (apedrejar)	-ear [...]Radical -ear (lisonjear) -izar [...]Radical -izar (martirizar) -ejar [...]Radical -ejar (fraquejar) -ecer [...]Radical -ecer (escurecer) -escer [...]Radical -escer (ruborescer)
en- en[...]Radical ar (enlatar, enviuvar)	en - -ecer en [...]Radical ecer (ensurdecer, enraivecer) en- -ear en [...]Radical ear (enlamear) en- -izar en [...]Radical izar (entronizar, encolerizar) en- ejar en [...]Radical ejar (encarvoejar)	
es- es[...]Radical ar (esfarrapar, esvaziar)	es- -ear es[...]Radical ear (esfaquear, espernear) es- -ejar es[...]Radical ejar (esbravejar, esquartejar) es- -ecer es[...]Radical ecer (esclarecer, estontecer) es- -izar es[...]Radical izar (esfossilizar, espavorizar)	

Tabela 1. Verbos heterocategoriais (RIO-TORTO, 2004:21)

Divergimos da classificação proposta pela autora no sentido de que não é preciso diferenciar os verbos heterocategoriais prefixados e os verbos circunfixados. Defendemos, portanto, que em ambos os casos, trata-se do mesmo tipo de formação com a diferença de que no primeiro conjunto de verbos não há realização fonológica do verbalizador ao passo que no segundo conjunto há realização fonológica deste via material sufixal. Tomando como exemplo os verbos *emagrecer* e *engordar* (ou *amolecer* e *endurecer*), verbos extremamente semelhantes em diversos aspectos, vemos que a ausência de um sufixo fonologicamente realizado não impede a formação de um verbo, porém as mesmas restrições continuam válidas: *emagro/*magrecer; *engordo/*gordar. Discutiremos com mais detalhes, no decorrer da tese, o papel da vogal temática verbal em tais casos, mas o que nos interessa por ora é uma justificativa para incluir os dados de verbos prefixados e circunfixados em nosso estudo. Khedi (2003:18) serve de fundamento para nossa ideia ao afirmar que “*Não há necessidade de distinguir formas como esclarecer e aclarar, com o argumento de que, na segunda, não figura um sufixo*”, apesar de discordamos da explicação proposta pelo autor de que a terminação verbal *-ar* desempenha um papel sufixal nesses casos (Cf. capítulo 5).

Devemos dizer que, sobretudo, o primeiro foco desta tese é explorar a presença dos prefixos em tais formações, o que nos leva, por consequência, a explorar os poucos ambientes em que esses co-ocorrem com sufixos fonologicamente realizados, em sua maioria os sufixos *-e-*, *-ej-*, *-ec-* e *-iz-*. Por isso, não conseguiremos nos deter detalhadamente no estudo de verbos que se apresentam somente sufixados. De especial interesse para esta tese são os verbos exemplificados na primeira e na segunda colunas da tabela acima, os verbos chamados por Rio-Torto de prefixados e circunfixados. Como tais verbos caracterizam-se por uma estrutura derivacional complexa, em alguns casos, faz saltar aos olhos uma aparente constituição trimembre. Por essa razão, tais dados são objeto de uma discussão que deu origem a diversas análises: em termos de parassíntese, circunfixação, sufixação seguida de prefixação ou prefixação seguida de sufixação (PEREIRA, 2002:78).

Até o momento, temos em foco os verbos com constituição morfológica e semântica transparente (sob o esquema geral em (5), abaixo).

(5) PREFIXO + BASE³ + SUFIXO⁴ + VT⁵ + MORFEMAS FLEXIONAIS

São formas em que é claro que há a presença de afixos atuando sobre uma base que pode vir a integrar uma outra palavra na língua. Em (6) apresentamos alguns exemplos de verbos transparentes no PB, em que há aqueles que realizam fonologicamente o sufixo (a-d) e aqueles em que o sufixo é fonologicamente nulo (e-g), porém presente, como nossa análise tentará mostrar. Devemos dizer que não consideramos como sufixos os elementos *-ar/-er/-ir* presentes em formas de citação. Os sufixos verbais verdadeiros são elementos como *-e-*, *-ec-*, *-ej-*, *-iz-*, entre outros (Cf. BOSSIER, 1998), que precedem a realização da vogal temática. Os segmentos *ar/-er/-ir* são formados por vogal temática e morfema de infinitivo, e são largamente usados como forma de citação.

(6) Verbos composicionais transparentes

- a. Amanhecer: [a-[MANH(Ã)_N]-ec-(er⁶)]_V
- b. Aterrorizar: [a-[TERR(OR)⁷_N]-iz-(ar)]_V
- c. Esfaquear: [es-[FAC(A)_N]-e-(ar)]_V
- d. Ensurdecer: [en-[SURDO_A]-ec-(er)]_V
- e. Abaixar: [a-[BAIXO_A]-Ø-(ar)]_V
- f. Engavetar: [en-GAVETA_N]-Ø-(ar)]_V
- g. Esfriar: [es-[FRIO_A]-Ø-(ar)]_V

Diferentemente do que foi feito em trabalhos anteriores sobre o tema, por estarmos comprometidos primeiramente com a forma morfológica para a escolha dos dados, não podemos deixar de atentar para outros ambientes em que tais prefixos verbais ocorrem, o que constitui um diferencial deste trabalho. Para isso, o presente trabalho não poderia deixar de trazer à discussão o estudo de Pereira (2007) sobre a formação de verbos por afixação em português. A referida pesquisa aborda os mesmos verbos enfocados nesta tese, para além de outros tipos de formações

³ Nominal, adjetival ou presa (sem categoria). Discutiremos a questão da estrutura interna destes dados no capítulo 2. Mais especificamente, verificamos se há necessidade de assumir formações denominais ou deadjetivais.

⁴ Fonologicamente realizado ou não.

⁵ Vogal Temática.

⁶ Utilizamos como forma de representação a combinação dos morfemas de vogal temática e infinitivo.

⁷ Considerando que podemos segmentar o substantivo *terror* na raiz *terr-* (a mesma que forma *terrível*) e no sufixo nominal *-or*, com vogal temática nominal nula.

verbais, o que justifica um importante e produtivo diálogo entre os dois estudos. Apesar de obviamente relacionadas, as pesquisas diferem fundamentalmente em dois aspectos: na delimitação dos dados em estudo e na filiação teórica, discutida ainda neste capítulo. O autor se dedica aos verbos em que a afixação é transparente e gera resultados composicionais (como nos nossos exemplos em (6)), deixando de lado os casos em que a depreensão dos afixos é duvidosa. Logo, o estudo baseia-se em um conceito específico de palavra derivada, que é definida como uma palavra que “i) tenha uma estrutura composicional, i.e., que a sua estrutura morfo-semântica seja (pelo menos parcialmente) transparente ou motivada; ii) que se enquadre no padrão derivacional do português” (p. 12).

Excluem-se daquele estudo verbos que aparentam ser composicionais dada sua forma, mas para o quais não se tem certeza acerca de seu caráter derivado. Incluímos tais dados neste estudo porque é do nosso interesse mapear todos os possíveis ambientes de atuação dos prefixos e criar hipóteses sobre as possíveis mudanças que sofreram. Nos casos em (7), a seguir, nota-se a presença formal do prefixo, porém a sua contribuição não é óbvia em um primeiro momento. Por isso, o sinal de interrogação após a sua nomeação como derivados. Os resultados acerca da investigação desses dados encontram-se no Capítulo 2.

(7) Verbos composicionais e derivados?

- a. atrair
- b. embutir
- c. expulsar

Observando dados como *embutir* e *expulsar*, deparamo-nos com uma questão que diz respeito à forma: há variações formais importantes a serem consideradas na determinação do objeto de estudo. Observemos os seguintes dados:

- (8) a. avermelhar
b. adquirir

- (9) a. esvaziar
b. expatriar

- (10)
- a. engavetar
 - b. embutir
 - c. emadeirar
 - c. incorporar

Os prefixos *a-* e *ad-* e *en-* e *in-* sofrem o que podemos chamar de alomorfia contextual de tipo morfológica/idiossincrática/lexical, exemplificada pelos dados em (8) e (10). O prefixo apresenta-se sob uma forma considerada formal ou erudita (*ad-*, *in-*) determinada pela base que lhe segue. Os dados em (9), apesar de apresentados por Pereira (2007:17) como variantes alomórficas, devem ser tratados de modo diferenciado, pois se trata apenas de uma variação gráfica: a consoante fricativa que é parte do prefixo em ambas as grafias é /s/. Diferentemente, mais complexo é o caso dos dados em (10), pois revelam uma alomorfia fonologicamente condicionada: o segmento nasal do prefixo sofre alterações de acordo com o ambiente fonológico da base.

- (11) Regras fonológicas para a realização do segmento nasal do prefixo *en-*⁸:
- a. /n/ → [m] / __ [+ bilabial, - nasal] (empacotar, embutir)
 - b. /n/ → Ø / __ [+ nasal] (emadeirar, enegrecer)

No que se segue, a fim de representar tais alomorfias/diferenças gráficas, notaremos os prefixos do seguinte modo: ***a-*** representará as realizações *a-* e *ad-*. Optamos por não utilizar a forma *a(d)-*, adotada por outros autores, porque os dados com *ad-* são muito escassos (Cf. capítulo 2). A forma ***eN-*** representará *en-*, *em-*, *e-* e *in-*, e ***eS-*** representará *es-* e *ex-*.

Uma última palavra sobre os dados precisa ser dita a respeito da peculiaridade deste trabalho quando em comparação aos estudos sobre verbos complexos produzidos em Portugal. Em sua delimitação metodológica, o estudo de Pereira baseia-se, sobretudo, em dicionários editados em Portugal (seis fontes, cf. PEREIRA 2007:4) para somente um dicionário editado no Brasil (Dicionário Aurélio Eletrônico da Editora Nova Fronteira, ano de publicação 1999). A versão do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa utilizada é editada em Portugal (publicado

⁸ Assumimos que a forma subjacente do prefixo possui a consoante nasal dental /n/.

em 2002 pela Editora Círculo de Leitores), apesar de o mesmo ser fruto de um projeto brasileiro do Instituto Antônio Houaiss. Assim, em princípio, o autor não parece fazer distinção em seu estudo entre Português Europeu (PE) e PB, pois em nenhum momento, essa diferença é trazida à tona. Contudo, definitivo para a compreensão do alcance de sua proposta é o fato de que suas fontes de corpora são jornais portugueses: O Público, Correio da Manhã e Notícias Magazine.

Desse modo, um segundo distanciamento entre este trabalho e o de Pereira é o fato de que visamos fazer um estudo que reflita características do português brasileiro (Cf. 1.6. Metodologia). Não necessariamente, exatamente as mesmas estruturas verbais estão disponíveis para os “léxicos”⁹ das duas línguas. Veremos que alguns verbos estudados pelo autor não são parte do léxico do PB, em que muitos têm uma formação que envolve diferentes afixos para expressar o mesmo significado. Um exemplo simples baseia-se nos verbos formados a partir da mesma base: *aclarar*, *clarificar*, *esclarecer* e *clarear*. Pereira aponta tais formações como integrantes do léxico português seguindo a premissa de que todas são dicionarizadas. Entretanto, no PB, a primeira formação não encontra uso generalizado, apesar de dicionarizada.

Em conclusão, estudaremos os seguintes dados com os objetivos delineados na próxima subseção.

(12) **Escopo do estudo:** Prefixos verbais *a-*, *eN-*, *eS-* do PB nos seguintes ambientes:

- a) formações verbais originalmente complexas, mas duvidosas quanto ao fato de serem derivadas sincronicamente;
- b) formações verbais parassintéticas sincronicamente transparentes e composicionais;

Dos dados em a) trataremos no Capítulo 2 e dos dados em b) nos capítulos restantes (3, 4 e 5).

⁹ Falando ainda de forma descomprometida com as visões teóricas que iremos assumir.

1.3. Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral, sobretudo, aprofundar a discussão teórica sobre o fenômeno da formação de verbos complexos parassintéticos em português por meio de uma análise explicativa mais abrangente, mas é, da mesma forma, de natureza descritiva na medida em que resgata e reavalia os achados descritivos de trabalhos anteriores sobre o tema.

Desse modo, almejamos explorar a estrutura interna dos verbos complexos do português brasileiro de um modo geral, focando tanto as questões sugeridas pelas propriedades, pela natureza, pela função ou pelo comportamento dos afixos constituintes dessas formações, ou seja, seus prefixos e sufixos, como as questões que envolvem as raízes e a realização das vogais temáticas. Para tal, seguimos como roteiro as seguintes questões de pesquisa, que se configuram como objetivos específicos deste trabalho:

- a) Qual a natureza e a função dos afixos ditos verbalizadores na formação de verbos complexos no português brasileiro nos diferentes ambientes listados na seção anterior? É possível que esses afixos sejam a realização fonológica de núcleos funcionais (morfemas abstratos) que tenham alguma influência sobre a determinação final da estrutura argumental do verbo formado, por exemplo? Se sim, essa influência é única para todos os morfemas ou depende de cada peça inserida?
- b) Quais os tipos de raízes/quais as propriedades das raízes que podem fazer parte da formação de tais verbos? Elas têm características específicas ou, em outras palavras, existem restrições ao tipo de raiz que compõe essas formações complexas?
- c) Qual o estatuto desses afixos em formações em que aparentemente só se pode depreendê-los “historicamente”? Qual a relação deles com as formações correntes? E como explicar os resultados não-composicionais da formação de verbos com uma proposta sintática que, em princípio, disponibiliza operações que geram resultados previsíveis?
- d) Qual a relação entre a realização das vogais temáticas, os afixos verbalizadores e as raízes?

- e) Finalmente, será que a formação interna desses tipos de verbos complexos pode revelar que a formação de palavras e a formação de sentenças se dá no mesmo componente, corroborando, assim, a validade de uma teoria sintática para a formação de palavras?

1.4. Filiação Teórica: Morfologia Distribuída

Para a apresentação das hipóteses na próxima subseção, e para todo o restante do trabalho, julgamos relevante apresentar o modelo teórico de gramática assumido neste trabalho com algum nível de detalhamento, em especial no que diz respeito aos primitivos¹⁰. As comparações com outros modelos serão feitas durante a análise dos dados.

O modelo teórico conhecido como Morfologia Distribuída (MD) foi formalmente introduzido em Halle e Marantz (1993) e se configura como um modelo de gramática que compartilha com a Teoria de Princípios e Parâmetros de uma série de ideias sobre a organização da gramática, mas apresenta um conjunto de propriedades particulares que o diferencia. O objetivo desse distanciamento é a busca de um tratamento teórico que seja mais satisfatório para a formação de palavras.

Trata-se de uma teoria sintática de morfologia baseada em peças (*morpheme-based theory*): assume-se que as expressões/objetos linguísticos complexos são construídos a partir de morfemas cuja combinação se dá por meio de estruturas sintáticas.

Dois são os pontos que diferenciam a MD de outras propostas teóricas: a) uma revisão da arquitetura da Gramática Universal e b) uma redefinição dos primitivos linguísticos. A Figura 1, extraída de Siddiqi (2009:14), apresenta a arquitetura de Gramática adotada nesse modelo. Muitos outros trabalhos representam a arquitetura do modelo por meio de figuras que partilham pelo menos o componente morfológico alocado no caminho para a Forma Fonológica (PF) (Cf. Halle e Marantz (1993:114), Halle e Marantz (1994:277), Harley e Noyer (1999:3), Embick e Noyer (2006:3)). Optamos pela representação de Siddiqi pelo seu nível de detalhamento.

¹⁰ Parte das explicações gerais acerca do modelo desta subseção baseiam-se em Bassani e Lunghino (2011). Também referimos o leitor às informações contidas na página do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída da Universidade de São Paulo: <http://www.linguistica.fflch.usp.br/gremd/morfologiadistribuida>.

Figura 1. Arquitetura da Gramática na Morfologia Distribuída.

A MD propõe que qualquer processo de formação, seja de palavras ou de constituintes maiores, como os sintagmas e as sentenças, ocorre no Sistema Computacional (componente sintático). Consequentemente, as mesmas operações que formam as sentenças estão na base da formação das palavras: *Merge* (Concatenar) e *Move* (Mover). Essas operações vão manipular elementos básicos, os *traços*, e a partir deles vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças.

Da ideia de que a sintaxe é o único componente gerativo da Gramática, decorre a característica essencial do modelo: a eliminação do Léxico como um componente gerativo. De forma geral, teorias morfológicas lexicalistas assumem que esse componente disponibilizava processos derivacionais, na forma de regras de formação de palavras, por exemplo, (do tipo proposto em Aronoff (1976)), ao mesmo tempo em que armazena os itens lexicais oriundos dessas operações (ver também Kiparsky (1982b)). Para a MD, não existem componentes linguísticos exclusivos dedicados a formações derivacionais ou flexionais¹¹, por exemplo, nem há operações específicas para cada tipo de formação de palavras: toda formação é sintática, no sentido de que é fruto de operações combinatórias que se dão no Componente Computacional. Essa propriedade do modelo ficou conhecida como *Syntactic Structure all the way down*.

¹¹ Para uma sugestão de como dar conta das diferenças empíricas entre derivação e flexão neste modelo, ver Marantz (2001).

(HARLEY; NOYER, 1999), comumente traduzida como ‘Estrutura Sintática por toda a derivação’.

Com a eliminação de tal modelo gerativo de Léxico, é preciso assumir outros modos de armazenamento de informações, ou seja, de alocação dos primitivos linguísticos. Dizer que a principal característica da MD é a eliminação do léxico *per se* é definir o modelo de forma superficial. Qualquer modelo de gramática precisa reconhecer a importância do armazenamento de informações, e a MD não é diferente. A inovação está na sugestão de uma nova forma de organizar e definir os primitivos linguísticos que devem ser armazenados. Segundo Halle e Marantz (1993), a ‘morfologia’ não precisa estar concentrada em um só lugar e, assim, adquirir um caráter imutável (como se dá nos modelos em que o Léxico é esse local privilegiado), mas pode estar ‘distribuída’ entre os outros componentes da gramática. A nosso ver, essa distribuição reproduz uma ideia antiga nos estudos linguísticos, de que a Morfologia não pode ser tratada isoladamente, sem levar em conta a integração que mantém com a fonologia, a sintaxe e a semântica. Segundo Harley e Noyer (1999:3):

*“The jobs assigned to the Lexicon component in earlier theories are distributed through various other components. For linguists committed to the Lexicalist Hypothesis, this aspect of D(istributed) M(orphology) may be the most difficult to understand or to accept, but it is nevertheless a central tenet of the theory. Because there is no Lexicon in DM, the term **lexical item** has no significance in the theory, nor can anything be said to ‘happen in the Lexicon’, nor can anything be said to be ‘lexical’ or ‘lexicalized’”.*¹²

Assim, por negar a existência de um léxico gerativo, a MD se caracteriza como uma teoria não-lexicalista. Se pudéssemos sugerir uma revisão nos termos de nomear a teoria, diríamos que esta seria melhor denominada como uma teoria não-lexicalista gerativa.

¹² Em termos gerais, a hipótese lexicalista se baseia na ideia de que operações sintáticas se aplicam somente a constituintes sintáticos e nunca a partes de palavras (constituintes morfológicos). Sua versão fraca admite que essas operações nunca se aplicam à derivação, mas podem se aplicar à flexão ao passo que a versão forte não admite a aplicação em nenhum contexto.

1.4.1. Os primitivos: separacionismo, traços, raízes e núcleos funcionais

Neste modelo, o morfema como signo mínimo (SAUSSURE, 2002), definido tradicionalmente como a menor unidade que combina som (fonologia) e significado (semântica), não é uma entidade privilegiada como *input* para a formação de expressões linguísticas. Tampouco a palavra o é. Além de ser não-lexicalista, a MD se situa no conjunto das teorias denominadas separacionistas, uma vez que nega haver uma ligação (inerente, prévia e armazenada) entre fonologia e conteúdo (gramatical ou semântico)¹³.

Os primitivos (terminais) com os quais a sintaxe irá operar são raízes, também denominados morfemas lexicais, e conjuntos de traços abstratos (gramaticais e semânticos), também denominados morfemas abstratos, desprovidos de conteúdo fonológico. Existe uma grande discussão acerca do estatuto das raízes nesse modelo, se seriam providas ou não de material fonológico. Neste trabalho, assumiremos a visão de que as raízes são providas de conteúdo fonológico ao entrarem na derivação por conta de evidências empíricas trazidas pelos nossos dados (Cf. Capítulos 3 e 5)¹⁴. Tais primitivos, raízes e traços, são armazenados em um local denominado de **Lista 1** (que corresponde ao quadro ‘*Morphosyntactic features*’ na Figura 1, acima). A sugestão de separação entre fonologia e traços gramaticais e/ou semânticos – traços abstratos – encontra uma de suas motivações nas alomorfas e sincretismos: casos em que não há relação de um para um entre conteúdo fonológico e traços gramaticais/semânticos.

Tomemos um exemplo rápido, do português: o clítico *lhe*¹⁵, atualmente, é sincrético no que se refere ao traço de pessoa. Esse sincretismo é visto nos exemplos abaixo, em que esse clítico pode denotar 2ª pessoa do singular ou a 3ª pessoa do singular¹⁶:

¹³ Uma corrente lexicalista e também separacionista é representada pelo trabalho de Beard (1995). O separacionismo caracteriza teorias morfológicas em que os mecanismos para produzir as formas das expressões sintática e semanticamente complexas são separados dos mecanismos que produzem as formas das expressões fonológicas correspondentes.

¹⁴ Para detalhes sobre a discussão acerca do tema raízes abstratas, ver Harley e Noyer (1999), Embick (2007), Minussi (2008), Minussi (2009).

¹⁵ Tais exemplos são apenas uma ilustração didática, usados para fins de explicitação do modelo. Para uma análise dos clíticos do português brasileiro na perspectiva da MD, remetemos o leitor a Pereira (2006).

¹⁶ Para uma descrição completa do sincretismo do clítico *lhe*, devemos ainda considerar que ele também é sincrético no que diz respeito ao traço de Caso. Nesse aspecto, *lhe* é compatível com contextos de atribuição de caso dativo (ia) e de caso acusativo (ib), conforme se ilustra a seguir:

(i) a Eu já *lhe* contei essa história várias vezes.

(*lhe* = clítico dativo)

b. Ontem eu *lhe* vi passeando na rua.

(*lhe* = clítico acusativo)

(13) Oi Maria! Trouxe este texto para *lhe* entregar. (*lhe* = Maria, a interlocutora)

(14) Não se preocupe, Maria! O Paulo vai receber a sua carta. Eu mesmo pedi para o Pedro *lhe* entregar. (*lhe* = Paulo)

Nesse caso, dois conjuntos distintos de traços gramaticais correspondem à mesma forma fonológica:

Em uma teoria que advoga em favor de uma estrita relação entre forma e conteúdo, a forma mais simples de explicar tais dados é tratá-los minimamente como duas entradas lexicais diferentes: um *lhe* com traços de terceira pessoa e um *lhe* com traços de segunda pessoa. Não é preciso enfatizar que tal manobra não explica a relação óbvia entre as duas formas. Esse tipo de teoria ainda precisará postular um mecanismo que relaciona as duas formas geradas separadamente.

Outro caso comum de assimetria é a alomorfia, que pode ser definida como situações em que formas fonológicas distintas correspondem a conjuntos de traços idênticos. Um simples exemplo provém do inglês, em que o traço passado pode ser realizado de três modos, a depender da raiz com a qual se concatena. Os dados abaixo são retirados de Embick e Marantz (2008:5).

(16) Alomorfia do traço [past] do inglês
√leave, √bend + [past] = lef[t]; ben[t]
√decide, √cry + [past] = decide[d]; crie[d]
√hit, √sing + [past] = hit, sang [Ø]

Como vemos nos exemplos acima, o traço [past] do inglês pode ter [t], [d] e [Ø] como suas realizações. Como o que é levado em consideração para a escolha da correta realização

desse traço são as propriedades da raiz com a qual [past] se combina, trata-se de uma alomorfia lexicalmente condicionada.

Mais um exemplo de alomorfia vem do coreano. Nessa língua, o traço de caso nominativo pode ser expresso de dois modos a depender do contexto fonológico em que é inserido. Esse exemplo ilustra um caso de alomorfia fonologicamente condicionada.

(17) Alomorfia do traço [nominativo] do coreano (EMBICK, 2010:7)

ALOMORFE	AMBIENTE	EXEMPLO
/-i/	/C_____	pap-i ‘arroz cozido’
/-ka/	/V_____	ai-ka ‘criança’

Assim, na MD, a sintaxe opera com conjuntos de traços abstratos, que podem ser traços gramaticais e/ou semânticos, tais como [singular], [plural], [dual], [paucal], [1], [2], [3], [passado], [presente], [futuro], [perfectivo], [imperfectivo], [nominativo], [acusativo], [dativo], [causa], [reflexivo], [determinante], [ativa], [passiva], entre muitos outros a depender da proposta de análise¹⁷, e núcleos categorizadores *n*, *v*, *a*, além de funcionais, tais como T (Tempo), C (Complementizador), Asp (Aspecto), Voice.

Esses traços são manipulados pelo Sistema Computacional de modo a formar conjuntos de traços abstratos, os morfemas abstratos, cuja forma fonológica final só vai ser definida após a aplicação das operações sintáticas. Essa propriedade ficou conhecida como *Late Insertion* (HARLEY; NOYER, 1999), ou seja, a Inserção Tardia de conteúdo fonológico por uma operação denominada *Spell-out* Morfológico.

O processo de inserção tardia é regulado por Itens de Vocabulário (IV), que são regras que definem uma relação entre uma expressão fonológica e um traço gramatical ou semântico e, eventualmente, um contexto de inserção. Assume-se que esses itens encontram-se armazenados em uma lista, a **Lista 2** (na Figura 1, acima, ela corresponde ao quadro ‘Vocabulary Insertion’). Retomemos o exemplo do clítico dativo *lhe*, visto acima. Por hipótese, teríamos dois Itens de Vocabulário que ligam a forma *lhe* e os traços gramaticais/semânticos:

¹⁷ Uma outra maneira de apresentar os traços é usar o sistema de oposições binárias (tal como em Chomsky, 1970). Nesse caso, existe um único traço, com diferentes valores (+ ou -). Nessa perspectiva, o traço singular pode ser representado como [+singular] ou [-plural] ao passo que o traço de plural seria representado como [-singular] ou [+plural].

- (18) a. /lhe/ ↔ [____ 2, -pl, +dat]
 b. /lhe/ ↔ [____ 3, -pl, +dat]

Entretanto, uma propriedade que está relacionada à Inserção Tardia, denominada de propriedade de Subespecificação dos Itens de Vocabulário (*Underspecification*), pode simplificar essa descrição. A Subespecificação é regida por uma espécie de princípio do subconjunto, segundo o qual os Itens de Vocabulário não precisam ser plenamente especificados para inserção em uma determinada posição sintática. O que basta é que eles não possuam traços conflitantes com os do nó terminal, sendo que, por conflitantes, entendemos os traços que não existem no nó terminal.

No nosso exemplo, é possível afirmar que o Item de Vocabulário correspondente a *lhe* é subespecificado para o traço de pessoa, opondo-se, assim, ao item de 1ª pessoa, por exemplo, que é mais especificado:

(19) Exemplo de competição para inserção

Nós terminais sintáticos (morfemas abstratos)	Candidatos (IVs)
	<p><i>me</i> ↔ [1, -pl, +dat] (traço conflitante¹⁸)</p> <p><i>lhe</i> ↔ [-pl, +dat] (item subespecificado)</p> <p><i>nos</i> ↔ [1, +pl, +dat] (traços conflitantes)</p>

O Item de Vocabulário *lhe* ↔ [-pl, +dat] pode ser inserido nos dois morfemas abstratos provenientes da sintaxe, pois sua especificação é um subconjunto dos traços desses nós terminais. Por ser subespecificado, ele pode se realizar em mais de uma posição sintática. A interpretação como 2ª ou 3ª pessoa decorre dos traços sintáticos e não do IV, como é de se esperar já que PF é não é capaz de ler informações semânticas. Como é possível notar, a inserção do Item de Vocabulário decorre de uma competição dos Itens de Vocabulário inicialmente elegíveis para aquele nó. Esses itens competem para inserção, contrariamente ao que ocorre em teorias

¹⁸ Novamente, não estamos detalhando o fato de que há um IV por *me* ↔ [1, -pl, +acc] que poderia fazer parte dessa competição. O negrito diferencia o traço conflitante.

lexicalistas, em que uma entrada lexical já está completamente especificada e determinada para inserção.

Após a organização hierárquica dos traços pela sintaxe, o componente morfológico permite alterações de ordem, número, composição de traços e posição hierárquica de nós terminais em alguns contextos, antes que tais traços sejam relacionados a formas fonológicas, em PF. Os objetos complexos resultantes da sintaxe contêm apenas uma organização hierárquica e não linear. Assim, uma estrutura resultante de *merge* do tipo [X YP] pode gerar uma estrutura linear X-YP ou YP-X antes de seguir para o componente fonológico. Essa operação é chamada de *linearização*. Outras operações morfológicas responsáveis por esses rearranjos de traços e posição são: *fusão*, *fissão*, *empobrecimento*, *deslocamento local*, entre outras¹⁹.

Tendo finalizado as explicações necessárias acerca do estatuto dos traços abstratos dentro do modelo da MD, voltemos à ideia de Raiz e de Categorização e à questão do que configura uma palavra nesse modelo. Primeiro, devemos desconstruir a ideia de palavra como uma unidade pré-definida: nessa teoria não há palavras categorizadas armazenadas no léxico (nomes, verbos, adjetivos, advérbios). As palavras são formadas sintaticamente a partir de raízes e núcleos funcionais. Uma mesma raiz pode formar um nome, um verbo e um adjetivo, a depender do nó que a domina na estrutura sintática. Essa ideia tem inspiração na releitura do trabalho de Chomsky (1970), que sugere que as categorias sejam classificadas por meio de traços [+/- nome], [+/- verbo], e que foi fortemente defendida em Marantz (1997). Embick e Marantz (2008:6) definem tal característica como *Categorization Assumption*, reproduzida a seguir:

Categorization assumption

Roots cannot appear (cannot be pronounced or interpreted) without being categorized; they are categorized by merging syntactically with category-defining functional heads. If all category-defining heads are phase heads in Chomsky's (2001) sense — that is, if they are heads that initiate spell-out — the categorization assumption would follow from the general

¹⁹ Para uma apresentação das operações em geral, consultar Halle e Marantz (1993, 1994), Harley e Noyer (1999), Embick e Noyer (2006). Mais especificamente, para Fusão ver Siddiqi (2009); para Fissão ver Noyer (1997), Halle (1997), para Empobrecimento ver Noyer (1998), Halle (1997); para Deslocamento local e Linearização ver Embick (2003).

architecture of the grammar (see Marantz 2007)²⁰.

Nos exemplos abaixo, representamos a mesma raiz, $\sqrt{\text{DESTR}}$, em três ambientes sintáticos diversos: verbal, nominal e participial²¹.

Tais estruturas representam três palavras distintas, mas que partilham a mesma raiz, o que gera previsões importantes. O fato de partilharem a mesma raiz implica que deverão partilhar propriedades associadas a essa raiz (propriedade conhecida como herança). No português, por exemplo, deverão selecionar a mesma vogal temática não *default* bem como uma conjugação irregular, em oposição a outras raízes que definem conjugações regulares (ex: $\sqrt{\text{CANT}}$; $\sqrt{\text{VEND}}$, $\sqrt{\text{PART}}$). Além disso, essas estruturas trazem à tona o que é conhecido em termos tradicionais como a distinção entre palavra primitiva e derivada. Vejamos que a estrutura em (20) é a estrutura mais simples a que se pode denominar “palavra”, formada de uma raiz e um categorizador, e que as estruturas em (21) e (22) são estruturas mais complexas em que se inclui a

²⁰ “Raízes não podem aparecer (não podem ser pronunciadas ou interpretadas) sem serem categorizadas; elas são categorizadas por meio de concatenação sintática com núcleos funcionais definidores de categoria. Se todos os núcleos funcionais definidores de categoria são núcleos de fases no sentido de Chomsky’s (2001) — ou seja, se eles são núcleos que iniciam o *spell-out* — a assunção de categorização decorre da arquitetura geral da gramática (ver Marantz 2007).” Tradução nossa.

²¹ As estruturas de (20) a (22) são extremamente simplificadas e servem somente como exemplo para fundamentar as definições que as seguem. Para estruturas apuradas do participio ver Embick (2004); Ippolito (1999), Medeiros (2008); Scher, Lunguinho, e Rodero-Takahira (2012).

estrutura em (20). Desse ponto de vista, podemos afirmar que (20) é a base para a formação de (21) e (22). Assim, a noção de base utilizada neste trabalho pode ser redefinida por uma estrutura a partir da qual se geram estruturas mais complexas pela adição de núcleos funcionais, em geral, categorizadores. As noções de radical ou tema e morfomas (*morphome*), (ARONOFF, 1994; MAIDEN, 2005) são dispensáveis nesta teoria; elas não têm nenhum estatuto especial²². Uma última ressalva é o fato de que a raiz é o elemento mínimo base para uma derivação, como no exemplo em (22).

Gostaríamos, ainda, de ressaltar nossa crença de que a pertinência de uma teoria sincrônica para formação de palavras não invalida a pertinência de estudos diacrônicos, e, por isso, é preciso prevenir no terreno terminológico uma possível confusão trazida pelo nosso uso do termo raiz. O termo raiz há muito vem sendo utilizado pelos estudos diacrônicos para referir à raiz etimológica das palavras. Como esse elemento nos será de valia neste trabalho, utilizaremos o termo **raiz diacrônica** para tais casos. Salientamos que apesar de apresentarmos essa noção em uma seção que se dedica a apresentar o modelo da MD, tal modelo não tem se preocupado em fazer tal diferenciação, ou, pelo menos, não é de nosso conhecimento trabalhos que se preocupem em discutir de algum modo a morfologia histórica e a mudança morfológica em MD²³. Tal esforço é, então, uma das inovações deste trabalho.

Para finalizar a descrição do modelo da MD, temos a Lista 3 denominada *Encyclopédia* (que corresponde ao quadro ‘Encyclopaedia’ na figura 1, acima). Essa lista contém entradas enciclopédicas que relacionam Itens de Vocabulário a significados. É nesse local que são armazenados os significados especiais de expressões de uma língua. Dessa forma, o conteúdo da Enciclopédia é determinado por cada língua em particular. Por exemplo, se sabemos que a sequência fonológica que realiza *cachorr-* pode denotar um animal mamífero carnívoro domesticado, bem como pode denotar uma ofensa em determinados contextos (*O ex-namorado dela era um cachorro*) trata-se de conhecimento idiossincrático e arbitrário (pelo menos na primeira denotação). Além disso, esse conhecimento é particular, pois em outras línguas esse primeiro significado estará associado a outras sequências fonológicas: *chien* (francês), *dog* (inglês), *perro* (espanhol), *hund* (dinamarquês), *madra* (irlandês), etc.

²² Para uma discussão acerca do estatuto de morfomas nas línguas românicas, ver Nevins e Rodrigues (2012).

²³ Por outro lado, alguns trabalhos na área já mostram interesse em estudos sobre variação (NEVINS; PARROT, 2010) o que pode levar ao interesse em estudos sobre mudança.

Com essa breve apresentação do modelo da MD, esperamos ter fornecido os instrumentais para que o leitor continue a leitura desta tese com o domínio mínimo dos primitivos dessa teoria e possa avaliar, assim como fazemos, os benefícios e problemas da mesma.

1.4.2. Glossário específico

Oferecemos aqui um glossário específico dos termos e noções que utilizaremos ao longo desta tese por dois motivos: para não contribuirmos com a desorganização terminológica que afeta os estudos morfológicos²⁴ e para facilitar o entendimento do leitor não familiarizado com a teoria aqui utilizada.

1. **Traços morfossintáticos e morfossemânticos:** informações gramaticalmente relevantes sem conteúdo fonológico. Configuram um tipo de terminal com os quais a sintaxe opera. Podem ocorrer isoladamente ou combinados nos nós terminais.
2. **Item de vocabulário:** relação entre traços gramaticais e forma fonológica estabelecida por cada língua em particular.
3. **Raiz:** elemento responsável pelo significado ‘lexical’ da estrutura, formador das chamadas classes abertas (verbo, adjetivo, substantivo); também um terminal com o qual a sintaxe opera. Unidade mínima compartilhada por uma série de estruturas derivadas em perspectiva sincrônica. Contém conteúdo fonológico. Representaremos a raiz em letras maiúsculas após o sinal $\sqrt{}$, seguindo a tradição em MD. Exemplo: em *avermelhar*, *vermelho*, *vermelhidão*, *vermelhinho*, etc, a raiz compartilhada é $\sqrt{\text{VERMELH-}}$
4. **Raiz diacrônica:** corresponde à raiz etimológica de palavras historicamente relacionadas. A raiz diacrônica de uma palavra não necessariamente corresponde à sua raiz (sincrônica). Uma raiz diacrônica não necessariamente compartilha do mesmo significado nas diversas formações em que ocorre e quase sempre ocorre em mais de uma língua. Exemplo: em

²⁴ Agradecemos ao Prof. Mário Viaro por nos alertar com relação a esse aspecto.

fluxo, flexão, flexível e refluxo (ROSA, 2009:35), a raiz diacrônica é √fl, que representaremos em letras minúsculas.

5. **Núcleos funcionais categorizadores:** Elementos responsáveis por dar a uma raiz o estatuto de “palavra”, categorizando-a. Por isso são elementos de natureza cíclica (EMBICK, 2010): causam *spell-out* forçando o fechamento de uma fase²⁵ em termos de significado e material fonológico, e constituem M-palavras – palavras morfológicas - (*M-words* em Embick e Noyer (2001)). Por isso, os categorizadores são núcleos cíclicos. Núcleos não cíclicos não desencadeiam *spell-out* e não formam M-palavras. Núcleos de tempo, por exemplo, são núcleos não cíclicos.
6. **Base:** subestruturas associadas a uma estrutura complexa. Uma raiz é a base mais simples possível na derivação.
7. **Alomorfia:** Situação em que um traço (ou conjunto) morfossintático/morfossemântico ou núcleos funcionais são realizados por mais de uma forma fonológica. Pode ser de três tipos: a) Morfológica ou lexical – a raiz é o contexto que define o alomorfe, b) Morfofonológica – uma forma fonológica em um determinado morfema motiva a alomorfia; c) Fonológica – uma forma fonológica em qualquer ambiente motiva a alomorfia.
8. **Radical, tema, morfomes:** sem estatuto.

1.5. Hipóteses iniciais

A principal motivação deste trabalho consiste em estudar a forma como os morfemas derivacionais dos verbos complexos influenciam interna e externamente as estruturas de que fazem parte, ou seja, a estrutura do próprio verbo de que fazem parte e a estrutura argumental relacionada a esses verbos. Acreditamos que uma teoria que não faz uma distinção estanque entre

²⁵ Explicitaremos a noção de fase no Capítulo 2, seção 2.4.

estrutura morfológica e estrutura sintática seja melhor para apreender esse fenômeno. No entanto, nesse intento, é preciso capturar as diferenças empíricas da formação de palavras e da formação de sentenças. Dentro dessa perspectiva, temos como hipóteses de trabalho as elencadas a seguir:

a) Relação direta entre morfologia e sintaxe (estrutura argumental)

A relação entre os morfemas verbalizadores e a estrutura sentencial vem sendo negligenciada nas análises lexicalistas e de morfologia tradicional, pois não se pode fazer uma relação direta entre morfologia e estrutura argumental.

Por meio da investigação da formação de verbos complexos, se comprovado que morfemas podem ter um papel ativo na introdução e relação de argumentos na estrutura sentencial, corrobora-se a ideia de que a estrutura e a composição das palavras correlacionam-se diretamente com a estrutura e composição das sentenças (Interface transparente entre morfologia e sintaxe). Assim, todos os objetos complexos, palavras ou sentenças, são tratados como o *output* do mesmo sistema gerativo (sintaxe) (EMBICK; NOYER, 2006). Ao mostrar que, no português brasileiro, assim como em outras línguas, morfemas podem ser responsáveis por modificações da estrutura argumental de sentenças, defendemos que, no fim das contas, estrutura morfológica é estrutura sintática.

b) Prefixos das formações parassintéticas não são meros adjuntos

Não é possível tratar os prefixos formadores de verbos parassintéticos como alguns prefixos verbais que só contribuem no nível de significação para a formação verbal final, ou seja, como adjuntos e não núcleos (como o prefixo *re-*, por exemplo)²⁶. Os prefixos de formação parassintética têm um papel funcional e ativo na categoria verbal final e na estrutura argumental relacionada ao verbo formado. Tal natureza funcional explica-se em parte pela sua deriva histórica. Tais prefixos têm origem preposicional, o que lhes imprime uma função relacionadora.

²⁶ Sem entrarmos em grandes discussões sobre este artigo e sobre prefixos adjuntos, adiantamos que Marantz (2009) assume que o prefixo *re-* do inglês pode modificar a estrutura a que se concatena, minimamente, do seguinte modo: como restitutivo, modifica o XP que inclui raiz/adjetivo e argumento interno, ou seja, é adjunto de um XP que denota o estado que é resultado do evento em questão. Nesse caso, o prefixo não introduz nenhum argumento, é somente adjunto. A leitura restitutiva, a ser detalhada adiante, é, em poucas palavras, aquela em que se tem a restituição de um estado original. Em inglês, por exemplo, o autor afirma que essa leitura existe em *I repainted the wall* ('Eu repintei a parede'). Há grande discussão acerca da possibilidade de leitura repetitiva para o prefixo *re-* tanto em inglês como em português (MEDEIROS, 2012), mas não entraremos nesse aspecto, dado que também nesse caso o prefixo *re-* atuaria como adjunto, e é isso que nos interessa contrastar.

A evidência para isso é que os prefixos formadores de verbos, diferentemente de outros, têm propriedades funcionais ligadas ao processo de verbalização: parecem ser capazes de alterar a estrutura argumental, selecionar o tipo de base com a qual podem se combinar, de acordo com suas características categoriais e semânticas. Para Figueiredo Silva e Miotto (2009), a prefixação se comporta exatamente como a sufixação no que diz respeito à seleção da base, em alguns casos. Seguiremos essa mesma linha de raciocínio.

c) Sufixos verbalizadores são realizações de categorizadores *v*

Assumimos que os sufixos verbais são realizações fonológicas do núcleo funcional categorizador *v*. As diferentes realizações dos sufixos podem corresponder a diferentes tipos semânticos de categorizadores (HARLEY, 1995; MARANTZ, 1997; CUERVO, 2003; LIN, 2004; FOLLI; HARLEY, 2005).

Quando o núcleo não está fonologicamente realizado, isso não indica que não existe um núcleo verbal naquela posição na estrutura. Como já apontamos, diferentemente da análise de Pereira (2007), assumimos a mesma análise para verbos parassintéticos com ou sem realização fonológica do sufixo.

d) Vogais temáticas

As Vogais temáticas não são parte de um morfema derivacional. Especificamente para o caso em estudo, elas não são parte do sufixo formador de verbos conforme afirma Bechara (2001:340) e sugere Basílio (1993:302) como uma alternativa de análise. Assumimos que as vogais temáticas são requerimentos de boa formação da Forma Fonológica (PF) para a realização de núcleos funcionais sintáticos, seguindo Oltra-Massuet (2000) e Oltra-Massuet e Arregi (2005).

1.6. Metodologia

O presente trabalho pretende resgatar os achados descritivos de trabalhos anteriores sobre a formação de verbos parassintéticos em português, reavaliá-los, contribuir com novos achados descritivos e sugerir uma análise explicativa que consiga abranger não só os fatos do português, mas compará-los aos dados de outras línguas e explicá-los à luz de uma teoria universalista da

linguagem. Para tal, criamos um *corpus* de referência que serve como um *corpus* de confirmação (ou refutação) dos resultados descritos pelos principais trabalhos empíricos (SAID ALI, 1966; PEREIRA, 2000, 2002, 2004, 2007; RIO-TORTO, 2004; VILLALVA, 1994; BOSSIER, 1998).

Os trabalhos em Gramática Gerativa, em sua maior parte dedicados a estudos do nível sentencial, vêm lidando com dados de intuição. Nesses estudos, a metodologia consiste na criação de estruturas que devem ser avaliadas como gramaticais ou agramaticais pelo próprio pesquisador ou por falantes nativos. No presente trabalho, também nos valem do método de avaliação dos dados por intuição para possíveis formações verbais, mas acreditamos que a escolha do conjunto de dados primário não deve se basear em intuição ou escolha. Um trabalho que tem palavras como dados primários deve evitar métodos de escolha subjetivos, pois a escolha dos dados por acesso à memória do próprio pesquisador pode resultar em um *corpus* viciado: para cada pesquisador haveria um *corpus* diferente baseado no vocabulário particular de cada indivíduo. Para dados de sentenças, essa crítica não se aplica, necessariamente, pois as interferências da *performance* são menores em face da importância da competência.

Assim, a objetividade e o critério metodológico são uma de nossas preocupações. Intentamos produzir um estudo baseado em dados não escolhidos subjetivamente, o que poderia levar a vieses na seleção do *corpus* e a resultados duvidosos. Acreditamos que a linguística teórica pode tirar grande proveito das ferramentas modernas de linguística de *corpus* e análise de dados, conjuntamente com a *expertise* do pesquisador.

A intenção é criar um *corpus* de verbos que se aproxime maximamente do vocabulário ativo de um falante de PB, pois o estudo visa compreender como os verbos são formados sincronicamente pelo indivíduo, acreditando que o mesmo é capaz de construir palavras ao colocá-las em uso, e não somente acessa uma lista memorizada.

Os seguintes passos nortearam a seleção dos dados prefixados por *a-*, *ad-*, *en-*, *e-*, *em-*, *in-*, *es-*, *ex-*, que podem ser comitantemente sufixados por *-e-*, *-ej-*, *-ec-* e *-iz-*:

- a. Primeira seleção:** seleção de todos os verbos iniciados por *a-*, *e-* e *in-* a partir de base de dados do dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (edição 2007).²⁷

²⁷ Agradecemos ao Professor Mário Viaro, ao Prof. Zwinglio Guimarães e ao Grupo de Morfologia Histórica pelo fornecimento dos verbos iniciados por *a-* e *e-*. Agradecemos também a Lucia Helena da Silva pela seleção de verbos feita em Silva (2010) do qual extraímos os verbos iniciados por *in-*.

b. Extração de frequência: os dados foram avaliados com relação à frequência de uso pelos motivos explicitados em Bassani (2009) e retomados a seguir:

“... apesar de o dicionário constituir uma fonte confiável de seleção dos dados, há desvantagens em sua utilização. O dicionário registra verbetes já obsoletos na língua, muitos que já estão mortos na língua falada e na escrita e outros que só ocorrem em variantes literárias (...) Vemos, então, que esses verbos seguem os padrões de formação esperados e seriam úteis em nossas análises descritivas dos aspectos morfológicos, mas não haveria modo de investigar seu estatuto sintático e semântico na sincronia, já que grande parte dos falantes, inclusive nós, não teria intuição para julgar testes realizados com palavras cujo sentido desconhece. Além disso, muitas das ocorrências retiradas do dicionário ou são produtivas na modalidade do português europeu e não do português brasileiro, com o qual estamos comprometidos nesse trabalho, ou são ocorrências registradas na escrita, em textos literários, e que não são produtivamente utilizadas na fala” (p.25).²⁸

Ainda, as mesmas técnicas desenvolvidas em Bassani (2009) foram reproduzidas para a consulta restrita a páginas em português e páginas do Brasil no site de buscas Google:

“Para que obtivéssemos resultados do uso dos verbos da amostra com o menor viés pessoal possível, fizemos uso de uma ferramenta de busca em textos na internet. Foi desenvolvido um programa computacional de busca automática na linguagem Python²⁹ que consulta de forma sistemática os verbos no site www.google.com.br com os seguintes filtros: idioma português e páginas do Brasil. Entendemos que os textos

²⁸ Na realidade, com relação ao trecho “já que grande parte dos falantes, inclusive nós, não teria intuição para julgar testes realizados com palavras cujo sentido desconhece”, naquele momento, não pensamos que testes com uso de logatomas exploram exatamente o julgamento de palavras inexistentes propiciado pela competência linguística do falante nativo. De todo modo, acreditamos que a metodologia de escolha dos dados, excluindo verbos com poucas ocorrências, é efetiva para nossos objetivos.

²⁹ Agradecemos a Fidel Beraldi do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo pelo desenvolvimento do programa.

produzidos na internet abrangem diferentes indivíduos, de diversas idades e regiões do Brasil; situações formais, tal como em textos científicos e jornais, e informais, tal como em blogs pessoais e salas de bate-papo. Dado que os verbos podem aparecer morfológicamente em diversas conjugações no português, concordando em pessoa e número, e em diversos modos (indicativo, subjuntivo, imperativo), tivemos que criar um critério de busca. Decidimos por buscar somente a forma do infinitivo de cada verbo. Assim, todos os verbos tiveram a mesma chance e foram comparados igualmente quanto ao seu número de ocorrências. Em seguida, cada verbo foi consultado no site de busca e obteve-se o total de ocorrências em sites da internet.” (p.25)

Com todos os verbos iniciados por *a-*, *e-* e *in-* passamos à limpeza manual dos dados. Optamos por filtrar a frequência antes de limpar os dados porque havia um grande número de verbos (5.173), o que pode levar a erros quando se trata de uma limpeza manual. Optamos por selecionar para limpeza verbos com mais de 10.000 ocorrências de frequência, reduzindo o conjunto de dados a um total de 1.471 verbos.

c. Limpeza dos dados:

- Seleção dos dados iniciados por *a-*, *ad-*, *en-*, *e-*, *em-*, *in-*, *es-*, *ex-*;
- Exclusão dos verbos em que essas sequências sonoras eram partes da raiz, ou prefixos de negação no caso de *in-*, e não possíveis prefixos relacionais (ex: *amar*, *alterar*, *entrar*, *invalidar*, etc).
- Exclusão dos adjetivos terminados em *-ar* (*escolar*)
- Exclusão de verbos que, mesmo com um número de frequência maior do que 10.000, nos pareciam extremamente estranhos (*aquinhoar*, *arregimentar*).³⁰

³⁰ Esse último passo lança dúvidas sobre a eficiência da consulta em dados da web para extração de frequência de uso. Por falta de uma metodologia mais apurada para o momento, nos valemos desse método e de uma certa avaliação pessoal final.

Após limpeza descrita no item c., o *corpus* final conta com 380 verbos. Devemos finalizar esta seção apontando algumas das fraquezas metodológicas do estudo. Em primeiro lugar, optamos pela busca da forma do infinitivo do verbo em lugar de formas flexionadas pela praticidade. Em segundo lugar, utilizamos o site de buscas Google em lugar de um *corpus* de textos escritos e orais, em um cenário mais fiel à língua atualizada. Para os próximos estudos, teremos tais opções em perspectiva³¹.

Os testes de julgamento de gramaticalidade, que são importantes principalmente para as classificações em tipos de estruturas argumentais no Capítulo 4, foram feitos com base em nosso julgamento como falantes nativos do PB, em consulta a falantes nativos, em consulta aos exemplos de emprego dos verbos em sentenças disponibilizados pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (em conjunto com nosso julgamento sobre o real uso de tais sentenças) e em consulta ao emprego dos verbos em sentenças no *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org>). Diferentemente do que foi feito em Bassani (2009), optamos por não submeter os testes a grupos de falantes nativos porque visamos aprofundar a discussão teórica neste trabalho em detrimento de um trabalho experimental. Para tal, nos baseamos muito em descrições prévias dos dados, obviamente, avaliadas quanto à sua precisão.

1.7. Organização da tese

Esta tese está organizada do seguinte modo: no capítulo 2, discutimos as noções de transparência e composicionalidade e propomos uma análise para a mudança morfológica em termos de perda de estrutura sintática com base na teoria de MD e nas ideias de Roberts e Roussou (2003). Além disso, reavaliamos a proposta feita em Bassani (2009) para significados especiais; no capítulo 3, revisamos a literatura acerca da morfofonologia dos afixos e das bases nos verbos transparentes e composicionais e discutimos propostas de decomposição do evento, incluindo a semântica lexical, a sintaxe lexical de Hale e Keyser e a MD; no capítulo 4, apresentamos uma classificação dos verbos estudados em classes semânticas e propomos uma análise da estrutura do evento baseada em tipologia de raízes e núcleos funcionais. O capítulo 5

³¹ Agradecemos ao Prof. Dr. Mário Viaro e ao Prof. Dr. Charles Yang pelas discussões acerca de metodologias para obtenção de índices de frequência e produtividade.

trata da distribuição dos alomorfes prefixais e sufixais bem como das vogais temáticas seguindo a teoria C1-LIN proposta em Embick (2010); no capítulo 6, concluímos o estudo respondendo às questões colocadas como objetivos neste capítulo e verificamos se nossas hipóteses iniciais se comprovam ou não.

CAPÍTULO 2. Transparência, composicionalidade e uma proposta para a mudança morfológica (“lexicalização”)

Neste capítulo, apresentamos uma primeira proposta de classificação e análise dos dados de acordo com sua transparência morfológica (transparência formal) e com sua composicionalidade semântica.

2.1. Transparência e composicionalidade

Uma palavra derivada completamente transparente e composicional é aquela em que se pode reconhecer formal e funcionalmente a contribuição individual de cada afixo, bem como da base. Por isso, o resultado (morfológico e semântico) da combinação nesse tipo de caso é previsível a partir das partes componentes. Nem todos os dados coletados para esta pesquisa se comportam de tal modo. Por isso, se faz necessária uma primeira classificação com relação ao comportamento de subgrupos no que diz respeito à transparência e composicionalidade. O diagrama abaixo sumariza a nossa proposta de segmentação dos dados a ser explicada em seguida (Para a totalidade dos dados, com exceção dos dados de tipo 3.1., Cf. Apêndice A):

Diagrama 1. Primeira proposta de classificação dos verbos

Como vimos no capítulo anterior, todos os verbos selecionados para este estudo apresentam algum tipo de complexidade morfológica porque é possível identificar formalmente a presença de afixos (minimamente de prefixos), ainda que em muitos casos tal identificação seja questionável. Assim, podemos dizer que são ou **parcialmente transparentes** ou **totalmente transparentes**. Os dados parcialmente transparentes incluem os dados nomeados como tipo 2 no diagrama, e serão o foco deste capítulo. Os dados em 3, especialmente os de tipo 3.1., serão explorados extensivamente nos capítulos 3, 4 e 5. No terceiro e quarto níveis do diagrama, que incluem os itens 2.1. a 3.2., temos os termos que revelam a parte mais relevante de nossa proposta de classificação. São eles: Verbos sincronicamente Simples (2.1. e 2.2.1.), possivelmente Analisáveis (2.2.2), Produtivos (3.1.) e Idiossincráticos (3.2.). Apresentamos exemplos desses últimos níveis no diagrama.

2.2. Tipo 2. Verbos parcialmente transparentes

Nos verbos parcialmente transparentes, é possível reconhecer um afixo do ponto de vista formal (morfológico) em um exercício analítico diacrônico, mas sua contribuição sincrônica não é óbvia. São exemplares desta categoria os seguintes verbos: *atrair, extrair, incluir, excluir, inalar, exalar, acessar, afetar, embutir, esquecer, inflamar, etc.*

Uma primeira pergunta que se coloca é se tais dados seriam relevantes para uma teoria de descrição da língua, já que análises sintáticas da formação de palavras têm se debruçado somente sobre dados do tipo de 3.1., cuja composicionalidade semântica é completa, com algumas discussões sobre leituras idiossincráticas dessas formações (como em Arad (2003) e Marantz (2007)).

Consideramos que essa é uma questão que merece nossa atenção, pois muitas críticas a modelos sintáticos, que vêm de abordagens tradicionalistas, dizem que abordagens sintáticas nada têm a dizer sobre dados como os de tipo 2. Assim, a questão mais profunda que investigamos neste capítulo é: como podemos explicar os dados parcialmente transparentes em uma teoria como a da MD sem simplesmente dizer que se trata de diacronia e, logo, são dados fora de escopo?

Outra forma de evitar retoricamente tais dados emerge quando autores trazem à tona o rótulo de formas **lexicalizadas**. Vejamos a afirmação de Pereira (2007):

“Em virtude desse processo, uma palavra morfologicamente complexa em fases pretéritas pode processar-se sincronicamente como uma palavra unitária, ou seja, a palavra passa a ter um significado que não se deduz da combinação de suas partes, deixando a sua estrutura composicional de ser transparente”. (p.14)

Propomos um estudo desses casos porque há poucas propostas formais para explicar o processo de lexicalização em morfologia³² e pelo desafio que tais dados são em tese para uma teoria como a MD; em outras palavras, como a MD lida com a ideia de lexicalização? Em suma,

³² Para o fenômeno inverso à lexicalização, a gramaticalização, os estudos em mudança sintática no quadro da Gramática Gerativa estão mais avançados. Somente para citar alguns exemplos, referimos o leitor aos trabalhos baseados nos seguintes projetos: Projeto *Tycho Brahe* – UNICAMP/Brasil (www.tycho.iel.unicamp.br/), *Penn Helsinki parsed Corpus* – UPenn/Estados Unidos (<http://www.ling.upenn.edu/histcorpora/>) e Roberts e Roussou (2003).

queremos explorar os mecanismos pelos quais as palavras deixam de ser derivadas para se tornarem simples e as consequências desse processo. Mais especificamente, exploramos como se dá o processo pelo qual a estrutura composicional dos verbos derivados deixa de ser transparente.

Antes de entrar propriamente na divisão que propomos, é importante caracterizar os dados de 2. Para tal, é preciso retornar um pouco na história da língua a fim de entender o papel dos prefixos nessas formações desde sua entrada na língua. O sistema preposicional latino (assim como parte dos advérbios) é um desenvolvimento do sistema de caso. Os casos genitivo, dativo e ablativo, atribuídos a DPs (Determiner Phrase/ Sintagma Determinante)³³ objetos verbais, eram usualmente realizados como sufixos nominais (CARO; CUERVO, 1972:239); entretanto, com o enfraquecimento das desinências de caso, o uso dos advérbios emergiu como uma forma de indicar mais precisamente as relações entre o verbo e seus objetos. Alguns desses advérbios tornaram-se especializados como preposições, mas muitos mantiveram seu estatuto adverbial (ALLEN; GREENOUGH, 1979). Em especial, de nosso interesse são as preposições/prefixos latinos *ad-*, *ex-* e *in-*, que eram particularmente usadas com os casos acusativo e ablativo. Os dados em 2 (parcialmente transparentes) eram, em geral, verbos latinos prefixados por tais preposições a fim de indicar relações espaciais, especialmente direção. No exemplo a seguir, a preposição *ad*, sem estatuto morfofonológico afixal, combina-se com diferentes verbos para estabelecer uma relação semântica e estrutural entre esses e o DP. O negrito indica a marca morfológica de caso no substantivo.

- (23) a. Veni *ad urbem*.
 Vir à cidade.
- b. Manere *ad meridiem*.
 Esperar até meio-dia.
- c. *Ad focum* sedere.
 Sentar próximo ao fogo.

³³ Optamos por manter os rótulos dos núcleos funcionais em inglês, entendendo que trata-se de termos técnicos.

No caminho para as línguas românicas, na medida em que os casos fonologicamente realizados foram desaparecendo, formas como as de (24), em que não há marca de caso nos substantivos, tornaram-se possíveis:

(24) *a. Veni ad Roma*
 Venho para Roma

b. Veni ab Roma
 Venho de Roma

c. Veni ex Roma
 Saí de Roma.

Como um desenvolvimento, preposições puderam se anexar aos verbos, como prefixos, por exemplo em (25) abaixo, em que há a combinação do prefixo *ad-* e do verbo *venire*, resultando no verbo prefixado *advenire*.

(25) **advenio**, -i, -tum, -ire i.q. accedo, ad aliquem locum venio, pervenio³⁴
 ‘aproximar-se, ir a algum local, chegar a’

Desse modo, muitos dos verbos em 2. entraram na língua portuguesa já como verbos compostos (no sentido de complexos). Tais formações são derivadas, mas nem sempre são totalmente transparentes na sincronia atual. Em muitos casos, esses verbos adquirem significados diversos do que se esperaria a partir de sua composição latina, como é o caso do verbo português *advir*. Comparem-se as acepções em (25) e (26):

(26) *advir: port.* vir depois, surgir como consequência de, provir, resultar, ocorrer, suceder, acontecer.

A questão relevante que se coloca, então, é se poderíamos pensar em uma nova raiz sincrônica para esses verbos em vez de analisá-los como formas complexas. Para responder a

³⁴ Latin-Latin Dictionary: Vademecum in opus Saxonis et alia opera Danica compendium ex indice verborum.

essa questão, voltamos aos dados de tipo 2, propondo que tais dados se subdividem em dois tipos: os que podem ser analisados como uma formação composicional sincrônica e os que foram totalmente reanalisados como formações simples.

2.2.1. Tipo 2.1. Verbos Parcialmente transparentes com raiz inativa ou Verbos Simples

Apesar de formalmente identificados como verbos latinos prefixados e de ser possível chegar à identificação de um prefixo em uma derivação etimológica, trata-se de formações sincrônicas simples, em que o suposto prefixo é, atualmente, parte da raiz. A raiz, nesse caso etimológica, não se faz presente em nenhuma outra formação em que se mantenha um mesmo significado de um modo minimamente coerente. Em algum estágio da língua, que não temos por objetivo identificar³⁵, o prefixo incorporou-se à base e, no processo de aquisição, adquiriu-se uma nova raiz na lista 1. As ocorrências desse tipo são verbos como *adquirir*, *esquecer* e *afetar*. A totalidade dos dados encontra-se no **Apêndice A** (Tipo 2.1.)

Tais casos encontram-se no extremo máximo da não-transparência ou opacidade, que podemos tratar como um *continuum*. São verbos cuja suposta raiz não tem distribuição coerente além de uma única ocorrência concomitantemente à ocorrência de afixos. Observemos alguns exemplos com a formação etimológica dos verbos *afetar*, *adquirir* e *esquecer*, simplificada e descrita da seguinte forma, do latim à forma portuguesa (HOUAISS, 2007):

(27) ad + facĕre > adfacĕre > affectare > affectar > afetar

(28) ad + quaerĕre > adquaerĕre > adquirĕre > ... > adquirir

(29) ex + cadere > excadere > *excadescĕre³⁶ > escaecer > esquecer

³⁵ Para estudos sobre a morfologia histórica e datações de entrada de vocábulos na Língua Portuguesa, referimos o leitor ao site do Grupo de Morfologia Histórica do Português da Universidade de São Paulo: <http://www.usp.br/gmhp/>.

³⁶ Verbo “frequentativo” de *excadere* (“cair para fora”).

Nesses casos, em algum ponto, o prefixo incorporou-se à raiz gerando uma nova entrada na lista 1 da língua. Abaixo, apresentamos um diagrama simplificado de como deve ocorrer essa mudança. A estrutura em (31) representa um verbo simples em latim, que toma um argumento interno do tipo preposicionado, como nos exemplos (23)a. retomado a seguir:

- (30) a. *Veni ad urbe(m)*.
Vir à cidade.

Nesse exemplo, os núcleos *v* e *p* são morfofonologicamente independentes (*ad-* é uma preposição e não um prefixo). Já em (32), o estatuto do núcleo que realiza *ad-* muda de cíclico para não-cíclico, no próprio latim, nos termos de Embick (2010), se tornando um prefixo do núcleo *v*. Observamos, então, uma primeira modificação da estrutura³⁷. Finalmente, em (33), o núcleo não-cíclico *P* é completamente enfraquecido e incorporado à raiz, o que resulta em uma etapa de perda de estrutura, que já se configurava como uma opção quando da entrada desse verbo no português e se especificou nessa língua.

Algumas observações se fazem necessárias com relação a nossa teoria de um desaparecimento funcional do prefixo, que passa a se integrar à raiz, apesar de sua fonologia continuar aparente. Nossa proposta é, obviamente, em termos mais gerais, um tipo de proposta de lexicalização. Tal processo permite a criação de uma nova raiz no repertório da língua por meio de simplificação estrutural (ROBERTS; ROUSSOU, 2003). Outra forma de adquirir novas raízes no repositório vocabular ocorre com a criação de neologismos (ver Alves (1990)).

³⁷ Discutiremos a questão da ordem superficial dos núcleos no Capítulo 5. Por ora, adiantamos que em (32) a forma prefixal *ad-* deve estar adjacente à raiz.

³⁸ Segundo o dicionário Escolar Latino-Português, esse verbo é usado como intransitivo ou pode ter complementos indiretos. Nesse último uso, a preposição *ad-* pode ocorrer novamente em *advenire ad Roma*. Tal fato é evidência do desaparecimento funcional da camada que continha *ad-*, um tipo de redundância que é fruto da mudança.

Segundo Roberts e Roussou (2003), o processo de gramaticalização também deve ser entendido como um processo de simplificação estrutural de estruturas sintáticas subjacentes, e é exatamente o que propomos especificamente para esse caso de lexicalização³⁹. Um nível de projeção cujo núcleo era provavelmente o prefixo deixa de existir e passa a fazer parte da raiz, resultando, então, em uma nova raiz. Por isso, a raiz diacrônica não está mais disponível para a formação de palavras, mas a raiz reanalisada está, como se nota pela possível formação de palavras derivadas a partir dessas raízes (*afetação, adquirente, esquecimento, advindo*, etc.). Por conta disso, os falantes têm enorme dificuldade, ou nenhuma possibilidade, em muitos casos, de reconhecimento do suposto prefixo.

Seguindo os pressupostos da MD, os núcleos funcionais são conjuntos de traços gramaticais, morfossintáticos e morfossemânticos, como já vimos na introdução desta tese. Conforme mostraremos com detalhes no Capítulo 3, os núcleos preposicionais são em um dos usos de sua origem histórica portadores de informações direcionais/locativas. Quando há um processo de lexicalização desse tipo de núcleo, ou seu conteúdo de traços pode ser completamente obliterado na raiz reanalisada, restando somente a fonologia do item, ou tais traços podem ainda ser totalmente ou parcialmente preservados. Um exemplo em que se preserva alguma denotação do prefixo é o do verbo *engolir*. Observemos a sugestão de etimologia segundo o dicionário Houaiss:

Engolir: prov. lat.vulg. **ingullare* (it. *ingollare*, fr. *engouler*, provç. *engolar*, esp. *engullir*); ver *gul-*. antepositivo, do lat. *gula,ae* 'parte da boca pela qual se engole, goela, garganta, pescoço; boca (linguagem popular).

Engolir provêm de um verbo complexo de tipo de mudança de lugar (*location*) em que a raiz denotava o lugar (falaremos mais sobre esses tipos semânticos no Capítulo 4). Posteriormente, a raiz diacrônica não se atualizou como forma sincrônica e esse verbo não pode ser decomposto. Tal fato se comprova pela possibilidade de termos algo como “engolir pela boca”, em que se especifica o local que outrora fora denotado de modo transparente pela raiz. No

³⁹ Agradecemos a Marcus Vinicius Lunguinho por nos apresentar a proposta de Roberts e Roussou (2003) e atentar para a possível relação entre nossa proposta e as ideias ali introduzidas.

entanto, é possível apreender a noção de movimento para dentro lexicalizada agora na raiz, como fruto de um resquício histórico.

Diferentemente, em alguns casos, são os traços do prefixo que deixam de figurar na raiz reanalisada. Exemplos com o núcleo preposicional *a-* são numerosos, pois seus traços já possuem um significado muito leve mesmo quando ativos. Na incorporação, é difícil encontrar a sua contribuição. São alguns exemplos verbos como *acessar*, *afastar*, *afetar*.

Outro fato interessante diz respeito à morfologia: em alguns casos, o afixo que passa a ser incorporado pode manter a sua forma diacrônica, como ocorre nos exemplos com *ad-* e *in-*. Noutros casos, a raiz também pode apresentar-se em uma forma arcaica, diferente da raiz reanalisada. Tais formas arcaicas não estão disponíveis para a formação de neologismos no sistema sincrônico do português. Um exemplo interessante é o dos verbos *afetar* e *infectar*. Apesar de em ambos os casos, a derivação etimológica consistir na prefixação de uma mesma raiz verbal, originaram-se duas raízes diferentes ($\sqrt{\text{INFECT-}}$ e $\sqrt{\text{AFET-}}$).

Para finalizar esta subseção, e como embasamento adicional para a nossa análise do que chamamos de verbos prefixados que foram reanalisados como verbos simples, apresentaremos de forma breve uma discussão sobre como se dá o ‘desaparecimento’ de prevérbios em formações complexas nas diversas línguas do mundo. A passagem de um prevérbio a parte integrante da raiz do verbo é um processo comum e largamente documentado. Acreditamos que os casos de que tratamos imediatamente acima são também um tipo de manifestação desse processo.

O termo prevérbio foi cunhado pelos descritivistas do Indo-Europeu para designar morfemas que se posicionavam frente ao verbo e formavam com ele uma unidade de sentido. A partir de então, o termo foi usado para descrever muitos morfemas de diversas línguas que se comportavam como parte integrante da noção verbal. O prevérbio pode se manifestar de duas maneiras: como palavra livre ou como morfema preso. No primeiro caso, ele pode inclusive ser separado do verbo por outros elementos e temos, nesse tipo, a formação de um predicado complexo (34). No segundo caso, dá-se a formação de um verbo complexo propriamente dito, em que verbo e prevérbio nunca se dissociam (35) (BOOIJ; KEMENADE, 2003).

- (34) Predicado complexo
#Prevérbio (#) (...) (#) Verbo#

- (35) Verbo complexo
#Prevérbio-Verbo#

O termo *prevérbio* pretende se especializar nos tipos de prefixos verbais de natureza derivacional que, grosso modo, são morfemas que contribuem com alguma semântica adicional à formação final. O termo *prefixo* (verbal) é mais geral, pois abrange também morfemas flexionais que se realizam à frente do verbo em muitas línguas. No Georgiano, por exemplo, a ordem dos elementos internos à forma verbal é a apontada abaixo, em que *prevérbios* e *prefixos* (em geral elementos flexionais) co-ocorrem (AMIRIDZE, 2004):

- (36) **Prevérbio-prefixo.de.concordância-vogal.pré.radical-Raiz-Sufixo tempo**
da-v-e-c-i
PV-S1.SG-PRV-fall-AOR⁴⁰
I fell down.⁴¹
‘Eu caí.’

Assim, há de se apreender que nem todo prefixo verbal é um *prevérbio*. No entanto, muitos autores ainda utilizam a terminologia *prefixo verbal* para tratar de morfemas que se comportam como *prevérbios* (como é o caso de Svenonius (2004), por exemplo), em especial nas línguas que não possuem morfologia flexional realizada como *prefixo*.

Com relação ao que se investigou sobre o desenvolvimento dos *prevérbios* ao longo da história de cada língua, constatou-se que, em muitas delas, essas partículas foram formas independentes em um estágio anterior. Nessas línguas, em geral, os *prevérbios* podem se comportar como *prevérbios* de fato ou como preposições. Hipotetiza-se que ambas as formas tenham origem adverbial. Os diversos estágios de desenvolvimento dessas partículas resultam na variedade de formas de realização entre as diversas línguas. Algumas delas ainda apresentam *prevérbios* como fortes elementos preposicionais, outras como *prevérbios* que ora se posicionam junto ao verbo, ora estão separados por determinadas construções sintáticas, outras, ainda, como

⁴⁰ PV = *prevérbio*;

⁴¹ Optamos por apresentar nos exemplos as traduções originais dos autores e, em seguida, a tradução para o português.

prefixos indissociáveis e, finalmente, há outras que apresentam todas essas formas ao mesmo tempo.

Segundo Booij e Kemenade (2003:3), em algumas línguas, os prevérbios mantêm intactos por um longo tempo seu caráter de forma independente, enquanto outras apresentam um clássico processo no seguinte sentido:

- (37) prevérbio independente > membro à esquerda de um composto verbal > prefixo > desaparecimento

Segundo Vincent (1999:1118) *apud* Booij e Kemenade (2003), tal processo é facilmente identificável na história dos prevérbios do Latim. O autor mostra que em estágios iniciais dessa língua, os prevérbios tinham um caráter de forma livre, como se observa em (38) a partir de trechos da obra do gramático Festus a respeito da linguagem dos oradores antigos. Em estágios posteriores, tornaram-se membros de radicais verbais compostos e, finalmente, adquiriram caráter prefixal:

- (38) Prevérbios latinos livres
- a. **Sub** vos **placo**, in precibus fere cum dicitur, significat id, quod **supplico**
‘when people say, mostly in prayers, *sub vos placo*, it means the same as *supplico*’
‘quando as pessoas dizem, na maior parte em orações, *sub vos placo*, isso significa o mesmo que *supplico*’
- b. **Ob** vos **sacro**, in quibusdam precationibus est, pro vos **obsecro**, ut **sub** vos **placo**, pro **supplico**.
‘*ob vos sacro* in certain prayers stands for *vos obsecro*, just as *sub vos placo* stands for *supplico*’
‘*ob vos sacro* em algumas orações corresponde a *vos obsecro*, assim como *sub vos placo* corresponde a *supplico*’

- (39) Prevérbios latinos como parte de um radical verbal composto passando a prefixos:
Submittere; permittere; transmittere; transferre; perferre; obligare
Submeter; permitir; transmitir; transferir; realizar; vincular

Nossa contribuição nesta subseção é mostrar que, para a progressão em (37), existem duas alternativas: a do desaparecimento formal e funcional total, como ali previsto, e a da incorporação que pode levar ao apagamento (com ou sem preservação parcial) dos traços gramaticais do prefixo (e da raiz) fazendo com que a formação, antes composta, deixe de assim o ser na sincronia. Esse segundo caso é o que melhor descreve a mudança sofrida por nossos dados em 2. Tentamos mostrar, a título de comparação, que podemos aplicar, com alguns ajustes, a progressão em (37) aos dados em 2. Retomando o exemplo com *advenire*, nos moldes de (37), e adaptando o fato de que o prevérbio se inicia como uma forma independente posposta, temos o seguinte percurso.

- (40) Forma independente (*venire ad*) > membro à esquerda de um composto verbal (*advenire*) > prefixo (*advernire*) > desaparecimento funcional (*advenire ad*)

Tais formas já entram no sistema do português como formas simples, apesar de serem linguisticamente analisáveis. Mais uma evidência para isso é o fato de que o complemento do verbo *advir* deve ser introduzido por uma preposição nessa língua: *advém de*.

Em resumo, tratamos nesta subseção de verbos diacronicamente complexos e sincronicamente simples formados por perda (parcial/total) dos traços semânticos dos afixos e raízes e da geração de um significado reanalisado com possibilidade de manutenção de partes dos significados prévios.

2.2.2. Tipo 2.2. Verbos Parcialmente transparentes com raiz ativa: Verbos Analisáveis e Verbos não-analisáveis.

Para maior clareza, retomemos o diagrama 1 apresentado no início deste capítulo.

Na subseção anterior, tratamos dos dados de 2.1. Nesta seção, fazemos uma importante distinção entre as formas em 2.1. e 2.2. (raiz inativa (simples por derivação histórica) e raiz ativa, respectivamente), pois hipotetizamos que as raízes presentes no segundo tipo são sincronicamente isoláveis e, por isso, tais formas podem ser de algum modo ainda complexas. O critério para considerar tais raízes ativas se baseia em dois fatores dependentes: a) a possibilidade de comutação, que mostra que estão ativas, e b) a manutenção de um significado compartilhado na comutação. Contudo, apenas em um subgrupo de 17 verbos os critérios (a) e (b) se aplicam sem problemas (Dados de 2.2.2.). Em um outro subgrupo, não se identifica facilmente a composicionalidade, apesar de ser fato que a raiz se encontra em outras formações da língua (Dados de 2.2.1.) Vamos a alguns exemplos mais concretos.

2.2.2.1. Tipo 2.2.2. Verbos analisáveis com a) possibilidade de comutação e b) significado compartilhado da raiz

Quando uma mesma raiz está presente em mais de uma formação parcialmente transparente e, ao compararmos essas palavras, mantém-se a mesma contribuição semântica para

a formação final, podemos falar de uma forma parcialmente transparente analisável. Um exemplo claro é o dos verbos formados pela raiz $\sqrt{\text{TRA}}$ -. Apesar de ser fato que os verbos que contêm essa raiz não foram compostos nativamente em português, pode-se lançar a hipótese de que eles ainda são analisáveis por alguns falantes. Observemos os dados em (41):

- (41) a. Atrair (do Latim: *Attraho* < *adtrahe*)
 b. Contrair
 c. Retrair
 d. Abstrair
 e. Extrair

Nas formações acima, um significado abstrato pode ser atribuído a $\sqrt{\text{TRA}}$; no entanto, esse significado é um tanto maleável no sentido de que se atualiza completamente com o significado atribuído pelos prefixos. Este é outro ponto importante: ao contrário das formações em 2.1. (com raiz inativa), nesses dados podemos perceber mais claramente a contribuição dos prefixos. Desse modo, as formações de tipo 2.2.2., em tese, podem ser decompostas, mas não se pode esperar um significado completamente determinado delas, pois a raiz e, por vezes, os afixos contribuem noções um tanto abstratas, diferentemente do que ocorre com os dados em 3.2., como veremos adiante. Tal fato se dá porque quando as formas são completamente transparentes, podemos isolar a raiz em paráfrases (*avermelhar* = *tornar vermelho*, *empilhar* = *fazer pilha de*), o que não se pode fazer com relação aos que incluem a raiz $\sqrt{\text{TRA}}$, por exemplo.

Se assumirmos que a competência do falante decorre da organização da gramática como sugerida pela MD, assumir que cada um dos dados em (41) apresenta uma raiz reanalisada como entradas distintas na Lista 1 a partir da mesma raiz diacrônica $\sqrt{\text{tra}}$ - ($\sqrt{\text{ATRA}}$ -, $\sqrt{\text{CONTRA}}$ -, $\sqrt{\text{RETRA}}$ -, $\sqrt{\text{ABSTRA}}$ -, $\sqrt{\text{EXTRA}}$ -,) é uma grande perda de generalização. Até agora, são dois os motivos para assumir a ideia de que tais verbos são ainda composicionais: a possibilidade de comutação e, a partir disso, a manutenção de uma semântica minimamente compartilhada pelas raízes e pelos afixos. Uma terceira evidência de que temos a realização de uma mesma raiz está no fato de que, em todas as formações, mantém-se a escolha da mesma vogal temática verbal, de terceira conjugação: i. A reanálise da raiz poderia ter levado a uma reanálise morfológica. Sabe-se que a definição da vogal temática verbal é idiossincrática e é responsabilidade da raiz (a não

ser que sufixos verbais se apresentem, conforme discutiremos no capítulo 5). Assim, a reanálise da raiz poderia levar a uma mudança na escolha da vogal temática para a primeira classe, *default*, o que não ocorre. Essa possibilidade, somada às duas evidências anteriores, nos leva a assumir tal posição, apesar de sabermos que se trata de uma possibilidade e, por isso, não é uma evidência cabal.

Assim, levantamos a hipótese de que dados como os formados pela raiz √TRA- são composicionais e possuem uma estrutura mais complexa do que a dos dados em 2.1. Em continuidade, não podemos prosseguir sem dizer que esses são os dados exemplares do tipo 2.2., os dados de comportamento ideal. Por outro lado, algumas raízes parecem ocupar uma posição intermediária entre os completamente reanalisados (2.1.) e os completamente analisáveis (2.2.2). Consideremos o exemplo de raízes que não têm uma ampla capacidade de distribuição, como é o caso da raiz √GREG- em *agregar*. Esse verbo foi formado em latim como em (42), e tem uma distribuição restrita em formas atuais como as de (43), em que √GREG- é um elemento primitivamente relacionado à ideia de reunir, especialmente de gado, “rebanho” (VIARO 2004:22).

- (42) adgregare > aggregare > agregar
 Vademecum: aggregare = coniungere (terras suo regno) Gertz M I,66,13
- (43) a. segregar
 b. congregar

Apesar de ter uma distribuição mais restrita, é possível que os dados em (43) sejam ainda formas composicionais. Todas as formações classificadas como pertencentes ao grupo 2.2. possuem em sua forma diacrônica a raiz de um verbo latino. Por isso, em sua gênese, tratava-se de verbos prefixados e não de verbos parassintéticos propriamente. Ver lista abaixo com alguns dos dados (a totalidade está disponível no Apêndice A):

- (44) Verbos possivelmente analisáveis:
1. agregar	(vs. segregar, congregar)	VT -a-
2. atrair	(vs. extrair, contrair...)	VT -i-
3. evadir	(vs. invadir)	VT -i-

4. exalar	(vs. inalar)	VT -a-
5. excluir	(vs. incluir)	VT -i-
6. expirar	(vs. inspirar)	VT -a-
7. explodir	(vs. implodir)	VT -i-
8. extrair	(vs. atrair, retrain...)	VT -i-
9. ingressar	(vs. regressar)	VT -a-

Uma possível contra-argumentação para essa análise seria o fato de que essas raízes nunca ocorrem na língua como palavras independentes e recorrer a elas seria utilizar um tipo de recurso histórico em uma análise que se pretende sincrônica. Entretanto, assumimos que essas raízes podem ser parte do repertório de raízes do PB, mas nunca ocorrem porque não estão listadas como entradas válidas independentes na Enciclopédia. Raízes como essas só podem ser interpretadas quando no contexto de outros elementos. Tomamos esse argumento de análises como a de Borer (2009) para os compostos sintéticos do tipo *truck-driver* do inglês, a autora assume um constituinte sem categoria, *truck-drive*, que é categorizado como um conjunto. Esse elemento não pode ser interpretado isoladamente porque não está listado independentemente, sem um contexto de inserção, na enciclopédia. Nesse sentido, esse composto seria um composto formado a partir de raízes.

Os casos de redundância, exemplificados abaixo, de (45) a (50), que ocorrem em variedades do português, parecem ser um contraexemplo para a assunção de que tais formas são composicionais. A possibilidade de redundância da informação direcional nos parece uma evidência de um processo de mudança, e por isso falamos anteriormente em um *continuum*: a classificação sugerida aqui é uma abstração analítica. Nos parece óbvio que os verbos podem passar de formas analisáveis a formas simples, pois estão sujeitos ao processo de perda de estrutura. Em outras palavras, é muito plausível que, para o repertório de raízes de alguns falantes, esses dados não sejam mais composicionais de fato. A mudança, nesse caso, indica que a direcionalidade que era antes codificada na raiz passa a ser codificada fora do verbo.

- (45) Extrair p(a)ra fora
- (46) Inserir p(a)ra dentro
- (47) Atrair p(a)ra perto

- (48) Expelir p(a)ra fora
- (49) Subir p(a)ra cima
- (50) Descer p(a)ra baixo

2.2.2.2. Tipo 2.2.1. Verbos com a) possibilidade de comutação mas sem b) significado compartilhado da raiz: não analisáveis.

Outros dados, os numerados como 2.2.1. no diagrama acima, não apresentam uma possível semântica composicional, como ocorre com os dados em (44), apesar de sua raiz estar presente em outras formações do português, parecendo ocupar um limbo entre uma forma analisável e uma forma que foi reanalisada (tais dados estão disponíveis no Apêndice A). Um bom exemplo é o do verbo *agredir* cuja raiz ainda figura em *regredir* e *progredir*. Em *regredir* e *progredir*, há um par do tipo analisável em que se nota uma oposição contribuída pelos prefixos e um significado eventivo compartilhado e coerente proveniente da raiz. Entretanto, tal contraste não se dá na sincronia com o verbo *agredir*, que significa algo como um “ataque verbal ou físico”. Certamente, o prefixo *a-* tem participação diacrônica na presença de um argumento para o qual a ação é direcionada, mas tal assunção não se aplica hoje com facilidade. Para esse caso, nos pareceria mais plausível sugerir uma reanálise do tipo proposto em 2.1. e a aquisição de uma raiz $\sqrt{\text{AGRE(D)}}$. Contudo, sugerimos que a raiz sincrônica para *regredir* e *progredir* seja $\sqrt{\text{GRE(D)}}$, uma raiz que só pode se atualizar no contexto de outros elementos (propriedade listada na enciclopédia) e não mais a raiz originário $\sqrt{\text{grad}}$.

Possivelmente, tais dados ocupam uma etapa atual rumo à reanálise e, por isso, é tão difícil classificá-los de forma estanque como formas reanalisadas ou analisáveis. Hipotetizaremos que tais dados ou caminham para a classificação como formas reanalisadas em uma sincronia futura próxima ou já são reanalisados. No diagrama retomado acima, buscamos representar tal relação pela flecha que os liga aos verbos simples reanalisados. Desse modo, tendemos a superclassificar os dois tipos como formas simples. Pertencem a esse subgrupo verbos como *administrar*, *aferir*, *agredir*, *atender* (a totalidade dos dados encontra-se no Apêndice A, tipo 2.2.1.).

Com isso, concluímos nossas reflexões acerca de como procede a mudança de formas complexas para formas não complexas envolvendo prefixos. Apesar de não ser nosso foco neste momento, atentamos para o fato de que o mesmo processo de lexicalização em termos de perda de estrutura ocorre com sufixos. Esse é o caso do verbo *esquecer*, por exemplo, em que o sufixo –*ec-* não tem funcionalidade sincronicamente. Em suma, os fatores que levam à reanálise são o apagamento de traços semânticos do afixo ou da raiz que, por sua vez, leva à incorporação do que eram dois elementos estruturais (um núcleo prefixal e uma raiz) em uma única raiz reanalisada. Tal operação resulta em perda/simplificação de estrutura, entendida por Roberts e Roussou (2003) como a fonte do processo de gramaticalização e que pode ser estendida ao tipo de processo de lexicalização de que tratamos. No produto resultante desse processo, podemos recuperar traços semânticos do núcleo funcional prefixal (*engolir*), ou pode haver uma completa ressignificação (*afetar*).

2.2.3. Última palavra sobre os verbos parcialmente transparentes

Acquaviva e Panagiotidis (2012) argumentam que nenhum significado ou conteúdo semântico pode ser atribuído às raízes fora de uma estrutura gramatical, em oposição às assunções padrões em MD, que defendem que raízes são dotadas de significado. Utilizam-se de exemplos muito similares ao que abordamos nos dados de tipo 2.; são morfemas presos do italiano e do inglês (*cran-morphs* na terminologia descritiva de Aronoff (1976)). Assumem que elementos do inglês, como –*ceive*, –*mit* ou –*verse* em *conceive*, *receive*, *admit*, *permit*, *converse* e *perverse*, e do italiano, como *mett-* em *dimettere*, *smettere*, *scomettere* são exemplos da maleabilidade semântica das raízes. Ainda, ao apresentarem um longo paradigma do grego⁴²,

⁴² Paradigma envolvendo o elemento grego *esth-*:

- a) *esth-an-o-me* ‘feel’ (sentir);
- b) *esth-is-I* ‘sense’ (sentido);
- c) *sin-esth-is-i* ‘realisation’, ‘awareness’ (realização, consciência);
- d) ‘*esth-i-ma*’ ‘feeling’, ‘love affair’, ‘boyfriend / girlfriend’ (sentimento, caso amoroso, namorado/a);
- e) *sin-esth-i-ma* ‘emotion’ (emoção);
- f) *esth-is-iaz-mos* ‘sensuality’ (sensualidade);
- g) *esth-an-tik-os* ‘sensitive, emotional’ (sensível, emocional);
- h) *esth-it-os* ‘perceptible’, ‘tangible’ (perceptível, tangível);
- i) *an-esth-it-os* ‘unconscious’, ‘insensitive’ (inconsciente, insensível);
- j) *esth-it-ir-ios* ‘sensory’ (sensorial);
- k) *esth-it-ik-os* ‘esthetic’, ‘beautician’ (estético, esteticista).

assumem que “*roots are not meaning signs*” (‘as raízes não são signos dotados de significado’, tradução nossa):

“Despite the illusory affinities suggested by the Latinate English glosses (G. Longobardi, p.c.), the class of concepts words derived from esth- is broad enough to render impossible the task to associate the root itself with any kind of cognitively coherent concept, no matter how underspecified or vague, and even to the exclusion of ‘beautician’” (p. 6).⁴³

Concordamos com a ideia de maleabilidade, mas acreditamos que a assunção dos autores de que as raízes não têm significado é demasiadamente radical e simplista. Em nossa abordagem, tentamos mostrar que o caminho para que uma raiz se torne um elemento obliterado de significado se dá em estágios. Em alguns casos, uma reanálise completa se aplica, mas assumir que todas as raízes são completamente vazias, mesmo que formem um paradigma semântico vagamente relacionado, porém amplo, como é o caso dos dados apresentados, nos parece, como diz o ditado, “jogar o bebê fora com a água da banheira”, e perder a chance de generalizar um importante processo de mudança pelo qual as raízes, bem como os elementos funcionais passam. Por isso, discordamos de Acquaviva e Panagiotidis (2012).

2.3. Tipo 3. Verbos totalmente transparentes

A maior parte dos dados em que há transparência morfológica consiste de formações nas quais é possível identificar com clareza o afixo envolvido e, principalmente, a contribuição semântica da raiz ou da base e, logo, são, na maioria, formações transparentes e composicionais. Entretanto, um grupo menor de formações transparentes apresenta resultados semanticamente não-composicionais. Vejamos com mais vagar os dois tipos, dando mais atenção ao segundo tipo

⁴³ ‘Apesar das afinidades ilusórias sugeridas pelas glosas inglesas de origem latina (G. Longobardi c.p.), a classe de palavras conceituais derivadas de *esth-* é suficientemente ampla para tornar impossível a tarefa de associar a raiz por si só a qualquer tipo de conceito cognitivamente coerente, não importa quão subespecificado ou vago, mesmo com a exclusão de ‘*beautician*’.’ (Tradução nossa).

nesta seção e deixando uma extensa e detalhada discussão sobre o tipo 3.1. para os próximos capítulos.

2.3.1. Tipo 3.1. Verbos totalmente transparentes com semântica composicional: verbos produtivos

Nesses verbos, isola-se com facilidade a raiz sincrônica e se nota a contribuição dos afixos verbais. Nesse sentido, trata-se de formações sincrônicas complexas que diferem radicalmente dos dados reanalisados como simples (tipo 2.1.). Contudo, a combinação da base com os afixos verbais resulta em diferentes tipos semânticos, o que nos levou a classificá-los em diferentes classes. Apresentaremos um detalhamento das classes a que pertencem tais verbos no capítulo 4, mas adiantamos abaixo quais os tipos sugeridos seguidos de números de ocorrência e alguns exemplos:

Tipos Semânticos	#	Exemplos
1. Mudança de estado	136	acalmar, emagrecer, esfriar
2. Mudança de lugar	36	acampar, encestar, expatriar
3. Mudança de posse concreta	37	acorrentar, encerar, estripar
4. Mudança de posse abstrata	23	abençoar, amaldiçoar
5. Mudança de configuração	27	agrupar, empilhar, esfarelar
6. Modificação de v	17	afrontar, encabeçar, espernear, apedrejar, apunhalar, esfaquear
Total	276	

Tabela 2 Verbos transparentes e composicionais.

Nos exemplos acima, nota-se claramente a presença de uma raiz que é ativa na formação de substantivos e adjetivos na língua. Adiante, discutiremos a estrutura interna de tais formações, se há uma etapa intermediária de formação nominal nesses verbos ou não. Por ora, é importante destacar o modo como tais formas contrastam com aquelas de tipo 2.1. No que se refere aos dados de tipo 2.2., verbos não transparentes analisáveis, podemos equipará-los aos dados da tabela 2 acima no que se refere à composicionalidade. Demonstramos na seção anterior que dados como *atrair* e *incluir* podem ser formas compostas em que se pode admitir a presença de um prefixo somado a uma raiz ativa na sincronia. Desse modo, podemos juntar os dados de tipo

2.2.2. e 3.1. em um único grupo denominado verbos composicionais. Por isso, apresentamos uma segunda tabela abaixo que inclui todos os verbos composicionais. No diagrama em 1 acima, a flecha bidirecional busca mostrar que ambos os tipos 2.2.2. e 3.1. seriam verbos **complexos**. Contudo, somente os de tipo 3.1. podem ser considerados transparentes e composicionais e, assim, produtivos. Estamos usando produtivos no sentido de ARONOFF (1976) em que se entende que essa noção está fortemente relacionada com a noção de coerência semântica. Assim, esses verbos são produtivos no sentido de que se considerada, sobretudo, a denotação de suas raízes e a presença de afixos verbais, se espera como resultado uma das seis classes na tabela abaixo, em ordem de aparição.

Tipos Semânticos	#	Exemplos
1. Mudança de estado	136	acalmar, emagrecer, esfriar
2. Mudança de lugar	36	acampar, enestar, expatriar
3. Mudança de posse concreta	37	acorrentar, encerrar, estripar
4. Mudança de posse abstrata	23	abençoar, amaldiçoar
5. Mudança de configuração	27	agrupar, empilhar, esfarelar
6. Modificação de v	17	afrontar, encabeçar, espernear, apedrejar, apunhalar, esfaquear
7. Analisáveis?	18	atrair, incluir, exibir
Total	294	

Tabela 3. Verbos composicionais/complexos.

Com relação à forma dos constituintes, Pereira (2007) sugere que, dentre os verbos compostos, pode haver transparência perfeita ou parcial (exemplos do autor em (51) a (54)). Nas formas parcialmente transparentes, a base é uma forma parcial da palavra derivada. Segundo essa visão, a forma de base e a forma derivada contêm a mesma forma subjacente e tal parcialidade é motivada por processos fonológicos. Não nos utilizaremos de tal refinamento, acreditando que o termo parcialmente transparente descreva melhor as formas de tipo 2. Trataremos os casos como os de (52) e (53) como variantes alomórficas, porém ainda transparentes. As formas em (51) são totalmente transparentes Já (54) é um caso distinto, cuja investigação foge ao objetivo deste trabalho. Para discussão de tal fenômeno, referimos o leitor a Nóbrega (2011):

(51) Perfeitamente Transparentes

Claro:aclearar; verde:verdejar; legal:legalizar; escuro:escurecer

- (52) Parcialmente transparentes:
Capitão:capitanear; Japão:japonizar; paz:pacificar; católico:catolicizar
- (53) Variante formal alternativa de origem latina ou grega (parcialmente transparentes)
Lágrima: lacrimejar; corpo:corporificar; problema:problematizar
- (54) Variante formal alternativa de origem grega (não transparente)
Alegre: letificar; limpo:mundificar; corpo:somatizar

Finalmente, um esclarecimento deve ser feito no que se refere ao uso dos termos *simples* e *complexo* na formação de palavras. Tendo assumindo a hipótese das raízes acategoriais, tal como sugerida pela MD, não podemos mais usar os termos *complexo* e *simples* em seu senso comum sem um prévio esclarecimento. Para a MD, qualquer palavra é minimamente complexa, pois é fruto, no mínimo, da concatenação de dois elementos: a raiz e o categorizador. Quando nos referirmos ao termo *verbo simples*, tal como sugerimos para os dados de tipo 2.1., estaremos nos referindo ao que é a formação verbal mais simples possível dentro da teoria: a concatenação de uma raiz a um categorizador verbal (v). Quando nos referirmos a uma estrutura complexa, estamos nos referindo à concatenação de mais de dois núcleos (categorizadores ou não, conforme detalhamentos no capítulo 3) a uma raiz. Tais núcleos podem transparecer na estrutura morfofonológica na forma de afixos e de vogais temáticas.

2.3.2. Discutindo composicionalidade: Tipo 3.2. Verbos totalmente transparentes com semântica não-composicional: formações idiossincráticas?

Como apontado em Bassani (2009: 80-84; 148-153) especificamente para os verbos considerados denominais, parte dos verbos transparentes parece não apresentar o que é chamado de semântica composicional. Tais dados foram tratados naquele momento como formações derivadas diretamente da raiz, assumindo completamente a Restrição de Localidade na interpretação das raízes em Arad (2003), Marantz (2001, 2007), Embick e Marantz (2008).

Retomaremos a motivação dos autores para a ideia de que o primeiro nível de categorização da raiz pode levar a interpretações semânticas especiais (não-composicionais) ao passo que a anexação acima do primeiro categorizador leva somente a resultados composicionais. Em seguida, discutiremos a validade dessa proposta com base em nossas reflexões a partir de novos dados e revisaremos a proposta de Bassani (2009), atentando para o fato de que resultados composicionais não dependem necessariamente de uma segunda categorização.

2.4. A Restrição de Localidade e a reavaliação da proposta de Bassani (2009)

Arad (2003) parte da proposta de Marantz (2000, 2001) ao assumir uma clara distinção entre palavras derivadas de raízes e palavras derivadas de palavras, ou seja, de raízes previamente categorizadas. As estruturas abaixo, respectivamente, pretendem representar esses dois tipos de formação.

Com essa distinção entre tipos de formação, é possível representar palavras deadjetivais, denominais e deverbais e distingui-las de palavras formadas diretamente da raiz. Contudo, é preciso que se estabeleçam testes para identificar se uma palavra apresenta uma estrutura que é formada a partir de outra palavra ou simplesmente da raiz. Não é possível, e nem desejável, uma postulação *ad hoc*, ou somente intuitiva, de quais palavras são ou não deadjetivais, denominais ou deverbais. A autora busca definir esses critérios a partir dos dados.

Em primeiro lugar, Arad defende que, no hebraico, palavras derivadas de raízes podem ter a elas atribuídas múltiplas e variadas interpretações ao passo que palavras derivadas a partir de outras palavras têm sua interpretação vinculada à palavra formadora, no primeiro ciclo da derivação (fase). Nesse sentido, a palavra em um segundo estágio de derivação terá sua interpretação ligada àquela da palavra formadora.

Enquanto, em tese, a derivação a partir de palavras constitui um processo produtivo, sistemático e semanticamente composicional, o primeiro nível da derivação, na junção da raiz com o primeiro categorizador, é o local de idiossincrasias. Discutindo tal fenômeno, Lemle (2008) argumenta que o primeiro *merge* da raiz com o morfema categorizador é o local da arbitrariedade na composição do significado da palavra. Nesse respeito, seria possível observar a chamada arbitrariedade saussureana, mas não nas fases seguintes de formação de palavras complexas:

“Resumindo, há duas ideias básicas nos alicerces desta teoria: a de que a parte idiossincrásica do significado fica estabelecida na categorização trazida pelo merge do mais interno dos afixos categorizadores; e a de que a parte composicional do significado de palavras complexas depende de cada um dos afixos categorizadores sucessivamente mergidos depois daquele que dá a primeira categorização.” (LEMLE, 2008:3)

A partir de evidências empíricas, Arad sugere a existência de um critério de localidade na atribuição de significado, que forma uma espécie de domínio fechado para a interpretação, e indica que há fases na palavra:

“Locality constraint on the interpretation of roots: roots are assigned an interpretation in the environment of the first category-assigning head with which they are merged. Once this interpretation is assigned, it is carried along throughout the derivation.” (ARAD, 2003:747) ⁴⁴

É preciso que mostremos algumas evidências levantadas pela autora de que há diferenças significativas entre a formação de verbos derivados de raízes categorizadas e verbos derivados de raízes acategoriais no hebraico para que se possa entender a postulação da Restrição de Localidade. No entanto, não é necessário fazer um levantamento exaustivo dos dados.

⁴⁴ A restrição de localidade na interpretação de raízes: raízes têm sua interpretação atribuída no ambiente do primeiro núcleo atribuidor de categoria com o qual são concatenadas. Uma vez que a interpretação é atribuída, é carregada ao longo da derivação. (Tradução nossa).

Chamaremos a esse tipo de evidência de critério semântico. Além do critério semântico, há também o critério morfofonológico.

Em hebraico, a maioria das raízes consiste de consoantes segmentais, representadas pela autora como $\sqrt{CCC}$. Essas consoantes não são pronunciáveis independentemente; somente serão pronunciadas quando inseridas em um ambiente de palavra, ou seja, em um padrão vocálico. Uma mesma raiz pode formar verbos e nomes de diferentes significados, apesar de dividirem um tipo de conceito comum⁴⁵:

(57)	$\sqrt{sgr}$		
a.	CaCaC (v)	sagar	v, 'to close' (fechar)
b.	hiCCiC (v)	hisgir	v, 'extradite' (extraditar)
c.	hitCaCCeC (v)	histager	v, 'cocoon oneself' (proteger alguém)
d.	CeCeC (n)	seger	n, 'closure' (encerramento)
e.	CoCCayim (n)	sograyim	n, 'parentheses' (parênteses)
f.	miCCeCet (n)	misgeret	n, 'frame' (moldura)
(ARAD, 2003:743)			

As formações de a–f, acima, são exemplos de palavras derivadas diretamente de uma mesma raiz. No entanto, em alguns casos, há evidências na língua que mostram que há nomes formados por uma raiz e que passam a formar verbos, em um segundo estágio de derivação, e a opção de tomar múltiplas interpretações não está disponível para esses casos, uma vez que a negociação de significado já foi fechada, na primeira fase da derivação, na concatenação da raiz com o categorizador.

Vimos acima que a raiz $\sqrt{sgr}$ pode receber múltiplos significados, dependendo do ambiente em que irá figurar, no entanto, o verbo formado a partir do nome *misgeret* em (57) (moldura) só poderá significar *emoldurar*:

(58)	$\sqrt{sgr}$		
a.	miCCeCet	misgeret	'a frame' (uma moldura)

⁴⁵ Para uma discussão extensa acerca das raízes do hebraico e das questões que elas suscitam para a MD, referimos o leitor a Minussi (2008, 2012).

b. CiCCeC misger ‘to frame’ (emoldurar)

(ARAD, 2003:746)

Além do critério semântico para a argumentação de que se deve fazer a distinção, o exemplo expõe de forma clara o critério morfofonológico. O verbo contém as consoantes da raiz $\sqrt{sgr}$ e, além delas, contém o prefixo *m-* do padrão nominal (miCCeCet), que se preserva no padrão verbal, mas as vogais do novo verbo são típicas do padrão verbal CiCCeC, que é um padrão causativo parafraseado por ‘fazer ficar com moldura’ (MINUSSI, cp). Para a formação do nome *moldura* e do verbo *emoldurar*, Arad sugere a seguinte derivação simplificada:

(59) **Nome derivado de raiz:**

(60) **Verbo derivado do nome**

O exemplo de *misger* (*emoldurar*) é bem claro, por conter os três tipos de evidências possíveis para a identificação de uma derivação complexa. No entanto, na ausência de evidências claras, como ocorre com os verbos de derivação zero do inglês, as evidências semânticas prevalecem.

Kiparsky (1982a) já havia afirmado que há verbos de derivação zero que implicam a denotação do nome primitivo na descrição do evento, enquanto outros não o fazem. Nos exemplos em (61), a possibilidade de introdução de um adjunto instrumental que não é derivado da mesma raiz que deriva o verbo é dada como evidência de que tais dados são derivados

diretamente da raiz. Apesar de muito controverso e polêmico, tal argumento vem sendo usado como critério para identificação de categorizações internas. Para Arad, a possibilidade de o nome formador não estar presente nos exemplos em (61) indica que nomes, como *hammer* (martelo), e verbos como *to hammer* (martelar) são independentemente derivados de uma raiz comum, como em (62) e (63) (exemplos originais de Kiparsky 1982a:16).

- (61) a. I paddled the canoe with a copy of the New York Times.
 ‘Eu remei a canoa com uma cópia do New York Times.’
 b. String him up with a rope!
 ‘Amarre ele para cima’⁴⁶ com uma corda!’
 c. She anchored the ship with a rock.
 ‘Ela ancorou o navio com uma pedra.’
 d. He hammered the nail with a rock.
 ‘Ele martelou o prego com uma pedra.’

a. Verbos do tipo *Hammer*:

Diferentemente, em (64), tais tipos de adjuntos causam estranheza e, por isso, esses dados seriam derivados de substantivos. Em outros termos, a má formação das sentenças em (64) indica que a formação do verbo depende do nome correlato e esse fato deve estar refletido na estrutura a ser proposta para verbos desse tipo.

- (64) a. *She taped the picture to the wall with pushpins.
 ‘Ela ‘fitou’ o quadro à parede com tachinhas’
 b. *They chained the prisoner with a rope.
 ‘Eles acorrentaram o prisioneiro com uma corda.’

⁴⁶ Neste caso, não há uma tradução para o verbo instrumental em português que explicita o fato de que o nome que forma o verbo (*string* ‘barbante, fio, cordão’) é diferente daquele que integra o adjunto (*rope* ‘corda’).

c. *Jim buttoned up his pants with a zipper.

‘Jim abotoou suas calças com um zíper.’

d. *Screw the fixture to the wall with nails!

‘Aparafuse o suporte à parede com pregos’

(ARAD, 2003:756)

b. Verbos do tipo *Tape*:

Na mesma linha de investigação empírica, mas baseado na proposta de Chomsky (2001) de uma computação sintática cíclica por natureza, Marantz (2001, 2007) investiga na palavra domínios de localidade para processos semânticos e fonológicos.

Assim como Chomsky, considera que núcleos funcionais como CP, vP e DP podem ser núcleos de fases por apresentarem domínios semânticos e fonológicos completos. Marantz propõe que núcleos que formam categorias ‘lexicais’ (adjetivo, nome, verbo) na palavra também podem sê-lo. A ideia de fases é a de que cada operação sintática dentro de um certo domínio de localidade teria uma interpretação e forma fonológica correspondente e cada resultado de um *merge* de itens se daria em uma fase da derivação. Após a formação de cada fase se daria então o *spell-out* da formação para LF, onde tal fase receberia a interpretação associada, e para PF, para a atribuição de material fonológico e a aplicação dos processos fonológicos relevantes.

O trabalho de Dubinsky e Simango (1996) foi um dos primeiros trabalhos lexicalistas a desafiar o lexicalismo estrito. Os autores apresentam dados de verbos da língua *Chichewa* que fornece evidências em favor do reconhecimento da distinção entre um domínio interno e um externo na formação da palavra. Não nos deteremos nos detalhes dessa proposta, mas apenas apontaremos que, a partir das generalizações desse trabalho, é possível fazer um paralelo com o que foi dito por Arad (2003):

- a) A formação interna da palavra é caracterizada por uma potencial não-previsibilidade na fonologia e semântica (forma e significado potencialmente especiais) e uma inability para tomar como *input* um radical que já foi concatenado a uma categoria lexical.
- b) A formação externa da palavra é caracterizada por uma regularidade na fonologia e na semântica e pela habilidade de tomar como *input* um radical que já foi concatenado a uma categoria lexical.

Em Marantz (2007:5), o autor retoma e reinterpreta a distinção em (a) e (b) como descrito abaixo:

‘Inner morphology’ attaches to roots or complex constituents below the first little x ($x = \{v, n, a\}$) node (phase head) above the root. All morphology above the first x node is ‘outer morphology,’ including all ‘category changing’ derivational morphology.⁴⁷

Figura 2. Morfologia interna e externa por Marantz (2007:5).

Com essa proposta de análise, Marantz consegue evitar a ideia de que toda mudança de categoria na palavra se dá no âmbito lexical. As idiossincrasias não são mais explicadas por ocorrerem no léxico (casos de lexicalização), mas por ocorrerem na primeira fase de formação da palavra, e a sistematicidade ocorre nas fases consecutivas. Embick e Marantz (2008) e Embick (2010) seguem a mesma linha de raciocínio, mas incluem, além da interpretação, previsões sobre alomorfia, de que trataremos no Capítulo 5.

⁴⁷ A 'Morfologia interna' se afixa a raízes ou constituintes complexos abaixo do primeiro nó x(zinho) ($x=v,n,a$) (núcleo de fase) acima da raiz. Toda morfologia acima do primeiro nó x é 'morfologia externa', incluindo toda 'mudança de categoria' da morfologia derivacional. (Tradução nossa).

Em Bassani (2009), assumimos a Restrição de Localidade na Interpretação das raízes e a ideia de fases na palavra sugerindo que existem verbos verdadeiramente denominais e verbos derivados diretamente da raiz. Por exemplo, sugerimos que *traçar* é ambíguo frente a seu comportamento nos testes de expressão perifrástica, objeto cognato e adjunto contendo nome com a mesma raiz (cf. (65) e (67)). Por isso, sugerimos naquele momento as duas estruturas abaixo em (66) e (68) (p. 158-9):

(65) *Traçar* denominal

- a. O desenhista traçou o desenho.
- b. O desenhista fez os traços do desenho no papel.
- c. O desenhista traçou traços fortes no papel.
- d. O desenhista traçou o desenho com traços precisos.

(66) Estrutura com *n*

(67) *Traçar* de raiz

- a. O técnico traçou a estratégia.
- b. ? O técnico fez os traços da estratégia.
- c. ? O técnico traçou os traços da estratégia
- d. ? O técnico traçou a estratégia com traços precisos.

(68) Estrutura sem *n*

Tratando especificamente de um verbo com prefixo que também apresentava essa ambiguidade, nossa argumentação direcionada para o verbo *arrumar* era a seguinte (2009:149-150):

“O verbo arrumar, em sentenças como as testadas, certamente não tem a interpretação de dar rumo a, mas sim de organizar, limpar, melhorar, etc. Nessa leitura, os falantes não reconhecem mais o nome rumo na formação desse verbo. Uma possibilidade de análise diria que a raiz √rum não está presente na estrutura, e, por esse motivo, parece ser possível sugerir que essa raiz tenha gerado outra, nomeadamente, √arrum-. Dessa forma, daríamos conta da inatividade do prefixo a-, que parece ser apenas um elemento fonológico ou mesmo morfológico. Temos palavras na língua como a nominalização arrumação, o particípio arrumado(a), o nome agentivo arrumadeira, todas com sentido de “organizar”, e não com sentido de rumo, e contendo o suposto prefixo a-. Essas palavras poderiam ser evidência da existência da raiz √arrum.

Entretanto, no sentido de manter uma análise mais uniforme e evitarmos a necessidade da existência de duas raízes na lista 1, √rum e √arrum, que são relacionadas de alguma forma, podemos explicar os fatos novamente pela operação de fissão. Se assumirmos que o prefixo a- é também parte do morfema fissionado, como sugerimos para os outros verbos, damos conta da não relação entre arrumar e rumo somente pela ausência de uma fase nominal. As evidências independentes apontadas para a existência de √arrum- são falseáveis. A observação de que palavras como a nominalização arrumação, o particípio arrumado(a) e o nome agentivo arrumadeira têm o prefixo a- explica-se pelo fato de que as mesmas são deverbais, formadas a partir do verbo arrumar e a explicação da presença de a- se segue da explicitação dada acima. Nessa abordagem, podemos ainda explicar como se dá a formação do verbo para o falante que interpreta “arrumar a vida” como dar um rumo na vida. Ele pode estar formando outra estrutura, diferente daquela em que

a raiz $\sqrt{\text{rum}}$ é categorizada por um v diretamente.”⁴⁸

Apesar de discordarmos hoje de diversos aspectos da análise sugerida naquele momento, a possibilidade de análise delineada nas primeiras linhas acima se parece muito com a sugerida nesta tese para os verbos que passaram a compor formas simples da diacronia para a sincronia na forma dos dados de tipo 2.1., como *afetar* e *esquecer*. Já naquele momento, descartamos a ideia de que se trata de completa reanálise da raiz, pelos motivos apontados acima.

Alguns dados de interpretação especial apontam para uma estrutura em que o prefixo tem papel ativo e o verbo se comporta estruturalmente como um verbo de interpretação composicional e, por isso, primeiramente, não há sentido em assumir uma raiz completamente reanalisada. Tais dados consistem em verbos que se encaixam em uma das 7 classes semânticas sugeridas acima para verbos totalmente transparentes, mas que ainda poderiam ser classificados como verbos de interpretação especial. Focaremos no verbo *empedrar* para exemplificar tais casos, contrastando-o com o verbo *apedrejar*, que abordaremos de forma muito rápida e cuja análise completa será oferecida no capítulo 4.

A interpretação da raiz $\sqrt{\text{PEDR}}$ é a mesma tanto no verbo *apedrejar* quanto no substantivo *pedra*. Diferentemente, no verbo de mudança de estado *empedrar*, a interpretação dessa raiz pode ser considerada especial no sentido de que não se pode afirmar que um argumento interno entre no estado denotado pela raiz, isso porque essa raiz não denota um estado originalmente: ela é uma raiz que, geralmente, denota entidades. O estado denotado é derivado por meio de um processo metonímico na interpretação dessa raiz, em que o traço semântico mais saliente e relevante para a correta interpretação é o fato de que $\sqrt{\text{PEDR}}$ tem a característica de ser sólida. Assim, uma das acepções do verbo *empedrar* é entrar no estado similar ao de uma pedra, ficar como pedra(s) (“A massa do bolo empedrou = ficou com pedaços que são como pedras, ficou como pedra, ficou sólida como pedra”). Por isso, apesar de “especial”, a interpretação não é completamente arbitrária.

Em suma, o que queremos enfatizar é que o fato de a raiz não ser interpretada no seu sentido primário convencionado não significa sempre que há uma estrutura diferente daquela em que uma raiz é interpretada em seu sentido literal. O que queremos dizer é que, em muitos casos,

⁴⁸ Neste trabalho, não assumimos a análise de fissão sugerida em Bassani (2009). Apresentaremos nossa proposta de análise para o prefixo no capítulo 4.

o significado ainda é composicional, mas não é composicional com o significado primário ou mais saliente da raiz: ele é composicional com um significado derivado daquele ou secundário, se acreditamos que existe um significado *default* para a interpretação das raízes. Em muitos casos, tal possibilidade se dá pela própria polissemia da raiz ou por interpretações metafóricas ou metonímicas do significado da raiz, como vimos. Assim, apesar de nomearmos esta seção como verbos transparentes com semântica não-composicional, queremos deixar claro que essa denominação é imediatista e pode ser repensada.

A fim de embasar empiricamente nossa crítica, exploraremos um exemplo corriqueiro. A raiz que forma o substantivo *cachorro* tem diversas acepções a ela relacionadas. Duas delas nos parecem mais frequentes (HOUAISS):

(69) *Cachorro*

A1. Mesmo que cão. Rubrica: mastozoologia. mamífero carnívoro da fam. dos canídeos (Canis familiaris), provavelmente originado a partir de populações selvagens do lobo eurasiático (Canis lupus), encontrado no mundo todo como animal doméstico; cachorro, perro [Na Austrália e Nova Guiné, é encontrado tb. em estado feral.]

A2. Uso: pejorativo. diz-se de ou indivíduo indigno, vil, infame ou que tem mau caráter.

Não há razões para assumir que se trata de homofonia completa, caso em que haveria duas raízes distintas com a mesma forma fonológica. Parece óbvio que a primeira acepção está correlacionada com a segunda por fatos extralinguísticos e específicos do conhecimento de mundo do falante de português⁴⁹. Nas sentenças em seguida, é fato que essa raiz foi categorizada por um núcleo de tipo *n* para que possa receber as marcas de classe nominal e para que possa ser tomada como complemento de um determinante. Assim, em ambas as sentenças (70) e (71), a estrutura para o nome *cachorro* deve ser a representada em (72) com diferentes resultados interpretativos.

(70) Aquele animal é um [cachorro].

⁴⁹ Isso não implica que outras línguas não possam ter a mesma relação, o que indicaria, talvez, uma relação cognitiva.

(71) Aquele homem é um [cachorro].

(72)

Neste ponto, podemos elucidar a nossa maior questão com relação à formulação da seguinte generalização: a possibilidade, e não a necessidade, de criação de um resultado composicional. Observe o grifo nosso na seguinte formulação:

“Interpretation: The combination of Root-attached x and the Root might yield a special interpretation. When attached in the outer domain, the x heads yield predictable interpretations.” (EMBICK; MARANTZ, 2008:11)⁵⁰

Ao partirmos para ambientes com mais de uma categorização, como em *cachorrada*, atentamos para o importante fato de que temos ainda duas formações com sentido composicional: uma derivada da Acepção 1 e outra possivelmente derivada da Acepção 2.

(73) A cachorrada está latindo demais hoje.

(74) O que ele fez foi uma cachorrada.

Não iremos tentar definir a estrutura de *cachorrada* nos dois contextos (Cf. MEDEIROS, 2009)⁵¹, pois isso fugiria aos objetivos deste trabalho, mas o relevante é dizer que *cachorrada* em ambas as formações poderia ser derivada do substantivo, já que a derivação do substantivo prevê

⁵⁰ ‘Interpretação: a combinação de um x concatenado à raiz e a raiz pode produzir significado especial. Quando concatenados no domínio externo, núcleos x produzem interpretações previsíveis.’ (Tradução nossa).

⁵¹ Por razões de espaço e prioridades, não iremos discutir com detalhes a análise apresentada em Medeiros (2009), mas salientamos que nossa ideia de que um sentido “especial” pode ser derivado a partir da categorização de uma raiz e mantido no restante da derivação pode ser interessante para a revisão dessa proposta no sentido de que um nome como *cachorrada* pode ser analisado como uma formação denominal.

as duas formações. Ao assumir que *cachorrada* é derivado diretamente da raiz, como explicamos o fato de que a categorização direta por *n* em (71) também leva a um mesmo resultado especial?

Uma alternativa óbvia e explorada em diversos trabalhos é a ideia de que, tendo derivações e estruturas argumentais idênticas, o contexto sentencial, na forma da denotação do referente nos pares acima (animal/homem), acaba por desambiguar a denotação da raiz. No entanto, nos pares abaixo, é difícil encontrar uma explicação estrutural (na sintaxe estrita) que nos leve a definir qual a interpretação correta dentro da sentença⁵².

(75) Ele é um cachorro.

Contexto 1: Não brigue assim com o Totó por ter rasgado o sofá. **Ele é um cachorro.**

Contexto 2. Meu chefe me humilhou hoje. **Ele é um cachorro.**

(76) Que cachorrada!

Contexto 1. Olhando para um canil repleto de animais: **que cachorrada!**

Contexto 2. Comentando sobre uma traição: **que cachorrada!**

De acordo com a restrição de localidade e a análise sugerida em Bassani (2009) para os dados do português, deveríamos assumir que *empedrar* e *apedrejar* são derivações estruturalmente diferentes: *empedrar* seria derivado diretamente da raiz e a *apedrejar* deveria conter um substantivo (pedra) a partir do qual o verbo é formado.

A crítica a Bassani (2009) e, por consequência, aos trabalhos em que essa proposta se baseia, reside no fato de que o significado especial pode ser derivado a partir da categorização da raiz e isso não implica que o significado composicional deverá ser formado a partir da categorização indireta. Defendemos agora que o resultado composicional também pode ser obtido por meio da categorização direta da raiz e é tal postura que iremos assumir na ausência de evidência morfofonológica contrária. Como já discutido naquele momento, na ausência de um sufixo nominal aberto, não há evidências morfológicas fortes nos dados do português para que se assumam uma derivação denominal, pois não há presença de vogais temáticas nominais nos verbos

⁵² Muitas vezes a entonação pode ser um indício.

derivados em discussão, e toda a evidência fica por conta da interpretação. Naquela ocasião, utilizamos testes estruturais (Expressão Perifrástica, Adjuntos Cognatos, Objetos Cognatos, Adjuntos hipônimos e hiperônimos) para classificar um verbo como denominal ou derivado diretamente da raiz. Hoje, entendemos que os testes que fizemos continuam válidos, mas não necessariamente para identificar uma formação denominal em todos os casos, mas em muitos para identificar uma formação com um significado primário ou secundário da raiz (identifica os significados múltiplos contextualizados). O que queremos enfatizar é que *empedrar* não deriva de fato um significado especial ou idiossincrático, e que *apedrejar* não precisa derivar necessariamente do substantivo *pedra* para que seja interpretado como ‘atirar pedras’ (e essa é a análise que assumiremos com detalhes no capítulo 4). Em muitos casos, o significado dito especial é previsto pelos possíveis significados associados àquela raiz.

Em outros casos, uma relação entre esses dois tipos de resultados nos parece de fato difícil de apreender e, talvez, então, haja sentido falar de uma completa reanálise semântica da raiz com os afixos a que se liga, ou de homofonia completa. Não nos parece absurdo pensar que, para alguns casos, uma obliteração total da contribuição semântica da raiz ocorra e o que se passa é uma total reanálise. Exemplos como *encavalar* (=sobrepor) e *esborrachar* (=cair) nos parecem passíveis de classificação como raízes simples, tal como sugerimos para *engolir*. A diferença é que essas raízes continuam ativas em algumas formações, diferentemente do que ocorre com a raiz *√gul. Nesse sentido, estes dados são similares aos de tipo parcialmente transparente com raiz ativa não-analisáveis, a diferença está em que apresentam transparência.

Dentro dos dados transparentes, encontramos, então, os seguintes tipos de comportamento, que podem ser encontrados também em outras estruturas morfológicas, sendo que algumas formações se encaixam nos dois casos:

- a) derivação composicional com significado “primário” da raiz
avermelhar, empilhar, apimentar.
- b) derivação composicional com significado “secundário” ou derivado da raiz
empedrar, encabeçar.
- c) derivação não composicional (ou reanálise total)
encavalar, esborrachar.
- d) derivação verdadeiramente denominal ou deadjetival

abrasileirar, enfileirar, embelezar

Algumas observações são necessárias. Primeiramente, a discussão acima não tem pretensões de ser exaustiva. Nossa intenção é a de alertar para o fato de que há mais questões envolvidas, além do fator estrutural, para a interpretação das raízes. O fator estrutural é um grande *insight* da teoria e deve ser mantido, mas suas predições nos trabalhos de Arad (2003), Marantz (2001, 2007) e Embick e Marantz (2008) estão fortemente voltadas para o segundo nível de categorização, pelo menos no que concerne à interpretação. As previsões feitas com relação à alomorfia em Embick e Marantz (2008) parecem mais consistentes em ambos os níveis (voltaremos a este tópico). Para o primeiro nível de categorização, muito precisa ser desenvolvido no que diz respeito a que tipo de informação semântica contêm, de fato, as raízes, qual a sua relação com o conhecimento enciclopédico e qual a relação desse com a estrutura⁵³. Esse é um tópico que deixaremos como pauta de pesquisa aprofundada para trabalhos futuros, apesar de retornarmos eventualmente a ele adiante se necessário. Além disso, não investigaremos, neste momento, quais verbos transparentes com semântica verdadeiramente não-composicional podem ser tratados formalmente como reanálises para raízes simples. Alguns dos dados que nos parecem se encaixar nesse quadro são os seguintes: *acarretar, adestrar, alojar, aplacar, assombrar, avantajar, embalsamar, embaralhar, encaixar, encavalar, encharcar, encravar, enfeitar, enroscar, entalar, entrar, enumerar, esborrachar, espalmar, espezinhar, espriar, incriminar, infiltrar, inovar, intimidar*. (A totalidade dos dados encontra-se no Apêndice A, tipo 3.1.)

Apenas consideraremos que essa é uma possibilidade a ser investigada. Basicamente, a discussão acima nos serve para justificar nossa escolha no presente trabalho em representar também verbos transparentes e composicionais como formações derivadas diretamente da raiz, na ausência de evidência morfofonológica contrária, sem que esse fato nos leve a assumir que formações de raiz levam necessariamente a resultados especiais. Voltaremos a esse assunto no capítulo 3 e mostraremos como tal ideia pode esclarecer certas derivações.

⁵³ Inicia-se uma interessante exploração sobre este tema nos trabalhos de Paolo Acquaviva e colaboradores. Na mesma linha, Borer vem questionando o que chama de *Marantz-Arad approach* no que concerne ao estatuto de “significado básico das raízes”. Além disso, a autora apresenta exemplos em que o segundo nível (ou níveis acima deste) podem levar a significados idiossincráticos. Referimos o leitor à Borer (2009), Acquaviva (2009) e Acquaviva e Panagiotidis (2012) e referências nestes inseridas.

2.5. Conclusão do capítulo: transparência e composicionalidade

Em suma, identificamos 4 tipos de verbos no que se refere ao comportamento frente a transparência morfológica e composicionalidade semântica:

Transparente	Composicional	Classificação	Exemplos
-	-	Simples por derivação histórica	afetar, esquecer, inundar
-	+	Complexos Analisáveis	atrair, incluir, exhibir
+	+	Complexos Produtivos	acalmar, empilhar, esfaquear
+	-	Simples por idiosincrasia	afiar, encavalar, esborrachar

Tabela 4. Sumário de transparência e composicionalidade.

No que se refere à transparência, dois fenômenos formais parecem corroborar nossa proposta de divisão: a distribuição dos alomorfes arcaicos e das vogais temáticas de terceira conjugação. Os alomorfes *ad-* e *in-* e a forma arcaica grafada *ex-* aparecem majoritariamente nas formas parcialmente transparentes. Dos 53 verbos parcialmente transparentes, 27 ocorrem com tais formas, totalizando aproximadamente 51% dos dados, ao passo que, nos verbos transparentes, apenas 14 verbos ocorrem com tais formas em um total de 328 verbos, totalizando aproximadamente 4%.

Forma prefixal	Parc-transparente	Transparente
<i>ad</i>	2	0
<i>ex</i>	9	4
<i>in</i>	16	10
Outros (<i>a-</i> , <i>en-</i> , <i>es-</i>)	26	313
	27 de 53	14 de 327
Total	51%	4%

Tabela 5. Formas prefixais vs. transparência.

Com relação às vogais temáticas, sabemos que as vogais de segunda e terceira conjugações não são mais formas produtivas na sincronia do português, estando restritas a um conjunto menor de verbos. A vogal temática de primeira conjugação, por outro lado, é ativa e capaz de formar neologismos. A escolha da vogal temática de segunda conjugação *-e-* é potencializada pela presença do sufixo *-ec-*, presente sobretudo em verbos de mudança de estado e, por isso, sua alta representatividade nos verbos transparentes. No entanto, o fato mais

interessante é a alta representatividade da vogal temática de terceira conjugação nas formas parcialmente transparentes. Em contraste, nos verbos transparentes há uma alta incidência da vogal temática de primeira conjugação: 286 ocorrências de 311, em um total de aproximadamente 91%. Assim, existe uma forte correlação entre maior transparência e primeira conjugação e menor transparência e terceira conjugação.

Vogal Temática	Parc. transparentes	Transparentes	Total
I - a	25	285	310
II - e	5	42	47
III - i	23	0	23
Total	53	327	380

Tabela 6. Vogais temáticas vs. transparência e composicionalidade.

Tanto as formas arcaicas dos alomorfes prefixais como a vogal temática de terceira conjugação são tidas como peças não produtivas na sincronia da língua. Apesar disso, encontramos um subgrupo dos verbos transparentes, o dos verbos analisáveis, que aparentemente se comporta como os verbos composicionais no que se refere à contribuição dos afixos. No próximo capítulo, iniciamos a investigação dos verbos transparentes e composicionais.

CAPÍTULO 3. Os afixos e a morfofonologia dos verbos parassintéticos transparentes e composicionais e as propostas para decomposição de eventos

Neste capítulo, tratamos das generalidades das formações de tipo 3.1., morfologicamente transparentes e semanticamente composicionais. Partimos da descrição tradicional da contribuição semântica dos afixos e discutimos a descrição morfofonológica dos verbos formados de modo geral. Em seguida, discutimos propostas de análise do evento verbal passando por três tipos de teorias: a Semântica Lexical, a Sintaxe Lexical de Hale e Keyser (2002) e a Morfologia Distribuída. A ideia deste capítulo é apresentar, questionar e contribuir com a descrição tradicional para, nos próximos capítulos, sugerir uma nova perspectiva de descrição e análise estrutural detalhada que, ao mesmo tempo, não esteja tão presa à categoria da base e consiga abranger a presença de afixos e sua relação com a estrutura argumental.

3.1. Descrições sobre os afixos na literatura

É uma tarefa difícil tentar definir isoladamente a semântica dos afixos que integram os verbos complexos. Entretanto, a literatura oferece descrições acerca da contribuição original dos afixos em foco e, em alguns casos, dos sentidos tidos como secundários ou derivados. Apresentamos e discutimos, nesta subseção, algumas descrições acerca da semântica atribuída aos prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* e aos sufixos *-e-*, *-ec-*, *-ej-* e *-iz-*.

3.1.1 Prefixos (*a-*, *eN-*, *eS-*)

Os prefixos portugueses são, em sua maioria, derivados diacronicamente dos prefixos latinos, que costumam corresponder a preposições e advérbios nessa língua. Em outras palavras, os prefixos latinos parecem ser preposições incorporadas. Como já observamos no Capítulo 2, os três prefixos verbais estudados nesta tese são historicamente relacionados a prefixos que denotam

direção: o prefixo verbal *a-* está relacionado historicamente ao prefixo latino *ad-*, que denota a aproximação; *eN-* é derivado de *in-*, que denota movimento para dentro, mudança de estado, e *eS-* é derivado de *ex-*, que denota movimento para fora, remoção. No português, os prefixos *a-* e *eN-* apresentam preposições direcionais correspondentes, porém o mesmo não se aplica a *eS-*.

Contudo, segundo Romanelli (1964), já em latim, os prefixos *ad-*, *in-* e *ex-* eram polissêmicos, estando relacionados ao que o autor denomina de diversos empregos ou sentidos, em ambientes majoritariamente verbais, conforme classificação em (77), (78) e (79):

(77) *Ad-*

- a) aproximação, direção para;
ex: *accedo* ‘caminhar para, aproximar-se’
- b) adição, junção, acréscimo;
ex: *addo* ‘colocar junto de, ajuntar, acrescentar’
- c) intensidade;
ex: *addisco* ‘acrescentar ao que se sabe, aprender além do que se sabe’
- d) elevação, ascensão;
ex: *acclivis* ‘em aclave, em rampas ascendentes’
- e) começo de ação;
ex: *accido* ‘começar a cortar, abater, destruir’
- f) retorno da ação sobre o agente;
ex: *accipio* ‘tomar para si, receber, aceitar’
- g) fim, destino, escopo;
ex: *accingo* ‘cingir, ligar por meio de um cinto’
- h) hostilidade;
ex: *adversor* ‘voltar-se contra, ser contrário, hostil, opor-se’
- i) parentesco de quarto grau (nominal).
Ex: *admitia* ‘tia de quarto grau’

(p.29-31)

(78) *Ex-*

- a) movimento de dentro para fora, saída, extração;

- ex: *educo* ‘levar para fora, fazer sair, tirar de’
- b) elevação, ascensão;
ex: *emineo* ‘destacar-se em saliência, estar saliente, elevar-se’
- c) ausência, privação;
ex: *effreno* ‘tirar o freio, desenfrear’
- d) mudança de estado, passagem de um a outro estado;
ex: *eduro* ‘endurecer’, *effemino* ‘tornar feminino, efeminar’
- e) acabamento (progresso chegando a seu termo);
ex: *ebibo* ‘beber até o fim’
- f) aumento, reforço, intensidade;
ex: *ebullio* ‘deixar sair em borbulhões, ferver muito’
- g) sentido zero.
ex: *effercio* ‘enchar, fartar’

(p.57-61)

(79) *In-*

- a) movimento em, sobre, superposição;
ex: *inmior* ‘morrer em ou sobre’
- b) movimento para dentro, penetração;
ex: *imbito* ‘entrar em, penetrar’
- c) movimento em direção a, para junto de, aproximação;
ex: *incedo* ‘avançar, caminhar para’
- d) movimento em direção a, com ideia acessória de hostilidade, agressão;
ex: *illido* ‘bater contra, lançar contra’
- e) ingresso, entrada em um novo estado;
ex: *inmadesco* ‘umedecer-se, molhar-se’
- f) movimento para trás, renovação;
ex: *instauro* ‘renovar, recomeçar, reparar, restaurar’
- g) sentido zero.
ex: *illaboro* ‘trabalhar em’

(p.68-70)

Como vemos com base nos empregos dos prefixos latinos descritos por Romanelli, mesmo em latim, é difícil assumir categoricamente que há um sentido original ou primitivo, dada a variedade de contextos semânticos de ocorrência desses morfemas. Por isso, recorrer à sua origem para definir sua contribuição não é uma alternativa muito eficaz. Os prefixos estudados podem até ter uma semântica direcional em um de seus usos em sua origem ou em um sentido primitivo e que é mantida em algumas formações, porém muitos outros significados secundários e mais abstratos derivam de sua combinação com as bases. Além disso, tais prefixos latinos ocorriam em formações de verbos prefixados e não como elementos de formação de verbos.

No intuito de apreender tal significado original, Rio-Torto (2004) afirma que cada um dos prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* apresenta os valores semântico-aspectuais inerentes de incoativo, ingressivo e egressivo, respectivamente. Apesar disso, a polaridade aspectual do produto final do verbo será definida de acordo com a semântica da base. Por exemplo, podemos notar que os verbos *avermelhar* e *esverdear*, embora tenham prefixos diferentes (em princípio, incoativo e egressivo), apresentam a mesma semântica orientada a um estado final da mudança, um estado alvo, pelo fato de a natureza semântica das bases ser idêntica. Logo, a semântica das partes (prefixo, base, sufixo) no produto final é definida pela combinação de umas com as outras. Temos neste fato empírico uma forte motivação para uma abordagem composicional e estrutural e pensamos que a ideia de atribuir valores inerentes a essas peças é problemática.

Said Ali (1966) classifica como fruto de derivação prefixal os verbos que contêm o prefixo *in-* e afirma que sua semântica deriva da sua origem como “advérbio-preposição latina *in* com sentido diretivo (como em *implantar*, *inundar*, *inscrever*)”. (p. 249). O prefixo *es-* é descrito como uma forma romanizada da forma latina *ex-* envolvida na formação de verbos parassintéticos que denotam “ações demoradas ou movimentos frequentemente repetidos: *esfriar*, *esquentar*, *espernear*, *espreguiçar*...” (p.251). Vejamos que a semântica do afixo é definida pelo autor com relação ao produto verbal, conforme comentamos acima. Além disso, a definição não é totalmente refinada porque essas características não são consistentes quando observamos diversos contextos. Por exemplo, a ideia de “ação demorada” não se aplica a verbos como *esquentar* e *espreguiçar*, dado que algo pode esquentar rapidamente ou alguém pode se espreguiçar rapidamente, e certamente “movimento frequentemente repetitivo” não é parte da denotação de um verbo como *esclarecer*. O autor afirma que nessas formações, a partícula não afeta o

significado do radical e assume, ainda, que em alguns casos ela não tem nenhum valor semântico, como em *aquietar*, *enverdecer*, *emurhecer* usados como equivalentes de *quietar*, *verdecer* e *murchar*. Na descrição dos verbos parassintéticos, o prefixo *es-* é retomado, denominado de um verdadeiro prefixo e sua contribuição é classificada em três tipos: introdutor da ideia de ação completa (*esvaziar*), de ação repetida (*esbombardear*), onde se nota o sufixo *-e-* (de onde consideramos que parece surgir de fato o sentido iterativo), e de ação dispersiva (*esfarelar*). Destaca que, diferentemente, *a-* e *em-* são também preposicionais e afirma que:

“neste caso, é de notar que os chamados parassintéticos são devidos antes a nomes preposicionados do que a simples nomes como elementos derivantes. De fôrca, se derivaria naturalmente fôrcar; mas a ideia de “lugar onde”, em fôrca, do pensamento latente “pôr em fôrca”, fez com que se criasse enforcar; de pobre bastaria derivar pobrecer se não fôsse o pensamento “transformar em pobre”, tirando-se pois de em pobre o verbo empobrecer; do pensamento “passar a podre”, isto é, ao estado de podre, veio apodrecer. E assim por diante, presidindo às combinações com em e a a ideia de “pôr em algum lugar”, “passar a algum estado ou situação”, ou outra ideia correlata.” (p. 254, grifo nosso).

Esta ideia será retomada no Capítulo 4. Da descrição de Said Ali se destacam dois fatores: o tratamento do prefixo *es-* em verbos sem presença de sufixo e o prefixo *es-/ex-* em verbos parassintéticos como prefixos distintos e a ideia de que alguns prefixos não têm valor semântico algum.

No entanto, nenhum trabalho apresenta uma explicação para a polissemia de tais prefixos, muito menos uma formalização. Uma de nossas tarefas é discutir se há um significado primário que é modificado e do qual os significados secundários são derivados, ou se o significado é adquirido quando da combinação com as bases. Em termos técnicos, temos de estabelecer se os prefixos têm traços semânticos originais que são modificados no contexto de certos tipos de bases ou se são vazios e acabam adquirindo tais traços por meio da combinação com as bases. Exploramos essas duas linhas de análise no capítulo 5, após explorar a descrição estrutural do evento no Capítulo 4, por meio da qual poderemos observar a contribuição de cada tipo de

prefixo. Por enquanto, para fins de exposição e de ponto de partida, pois não se pode apostar sem nada, fiquemos com a primeira hipótese, seguindo sugestões da literatura, de que os prefixos em estudos têm os seguintes traços originais: um traço relacional [+r] comum de onde provêm o seu caráter relacional/preposicional, que compartilha com núcleos preposicionais, por exemplo, e traços direcionais (ou locativos) especificando aproximação ['prox'], movimento para fora ['fora'], e movimento para dentro ['dentro'], conforme descrição a seguir:

(80) Prefixos: itens de vocabulário

/a/	↔	[r, 'prox']
/eN/	↔	[r, 'dentro']
/es/	↔	[r, 'fora']

3.1.2. Sufixos (-ec-, -iz-, -ej-/e-)

Diversos autores assumem que os sufixos verbais apresentam propriedades específicas. Said Ali (1966) chama atenção para a grande utilização do sufixo que chama de *-izar* a partir de adjetivos e substantivos, para o caráter frequentativo das formações em *-ejar*, e afirma que verbos em *-ear* têm sentido frequentativo ou simplesmente durativo. Por fim, destaca que os verbos de segunda conjugação tomam somente o sufixo *-ecer*, muito produtivo dentre os parassintéticos.

O trabalho de Bossier (1998) faz uma descrição de 72 sufixos verbalizadores complexos no português moderno, dentre os quais os de nosso interesse, que são os mais numerosos na seguinte ordem: *-ear*, *-izar*, *-ejar* e *-ecer* (p.113). Evoca trabalhos anteriores para dizer que o sufixo que chama de *-ear* tem sentido iterativo e forma verbos a partir de adjetivos e substantivos. O sufixo *-ejar* também tem sido descrito majoritariamente como iterativo e em menor escala somente como durativo. Quanto a *-ecer*, destaca a sua forte ligação com o prefixo *eN-* e a tendência a tomar bases adjetivais. Afirma que inúmeros trabalhos apontam seu valor semântico incoativo. Por fim, afirma que inúmeras formações com o sufixo *-izar* são derivadas de bases não-livres na língua (*batizar*, *autorizar*, *catequizar*, etc), sendo esse sufixo descrito como semanticamente causativo ou factivo.

Rio-Torto (2004:25) retoma esse estudo e tabula os índices relativos de ocorrência de cada sufixo e a sua ocorrência com bases nominais e adjetivais, conforme tabela 7 abaixo, em um *corpus* de verbos com prefixos e sem prefixos.

	Verbos	% de cada sufixo relativamente à totalidade de ocorrências de todos os sufixos verbalizadores	Bases nominais	Bases adjetivais
-e-	968	56,7%	918	50
-iz-	413	24,2%	192	221
-ej-	173	10,1%	148	25
-ec-	125	7,3%	30	95
-esc- ⁵⁴	27	1,6%	9	18
Total	1706	1297	[76%]	409 [24%]

Tabela 7. Porcentagem relativa de ocorrência de cada sufixo - Bossier (1998:113).

Tais descrições se mantêm coerentes ao longo dos trabalhos sobre sufixação.

A seguir, vejamos com mais detalhe o que se assume com relação à atuação de cada um desses sufixos.

a. -ec-

Estudos morfológicos, ao tratarem aspectos semânticos dos sufixos, afirmam que formações com o sufixo -ec- apresentam uma semântica de incoatividade, de mudança de estado, contida inicialmente nessa peça morfológica (SAID ALI, 1964; BOSSIER, 1998; RIO-TORTO, 2004). Segundo Rio-Torto (2004:50), o sufixo -ec- (ou sua variante -esc-) tem sido considerado como possuidor de um valor incoativo ou ingressivo, que pode ser visto como o fato de o produto verbal denotar o início de um estado de coisas e/ou seu desenvolvimento. Assim, por exemplo, o verbo *amadurecer* significa ‘entrar em um estado pela propriedade denotada pela base’, que é a propriedade denotada pelo adjetivo *maduro* nesse caso.

Em trabalho desenvolvido sobre a semântica do sufixo -ec-, Bassani (2011), concluímos que os verbos estudados constituem pares causativos-incoativos, segundo a denominação de Parsons (1990). Após observar que tanto verbos deadjetivais (*escurecer*), quanto verbos denominais (*enfurecer*) têm em sua Forma Lógica a expressão de uma semântica de

⁵⁴ Não consideramos relevante distinguir as formas -ec- e -esc-. Trata-se da mesma forma com grafias distintas.

incoatividade, assumiu-se como conclusão que o sufixo *-ec-* é a realização morfológica do operador semântico BECOME no PB e que a categoria não é o fator mais relevante para que uma base possa participar dessa formação, mas sim sua característica de denotadora de um estado. Destacamos, naquele momento, que, aparentemente, o mesmo não pode ser dito para formações em que esse sufixo está historicamente incorporado, como em *parecer* ou *merecer*, que não foram o foco de estudo daquele trabalho. Veremos, contudo, no próximo capítulo, que a semântica atribuída ao operador BECOME não é exclusividade desse sufixo.

Pereira (2007:162) mostra que, em PE, os verbos prefixados e com sufixo *-ec-* denotam, em sua maioria, uma semântica de resultatividade, parafraseável por “tornar-se adjetivo” (*amadurecer*, *emagrecer*, *esclarecer*) ou “dar/tomar a forma/aspecto/cor de nome; transformar em N” (*anoitecer*, *amanhecer*) ou, em menor escala, performatividade, parafraseável por “fazer, produzir, praticar N” (*abolorecer*, *embarbecer*, *espavorecer*). No PB, a semântica de performatividade não parece estar atrelada a esse sufixo: vejamos que formações como *abolorecer*, *embarbecer* e *espavorecer* não são usadas nessa língua.

Oliveira (2009) afirma que os verbos em *-ecer* apresentam uma mudança de estado internamente causada. Veremos que tal afirmação se trata de uma tendência e não se concretiza completamente quando observamos um conjunto mais robusto de dados.

b. -iz-

Já sobre a semântica associada ao sufixo *-iz-*, existe certo consenso em dizer que este afixo se trata de um ‘*causativizador*’ que toma nomes em geral (mais substantivos do que adjetivos).

Ao apresentar a caracterização das bases dos verbos heterocategoriais em geral, Rio-Torto (2004) afirma que a estrutura argumental dos produtos verbais finais está associada a sua estrutura morfológica, mas que por se tratarem, na maioria, de bases nominais simples não sobrecarregam a semântica do produto final. Contudo, no que se refere a verbos formados com o sufixo *-izar*, a autora afirma que suas bases, diferentemente do comportamento geral, parecem contribuir ativamente para a atribuição de papéis semânticos descarregados por esses verbos, por exemplo, quando temos uma formação verbal final como *encolerizar* (*causar cólera em*) ou *finalizar* (*colocar fim/final em*).

A esse sufixo é atribuído um valor dito factivo-causativo, pois o verbo explicita ‘a atribuição (de uma propriedade) daquilo que o item de base denota’. (p. 52). Ou seja, em *urbanizar*, por exemplo, teríamos a ideia de ‘tornar ou causar X urbano ou urbanizado’. Entretanto, a autora discorda da ideia de que tal propriedade é exclusiva desse sufixo. Segundo conclusão parcial sobre essa discussão, Rio Torto coloca que as propriedades aspectuais e eventivas atribuídas aos sufixos isoladamente não são sistemáticas e muitas vezes dependem muito mais das características das bases e do contexto.

Oliveira (2009) afirma que o sufixo *-iz-* permite dois tipos de derivação de acordo com a estrutura de eventos que expressam: (i) derivações com nomes; (ii) derivações com adjetivos predicativos ou atributivos, ou relacionais. São exemplos de (i) formações como *alfabetizar* cuja forma analítica poderia ser [tornar ou causar X alfabetizado], com sentido de causatividade, ou formações como *cristalizar*, cuja paráfrase incluiria uma transformação pela atribuição de uma qualidade [X adquire as características do cristal]. São exemplos de (ii) formações com adjetivos que denotam predicados ou atributos (*amenizar*, *fertilizar*) e formações com adjetivos que expressam relação, (*centralizar*, *familiarizar*). Ambos os tipos expressam propriedades de mudança de estado.

Em suma, a autora propõe que o sufixo *-iz-* é essencialmente causativo/factivo e que os verbos derivados denotam duas eventualidades: ‘o aspecto causativo/factivo atribuído pelo morfema *-iz-* denota então um estado resultante da ação realizada pelo argumento externo do verbo – o causador – e o argumento interno do verbo é quem/o que adquire uma qualidade ou estado por iniciativa do argumento externo.’ (p.17).

O estudo de Pereira (2007:161) mostra que os verbos formados por *a-X-iz-* e *eN-X-iz-* estão associados também a Resultatividade, sendo parafraseáveis por “tornar-se Adjetivo” (*ababarbarizar(-se)*, *efeminizar*) ou “Dar/tomar a forma/aspecto/cor de Nome; Transformar em N” (*aclimatizar*, *evaporizar*), ou “Causar/sentir N” (*atemorizar(-se)*, *encolerizar(-se)*). Nessa última forma, “Causar/Sentir N”, o autor aloca também um verbo prefixado por *eS-*: *espavorizar*. Nas formas com *eN-*, pode também ser Locativo, parafraseável por “Pôr em N, ir para N” (*entronizar*). Considera ainda as formas com *es-* como Ornativos, parafraseáveis por “Tirar N de”, cujo único exemplo é *esfossilizar* e em PB não é produtivo.

c. *-e-* e *-ej-*

Rio-Torto (2004) trata aspectos semânticos dos sufixos *-e-* e *-ej-* de forma conjunta, pois afirma que a ambos têm sido atribuído um valor iterativo ou frequentativo. Contudo, destaca que esse não é o único significado relacionado a esses sufixos. Em especial ao sufixo *-e-*, estão relacionadas denotações de habitualidade, como em *guerrear*, *contrabandear*, *baleiar*, em que é perfeitamente possível que o evento só ocorra uma única vez, como comprova nosso exemplo em (81), em que o nominal *um tiro* não deixa dúvidas de que o evento não foi repetido:

- (81) “Um lutador de jiu-jitsu foi baleado com um tiro de borracha, por volta das 14h deste domingo...”⁵⁵

Rio-Torto chama atenção para os valores aspectuais associados aos sufixos *-e-* e *-ej-*, mas observa bem que a atelicidade em princípio denotada por eles pode ser modificada de acordo com a estrutura argumental em que o verbo é alocado, ao distinguir Aspecto Lexical e Aspecto Sintagmático.

3.1.3. Sumário das descrições sobre os afixos na literatura

A tabela abaixo sintetiza as principais e mais frequentes descrições atribuídas aos afixos. No próximo capítulo, voltamos a discutir a atuação desses morfemas quando tivermos discutido as classificações semânticas dos verbos.

⁵⁵ <http://g1.globo.com/Eleicoes2008/0,,MUL786078-15693,00.html>.

Prefixo	Descrição
a-	✓ Direção no tempo e no espaço; aproximação ✓ Aspecto incoativo
eN-	✓ Direção no tempo e no espaço; locativo ✓ Aspecto ingressivo
eS-	✓ Direção externa ✓ Aspecto egressivo ✓ Fim da ação ou ação repetida
Sufixo	Descrição
-ec-	✓ Incoatividade
-iz-	✓ Causatividade
-e-/-ej-	✓ Iteratividade; habitualidade

Tabela 8. Descrições tradicionais dos afixos.

3.1.4. Ocorrência dos afixos

Em nosso *corpus*, encontramos as seguintes taxas de ocorrência dos afixos nos verbos transparentes e composicionais:

Pref/Suf	e		ec		ej		iz		Ø		Total	
a	1	0,4%	10	3,6%	1	0,4%	2	0,7%	107	38,8%	121	43,8%
eN	1	0,4%	27	9,8%	0	0,0%	1	0,4%	102	37,0%	131	47,5%
eS	5	1,8%	2	0,7%	2	0,7%	0	0,0%	15	5,4%	24	8,7%
Total	7	2,5%	39	14,1%	3	1,1%	3	1,1%	224	81,2%	276	100,0%
Sufixos abertos								%				
52								18,8%				

Tabela 9. Ocorrência dos afixos no *corpus*.

Dos 276 verbos, 121 (43,8%) realizam-se com o prefixo *a-*, 131 (47,5 %) com prefixo *eN-* e 24 (8,7 %) com o prefixo *eS-*. Sobre a realização dos sufixos, 52 (18,8%) são fonologicamente realizados em comparação a 224 (81,2%) ocorrências de sufixo nulo (Ø), sendo que, do total de

verbos, 7 (2,5%) realizam-se com o sufixo *-e-*; 39 (14,1%) com *-ec-*; 3 (1,1%) com *-ej-*; e 3 (1,1%) com *-iz-*. Quando há sufixos realizados, os esquemas mais numerosos são os que envolvem o sufixo *-ec-*. Não há ocorrências para as combinações *eN-x-ej-* e *eS-x-iz-*.

3.2. Morfofonologia da base

Nesta seção, discutimos de modo geral dois aspectos: 1) a morfofonologia das bases de formação dos verbos estudados, em especial, a questão de se assumirem, ou não, derivações denominais e deadjetivais para eles, e 2) a natureza verbal e interna dos prefixos envolvidos nessas formações.

3.2.1. Derivação denominal e deadjetival?

Todos os estudos sobre verbos derivados insistem em apresentar como ponto de partida a distinção categorial da base de formação do verbo complexo. Distinguem verbos formados por substantivos e verbos formados por adjetivos, mostrando que, por exemplo, o sufixo *-iz-* liga-se tanto a bases substantivais, como adjetivais, ao passo que o sufixo *-ec-* liga-se preferencialmente a bases adjetivais.

As bases nominais são descritas como extremamente heterogêneas, podendo denotar objetos ou substâncias, lugares ou espaços, instrumentos, processos, fenômenos, eventos, ou seres humanos cujas propriedades podem ser absorvidas ou imitadas. Alguns exemplos de como tais bases foram classificadas (RIO-TORTO, 2004:81):

- (82) *Instrumento*: faca > esfaquear
- (83) *Seres humanos*: padrinho > apadrinhar
- (84) *Eventos*: susto > assustar
- (85) *Espaços locais*: prisão > aprisionar
- (86) *Objetos Materiais*: graxa > engraxar

Por outro lado, a semântica das bases adjetivais é tida como mais homogênea: apenas denotam propriedades ocasionais, ou propriedades dos estados, caracterizadas por uma mudança (como (87)). Assume-se que os adjetivos que denotam as propriedades permanentes ou inerentes não sujeitos a mudança não são aceitáveis nestas formações, mas consideramos que é muito difícil encontrar uma propriedade adjetival que seja completamente inerente ou que não possa ser usada em uma interpretação momentânea. Observemos o dado em (88)a., *altear* ou *enaltecer* é permitido com sentido de “tornar mais alto” somente com a interpretação de “alto” como uma propriedade momentânea e não como uma propriedade física. A formação do verbo a partir da interpretação de propriedade inerente/permanente resultaria, provavelmente, em uma má-formação nos moldes de (88)b.

(87) fraco > enfraquecer

(88) a. alto > altear, enaltecer

b. alto > *a/en/esaltear⁵⁶

Como já comentado na seção 2.1.2.2. do Capítulo 2, ao assumir a ideia de raízes acategoriais e a ideia de que a primeira categorização pode levar a significados composicionais, não precisamos assumir uma derivação denominal ou deadjetival para que tenhamos a semântica atrelada ao significado do mesmo substantivo/adjetivo formado pela raiz. Além disso, a restrição da categoria da base apresenta-se na forma de tendência e não é uma restrição categórica. Quando tratarmos da semântica do verbo na próxima subseção, mostraremos que há, para uma mesma classe, presença de bases supostamente substantivais ou adjetivais e o que permite a sua presença neste tipo de formação é seu tipo semântico e não a sua suposta categoria.

Por ora, adiantamos que, se analisarmos com cuidado as descrições e os exemplos utilizados, vemos que um substantivo e um adjetivo podem denotar uma mesma propriedade semântica mais refinada, como parece ser o caso de *padrinho* e *vermelho*, por exemplo, que denotam estados/propriedades que podem ser adquiridos: ‘tornar-se padrinho’, ‘tornar-se vermelho’, ‘deixar de ser padrinho’, ‘deixar de ser vermelho’. A diferença está em que, no segundo caso, a propriedade é escalar. Assim, não analisamos a semântica do verbo a partir da

⁵⁶ *Enaltecer* é o único verbo cuja base inicia-se por vogal que encontramos. Entretanto, esse verbo é atestado como um empréstimo do espanhol datado do século XV, segundo o dicionário Houaiss.

semântica da base como dependente de sua categoria, mas a partir da denotação prototípica da raiz que forma o verbo e suas implicações para o evento de que participa.

Além disso, temos outras evidências para supor que, na ausência de evidências morfológicas, a maior parte dos verbos derivados é formada a partir de raízes acategoriais. A literatura tradicional sugere que alguns verbos formados por *prefixo-X-ec-* teriam bases verbais, no nosso *corpus* representados por *adormecer*, *estremecer* e *espairecer*. Contudo, não encontramos evidências robustas de que a formação passaria necessariamente pelo verbo, que, a nosso ver, deveria resultar nas formas hipotéticas *adormirecer*, *estremerecer* e *espairarecer*, incluindo, pelo menos, a vogal temática verbal, ou teria de se recorrer a uma operação de truncamento. Consideramos mais adequado, nesse caso, assumir que essas formações sejam derivadas das raízes $\sqrt{DORM-}$, $\sqrt{TREM-}$ e $\sqrt{PAIR-}$, as mesmas que formam os verbos *dormir*, *tremar* e *pairar* e que também está presente em *dormitório*, *dormente*, *dorminhoco*, *tremor* e *tremedeira*. As palavras *adormecer* e *dormir*, *estremecer* e *tremar*, *espairecer* e *pairar* têm relação porque são derivadas de uma mesma raiz, que conserva suas propriedades enciclopédicas. O mesmo exercício de classificação foi estendido a outras categorias de base, por exemplo:

Verbo	Suposta Base	Formação Prevista	Base Sugerida
Aquecer	Quente	*Aquentecer	que-
Encher	Cheio	*Encheiar	chei-
Adoecer	Doente/(com) Doença	*Adoentecer/*Adoencer	doe-
Envaidecer	Vaidoso	* Envaiosecer	vaid-

Tabela 10. Evidências para verbos formados da raiz.

Nesses casos, sugerimos uma derivação direta de raiz porque não temos evidências formais suficientes, ou temos evidências formais contrárias, à formação a partir de uma base categorizada nominal (ex. *vaid*), adjetival (ex. *quente*) e verbal (ex. *tremar*).

Assumir que tais verbos são formados a partir de raízes acategoriais é também a solução para o problema acerca da caracterização da base de formação trazido por verbos derivados como *envaidecer* ou por muitos formados pelo sufixo *-iz-* e outras palavras derivadas. Os trabalhos tradicionais em morfologia discutem o seguinte problema em verbos que poderiam incluir adjetivos relacionais em *-ico/a* e nomes em *-ia*, *-ica*, *-ismo* ou *-ista* (Cf. (89)): se identificados como formações denominais, perde-se a capacidade de explicar a interpretação adjetival (de

mudança de estado), e se considerados como formações deadjetivais, há de se adicionar um processo de truncamento que apaga os sufixos adjetivais e implica no *output* correto.

Por exemplo, *democratizar* é corretamente parafraseado com ‘tornar democrático’ e não ‘tornar democrata’. Se considerarmos que o verbo é derivado a partir do adjetivo *democrático*, ou temos o *output* incorreto **democraticizar*, que é uma sequência fonologicamente possível na língua (que ocorre em *misticizar* a partir de *místico*, por exemplo), ou temos que assumir um processo de truncamento que apaga o sufixo *-ic(o)*.

Em uma teoria como DM, tal questão é uma pseudo-questão, pois podemos assumir que a mesma interpretação atribuída ao adjetivo pode ser abstraída diretamente da raiz. A formação a partir da raiz $\sqrt{\text{DEMOCRAT}}$ - nos dá a correta interpretação e a correta sequência fônica. Outros casos como esse são os dispostos abaixo.

(89)

- a) Átomo/atômico > **atomicizar/ atomizar*
- b) Democrata/democrático > **democraticizar/ democratizar*
- c) Alegoria/alegórico > **alegoricizar/ alegorizar*
- d) Arcaico > **arcaicizar/ arcaizar*

Diferentemente, no caso da derivação de *aromatizar*, parece menos custoso optar por uma análise de derivação deadjetival, pois a derivação direta da raiz resultaria na forma **aromizar* e nos restaria somente a opção *ad hoc* de uma interfixação epentética de um elemento *-at-* para derivar a forma correta ou de um alomorfe contextual *aromat-*.

- e) Aroma/aromático > **aromizar/ aromatizar/aromatismo*

Com esse exemplo, mostramos que a metodologia correta consiste em partir do pressuposto de que a análise deve se pautar por uma derivação a partir de uma raiz acategorial, mas que, em alguns casos, os dados não permitem tal análise, embora uma primeira categorização ocorra sempre sobre uma raiz acategorial ($[_a[_n[_v \text{ arom}]]a]-t-ico]$).

Continuando a investigação sobre a estrutura morfofonológica dos verbos complexos, Pereira (2004) afirma que os prefixos envolvidos são, de modo geral, restritos à adjunção a bases

morfologicamente simples, ou seja, adjetivos ou nomes sem nenhum tipo de sufixação ou prefixação. Observemos os dados a seguir:

- (90) [lavagem]_N > *alavagenar/*enlavagenar/*eslavagenar
- (91) [Desfazer]_V > *adesfazer/*endesfazer/*esdesfazer
- (92) [Informal]_A > *ainformalizar/*eninformalizar/*esinformalizar
- (93) [Nacional]_{IA} > *anacionalizar/*enacionalizar/*esnacionalizar
- (94) [Vitalício]_A > *avitaliciar/*envitaliciar/*esvitaliciar
- (95) [Familiar]_A > *afamiliarizar/*enfamiliarizar/*esfamiliarizar
- (96) [Amedrontado]_{N/A} > *enamedrontizar/*esamedrontizar
- (97) [Encaixe]_N > *aencaixar/*esencaixar
- (98) [Externo]_N > *aexternar/*enexternar

Embora isso seja verdadeiro para algumas palavras já prefixadas ou sufixadas, como nos exemplos que trazemos de ((90) a (95)) - incluindo palavras prefixadas pelos próprios prefixos parassintéticos ((96) a (98)) - nossos dados apontam fatos diferentes.

Dentre os verbos analisados, podemos encontrar três tipos de morfologia da base: simples, derivada e derivada fossilizada. As bases derivadas são aquelas com mais de um nível de categorização transparente e sincrônica. Alguns exemplos estão em (99). As bases derivadas fossilizadas são palavras com mais de um nível de categorização em uma perspectiva etimológica, como em (100), mas que atualmente se comportam como palavras simples⁵⁷.

- (99) *baiano* (>*Bahia*) > *abaianar*, *brilhante* (>*brilho*) > *abrilhantar*, *cinzento* (>*cinza*) > *acinzentar*, *beleza* (>*belo*) > *embeleazar*, *francês* (>*frança*) > *afrancesar*, *fileira* (>*fila*) > *enfileirar*.

- (100) *colchão* (*que não é uma colcha grande*) > *acolchoar*, *corrente* (*que não tem relação com o verbo correr, mas é um objeto*⁵⁸) > *acorrentar*, *padrinho* (*que não contém um diminutivo*) > *apadrinhar*, e outros que contêm pseudo-sufixos, tais

⁵⁷ Agradecemos ao Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro pela ajuda com esta classificação.

⁵⁸ Para uma análise para formas como *corrente* (não eventivas) vs. o homônimo particípio presente, como em ‘água corrente’, cf. Medeiros (2010).

como: *pacote* > *empacotar*, *salário* > *assalarar*, *prateleira* > *emprateleirar*, *farelo* > *esfarelar*, *bofete* > *esbofetear*, *gaveta* > *engavetar*, *gatilho* > *engatilhar*, etc.

Parece-nos, então, que a preferência por bases morfologicamente simples é uma tendência e a restrição está, de fato, na prefixação anterior à formação do verbo parassintético, pois somente encontramos uma base supostamente prefixada, que é *profundo* (*aprofundar*). No entanto, não é claro o estatuto de prefixo de *pro-* em *profundo*, dada sua opacidade semântica e a neutralização do acento na posição pretônica ([prɔ]>[pro]), um fenômeno fonológico típico de interior de palavra fonológica (SCHWINDT, 2001).

Desse modo, a restrição categórica é a de que os prefixos das formações parassintéticas necessitam estar adjacentes ao início da raiz/base, sem nenhum morfema interveniente, no caso, nenhum outro prefixo.

Por outro lado, eles podem ser precedidos por outros prefixos, que não sejam eles mesmos, como mostramos acima. Como os prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* são formadores de eventos, conforme exploraremos logo adiante, os prefixos que podem juntar-se a essas formações são os que incidem sobre o evento como um todo. Os mais comuns são o prefixo *re-*, que denota repetição, *des-*⁵⁹, que denota reversão quando somado ao evento (passível de reversão), e *super-*, que denota intensidade:

(101) Re[engavetar], Re[abastecer], Re[esquentar]

(102) Des[engavetar], Des[empilhar]

(103) Super[aquecer], Super[embelezar], Super[escavar]

Concluimos, desse fato, que os prefixos em estudo são prefixos internos em oposição aos outros, que são prefixos externos modificadores de eventos, tais como: *re-*, *deS-* e *super-*. Apesar de esses precederem aqueles linearmente, na estrutura de *output*, os prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* se anexam primeiro às bases para que a formação resultante seja prefixada. Embora exploremos esse achado empírico com mais detalhe na seção de análise, vamos representá-lo de forma simplificada na estrutura em (104), a seguir:

⁵⁹ *Des-* também pode denotar negação se ligado a adjetivos: *desleal*, *desatento*, *desinteressado*. Além disso, também se assume que faz parte da formação de verbos parassintéticos, tais como *destronar*, *descascar*, *desfrutar*, etc. Nesse caso, comporta-se como um prefixo interno.

3.2.2. Limitação a contextos verbais e restrições morfofonológicas

Outra característica desses prefixos é a limitação aos contextos verbais. Eles ocorrem somente com substantivos e adjetivos em casos de derivação deverbal, especialmente em nominalizações eventivas com sufixos eventivos, tais como *-mento* e *-ção* em (105), com menor frequência em nominalizações deverbais regressivas (106) e largamente em participípios adjetivais (107):

(105) Nominalizações deverbais

- a. [Aproveitamento]_n de estudos.
- b. [*Aproveito]_n de estudos
- c. [Encadernação]_n de materiais
- d. [*Encaderno]_n de materiais
- e. [Esclarecimento]_n de dúvidas
- f. [*Esclaro]_n de dúvidas

(106) Nominalizações deverbais regressivas

- a. Enlace
- b. Encaixe

(107) Participípios Adjetivais

- a. Camisa [avermelhada]_a
- b. Camisa [vermelha]_a
- c. Camisa [*avermelha]_a
- d. Pão [amanhecido]_a

- e. Pão [matinal]_a
- f. Pão [*amanhal/*amatinal]_a
- g. Pão [esquentado]_a
- h. Pão [quente]_a
- i. Pão [*esquente]_a

Por exemplo, em a, o adjetivo *avermelhada* é um tipo de estado resultante do evento de *avermelhar* e o adjetivo *vermelha*, em b, é um atributivo puro; o prefixo *a-* pode ocorrer somente no primeiro contexto, nunca com uma leitura atributiva pura, como pode ser visto em c. Em outros termos, esses prefixos ocorrem somente em contextos de estado alvo ou resultante, mas não em ambientes de estados simples, nos termos da distinção feita por Embick (2004) para os tipos de participípios do inglês (*opened* x *open* ou *lengthened* x *long*). Essas parecem ser fortes evidências de que essas partículas estão, de algum modo, envolvidas no processo de verbalização.

O estatuto dos sufixos em relação à categoria que podem formar é mais claro. Assim como os prefixos *a-*, *eN-* e *eS-*, os sufixos *-e-*, *-ej-*, *-ec-* e *-iz-* integram verbos e palavras deverbais, tais como os participípios adjetivais (108) e as nominalizações (109):

- (108) a. aclimatizado, caramelizado, amenizado;
- b. apedrejado, turvejado;
- c. envelhecido, abastecido; estremecido;
- d. acobreado; rodeado; chapeado; arroxeados.

- (109) a. Internacionalização; africanização; amortização;
- b. apedrejamento, esquartejamento; acobreamento;
- c. envelhecimento, empobrecimento; enriquecimento, esquecimento;
- d. acobreação, esfomeação, estonteamento/estonteação;

Dos dados em (109), surge um achado empírico interessante, e que será explicado em termos de localidade na seção de análise. Os verbos formados por sufixo *-iz-* formam nominalizações com o sufixo *-ção*; os formados por *-ec-* e *-ej-* formam nominalizações com o sufixo *-mento*. O sufixo *-e-* parece preferir formar nominalizações com o sufixo *-mento*, mas

integra algumas ocorrências de nominalizações formadas por *-ção*. Por outro lado, os prefixos não apresentam nenhum tipo de seleção/preferência pelos sufixos nominalizadores, assim como as formações com sufixos nulos. Os verbos com sufixos nulos podem formar tanto nominalizações com *-ção* (*associação, evaporação, avaliação*), como com *-mento* (*encaixotamento, enforcamento, empreendimento*)⁶⁰. Outra dependência se revela interessante: a que se dá entre sufixos e vogais temáticas. Os sufixos *-e-*, *-ej-* e *-iz-* só se realizam com a vogal temática *a* enquanto o sufixo *-ec-* somente ocorre com *e*. Diferentemente, os sufixos nulos formam verbos das três classes. Explicamos esses dois casos no Capítulo 5 com base na ideia de relação de localidade e linearidade.

Por fim, existem restrições fonológicas para anexação dos prefixos, pois esses não se anexam a bases iniciadas por segmento vocálico. Para raízes/bases que se iniciam por vogais, há uma preferência por sufixação para a formação de verbos. Assim, há uma exigência de não-violação da restrição fonológica que guia a escolha do processo morfológico que irá formar o verbo. Se a base for iniciada por consoante, como em (110), o verbo pode também ser prefixado, mas se a base for iniciada por vogal, como em (111), somente sufixação está disponível.⁶¹

(110) **Inicia-se por C:** Prefixação e Sufixação disponíveis

Vermelho > Avermelhar, Cabeça > Encabeçar, Branco > Embranquecer e Esbranquiçar.

(111) **Inicia-se por V:** Somente sufixação disponível (realizada ou não)

Eterno > Eternizar, Ironia > Ironizar, Economia > Economizar, Urina > Urinar, Abraço > Abraçar.

⁶⁰ Parece-nos que, quando o sufixo verbalizador é nulo, há mais possibilidade de comutar os nominalizadores *-ção* e *-mento* com mais facilidade. Alguns exemplos são: *empacotação* e *empacotamento*, *acolchoação* e *acolchoamento*, *aquietação* e *aquietamento*. Quando há sufixos realizados, essa escolha não é possível. Contudo, esta é apenas uma hipótese inicial que precisa ser investigada com mais cuidado.

⁶¹ Ainda, sobre verbos como *amarelar*, *azular*, iniciados pela vogal *a* e que poderiam formar verbos complexos, dadas as suas propriedades semânticas (adjetivo que denota propriedade do tipo *stage-level*, que podem ser mudadas ou adquiridas), a exemplo de *avermelhar* ou *arroxejar*, pode-se hipotetizar que sofreram prefixação por *a-* seguida de apagamento [a+a >a]. Não exploraremos essa hipótese no momento, principalmente porque ela não pode ser estendida aos prefixos *eN-* e *eS-*. Além disso, encontramos dois verbos que poderiam ser uma contradição a tal restrição fonológica, *exorbitar* e *enaltecer*, em que o segundo fonema do prefixo se ressilabifica com a vogal da raiz. Trataremos tais casos como exceções, pois, possivelmente, essas palavras entraram na língua como fruto de empréstimo e não são de fato decomponíveis.

Além disso, notamos que quando a raiz/base inicia-se por sibilante, a anexação de *eS-* é desprivilegiada.⁶²

Ainda com relação à forma fonológica, é preciso acrescentar que ocorre a queda da consoante final do prefixo *eN-* quando esse é anexado a uma base iniciada por consoante nasal:

(112) *eN-*+ madeira > emadeirar

(113) *eN-*+ magro > emagrecer

(114) *eN-*+ negro > enegrecer

Passemos, na próxima seção, à discussão dos verbos complexos como expressões de eventos também complexos, focando em uma discussão para a justificativa de escolha de um modelo teórico para, no próximo capítulo, propor uma análise de cada tipo semântico observado.

3.3. Decomposição do evento verbal

Na Teoria Gerativa, especialmente a partir do trabalho de Chomsky (1970), abriu-se espaço para um enfoque na competência do falante em formar e analisar palavras, especialmente palavras derivadas. A corrente chamada Lexicalista é responsável pela maioria dos trabalhos nesse sentido, e isso não é diferente no que diz respeito à formação do verbo complexo.

No âmbito dos estudos das teorias sobre a interface léxico/sintaxe, os trabalhos se dividem entre os que explicam a correlação entre o significado do verbo e a estrutura em que figura por meio do componente lexical (CHOMSKY, 1970; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998), e os que explicam essa correlação por meio do aparato sintático (MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 2000).

O primeiro tipo de teoria pode ser denominada de projecionista, pois a estrutura sintática é uma projeção de informações semânticas armazenadas lexicalmente para um dado verbo. Assume-se que cada verbo constitui uma entrada lexical que contém informações sobre o número e o tipo de argumentos que irá permitir em sua configuração sintática. Uma análise importante e influente nesse quadro é a de Levin e Rappaport Hovav (1995) e Rappaport Hovav e Levin

⁶² Agradecemos ao Prof. Paulo Chagas por confirmar tais conclusões acerca das restrições fonológicas.

(1998) em que se sugere que os predicados contêm uma Estrutura Lexical-Conceitual (doravante ELC; *Lexical-Conceptual Structure* em inglês) com informações semânticas que irão determinar, por meio de regras de ligação (*linking rules*), a estrutura argumental que o verbo pode projetar.

Diferentemente, uma série de trabalhos vêm sendo desenvolvidos na linha de uma teoria de estrutura argumental sintática, em oposição à visão projecionista (BORER, 1994; KRATZER, 1996; MARANTZ, 1997; HARLEY; NOYER, 2000). Tais trabalhos assumem que não é a semântica lexical do verbo que determina a sintaxe, mas sim as posições sintáticas em que os argumentos são realizados que determinam as suas possíveis interpretações. Nesse sentido, sobre aspecto, por exemplo, Folli e Harley (2005:5) comentam:

“For these theories, the construction of functional event structure on the top of the predicate merging into a derivation is responsible for the assignment of event roles to the participants in the event, and accordingly, because we can hypothesise construction of different event structures on top of the single verbal entry, we have the phenomenon of verb alternation. The idea is that if we take a verb which we see alternate between an atelic/activity reading and an accomplishment reading (see examples (3a,b) and (4a,b) versus (3c,e) and (4c,e), the different interpretations result from the insertion of a single verbal entry in syntactic structures containing different functional categories and the consequent merging (or raising) of its arguments into different specifier positions generated by the functional categories themselves”⁶³

⁶³ Os exemplos aos quais as autoras se referem são estes (p.3):

- (3)
 - a. Mary cleaned.
 - b. Mary cleaned the table.
 - c. Mary cleaned the crumbs off the table.
 - d. Mary cleaned the table spotless.
 - e. Mary cleaned out her savings.
- (4)
 - a. John walked.
 - b. John walked home.
 - c. John walked Mary home.
 - d. John walked himself breathless.
 - e. John walked the morning away along the beach.

Quanto aos exemplos das autoras, consideramos discutível a classificação das sentenças (3)b. e (4)b. como atéticas/com leitura de atividade porque em ambas existe um argumento (*the table, home*, respectivamente) que mede o evento, delimitando-o, de modo a dar-lhe uma leitura télica. No entanto, a argumentação contida no trecho destacado é válida no contraste entre os exemplos em (a) e os exemplos em (c) e (d).

Neste trabalho, assumimos uma visão estrutural em uma análise que propõe a formação simultânea entre palavras e sentenças pois, nesse modelo, a interação entre morfologia e estrutura argumental é natural. Consideramos os verbos complexos uma forte evidência para tal abordagem, pois eles revelam, morfologicamente, a decomposição do evento que esperamos ver em uma teoria como a que estamos assumindo. Entretanto, devemos apresentar uma justificativa pela escolha de tal modelo que, a nosso ver, acomoda melhor os fatos empíricos do que outras propostas para que se justifique a sua adoção. Além disso, não podemos dizer que não faremos uso dos achados de teorias lexicalistas, e que não vemos problemas nas propostas sintáticas. Nas próximas subseções, discutimos a forma como a decomposição do evento é feita em três propostas, com vistas de atingir dois objetivos: a) discutir e comparar diferentes visões teóricas, e em especial para entendermos e situarmos o leitor frente a duas aplicações dessas teorias, e b) justificar nossa proposta de estrutura no próximo capítulo, em que analisaremos os verbos parassintéticos com aplicações desses modelos ao português (PE e PB).

3.3.1. Decomposição semântico-lexical: *templates* e constantes (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998)

Muitos autores trabalham extensivamente na tentativa de definir as categorias semânticas dos diferentes tipos de verbos (tanto simples como derivados) das línguas naturais em uma perspectiva lexicalista (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; HALE; KEYSER, 2002; RIO-TORTO, 2004; PEREIRA, 2007, etc.). Em umas das propostas mais influentes, Rappaport Hovav e Levin (1998) sugerem, primeiramente, uma teoria para tratar os possíveis significados disponíveis para os tipos de verbos. Tal representação é construída com base em duas tipologias: uma tipologia dos predicados primitivos, tais como ACT, CAUSE e BECOME, que são o componente estrutural da proposta, e uma tipologia da denotação das constantes em <STATE>,

“Para estas teorias, a construção de estrutura funcional eventual a partir da concatenação de um predicado à derivação é responsável pela atribuição de papéis eventuais aos participantes do evento, e por consequência, porque podemos hipotetizar a construção de diferentes estruturas de evento sobre uma única entrada verbal, podemos ter o fenômeno de alternância verbal. A ideia é que, se tomarmos um verbo que alterna entre uma leitura atética/tética e uma leitura de *accomplishment* (ver exemplos (3a,b) e (4a,b) versus (3c,e) e (4c,e)), as diferentes interpretações resultam da inserção de uma única entrada verbal em estruturas sintáticas que contêm categorias funcionais diferentes e à consequente concatenação (ou alçamento) de seus argumentos a diferentes posições de especificador geradas pelas próprias categorias funcionais.” (Tradução nossa).

<PLACE>, <THING> e <MANNER>, que são o componente idiossincrático (definidas como raízes em Rappaport Hovav e Levin (2010)). Da composição desses elementos, resultam os possíveis tipos verbais. Em seguida, as autoras formulam regras canônicas de realização para expressar de que modo as categorias ontológicas das constantes definem como irão se integrar em um determinado *template*. Para elas, o pareamento de uma constante com um *template* é o que determina a estrutura de evento do verbo.

A seguir, apresentamos o inventário de *templates* e as regras propostas. Vejamos que as autoras também sugerem uma correspondência entre os *templates* e as classes aspectuais de Dowty (1979)/Vendler (1967).

(115) Inventário de *templates* de estrutura de eventos

a. [x ACT <MANNER>]	(atividade)
b. [x <STATE>]	(estado)
c. [BECOME [x <STATE>]]	(achievement)
d. [[x ACT<MANNER>] CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]	(accomplishment)
e. [x CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]	(accomplishment)

(116) Regras de realização de constantes

a. Manner (Maneira) → [x ACT <MANNER>]
(e.g. <i>jog, run, creak, whistle...</i>) ⁶⁴
b. Instrument (Instrumento) → [x ACT <INSTRUMENT>]
(e.g. <i>brush, hammer, saw, shovel...</i>)
c. Placeable object (Objeto alocável) → (x CAUSE [BECOME [y WITH <THING>]])
(e.g. <i>butter, oil, paper, tile, wax...</i>)
d. Place (Local) → [x CAUSE [BECOME [y <PLACE>]]]
(e.g. <i>bag, box, cage, garage, pocket...</i>)
e. Internally caused state (Estado internamente causado) → [x <STATE>]
(e.g. <i>bloom, blossom, decay, flower, rot, rust, sprout...</i>)

⁶⁴ Não traduziremos os exemplos porque é fato que nem sempre a tradução de um verbo corresponde à estrutura eventual daquele verbo na língua fonte.

- f. Externally caused state (Estado externamente causado) → [[x ACT] CAUSE [BECOME [y <STATE>]]]
(e.g. *break, dry, harden, melt, open,...*)

Uma primeira diferenciação deve ser notada: há constantes que são argumentos dos predicados, como <STATE>, <PLACE> e <THING> e outras que modificam um predicado, como <MANNER> e <INSTRUMENT>. Essas últimas podem ser entendidas como maneiras de realização daquele predicado (tal diferenciação é representada pelo subscrito). Veremos como essa ideia foi incorporada estruturalmente em Embick (2004) e Marantz (2012) adiante.

A realização sintática do *template* de estrutura de evento se constrói em três passos descritos de *a* a *c* a seguir:

- a. Condição de identificação do subevento: cada subevento na estrutura de evento deve ser identificado por um núcleo lexical (ex. um V, A ou P) na sintaxe;
- b. Condição da realização argumental: a) deve haver um argumento XP na sintaxe para cada participante na estrutura de evento, b) cada argumento XP na sintaxe deve estar associado com um subevento na estrutura de evento;
- c. Regras de Ligação: dentro de uma tradição que remonta ao Princípio de Projeção e ao Critério Temático de Chomsky (1981), as autoras sugerem que a realização dos argumentos é mediada por um mecanismo de interface definido em vagos termos como um conjunto de regras de ligação. As próprias autoras afirmam que uma teoria de ligação ainda precisa ser melhor formulada, como se nota no seguinte trecho: “*Nothing, however, hinges on our use of linking rules, and we acknowledge that the best formulation of a linking theory is still a matter of debate*”⁶⁵. (p. 114)

Em relação às alternâncias verbais, estas são explicadas, basicamente, pelo fato de uma constante poder se associar a mais de um tipo de *template*, o que, nesse caso, levaria a um significado diferente. O exemplo é o do verbo *sweep* que pode realizar os seguintes *templates*, sendo que um deles é sempre o mais básico. Nesse sentido, as alternâncias são direcionadas.

⁶⁵ “Nada, entretanto, depende do nosso uso de regras de ligação, e reconhecemos que uma melhor formulação de uma teoria de ligação é ainda tema de debate”. (Tradução nossa).

- (117) a. Terry swept. = [x ACT]
 b. Terry swept the floor clean. = [[x ACT] CAUSE [BECOME y <STATE>]

Além disso, pode haver uma articulação de *templates* que levam a formação de eventos complexos a partir de subeventos. Por exemplo, a partir da articulação de um *template* nucleado por BECOME e de um *template* nucleado por ACT por meio do predicado CAUSE, obtém-se um verbo causativo de mudança de estado (*John opened the door*) (como em (115)d). Se somente o subevento mais interno for expresso sintaticamente, obtemos uma estrutura intransitiva (*The door opened*). Em oposição a isso, um verbo com uma ELC causativa pode sofrer decausativização, processo em que o constituinte que expressa semanticamente a causa não é expresso sintaticamente.

Vemos que um modelo como esse tem um alto poder descritivo e um léxico completamente especificado. Além disso, há a necessidade de um mecanismo rico de interface entre léxico e sintaxe. Um problema que nos preocupa neste tipo de análise é a falta de preocupação com a morfologia verbal. Diversas línguas apresentam verbos complexos no âmbito da derivação em que se apresentam partes discretas de significado que podem corresponder aos primitivos sugeridos por essa teoria, mas tal fenômeno não é salientado. É comum, por exemplo, que em diversas línguas o operador CAUSE seja realizado por um afixo causativo que propicia alternâncias verbais⁶⁶ (HASPELMATH, 1993:91). Abaixo, extraído de Cyrino-Lazzarini (ms)⁶⁷, temos o exemplo do indonésio, que apresenta um produtivo processo de causativização morfológica com o prefixo *me-*.

- (118) Indonésio
a. Tutup	‘fechar (intransitivo)’	
b. Me -nutup	‘fechar (transitivo)’	Cyrino-Lazarini (ms:17)

⁶⁶ Adiante, apresentaremos uma discussão sobre direcionalidade da derivação e também abordaremos casos em que a versão intransitiva é a mais marcada.

⁶⁷ Lazzarini-Cyrino (ms) discute a forma como, em uma mesma língua, diversos padrões de marcação morfológica podem ser encontrados. Mais especificamente, aponta que, a depender do verbo, a versão marcada da alternância pode ser a causativa (transitiva), a anticausativa, uma alternância lábil ou mesmo uma modificação da raiz. O autor sugere que as línguas tendem a conceitualizar os eventos em dois tipos de perfis, absoluto ou energético, mas afirma que nenhuma língua pode ser taxativamente classificada como exclusivamente pertencente a um desses perfis.

Ainda, outras línguas apresentam morfemas que corresponderiam ao predicado ACT. O turco apresenta um produtivo processo de formação verbal por meio da adição do verbo auxiliar *etmek* ('fazer, performatizar') a substantivos em tempos ativos⁶⁸. Alguns exemplos abaixo:

(119) Turco

- a. telefon **etmek**
telefone 'fazer' 'telefonar'
- b. kaybet**mek**
perda 'fazer' 'perder'
- c. affet**mek**
perdão 'fazer' 'perdoar'

Uma teoria que se preocupa com esses fatos deve estabelecer uma relação entre a morfologia e os primitivos semânticos.

3.3.2. Decomposição sintático-lexical (HALE; KEYSER, 2002): *templates* sintáticos e núcleos lexicais

Na teoria de Hale e Keyser, os templates são substituídos por estruturas arbóreas, que contêm núcleos lexicais, em geral, de categoria A, V, N e P.

Hale e Keyser apresentam um modelo teórico que pretende apreender as possíveis estruturas argumentais de qualquer tipo de verbo em qualquer língua. A grande inovação desse modelo está em que os autores acreditam que o comportamento de determinados verbos pode ser explicado pelo seu tipo de estrutura argumental. Entende-se por estrutura argumental as configurações sintáticas e/ou estruturais projetadas por um item lexical. Em geral, os itens lexicais que projetam uma estrutura sintática são os verbos, ou outros itens mediados por verbos, como veremos adiante.

O método utilizado para identificar diferentes tipos de estruturas argumentais é constituído principalmente por testes de alternância. Após realizar testes de alternância causativo-

⁶⁸ <http://turkishlanguage.co.uk/auxiliaryverbs.htm>. Agradecemos a Cyrino-Lazarini, J. (c.p.) pelas informações.

incoativa e de alternância média em dados de diversas línguas, de diferentes famílias linguísticas, como o inglês (germânica), navajo (athabaskan), ulwa (misumalpan), o’odham e hopi (uto-asteca), Hale e Keyser chegam a quatro estruturas argumentais possíveis para explicar a projeção de um item lexical nuclear por meio de operações sintáticas.

É preciso notar que os autores assumem que não só palavras categorizadas⁶⁹, como verbos e preposições, podem definir e projetar uma estrutura argumental, mas também raízes acategoriais (R na estrutura abaixo), ainda que essa seja uma ideia um pouco tímida no trabalho. Um exemplo de verbo que se forma a partir da projeção de uma raiz sem categoria definida é dado na estrutura (6) do texto original e reproduzida em (120) abaixo⁷⁰:

Essas estruturas recebem o seu nome de acordo com o número de argumentos que o núcleo pode tomar, sejam eles complementos ou especificadores. As relações Núcleo-complemento e Especificador-Núcleo-Complemento são suficientes para definir as funções semânticas dos itens na estrutura, ou seja, esse modelo prescinde da atribuição de papéis temáticos em favor de relações estruturais motivadas pela semântica dos itens. Segundo Chomsky (1995:313): “A θ -role is assigned in a certain structural configuration; β assigns that θ -role only in the sense that it is the head of that configuration (though the properties of β or its zero-level projection might matter)”⁷¹. Gostamos muito da afirmação de Chomsky porque ela inclui o importante detalhe de que não somente as propriedades de β importam, mas também as

⁶⁹ Estamos usando palavras categorizadas para o que Hale e Keyser chamam de palavras plenas, ou seja, palavras que não precisam ser fonologicamente complementadas por uma base para que se constituam como palavras realmente, ou seja, não são itens defectivos, como os afixos, por exemplo. Para eles, exemplos de palavras plenas são nomes como *laugh* ou *dance*.

⁷⁰ A ideia de que a estrutura argumental de um item lexical não é necessariamente determinada pela categoria gramatical desse item é uma das diferenças entre Hale e Keyser (2002) e Hale e Keyser (1993). No texto de 1993, a projeção das estruturas estava ainda vinculada à categoria do item lexical, ao passo que na versão mais recente assume-se que qualquer categoria pode em princípio figurar nas quatro estruturas argumentais propostas para as línguas do mundo.

⁷¹ “Um papel- θ é atribuído em uma certa configuração; β atribui aquele papel temático somente no sentido de que é o núcleo daquela configuração (ainda que as propriedades de β ou de sua projeção de nível zero importem).

propriedades de sua projeção de nível zero. Isso implica que os “papeis” semânticos se definem composicionalmente, localmente e estruturalmente. Vejamos cada estrutura com mais detalhe:

a. Estrutura Argumental Monádica

Os autores apontam que, em inglês, verbos inergativos formados a partir de uma raiz ou de um nome são, frequentemente, representados por estruturas monádicas. Ainda, expressões analíticas, como *make a fuss* abaixo, e verbos transitivos simples, como *kick*, parecem compartilhar a mesma estrutura.

É importante notar que, nas estruturas acima, temos apenas aqueles argumentos que são projetados no léxico por operações sintáticas. Outros argumentos não presentes nessas estruturas, como o especificador de *make a fuss* ou *kick the ball*, são introduzidos na sintaxe.

A estrutura Monádica Básica cobre aqueles verbos monoargumentais que a literatura denominou de Inergativos. O núcleo lexical dessas estruturas projeta apenas uma posição de complemento e, por isso, elas são monoargumentais. No que cerne aos testes de alternância, essas estruturas não podem ser transitivizadas automaticamente e nem participam da alternância média.

⁷² COMP corresponde a complemento e N a *noun* (substantivo).

Só podem receber um argumento externo, agente ou causador, na sintaxe, fora da estrutura argumental.

- (126) a. The engine coughed
b. *I coughed the engine

- (127) a. He made a fuss
b. *A fuss makes easily

b. Estrutura Argumental Diádica Básica

Essa estrutura tende a conter a categoria Preposição no inglês:

Nas estruturas em (129) e (130), o núcleo é uma preposição que toma como complemento um substantivo e como especificador um sintagma nominal. Essas estruturas podem ser chamadas também de depreposicionais, por terem como núcleo uma preposição que toma um núcleo nominal como seu complemento e, ainda, são conhecidas como denominais, justamente porque são derivadas, de algum modo, de um nome. É fato que preposições funcionais expressam uma relação e, por isso, pedem saturação de argumentos, projetando assim uma estrutura argumental. Essas estruturas participam da alternância média:

- (131) I shelved those small books.
 ‘Eu emprateleirei aqueles livros pequenos.’
- (132) Small books shelf easily.
 ‘Livros pequenos emprateleiram fácil.’
- (133) He saddled a quarter horse.
 ‘Ele selou um cavalo de corrida.’
- (134) A quarter horse saddles easily.
 ‘Cavalo de corrida sela fácil.’

Verbos como os de (131) a (134) são chamados de tipo *location/locatum*. Os verbos como *shelf* têm a semântica de “colocar algo em algum lugar” e por isso são chamados de *location*. Já os verbos como *saddle* têm semântica de “fazer algo ficar com alguma coisa”, *locatum*. Assim, em princípio, esses verbos podem ter formas analíticas, como em “*put the books on the shelf*” e “*get the horse with a saddle*”, em que não haveria a operação de *conflation* entre os núcleos.

c. Estrutura Argumental Diádica Composta

O asterisco indica que há uma diferença entre a estrutura diádica composta e a estrutura Diádica Básica. A diferença está em que, na diádica composta, o núcleo “hospedeiro” projeta um especificador por exigência de seu complemento (*break*, por exemplo, em (136)). Naquela estrutura, diádica básica, é o próprio núcleo que exige e projeta o seu especificador (*with* ou *on*) em (129) e (130)). A diádica composta tende a se realizar com a categoria de adjetivo em inglês, mas não exclusivamente:

A estrutura diádica composta compreende a classe dos verbos inacusativos alternantes. Muitos trabalhos em teoria gerativa padrão assumem que, nas alternâncias causativo-incoativas, haveria um processo de intransitivização a partir de um verbo transitivo (Cf. Burzio (1986) para uma das primeiras e célebres análises desse tipo)⁷³. Contrariamente a essa tendência, Hale e Keyser apresentam argumentos para que se assuma a forma intransitiva (inacusativa) do verbo como a primitiva. Evidências surgem da morfologia de línguas como o o’odham, que tem uma adição de morfologia ao verbo em sua forma transitiva. Em (138) e (139) abaixo, há exemplos com os verbos *hu:m* (esvaziar) e *ha:g* (derreter). Apresentamos a forma mais simples, intransitiva e, em seguida, a forma transitiva com adição da morfologia *-id*.⁷⁴

(138) *hu:m* (intr) > *hu:mid* (tr) (Esvaziar)

(139) *ha:g* (intr.) > *há:gid* (tr) (Derreter)

Os verbos de estrutura diádica composta sofreriam o que é chamado de Transativização Automática, isto é, têm, em sua estrutura primária, uma posição para um possível especificador do núcleo transitivizador V1. Em outras palavras, por terem um especificador projetado por V2, abrem a possibilidade de serem transitivizados por V1. Eles permitem que o especificador de V2

⁷³ Burzio (1986) sugere uma transformação sintática desencadeada pelo fato de que o verbo deixa de atribuir função temática ao seu argumento na posição de sujeito, detematizando-o. Assim, esse mesmo verbo não poderá atribuir Caso ao seu objeto direto, que se move para a posição de sujeito e recebe lá o seu Caso, tornando-se visível para a interpretação. Essa correlação entre papel temático e Caso é a chamada Generalização de Burzio.

⁷⁴ Apresentamos esses dois casos apenas como ilustração. Para um paradigma mais completo dos verbos desse tipo em O’odham, Cf. Hale e Keyser, 2002: 132, ex. (47).

funcione como objeto de V1, já que receberá caso acusativo de V1 em uma configuração de marcação excepcional de caso. Vejamos a estrutura abaixo:

Vejamos que a estrutura em (140) tem dois núcleos básicos: uma raiz e um verbo que seleciona essa raiz. Ainda, a adição de um V1 permite a inserção de um novo especificador. Por conta de possibilidade de transitivização automática, verbos desse tipo participam da alternância causativo-incoativa, bem como da alternância média:

- (141) I broke the pot. ('Eu quebrei o pote.')
- (142) The pot broke. ('O pote quebrou.')
- (143) The pot breaks easily. ('O pote quebra fácil')
- (144) The screen cleared. ('A tela clareou.')
- (145) I cleared the screen. ('Eu clareei a tela.')
- (146) The sky clears easily. ('O céu clareia fácil.')

Essa estrutura é muito importante para o tipo de fenômeno que tratamos nessa tese, especialmente o que chamaremos de verbos de mudança de estado, com outros autores (Cançado e Godoy, 2012). Logo adiante, sugeriremos uma estrutura para os verbos parassintéticos desse tipo semântico que se parecia com a estrutura diádica composta.

No momento, cabe um questionamento ao argumento de que a forma intransitiva deve ser a mais básica baseado na realização morfológica mais complexa da forma transitiva. Há línguas que, diferentemente de o'odham, apresentam na estrutura intransitiva uma morfologia mais

complexa do que na forma transitiva, como é o caso do russo e do polonês, segundo Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006):

(147) Russo:

- a. *katat'-sja* rolar (intr)
- b. *katat'* rolar (tr)

(148) Polonês:

- a. *zlamać-się* quebrar (intr)
- b. *zlamać* quebrar (tr)

Assim, toda abordagem que assume que uma variante é derivada da outra está assumindo que existe uma forma mais básica e uma forma mais complexa, como a da Semântica Lexical que vimos acima. Nesse sentido, a forma mais complexa deveria sempre apresentar mais marcação morfológica porque exige uma operação extra (de adição ou subtração) em algum nível da gramática. Para abordagens pela transitivização (como é a de Hale e Keyser), o problema são línguas em que a forma intransitiva é marcada com morfologia especial (mais complexa), como é o caso do russo e do polonês cujos exemplos estão imediatamente acima. Por outro lado, como Hale e Keyser já destacaram, para abordagens pela detransitivização, o problema são línguas em que a forma transitiva é mais complexa e, como haveria um processo de detransitivização, algo deveria ser apagado. Além disso, o que consideramos mais interessante, é que há diversas línguas em que a morfologia não ajuda a identificar a variante mais básica, pois as supostas contrapartes transitivas e intransitivas ou são idênticas (chamada alternância *labile*) ou totalmente supletivas. Os exemplos são originalmente de Haspelmath (1993:91) e retomados em Alexiadou; Anagnostopoulou e Schäfer (2006:5):

(149) Japonês:

- a. *atum-aru* reunir, juntar (intr)
- b. *atum-eru* reunir, juntar (tr)

Russo:

- a. goret' queimar (intr)
- b. žeč queimar (tr)

Inglês:

- a. open abrir (intr)
- b. open abrir (tr)

A maior parte dos verbos do português se comporta como os verbos do inglês, em que a forma transitiva é idêntica à forma intransitiva. Entretanto, há discussões acerca da morfologia de clítico de terceira pessoa presente em alguns verbos inacusativos. Autores como Duarte (2003)⁷⁵ (*apud* Pereira (2007)) assumem que o clítico *se* é a marca morfológica de uma operação de decausativização sobre a forma causativa de um verbo. Segundo a autora, a presença do clítico é lexicalmente condicionada na medida em que, para alguns verbos, ela é obrigatória, opcional para outros e não permitida para um outro grupo. Entretanto, tal ideia é bastante discutível. Primeiro, na maior parte dos casos, o clítico é opcional, e em PB até dispensável. O verbo *quebrar*, por exemplo, que na sua forma transitiva admite um argumento externo de tipo agente ou causador, também admite o uso do clítico *se* em sua versão intransitiva, mas é mais naturalmente formado sem ele.

(150) O João quebrou o vaso.

(151) O vento quebrou o vaso.

(152) O vaso quebrou com o vento.

(153) O vaso (se) quebrou.

Por outro lado, verbos de mudança de estado internamente causada não aceitam a presença do clítico, revelando aspectos importantes sobre esse tipo de verbo, como veremos com mais detalhes no próximo capítulo.

⁷⁵ Duarte, Inês. A Família das Construções Inacusativas. In Maria Helena Mira Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. 506-548. Lisboa: Caminho, 2003.

(154) *A fruta se amadureceu/apodreceu.

Em suma, a presença de *se* nas sentenças intransitivas do português não esclarece muito acerca do debate sobre a escolha de um processo de transitivização ou detransitivização para explicar a suposta alternância verbal, pois a sua presença tende para a opcionalidade. O que essas tipologias morfológicas das línguas parecem apontar de fato é que tentar determinar uma direcionalidade no processo de alternância é um impasse insolúvel, e que uma abordagem em que as duas formas são derivadas de modo independente é mais plausível (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU; SCHÄFER, 2006). Assumiremos, para o caso mais geral, essa postura, acreditando que a raiz que forma o verbo é o elo entre as supostas variantes causativas e inacusativas. Voltaremos a esse tópico no Capítulo 4.

d. Núcleo

Por fim, há uma estrutura com apenas um núcleo que não projeta estrutura argumental. Para o inglês, e para a maior parte das línguas do mundo, o núcleo caracteriza um nome não argumental. Como exemplos simples em português, teríamos nomes como *mesa* ou *flor*, não-predicativos.

3.3.3. Decomposição sintático-morfológica: raízes e núcleos funcionais (MD)

A partir dos pressupostos de uma teoria como a Morfologia Distribuída, já apresentados no Capítulo 1, sabemos que, para se obter o que denominamos verbo, é preciso uma estrutura que inclui, no mínimo, uma raiz e um núcleo funcional categorizador do tipo verbal. Nesta seção, apresentamos os chamados “*building blocks*”, ou os elementos mínimos de decomposição estrutural do evento em uma análise em MD. Trabalharemos com a ideia de que há três tipos de núcleos envolvidos na formação de um verbo: raízes, os núcleos funcionais introdutórios de eventos, ou os verbalizadores, e os núcleos funcionais introdutórios de argumentos (como o já estabelecido *Voice*). Abordaremos, nesta seção, os núcleos relevantes para nossos dados, combinando diversas propostas dentro do modelo. Atentamos para o fato de que cada morfema ativo é possivelmente a realização de um nó terminal morfossintático, que acaba por receber um

rótulo de categoria, mas que, no fim, deve se constituir de um conjunto de traços. Além disso, devemos destacar que, diferentemente das propostas de Semântica Lexical e de Sintaxe lexical, as propostas para decomposição do evento em MD são plurais e um tanto dispersas e desconexas ainda. Nesse sentido, uma análise dentro desse modelo se torna desafiadora.

O que é consenso nos três tipos de abordagens é que a formação verbal envolve um elemento idiossincrático, a raiz, em combinação com algum tipo de estrutura, que veicula os aspectos gramaticalmente relevantes do significado. As perguntas que se colocam para um modelo sintático, principalmente, dizem respeito ao estudo de quais informações contêm as raízes para que sejam licenciadas em determinadas estruturas verbais. Em especial, no que se refere à formação de eventos, devemos ter em mente os seguintes fatos, que são também assunções a que chegamos a partir da observação de nossos dados:

- Fato 1: a vinculação de uma raiz a uma estrutura eventual não é tão presa quanto sugere a Semântica Lexical;
- Fato 2: a vinculação de uma raiz a uma estrutura sintática não é tão livre também;

Em linhas gerais, assumimos a postura de que existem classes semânticas de raízes que tendem a ser licenciadas em determinadas estruturas, mas estratégias adicionais de licenciamento podem ser utilizadas de modo a modificar as especificações das raízes (coerção).

Como estamos trabalhando com uma teoria sintática, assumimos que as informações das raízes devem ser especificadas em termos de traços para que possam ser visíveis para a sintaxe. Voltaremos a esse tópico no tratamento dos verbos de mudança de estado.

3.3.3.1. As Raízes e o licenciamento estrutural em MD

a) A questão do argumento interno

A primeira questão de que devemos tratar é de cunho conceitual. Como vimos no capítulo 1, a MD não assume que o léxico seja um local privilegiado de armazenamento de informações semânticas a serem projetadas na sintaxe, como o faz uma teoria de Semântica Lexical, e nem

que o léxico pode ser gerativo a ponto de disponibilizar operações sintáticas, como assumido na Sintaxe Lexical.

Assim, a pergunta natural é: onde estão armazenadas as informações semânticas que parecem definir a estrutura argumental de um determinado “verbo”? Na lista 1, possuímos raízes, traços e núcleos funcionais. Como apontado por Scher, Medeiros e Minussi (2011), as perguntas relevantes para o tratamento da estrutura argumental em um modelo como a MD são:

- (i) “a informação sobre a estrutura argumental está localizada nas raízes ou nos núcleos categorizadores?;
- (ii) as raízes fazem algum tipo de seleção?;
- (iii) as raízes possuem algum tipo de grade temática ou quadro de subcategorização?”
(p.179).

No que diz respeito às raízes, há uma corrente que acredita em uma ontologia semântica que pode influenciar a estrutura sintática. As categorias dessa ontologia correspondem em grande parte às sugeridas para as constantes em Rappaport Hovav e Levin (1998). Nessa visão, as raízes pertencem às categorias ontológicas de Resultado/Estado (*Result/State*), Maneira (*Manner*) e Entidade (*Thing*), minimamente, e seu tipo semântico determina o modo como serão inseridas na representação sintática. No que concerne à formação de eventualidades, Embick (2004) propõe que raízes de resultado (como *flat* ‘chato’ e *open* ‘abrir’) são concatenadas na sintaxe como complementos de *v* e que raízes de maneira (como em *hammer* ‘martelar’) são concatenadas como modificadores de *v*. As raízes de resultado/estado são predicadores que denotam um estado resultante do evento de mudança sofrido pelo argumento interno. Em suma, o evento de mudança introduzido por *v* tem na raiz a expressão de seu resultado. A consequência estrutural disso é que as estruturas que são formadas a partir dessas raízes sempre apresentam um argumento interno.

Gostaríamos de apontar um problema na denominação do termo raízes de resultado. A interpretação de resultado é também um fenômeno estrutural e não uma propriedade codificada na raiz. Essa interpretação depende da relação entre o evento, representado por *v*, o argumento interno e o estado denotado pela raiz. Por isso, sugerimos o abandono do termo raiz de resultado

e adotamos o termo **raiz de estado**⁷⁶. Além disso, o resultado não é exclusividade das raízes de estado, ele pode ocorrer em estruturas construídas a partir de raízes que denotam locais e entidades/coisas, como *engavetar* e *apimentar*, como veremos com mais detalhes adiante. Um teste utilizado para identificar essa classe de verbos é o acarretamento (*entailment*): verbos formados a partir de raízes de estado implicam um resultado (Cf. (156)) ao passo que verbos formados a partir de raízes de maneira não o fazem (Cf. (158)):

(155) A sopa esfriou.

(156) A sopa ficou (mais) fria.

(157) O menino coçou o braço.

(158) # O braço ficou coçado.

Observamos que, mesmo que não haja uma mudança completa do estado do argumento interno, essa mudança deve ocorrer minimamente em algum grau, como já destacamos a respeito dos verbos formados a partir de raízes de estado que permitem grau. Já o evento introduzido por *coçar* não implica um resultado.

Dentro dessa linha de investigação, sugere-se que as representações associadas a eventos de mudança de estado do argumento interno tenham uma estrutura mínima do tipo de (159) abaixo:

De modo geral, a estrutura nos parece adequada, mas o fato de a raiz tomar diretamente um complemento representa um retorno à noção de item lexical como projetor da estrutura sintática. A estrutura diádica composta de Hale e Keyser, por exemplo, apresentada acima, em (140), e repetida em (160), não sofre desse problema, pois apesar de admitir que raízes podem ser predicadoras, a tomada do argumento interno é mediada pelo núcleo V2.

⁷⁶ Não confundir o uso de “estado” neste caso com o seu uso em verbos estativos ou verbos de estado.

Além disso, temos evidências empíricas para a ideia de que uma raiz de estado não subcategoriza e projeta diretamente seu argumento na estrutura sintática, pelo menos em português: os verbos parassintéticos de que estamos tratando neste estudo que contêm prefixos que chamaremos de relacionadores, uma função como a de V2.

Desde os trabalhos iniciais da teoria gerativa até suas versões mais recentes, no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), o argumento interno é considerado como um argumento do verbo lexical. No início, aceitava-se que argumento externo poderia estar em especificador de IP (*Inflectional Phrase*) e o argumento interno seria introduzido na formação verbal mais baixa, tal como na representação em (161):

Com uma série de descobertas e reflexões acerca das relações temáticas entre argumento externo e verbo, em um estágio um pouco mais avançado da teoria, sugeriu-se que o argumento externo deveria ser acomodado internamente a VP, sob o que ficou conhecido como *VP-Internal Subject Hypothesis* (KOOPTMAN; SPORTICHE, 1991), conforme estrutura em 0:

Contudo, com o contínuo avanço dos estudos sobre estrutura argumental, especialmente no estudo das assimetrias das relações semânticas entre o verbo e seu argumento interno, por um lado, e o verbo e seu argumento externo, por outro, uma estrutura verbal bipartida, que separa a projeção do argumento externo da projeção do argumento interno, foi sugerida em diversos trabalhos (MARANTZ, 1984; LARSON, 1988; HALE; KEYSER, 1993, 2002) até ser adotada na versão minimalista da teoria gerativa em Chomsky (1995). Tal estrutura tenta apreender, primeiramente, o fato de haver uma ligação mais intrínseca entre o argumento interno e o verbo que os faz, por exemplo, atribuir conjuntamente o papel temático do argumento externo que, por sua vez, encontra-se em uma relação mais frouxa com o núcleo verbal. Nesse tipo de análise, todo verbo constitui ou pode constituir uma projeção complexa.

Em uma teoria como a MD, em que o verbo não é um elemento lexical selecionado a partir de uma numeração, capaz de prever a quantidade de argumentos e papéis temáticos que irá atribuir (como no Minimalismo), é preciso reestruturar a ideia de que um núcleo V introduz o argumento interno.

Assumir que a própria raiz pode introduzir seus argumentos é empiricamente problemático na medida em que não é possível explicar porque algumas raízes que supostamente

preveem complementos ocorrem em contextos nominais em que esses são bloqueados, contextos em que denotam entidades no mundo, por exemplo.

Essa é uma questão que já levanta discussão dentro do modelo. Minussi (2012) discute, a partir dos dados de nominalizações do hebraico, se são as raízes (núcleos lexicais) ou os padrões vocálicos (para ele, realizações de núcleos funcionais) os responsáveis pela seleção e introdução de argumentos. Em um exemplo interessante, o autor fala sobre nominalizações consideradas deverbais no português (como *plantio*) e mostra como tais dados não mantêm a mesma estrutura argumental do verbo por meio de propriedades de modificação, e por isso não precisam conter uma etapa verbal. Se o argumento interno fosse introduzido na estrutura pela raiz, ele deveria se manter obrigatoriamente em ambas as formações.

Bowers (2002) em uma prosopota minimalista, que ainda assume que o núcleo lexical V é responsável por introduzir o argumento interno, chama atenção para o fato de que, assim como o sujeito, o objeto mantém uma relação especial com o predicado da sentença. Essa relação marca morfologicamente, de alguma maneira, o objeto da sentença. Para representar a relação de transitividade entre o verbo e o objeto, Bowers postula uma categoria funcional chamada Tr, responsável pela relação de transitividade, pela checagem de caso acusativo e traços de concordância do objeto. Apesar de não falar que a categoria funcional introduz o objeto, o autor já prevê uma estrutura em que um núcleo funcional pode ser responsável pelas funções do argumento interno.

Por isso, o que vamos propor para nossos dados em relação à presença do argumento interno não é necessariamente uma novidade em termos de análise: assim como um núcleo *v* (ou *Voice*) introduz o argumento externo, um núcleo funcional também é responsável por introduzir um argumento interno, previsto ou não pela semântica da raiz com a qual se combina. Por exemplo, uma raiz de estado, como a que forma o adjetivo *vermelho* ou o verbo *avermelhar*, pode prever semanticamente o seu argumento, mas uma raiz como a que forma *gaveta* ou *martelo* não o faz. Entretanto, nenhuma dessas raízes tem capacidade estrutural de se relacionar a um complemento no português.

Para os verbos em estudo, assumimos que o argumento interno é introduzido e relacionado com a raiz através de um núcleo que se realiza superficialmente na forma de prefixo. A maior parte de nossos dados se resume a verbos de algum tipo de mudança sofrida pelo argumento interno, que tem como resultado o mesmo entrar no estado ou local denotado pela raiz

sobre a qual a formação é construída. Assim, nossa proposta é a de que existe um requerimento formal no português para que o argumento interno possa entrar na derivação em uma posição em que recebe o papel semântico de argumento afetado da raiz: é preciso haver a mediação de um núcleo funcional de natureza preposicional ou relacionadora e também verbal. Essa proposta remonta à passagem no capítulo 2 em que comentamos sobre a afirmação intuitiva de Said Ali (1966:254) de que “os verbos parassintéticos são devidos antes a nomes preposicionados do que a simples nomes como elementos derivantes”. Além disso, essa ideia é facilmente acomodada pelas estruturas diádica básica e composta de Hale e Kayser. Como já apontamos, na diádica composta, o * indica que a raiz é predicadora, mas precisa da mediação de um V para se relacionar ao argumento interno. Na diádica básica, a raiz não é predicadora e P assume as funções de predador e relacionador. Em alguns casos, esse argumento apresenta também traços direcionais como é o caso dos prefixos em formações de mudança de lugar. No Capítulo 4, abordaremos cada formação com o devido detalhe, mas por ora, assumimos que o papel estrutural do prefixo é o seguinte: introduzir o argumento interno na formação e relacioná-lo à raiz, como na representação abaixo, em que atribuímos o rótulo R que indica um núcleo **Relacionador**.

(165) avermelhar o cabelo = cabelo <a> *estado* vermelho.

(166) eu engordei = eu *estado* gordo.

(167) engavetar o papel = o papel *lugar* gaveta.

(168) expatriar o coronel. = o coronel <ex> *lugar* de pátria.

(169) empilhar os livros = os livros *configuração* de pilha.

Nossa categoria R é uma categoria interna de natureza verbal, conforme evidências apresentadas na seção 3.2.2: tais prefixos estão sempre relacionados a estruturas verbais e eventivas. No entanto, o núcleo R não é capaz de expressar uma verbalização sozinho, mas faz parte do processo de verbalização. Toda a estrutura cujo núcleo é R, que constitui um tipo de

small clause, será c-comandada por um *v*, responsável pela categorização por ser um núcleo cíclico e permitir a formação de uma palavra morfológica (M-palavra): o verbo. O papel semântico (temático/eventual) do DP argumento interno é definido estruturalmente pela projeção intermediária formada por núcleo R e raiz. O DP em posição spec, R é sempre um tema (como em *avermelhar a roupa*) ou experienciador (*acalmar o paciente*), sendo que sua relação com R indica a mudança e a denotação da raiz especifica a qualidade da mudança. Por exemplo, um DP em spec, R concatenado com raiz de estado é interpretado como um tema que sofre mudança de estado, já se R estiver concatenado com uma raiz de lugar é interpretado como um DP que sofre mudança de lugar. No entanto, assumimos que as funções de checagem de caso acusativo ainda são de responsabilidade de *v* em posição de configuração de marcação excepcional de caso.

Além disso, a ideia de que *R* se adjuge diretamente à raiz dá conta de dois fatos empíricos encontrados, fatos esses relativos à estrutura morfofonológica (seção 3.2.2.): i) os prefixos parassintéticos nunca ocorrem com verbos já prefixados, tendo que preceder imediatamente o início da base, e ii) as interações e restrições fonológicas ocorridas entre o último fonema que constitui o prefixo e o início da raiz. Essas restrições não se impõem sobre outros prefixos de natureza externa (*reengavetar*, *desalojar*, *inadmitir*). Seguindo a teoria de Embick (2010), a qual explicitaremos com detalhes no capítulo 5, o prefixo só pode ser sensível às propriedades da raiz porque está no mesmo domínio cíclico que ela, em uma relação de localidade. Assumimos que *R* não é um núcleo cíclico (por isso está grafado em caixa alta) porque não forma com o seu complemento um domínio independente de som, mas parece formar um domínio independente de significado.

O fato de que o argumento interno, o prefixo e a raiz formam um domínio independente de significado pode ser evidenciado pela modificação adverbial. Em inglês, particularmente, utiliza-se o teste de modificação adverbial para separar camadas estruturais por meio do advérbio *again*, revelando as leituras repetitiva e restitutiva. Em consulta a falantes nativos, expusemos o seguinte teste, buscando saber se o advérbio “de novo” poderia modificar tanto *vP* quanto *RP*, gerando as duas leituras (L) a seguir:

(170) A dieta emagreceu a Maria de novo.

L1 (Repetitiva – modificação de vP): A Maria era gorda e emagreceu com uma dieta. Algum tempo depois, ela engordou e a mesma dieta a fez emagrecer novamente.

L2 (Restitutiva – modificação de RP): A Maria emagreceu a primeira vez por uma outra razão (digamos, uma cirurgia), e a dieta a fez ficar magra novamente **(ou)** Maria sempre foi magra, porém ganhou peso (digamos, durante a gravidez) e ficou magra novamente. A dieta não atuou duas vezes nesse caso.

Dos sete falantes consultados, apenas um diz admitir somente a primeira leitura ao passo que cinco admitem igualmente ambas as leituras e um relatou admitir ambas as leituras, mas preferir 1 a 2. Tais resultados, bem como nossa própria intuição nos levam a crer que “de novo” pode modificar toda a estrutura, o que resulta na leitura 1 ou modificar somente RP.

Além disso, nos verbos de mudança de estado, por exemplo, podemos modificar a camada nucleada por R por meio de advérbios de grau como “um pouco” ou “completamente” com raízes escalares. Essa é uma forma de modificar o estado alvo, que inclui o argumento interno e a raiz, mas não necessariamente v. Observando a sentença em (171), em tese, como se dá com a adjunção do advérbio “de novo”, haveria duas interpretações disponíveis: 1) a de que “a paciente ficou um pouco mais magra”, resultante da adjunção do advérbio “um pouco” ao RP (como na estrutura em (172)) e 2) a Maria não necessariamente ficou um pouco mais magra, mas houve um evento de emagrecer que se deu em pequena escala. Nesse caso, o advérbio um pouco modificaria diretamente o vP. Entretanto, em consulta a falantes nativos, observamos que somente a primeira interpretação está disponível. Expusemos o seguinte dado e pedimos aos falantes que julgassem a possibilidade da primeira, da segunda ou de ambas as leituras:

(171) A dieta emagreceu a Maria um pouco.

L1: A Maria ficou um pouco mais magra.

L2: A dieta funcionou só um pouco.

Dos sete falantes que responderam ao teste, quatro afirmaram não admitirem a segunda leitura, dois admitiriam ambas as leituras e um expôs a dificuldade em dissociar ambas as leituras. Esse falante relatou que não consegue dissociar o fato de a dieta ter funcionado um

pouco (L2) do fato de a mulher ter ficado um pouco mais magra (L1). Nesse sentido, a modificação de vP implica também o escopo sobre RP. Os resultados apontam para a relevância de se assumir um domínio RP, e o que se confirma é que podemos admitir com mais segurança uma leitura em que o advérbio modifica o estado alvo, como na estrutura a seguir:

Voltando ao fato de propormos que o núcleo R é não-cíclico, sabe-se que a parassíntese é conhecida exatamente por essa dependência entre o prefixo e o sufixo verbalizador, mas nenhum trabalho tentou demonstrar em termos formais tal dependência, a não ser pelo fato de afirmar que se trata de circunfixos. O sufixo verbal ocupa a posição de v na estrutura (simplificada) do verbo tal como sugerida em (172) acima. Ora, tal dependência pode ser explicada pelo fato de R ser um núcleo não cíclico que não é capaz de categorizar o seu complemento, a raiz, no domínio da palavra e necessita de um núcleo cíclico, um v , para que a estrutura seja categorizada e *spell-out* ocorra. Aqui reside uma de nossas contribuições: explicamos, formalmente, a dependência morfofonológica existente entre prefixo e sufixo na formação parasintética por meio da proposta de uma estrutura como a de (172) e da assunção dos pressupostos de uma teoria localista como a de Embick (2010). Apesar de haver propostas para o português do prefixo como um núcleo relacionador (LEMLE, 2008, SOLANGE, 2009, BASSANI, 2009, 2011), nenhuma delas aborda a fundo a natureza morfofonológica desse núcleo e a sua relação de dependência em termos de categorização com o núcleo v . No capítulo 5, após propormos com detalhes as estruturas para as classes verbais no capítulo 4, bem como os traços que compõem os núcleos funcionais R e v , exploramos os padrões e as restrições de inserção de vocabulário nesses núcleos.

No entanto, nossa proposta de que os prefixos introduzem os argumentos internos nesses verbos traz uma consequência na forma de uma pergunta: devemos assumir que isso pode ser estendido mesmo aos verbos de mudança não prefixados? Em outras palavras, quem introduz o argumento interno nos verbos não prefixados que possuem as mesmas propriedades semânticas e estruturais? “Prefixos nulos”?

A questão é de extrema dificuldade, dada a sua natureza teórica. Contudo, a ideia de que um núcleo é responsável por introduzir argumentos internos mesmo que esse seja realizado por um vazio fonológico (como acontece com *Voice* em relação ao argumento externo na maior parte das línguas) não nos parece absurda em face de evidências de dois tipos, que explicitaremos imediatamente. Além disso, a existência de morfemas zero não é problemática para uma teoria como a MD, uma teoria morfológica do tipo item e arranjo.

A primeira das evidências é diacrônica e específica do português. Quando da investigação dos dados, encontramos dados de português antigo em que verbos que hoje não contêm prefixos eram prefixados. Observemos a figura abaixo:

Figura 3. Dado arcaico *alimpar*

Trecho da obra PINTO, Heitor, O.S.J., 1528?-1584?, *Imagem da vida christam ordenada per dialogos como membros de sua composiçam...* / compostos per frey Hector Pinto, frade Ieronimo. - Em Coimbra : per Ioão de Barreira, 1563. *Grifo nosso.*

No trecho da obra do séc XVI, vemos que o verbo que é hoje *limpar* continha o prefixo *a-* também presente em diversos verbos de mudança de estado, como *alargar*, *amansar* e *agravar*. Assim, não nos parece interessante propor que verbos como *limpar* e *sujar*, dada a ausência de morfemas prefixais, tenham uma estrutura argumental diferente de verbos como *alargar*, *amansar* e *agravar*, ou que raízes como $\sqrt{\text{MANS}}$ não são capazes de tomar o argumento interno como complemento diretamente, mas raízes como $\sqrt{\text{SUJ}}$ são. Talvez, o fato de aqueles verbos não conterem prefixos abertos seja mais o fruto de um processo de apagamento fonológico histórico

do que a indicação da falta de um núcleo R sincronicamente, como sugerimos na estrutura em (164) acima. Como se poderia pensar, tal fenômeno não é exclusivo deste verbo (*alimpar-limpar*), pois encontramos, em uma pequena investigação etimológica, outros dados que não apresentavam morfemas prefixais e que hoje requerem, obrigatoriamente, a sua realização, mostrando que o processo tem duas vias. Dados de verbos como *alimpar* são mais complexos para encontrar visto que não temos em nosso *corpus* formas não prefixadas. A investigação detalhada desse tipo de mudança histórica deve ficar para um trabalho futuro.

Forma atual	Ocorrencias diacrônicas
limpar	sXVI alimpar
acertar	sXIV açertar, sXIV çertar , sXV asertar
atormentar	sXIII tormentar , sXIV atormentar, sXV atromentar
apresentar	sXIII apresentar, sXIII presentar , sXIV apressentar
afrontar	sXIII afrontar, sXIII frontar , sXV afromtar

Tabela 11. Algumas formas diacrônicas.

Mais uma vez, vemos a necessidade de uma teoria separacionista e de inserção tardia que nos permita desvencilhar a aparente ausência de itens de vocabulário da presença estrutural de traços e núcleos funcionais.

Hoje, alguns verbos parecem estar em estágio de mudança, no qual as duas formas convivem como sinônimas. É o caso do verbo *baixar/abaixar*.

(173) O preço do tomate (a)baixou.

(174) Você pode (a)baixar o volume do rádio?

(175) Eu (me) (a)baixei e achei a chave que tinha caído.⁷⁷

⁷⁷ Além disso, em alguns dialetos, o prefixo é raramente realizado, o que não indica que o uso desses verbos sem realização fonológica do prefixo reflita uma representação estrutural diferente da que se atribui a seus usos em outras regiões do Brasil, onde o prefixo não pode ser fonologicamente nulo. Dois dados no mínimo curiosos são os de (i) e (ii) abaixo.

(i) Ele (se) abaixou no chão e viu a chave.

(ii) Ele (?se) baixou no chão e viu a chave.

Uma intuição que temos é que os dialetos que privilegiam a perda da realização fonológica prefixal também privilegiam a perda da morfologia do clítico *se* e dificilmente apresentariam uma frase com o clítico e sem o prefixo.

O segundo tipo de evidência para um núcleo funcional introdutor de argumentos internos é translinguística. Diversos trabalhos falam sobre a existência de morfemas prefixais em diversas línguas que licenciam argumentos, por isso não seria tão estranho pensar que prefixos são a realização superficial de núcleos introdutores de argumento, que, em certos contextos, podem não receber realização fonológica.

Booij (1990:53), por exemplo, mostra que prefixos verbais do holandês podem ter efeitos na “valência sintática das palavras base”, ou seja, na estrutura de argumentos. Alguns exemplos⁷⁸:

- (176) a. *bellen* (opcionalmente TRANS⁷⁹) ‘phone’; ‘telefonar’
b. *iemand opbellen* (TRANS) ‘phone somebody’; ‘telefonar para alguém’
- (177) a. *lopen* (INTR) ‘walk’; ‘andar’
b. *de straten aflopen* (TRANS) ‘tramp the streets’; ‘perambular as/pelas ruas’

Masini (2002) apresenta um trabalho comparativo das propriedades das construções verbo-partícula do inglês e dos verbos prefixados do russo e defende que existe uma correspondência funcional entre esses elementos. O inglês, uma língua do grupo germânico, vem perdendo sua produtividade prefixal como resultado da mudança de ordem de Sujeito-Objeto-Verbo para Sujeito-Verbo-Objeto, como resultado da passagem do Inglês Antigo (*Old English*) para o Moderno (*Modern English*) e da queda do sistema flexional. Com isso, a pós-modificação passou a prevalecer e as partículas foram introduzidas (Masini, 2002:9). Nessa língua, as partículas, e não os prefixos, são responsáveis pela modificação argumental verbal. As construções verbo-partícula do inglês são muito parecidas com os verbos do holandês apresentados acima, mas há uma diferença notável na ordem de realização, pois as partículas do inglês sempre se posicionam após o verbo. A autora afirma que as partículas têm, sobretudo, valor aspectual, conforme descrição a seguir:

Por outro lado, parece que é possível realizar o prefixo sem realizar o clítico. Isso pode indicar que a perda da realização da fonologia do clítico está mais avançada que a do prefixo, mas não temos muito mais a dizer sobre esse tópico antes de pesquisa mais aprofundada.

⁷⁸ Optamos por manter a tradução original para inglês presente nos textos.

⁷⁹ TRANS = Transitivo; INTR = Intransitivo.

(178) Perfectivo

a. drink > drink **up**; calm > calm **down**

b. ‘beber > beber (tudo)’; ‘acalmar > acalmar (completamente)’

(179) Ingressivo

a. hurry > hurry **up**; lie > lie **down**

b. ‘Apressar > (começar a) apressar’; ‘deitar > (começar a) deitar’

(180) Continuativo/iterativo

a. hammer > hammer **away**; drive > drive **on**

b. ‘martelar > martelar repetidamente’; ‘dirigir > dirigir continuamente’

Mas, além disso, afirma que a partícula pode alterar o número e o tipo de argumentos requeridos pelo verbo, modificando, assim, sua transitividade (Masini, 2002:29-31). Notamos, pelo conjunto de sentenças em (181), que a presença da partícula torna obrigatória a expressão do argumento interno do verbo.

(181) a. He *drank* a cup of milk every morning

‘Ele bebeu uma xícara de leite toda manhã’

b. He *drank* a lot

‘Ele bebeu muito’

c. He *drank down* the milk

‘Ele bebeu o leite’

d. * He *drank down* (a lot)

‘Ele bebeu (muito)’

Por outro lado, em (182), a partícula *over* atua de modo diferente. O verbo *hand* pede obrigatoriamente a expressão de um argumento externo, um argumento interno direto e um indireto, como vemos pela gramaticalidade de (182)a e pela agramaticalidade de (182)d, em que a falta do argumento interno indireto ou preposicionado não é tolerada. No entanto, com a adição de *over*, a expressão desse argumento é opcional, como vemos em (182)b,c.

- (182) a. Will you please *hand* the secret folders to the police?
 ‘Você faria o favor de entregar as pastas secretas à polícia?’
 b. Will you please *hand over* the secret folders?
 ‘Você faria o favor de entregar as pastas secretas?’
 c. Will you please *hand over* the secret folders to the police?
 ‘Você faria o favor de entregar as pastas secretas à polícia?’
 d. *Will you please *hand* the secret folders?
 ‘Você faria o favor de entregar as pastas secretas, por favor?’

Em outros casos, verbos que não tomam argumentos (intransitivos) podem passar a tomá-los e vice-versa:

- (183) Intransitivos > Transitivos
 a. to blow > to blow down (a tree)
 ‘soprar > derrubar (uma árvore)’
 b. to work > to work out (a sum/the details)
 ‘trabalhar > analisar (uma soma/os detalhes)’
 c. to cough > to cough up (blood)
 ‘tossir > tossir (sangue)’
 (184) Transitivos > Intransitivos
 a. to add > to add up to
 ‘adicionar’ > ‘adicionar até chegar a um limite’
 b. to check > to check up on
 ‘checar’ > ‘verificar/supervisionar’
 c. to show > to show up/off
 ‘mostrar’ > ‘aparecer’

Os dados acima nos direcionam para duas conclusões: as partículas podem alterar (ou definir) a estrutura argumental e nem todas atuam do mesmo modo, sendo necessário investigar caso a caso qual sua função estrutural. Nos dados em (184), as partículas saturam os argumentos

pedidos pelos verbos em vez de abrir espaço para a introdução de um novo argumento, por isso a alternância transitiva-“intransitiva”.

Embora os exemplos apresentados sejam de verbos a que partículas se adicionam, outros dados, mais parecidos com os enfocados nesta tese, nos sugerem que o mesmo pode se dar com outras categorias. Um exemplo interessante é a expressão *weird out*. *Weird* (‘estranho’) é, originalmente, um adjetivo que modifica um NP, como em “*a weird dream*” ou pode ser usado em uma oração com cópula, como em “*She is a weird person*” ou “*That is a weird question*”. Contudo, mesmo em inglês, língua que tem grande facilidade para converter nomes e adjetivos em verbos, para que se verbalize a raiz *weird* há de se utilizar a partícula *out*, que não tem valor aspectual ou direcional nesse caso. Uma pesquisa no site de buscas Google pela expressão “*weirds me*” retornou todas as ocorrências (aproximadamente 169.000) como *weirds me out*, contendo a partícula. Além disso, falantes consultados julgam a formação impossível.⁸⁰

(185) The whole concept really weirds me *(out).

Assim, hipotetizamos que essa partícula é meramente um requerimento estrutural para que se possa introduzir um argumento interno e relacioná-lo ao estado denotado por *weird*. Vejamos que nas três formações, em que o adjetivo ocorre dentro da estrutura de um DP, dentro de uma estrutura de cópula e dentro de uma construção verbo partícula, há núcleos funcionais que são responsáveis por relacionar a raiz com a estrutura argumental.

Do mesmo modo, a maior parte de nossos dados não são verbos prefixados, mas sim verbos formados a partir da adição simultânea de prefixos e sufixos a raízes e, em alguns casos, a bases adjetivais e nominais. Na transformação desses elementos em verbos, é possível (e necessário) introduzir um novo argumento, como aponta a gramaticalidade dos dados em (187) e (190), em que os supostos nomes e adjetivos de base ou as raízes não podem estabelecer essa relação sozinhos. Expressões analíticas com cópulas, como em (188), ou verbos leves do tipo de (191), também permitem o estabelecimento da relação, exceto em contextos de raiz, em que somente a formação verbal sintética é possível.

⁸⁰ Uma discussão é a de se o complexo *weird out* não teria um significado diferente daquele atribuído ao adjetivo *weird*. Se lembrarmos a nossa discussão sobre composicionalidade no capítulo 2, podemos dizer que a raiz *weird* tem diferentes nuances de interpretação, todas correlacionadas. A expressão *weird out* é derivada daquela que significa “strange in a mysterious and frightening way” (<http://oaadonline.oxfordlearnersdictionaries.com/dictionary/weird>).

- (186) *Vazio a caixa.
- (187) Esvaziar a caixa.
- (188) Está vazia a caixa.⁸¹
- (189) *Garrafa o vinho.
- (190) Engarrafar o vinho.
- (191) Colocar o vinho em garrafa

Ainda, segundo a nossa proposta, no verbo *acalmar*, a presença do prefixo é a evidência morfológica da existência de um núcleo que licencia de modo direto um argumento interno como em (192)a. Contudo, a mesma raiz em uma estrutura nominal, como em *calmante*, não licencia esse mesmo argumento e nem a verbalização sem prefixo:

- (192) √CALM-
 - a. O remédio acalmou o paciente.
 - b. *Calmante o paciente.⁸²
 - c. *O remédio calmou o paciente.

Além disso, outro argumento da correlação entre a presença de prefixos e a presença do argumento interno está no fato de que, em geral, a verbalização cria verbos inacusativos de alternância (como (193)) e verbos transitivos (como (194)a e (195)a). Não favorecem a formação de verbos inergativos ((193)c e (194)c). Em (195)b não há um verbo inergativo, mas uma formação transitiva em que o argumento interno foi omitido. Sua interpretação é facilmente recuperável e, além disso, necessária para que essa seja uma boa sentença; trata-se de um argumento implícito.

- (193) a. O tanque esvaziou.
- b. Eu esvaziei o tanque.

⁸¹ A ordem preferencial para esta sentença é *A caixa está vazia*. Em uma teoria sintática gerativa, isso seria explicado pelo fato de o núcleo T (Tense), preenchido pelo verbo *estar*, conter um traço EPP (Extended Projection Principle) que faz com que o argumento *A caixa* seja copiado para a posição de especificador de TP (Tense Phrase).

⁸² Um problema encontrado é o fato de que nominalizações como *amaciante* e *adoçante* apresentam o prefixo, mas não licenciam argumento interno. Deixaremos a discussão aprofundada das nominalizações para trabalho futuro.

c.* Eu esvaziei.

(194) a. Eu acaricieei o cachorro.

b.* O cachorro acariciou.

c. *Eu acaricieei.

(195) a. O cantor atraiu a atenção do público.

b. Este cantor atrai (alguém, alguma coisa).

Ademais, há poucos casos de verbos de transitivos indiretos e bitransitivos em nosso corpus porque a preposição que estaria introduzindo o complemento indireto está incorporada ao verbo complexo. O verbo *adentrar* é um bom exemplo dessa implicação. Comparemos a estrutura argumental do verbo *adentrar*, prefixado, e do verbo *entrar*, não prefixado:

(196) a.O rapaz entrou na sala.

b.O rapaz adentrou a sala.

Em (196)a, o local que complementa o sentido do verbo *entrar* é licenciado na estrutura pela preposição locativa *em*. Por essa exigência, tem-se um verbo transitivo indireto. Por outro lado, em (196)b, o argumento locativo não precisa ser licenciado por uma preposição livre na sentença, pois sua introdução é permitida por conta de existência do prefixo preposicional no próprio verbo complexo. Tal configuração acarreta a estrutura de um verbo transitivo direto.

Olhando agora para línguas eslavas, Sevenonius (2004:235) apresenta o verbo *pisal* ('escrever'), do russo, quando prefixado por *na-*, prefixo esse que ele chama de prefixo lexical (em oposição a prefixos super lexicais)⁸³. Tal dado exemplifica como a presença desse prefixo torna obrigatórios elementos antes opcionais:

(197) Ivan pisal (pisjmo)

Ivan wrote (letter)

'Ivan was writing (a letter)'

⁸³ Retomaremos adiante esses termos para explicitar diferentes tipos de análises.

‘Ivan estava escrevendo (uma carta)’

(198) Ivan **na**-pisal *(pišjmo)

Ivan on-wrote letter

‘Ivan wrote a letter’

‘Ivan escreveu uma carta’

Além disso, mais dados translinguísticos corroboram o fato de que alguns prefixos realmente alteram a estrutura sintática do verbo formado. Segundo Masini (2002), os prefixos russos de origem eslava alteram o número e o tipo de complementos (quadro de subcategorização) do verbo. Eles impõem o tipo de complemento preposicional que o verbo toma após a prefixação, ou seja, a presença do prefixo influencia a seleção do sintagma preposicional que segue o verbo. Muitas vezes, ocorre a seleção de uma preposição correspondente no significado e na forma com o prefixo. A adição de um prefixo induz o verbo a tomar um argumento que semanticamente corresponde ao próprio prefixo e funcionalmente completa sua estrutura, como no exemplo abaixo, em que a adição do prefixo *vz-* ao verbo *valit* altera a grade argumental exigindo um complemento preposicional nucleado por *na*:

(199) *valit*’

‘to throw down/overthrow’

‘derrubar’

(200) *vzvalit*’

‘to (off)load, to shift st on sb’

‘carregar/transferir algo para alguém’

(201) *vzvalit*’ mešok **na** spinu

‘to hoist a pack onto one’s shoulder’

‘Alçar um pacote nos ombros de alguém’

(MASINI, 2002:72)

Além de alterar a transitividade dos verbos a que se anexam nas línguas eslavas, os prefixos especificam o tipo de complemento. Vejamos o paradigma do verbo *govorit* do russo

(‘dizer/falar’). Os exemplos indicam o tipo de caso recebido pelo complemento adicionado pelo prefixo. O símbolo +acc indica que o verbo exige complemento com caso acusativo; +gen para caso genitivo; +instr para caso instrumental e +dat para caso dativo:

- (202) **vygovorit’** TRANS ‘to speak out, pronounce’ +acc.;
‘Falar alto, pronunciar’
- (203) **dogovorit’** TRANS ‘to finish saying’ +acc.;
‘Terminar de dizer’
- (204) **zagovorit’** a. INTR ‘to begin to speak’;
‘Começar a dizer’
b. TRANS ‘to talk sb’s head off/to cast a spell over’ +acc.;
‘Falar demasiadamente/amaldiçoar’
- (205) **nagovorit’** a. TRANS ‘to talk, say a lot’;
‘Falar/dizer demais’
b. INTR ‘to slander, calumniate’ + a⁸⁴ +acc.;
‘Difamar/caluniar’
- (206) **ogovorit’** TRANS ‘to calumniate’ +acc.;
‘Caluniar’
- (207) **otgovorit’** TRANS ‘to dissuade from’ +acc. + ot+gen.;
‘Dissuadir de’
- (208) **pogovorit’** INTR ‘to have a talk’;
‘Ter uma conversa’
- (209) **podgovarivat’** TRANS ‘to incite to’ + acc. + infinitive (inf.);
‘Incitar a’
- (210) **prigovorit’** TRANS ‘to sentence (to)’ + acc. + k + dat.;
‘Sentenciar a’
- (211) **ugovorit’** TRANS ‘to persuade (to)’ + acc. + inf.
‘Persuadir a’

(MASINI, 2002:73-74)

⁸⁴ Nos exemplos (205), (207) e (210), ocorrem preposições que são responsáveis por introduzir e atribuir caso a objetos indiretos de usos intransitivos e bitransitivos. São elas: a/**ha** (‘a’), ot (‘de’ origem), s/c (‘com’), o (sobre), k (‘a’).

Ademais, os prefixos podem alterar as propriedades semânticas de seleção do argumento do verbo. O exemplo dado é de um verbo que toma originalmente complementos menos animados e, com a adição do prefixo, pode tomar um complemento mais animado:

- (212) Jurij pisal pis'mo
Jurij[nom.] write[pass.masc.] letter[acc.]
'Jurij wrote a letter'
'Jurij escreveu uma carta'
- (213) *Jurij pisal ee
Jurij[nom.] write[pass.masc.] she[acc.]
*'Jurij wrote her [object]'
*'Jurij escreveu ela [objeto]'
- (214) Jurij vypisal ego iz bol'nicy
Jurij discharge[pass.masc.] he[acc.] from the hospital
'Jurij discharged him from the hospital'
'Jurij exonerou-o do hospital'

(MASINI, 2002:74)

Nas línguas românicas, representadas abaixo pelo francês (Cf. DI SCIULLO, 1997), a presença de elementos pré-verbais também é comum. Entretanto, eles nunca ocorrem como elementos separáveis do verbo, como vemos nos exemplos com os prefixos *a-* e *em-*.

- (215) apporter/emporter
'trazer/trazer para (dentro)'
- (216) enferme/refermé
'fechar/fechar de novo'

Alguns tipos de prefixos, que a autora chama de adjuntos aspectuais internos, podem alterar a estrutura de argumentos do verbo a que se ligam. No exemplo (218) o prefixo *em-* exige, ou ao menos permite, a presença de um complemento indireto locativo:

(217) Il a (re)fermé le donjon.

‘Ele (re)fechou o calabouço’

(218) Il a enfermé le dragon dans le donjon.

‘Ele fechou o dragão no calabouço’

Com esta subseção, finalizamos a justificativa da escolha de uma análise que não assume a introdução do argumento interno na estrutura de verbos de mudança como complemento direto da raiz. Passemos agora a noção de causa.

b) vs e Causa

Como já destacado por diversos autores, as raízes chamadas raízes de estado podem ser de dois tipos: as de estado internamente causado e as de estado externamente causado. Em verbos como *amadurecer* e *apodrecer* o estado pode ser desencadeado por uma “causa interna” ao próprio argumento interno (leia-se mudanças espontâneas de propriedades naturais internas do referente denotado pelo argumento interno), sem a necessidade de um argumento externo de tipo agente ou evento causador (*causer*). Por outro lado, em verbos como *assustar*, o estado é desencadeado por fatores externos ao referente denotado pelo argumento interno, tais como um agente ou um evento causador. Há ainda aquelas raízes que são subespecificadas, como nos parece ser a do verbo *amolecer*: a causa pode ser interpretada tanto como de fonte externa ou interna.

Com base em alguns comportamentos estruturais fixos dessas classes (por exemplo, *destruir* não ocorre em sentenças inacusativas/anticausativas e *nascer* não ocorre em causativas), uma das grandes questões para a MD reside em maneiras de restringir o licenciamento das raízes em determinadas configurações.

Marantz (1997) sugere que os categorizadores verbais devem ser, no mínimo, de dois tipos: um transitivo (v-1) que licencia um argumento externo agentivo/causador e um inacusativo/incoativo (v-2) que requer somente a realização de um argumento interno. Tal proposta é muito parecida com a de Hale e Keyser, com a diferença de que, nessa proposta, tudo

ocorre na sintaxe. Marantz não resolve o problema de quais raízes são licenciadas em quais contextos, dizendo o seguinte:

“The exact (semantic) categories for roots that predicts their varying behavior in nominal and verbal environments is not important here (although identifying these categories is of course essential to syntactic theory). The important point is that there are such categories, there aren’t too many of them, and roots can all be assigned to one or another category (or perhaps to multiple categories). [...] Among the functional heads in whose environments roots become verbs (these may be “aspectual” in some sense), one, call it “v-1,” projects an agent while another, call it “v-2,” does not. These little “v’s” could be different flavors of a single head, or perhaps there is some unified account that could have a single head optionally project an agent and thus cover both v-1 and v-2. The details don’t matter to us here. Crucially, there’s an apparent incompatibility between v-2 and verb roots that imply external cause or agent, like $\sqrt{\text{DESTROY}}$ — see (12b). It is possible that a “middle” reading is forced when v-2 is combined with this class of roots (“These carefully constructed sets will destroy easily during the crucial earthquake scenes of the movie”) or that such a combination never finds a semantic interpretation.” (p.17)

Harley e Noyer (2000) trabalham com a ideia de que as raízes são licenciadas de acordo com o traço [$\pm$ cause] para serem inseridas ou não em um evento causado. Essa análise parece adotar, grosso modo, a ideia de que quando há um argumento externo na estrutura há um licenciamento do tipo [+causa], e quando não há, o licenciamento é de tipo [-causa]. Observemos abaixo o contexto de licenciamento das raízes *sink* e *destroy*, retiradas de Harley e Noyer (2000):

Fonologia	Contexto de licenciamento	Enciclopédia
Sink	[$\pm$ v], [+DP], [$\pm$ cause]	<i>What we mean by sink</i>
Destroy	[+v], [+DP], [+cause]	<i>What we mean by destroy</i>

Tabela 12. Contextos de licenciamento em Harley e Noyer (2000).

A proposta prevê que uma raiz como *sink* é subespecificada para o traço [cause] e quando o traço [+cause] é selecionado há a obrigatoriedade da introdução de um argumento externo (que pode ser um agente facilitador (*the man sank the boat*) ou um evento causador (*the storm sank the boat*), o que resulta na formação de uma sentença transitiva/causativa. A seleção de [-cause] resulta na formação de uma sentença inacusativa. Nessa proposta, a raiz *break*, por exemplo, seria especificada para [-caus] em sua versão intransitiva.

A proposta de Harley (2007) não aborda profundamente a questão do licenciamento das raízes, mas aposta, como Marantz sugere na citação acima, em “*different flavors of a single head*” (‘diferentes sabores de um único núcleo’). O núcleo em questão é *v* e os sabores relevantes para nossa discussão são *vBECOME* e *vCAUSE*.

A autora sugere que raízes de verbos como *break* são licenciadas nas duas estruturas abaixo, em que a versão transitiva contém um *vCAUSE* e a versão intransitiva contém um *vBECOME* (HARLEY, 2007:14,20),:

A nosso ver, a proposta tem alguns problemas. Um deles consiste em que ela não apreende o fato de que a semântica de BECOME (mudança de estado) não está restrita à estrutura intransitiva, como as estruturas acima sugerem, mas está presente também na versão transitiva. Se assumirmos que a semântica de BECOME é decorrente de uma relação estrutural entre a raiz que denota mudança de estado e o argumento interno quando tomados como complementos de um *v* introdutor de evento, conseguimos apreender o fato de que essa semântica está presente em ambas as estruturas. A diferenciação deve ser feita no domínio do argumento externo, e aí sim a

ideia de causa torna-se um diferencial. Além disso, a questão do licenciamento das raízes é superficial.

No capítulo 4, olhando mais especificamente para nossos dados, iremos abordar novamente a noção de causa e o licenciamento do argumento externo. O que buscamos fazer ao explorar as três propostas de estrutura argumental foi mostrar que elas apresentam tanto noções idênticas com diferentes terminologias, quanto noções complementares. Ao analisar mais de perto nossos dados, buscaremos aproveitar tais contribuições e evitar os problemas criticados na próxima subseção.

3.3.4. Aplicações da semântica/sintaxe-lexical em verbos do português (PEREIRA, 2007; CANÇADO; GODOY, 2012): vantagens e críticas

Nesta subseção, retomamos algumas propostas de classificação semântica de verbos derivados e simples para, primeiramente, avaliar se essas seriam suficientes para tratar de nossos dados e, então, se necessário, sugerir mudanças e propor uma nova classificação. Elencamos duas propostas: Pereira (2007) e Cançado e Godoy (2012). Em vez de retomar cada um dos trabalhos em forma de resenhas completas, iremos apresentar uma introdução com os comentários gerais a esses trabalhos seguida de uma tabela que sumariza a classificação semântica (em termos de Estruturas Lexicais Conceituais-ELCs), as propriedades argumentais dos tipos verbais e as correspondências entre as propostas apresentadas e discutidas. No próximo capítulo, abordaremos cada classe tentando mostrar em que medida as categorias propostas englobam os dados abordados nesta tese, com foco em dois aspectos: no tipo de raiz envolvida na formação e na realização dos afixos.

Pereira (2007) faz uso da semântica lexical para apresentar uma proposta de decomposição semântica para os verbos derivados. Segue o modelo de Levin e Rappaport Hovav (1998), Lieber (1998), Farrel (1998) e Plag (1999), sugerindo que:

*“os significados verbais são representados como uma estrutura hierarquicamente organizada de **primitivos semânticos** básicos de tipo verbal, traduzidos como como AGIR, CAUSAR, IR PARA/DE e MODO, e*

seus argumentos, os quais podem ser semanticamente especificados como Coisas, Lugares ou Propriedades” (p. 117).

Nesse modelo, os verbos que pertencem a uma mesma classe semântica devem conter uma estrutura decomposicional comum, mas diferem com relação às constantes preenchidas lexicalmente. Por exemplo, uma ELC como em (221) abaixo se associaria a todos os ‘verbos causativos de mudança de estado’ (p. 115):

(221) $[[x \text{ AGIR}] \text{ CAUSAR } [y \text{ IR PARA } [\text{ESTADO}]]]$

(222) Exemplos:

- a. Engordar: $[[x \text{ AGIR}] \text{ CAUSAR } [y \text{ IR PARA } [\textit{gordo}]_{\text{ESTADO}}]]]$
- b. Emagrecer: $[[x \text{ AGIR}] \text{ CAUSAR } [y \text{ IR PARA } [\textit{magro}]_{\text{ESTADO}}]]]$
- c. Limpar: $[[x \text{ AGIR}] \text{ CAUSAR } [y \text{ IR PARA } [\textit{limpo}]_{\text{ESTADO}}]]]$

O primeiro passo do autor é sugerir uma classificação semântica relacionada às bases dos verbos derivados, definindo os primitivos a que pertencem os argumentos das constantes (conforme tabela a seguir). Vemos que, em princípio, a semântica da base pode ser equiparada à semântica da raiz.

Papel semântico da base	Verbos heterocategoriais
a. Resultativo	alisar, fraquejar, actualizar, falsificar, aveludar... liso, fraco, actual, falso, veludo...
b. Tema/Objecto	encerar, atapetar, arborizar, gradear, esladroar... cera, tapete, árvore, grade, ladrão...
c. Fim/Alvo ou Origem	engarrafar, hospitalizar, crucificar, espipar... garrafa, hospital, crucifixo, pipa...
d. Instrumento	apunhalar, aplainar, esporear, esfaquear, varejar... punhal, plaino, espora, faca, vara...
e. Modo/Maneira	serpentear, capitanear, coxear, gaguejar, fiscalizar... serpente, capitão, coxa, gago, fiscal...

Tabela 13. Papeis semânticos das bases em Pereira (2007:24).

Primeiramente, vejamos que a classificação das bases denominadas de resultativas (em a.) (*liso, fraco, atual, falso, veludo*) é equivocada. Essas bases não são resultativas em si, mas são raízes que denotam propriedades de estados que podem fazer parte de uma estrutura de evento verbal que denota algum tipo de resultado decorrente da mudança sofrida pelo argumento interno, como demonstramos acima. Quando usadas fora de uma estrutura verbal, não implicam, necessariamente, nenhum resultado, como nos exemplos a seguir. Assim, o resultado não está na base ou, em nossos termos, na denotação da raiz, mas na estrutura verbal e na relação com o argumento interno.

(223) Meu cabelo é **liso**.

(224) Não gosto de café **fraco**.

(225) Compre uma revista mais **atual**.

(226) Este é um diamante **falso**.

(227) Não uso roupa de **veludo**.

Segundo o autor, as bases inseridas na tabela 13, de a. a e., quando incorporadas nos diferentes tipos de ELCs, geram verbos de diversos tipos semânticos (p.125-126). Apesar de atentar para a realização morfológica dos afixos dentro de cada classe semântica, não há uma tentativa concisa de investigar em que medida os afixos podem corresponder ou realizar os primitivos semânticos das ELCs. As classes sugeridas são as dispostas na tabela seguinte. A classe denominada Modal não contém verbos com prefixos.

Classe Semântica	Paráfrase	Exemplos
Locativo	‘pôr em Xb’ ‘tirar de Xb’	Engarrafar, hospitalizar, hastear, crucificar Espipar, esventrar
Ornativo	‘prover com Xb’ ‘tirar Xb de’	Encerar, atapetar, arborizar, gradear Esladroar, espulgar
Resultativo	‘tornar Xb’ ‘transformar em Xb’	Alisar, fraquejar, atualizar, falsificar Acardumar, aveludar, caramelizar, coisificar
Instrumental	‘ferir/afetar com Xb’	Apunhalar, aplainar, esporear, varejar
Performativo	‘fazer/realizar/produzir Xb’	Guerrear, festejar, frutificar, bolorecer
Modal	‘agir como/de forma Xb’ ‘exercer as funções de Xb’	Serpentear, fanhosear, gaguejar, vigarizar Fiscalizar, capitanear, pastorejar

Tabela 14. Classificação dos verbos heterocategoriais em Pereira (2007:145).

Cançado e Godoy (2012) apresentam uma proposta de classes verbais para o PB que se baseia em dois modelos teóricos de naturezas distintas. As autoras representam os verbos em um nível semântico-lexical, assim como Pereira (2007), seguindo os pressupostos da Semântica Lexical por meio de ELCs. No que denominam nível sintático-lexical, utilizam as estruturas de Hale e Keyser (2002) para propor a representação dos argumentos associada a tais ELCs. Assim como em Pereira (2007), a interface entre a estrutura semântico lexical e a estrutura argumental (sintática) não é direta; ela deve ser mapeada por algum mecanismo do tipo de regras de ligação. O trabalho se mostra interessante porque revela a preocupação em desvendar quais aspectos semânticos são importantes para a projeção dos argumentos na sintaxe e quais são supérfluos. Esse aspecto mostra que esse trabalho apresenta um avanço em relação aos demais na interface sintaxe (especialmente estrutura argumental) e léxico, além de que se propõe a descrever especificamente o PB. Retomam a divisão de Verbos de Resultado e Verbos de Maneira propostas em Rappaport-Hovav e Levin (2010) e renomeiam os verbos de resultado como verbos de mudança, que apresentam algumas subclasses. Contudo, como veremos nas críticas delineadas

na apresentação de cada subtipo semântico, a representação sintática de verbos derivados, por exemplo, fica demasiadamente simplificada e a descrição morfológica não é abordada.

Olhando a tabela a seguir, observamos que Pereira (2007) apresenta uma mesma ELC para verbos Locativos, Ornativos e Instrumentais e representa os argumentos com variáveis cuja opcionalidade é marcada pela presença de parênteses. Cançado e Godoy (2012) discutem os verbos de mudança (de estado, lugar e posse), não enfocando verbos do tipo Instrumental e Performativos (Alvo/Fonte).

Pereira (2007)		Cançado e Godoy (2012)
Resultativos (<i>avermelhar</i>)		1. Verbos de Mudança de Estado (Acarretamento e Alternância causativo-incoativa) i. causativos/agentivos (<i>quebrar</i>) [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]] - aceitam passivização - aceitam indeterminação do sujeito - aceitam se “intransitivizador”
	EL C: [[X AGIR] CAUSAR [Evento Y Coisa/Propriedade IR PARA Z _{Coisa/Propriedade}]] EA: (x), y	ii. estritamente causativos (<i>preocupar</i>) [[X] CAUSE [Y BECOME <STATE>]] - não aceitam passivização iii. incoativos (<i>amadurecer</i>) ([X] CAUSE) [Y BECOME <STATE>] - não aceitam passivização - não aceitam indeterminação do sujeito - não aceitam se “intransitivizador”
Locativos (<i>engavetar</i>)		2. Verbos de Mudança de Lugar (<i>engavetar</i>) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME] IN <PLACE> - não permitem alternância incoativa - permitem alternância média (BASSANI, 2009) - com se = interpretação “medial”
Ornativos (<i>apimentar</i>)		3. Verbos de Mudança de Posse (<i>apimentar</i>) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME] WITH <THING> - não permitem alternância incoativa - permitem alternância média (BASSANI, 2009) - com se = interpretação reflexiva
		i. Locatum
		ii. Benefactivos
Instrumentais (<i>apedrejar</i>)		-
Performativos (<i>Alvo/Fonte</i>) (<i>empilhar</i>) [[X FAZER BASE EM Y Coisa] EA: x, (y)		-

Tabela 15. Comparação.

3.4. Conclusão do capítulo: afixos e decomposição do evento

Em conclusão a este capítulo, elencamos abaixo os pontos mais relevantes discutidos acerca das generalidades das formações de tipo 3.1., morfologicamente transparentes e semanticamente composicionais.

No que se refere ao que disse a literatura prévia sobre o assunto em relação aos afixos envolvidos, listamos as principais classificações semânticas atribuídas a esses morfemas (ver tabela 8) e atentamos para casos em que a ocorrência de uso não é coerente com a descrição tradicional. No capítulo 4, mais especificamente na seção de conclusão do capítulo, mostraremos que a exploração de cada um de nossos dados em particular leva a corroborar ainda mais essa ideia.

Em relação à caracterização morfofonológica, observamos as seguintes propriedades gerais:

- a) A maior parte dos verbos parassintéticos não apresenta sufixos fonologicamente realizados. Quando realizados fonologicamente, o sufixo *-ec-* apresenta maior representatividade;
- b) Sugerimos que os verbos supostamente formados a partir de adjetivos e substantivos podem ser considerados como formações a partir da raiz na ausência de evidência morfológica contrária. Argumentamos que, em uma teoria como DM, podemos assumir que a interpretação atribuída ao adjetivo/substantivo é considerada encapsulada no verbo pode ser abstraída diretamente da raiz;
- c) Os prefixos e sufixos se unem preferencialmente a bases morfológicas simples ou a raízes acategoriais. Os prefixos são estruturalmente internos na medida em que nunca se anexam a outros prefixos, pois têm de se anexar diretamente ao início da base. Contudo, as formações parassintéticas podem ser prefixadas por prefixos eventivos. Sugerimos, então, uma primeira distinção entre prefixos internos e externos;
- d) Os prefixos e sufixos em estudo são restritos a contextos eventivos verbais. Somente ocorrem em contextos nominais quando esses são deverbais, como participios adjetivais e nominalizações (incluindo algumas poucas deverbais). Os prefixos, por não estarem em relação de localidade com os nominalizadores, não podem interferir na escolha desses, diferentemente dos sufixos, que apresentam preferências por determinados

nominalizadores: os verbos formados por sufixo *-iz-* formam nominalizações com o sufixo *-ção*, enquanto aqueles que são formados por *-ec-* e *-ej-* formam nominalizações com o sufixo *-mento*. Por sua vez, o sufixo *-e-* parece preferir formar nominalizações com o sufixo *-mento*, mas integra algumas ocorrências de nominalizações formadas por *-ção*;

- e) A prefixação só ocorre com bases iniciadas por consoante: a forma fonológica da raiz imprime restrições ao processo morfológico.

Por fim, discutimos propostas de decomposição do evento verbal, mais especificamente as ideias da semântica lexical, da sintaxe lexical de Hale e Keyser (2002) e da MD. Essa discussão teve o propósito de ser crítica e de familiarizar o leitor com os conceitos utilizados na análise do capítulo 4.

Como resultado do estudo de tais teorias, formulamos o quadro de correspondências abaixo, em que mostramos como cada uma delas apreende empiricamente as classes de verbos relevantes para nosso estudo. Incluímos, a título de comparação, a proposta de *v* de Chomsky (1995), mas não dedicamos a ela uma subseção neste capítulo porque as ideias centrais dessa teoria têm forte inspiração em Hale e Keyser (1993).

	Semântica Lexical	Hale e Keyser	Chomsky (1995)	MD
Instrumental (mínimo)	Templates e constantes	Templates estruturais e palavras/raízes	Núcleos funcionais e palavras	Núcleos funcionais e raízes
Componente responsável (mínimo)	Léxico gerativo	Léxico gerativo e sintaxe	Léxico gerativo e sintaxe	Lista 1 (léxico estático) e sintaxe
1. Verbo transitivo (causativo)	CAUSE, BECOME, <STATE>, <PLACE>, <THING>	Diádica composta: V1, V2, A/R Diádica básica: V1, P, N	v, V	voice, v, Raiz
2. Verbo intransitivo inacusativo	BECOME, <STATE>	Diádica: V2, A/R	V	v, Raiz
3. Verbo intransitivo inergativo	ACT <MANNER> <INSTRUMENT>	Monádica: V1, N/R	v, V	voice, v, Raiz

CAPÍTULO 4. Proposta de decomposição do evento

Introdução

Em uma teoria de decomposição estrutural do evento nos moldes da MD, a introdução da categoria *v* associada a uma raiz é fundamental para a introdução de um evento, já que as raízes não projetam ou geram estruturas. Segundo Marantz (2013), as raízes podem interagir minimamente com o núcleo *v* de duas formas, de modo a criar dois tipos de estruturas verbais.

Primeiramente, a raiz pode denotar o estado que é associado com o objeto direto constituindo um verbo de mudança de estado (ou de mudança de lugar, que pode ser considerado um subtipo dos verbos de mudança de estado, etc). A nosso ver, esse tipo de combinação implica uma estrutura sintática que veicula mudança e resultado. A representação abaixo se refere a de um verbo do tipo de *open* do inglês em sua versão transitiva, em que a raiz está no domínio do complemento de *v*:

(228) *Raiz no complemento de v:*

(Marantz, 2013:158)

De outro modo, a raiz pode modificar o evento introduzido por *v*, especificando-lhe uma maneira, em que se configura um tipo de atividade. Observemos que tal ideia assemelha-se a da proposta para verbos de atividade na Semântica Lexical, na forma de uma constante de tipo <MANNER> que modifica um predicado ACT (x ACT<MANNER>). A estrutura para verbos como *hammer (the nail)* seria a sugerida a seguir:

(229) *Raiz como modificador de v:*

(Marantz, 2013:158)

A seguir, exploramos nossos dados mostrando que a maioria deles está associada a uma estrutura similar àquela em (228), de mudança e resultado. Apenas um pequeno grupo (17 verbos) pode ser associado a uma estrutura de verbos de atividade, como a de (229). Tal disparidade na comparação dos números pode ser um indicador de que as estruturas de modificação direta de *v* pela raiz não são privilegiadas pela gramática do PB.

Um teste que diferencia esses dois tipos de estruturas é o acarretamento de um resultado. Os verbos estudados na seção 4.1. (a seguir) podem ser parafraseados por uma sentença passiva adjetival com o verbo *ficar* em que a denotação do estado final da mudança sofrida pelo argumento interno é expressa pela mesma raiz que forma o verbo (detalhamentos sobre a expressão do resultado nessa primeira classe serão feitos nas próximas subseções):

(230) Verbos com Raiz no complemento de *v*: expressão do resultado

- a. Quebrar: O vaso ficou quebrado.
- b. Apodrecer: A madeira ficou podre.
- c. Engarrafar: O vinho ficou engarrafado.
- d. Acorrentar: O prisioneiro ficou acorrentado.
- e. Empilhar: Os livros ficaram empilhados.
- f. Abençoar: As crianças ficaram abençoados.

Além disso, esses verbos podem participar de alternâncias (especialmente os de mudança de estado) e se mostram como eventos complexos frente ao teste de modificação pelo advérbio *quase*. Quando utilizamos esse advérbio, gera-se uma ambiguidade estrutural derivada do fato de o mesmo poder ter escopo sobre partes do evento complexo, mais especificamente, sobre todo o

evento denotado pelo verbo, incluindo a camada que abriga o argumento externo, ou sobre o subevento de mudança de estado do argumento interno:

(231) Verbos com Raiz no complemento de *v*: eventos complexos

- a. Quebrar: O João *quase* quebrou o vaso.
- b. Encher: O funcionário *quase* encheu o balde.
Int1: O agente nem chega a desencadear o evento;
Int2: O agente desencadeia o evento, mas não se atinge o resultado.⁸⁵

Por outro lado, os verbos em que a raiz modifica *v* não são bem parafraseados com a passiva adjetival. Não há um resultado da mudança do argumento interno, e a melhor paráfrase é a passiva com verbo *ser* (passiva verbal):

(232) Verbos com raiz como modificador de *v*: não há expressão de resultado

- a. O prego foi/ #ficou martelado.⁸⁶
- b. O cachorro foi/ #ficou acariciado.
- c. O bandido foi/ #ficou apedrejado.

Além disso, a modificação por *quase* implica somente uma interpretação, a de não desencadeamento do evento, e exclui a interpretação de quase obtenção de resultado:

(233) Verbos com raiz como modificador de *v*: eventos simples

- a. O João quase martelou o prego.
- b. O dono quase acariciou o cachorro.
- c. A população quase apedrejou o bandido.
Int1: O agente nem chega a desencadear o evento.

⁸⁵ Adiante, discutiremos com detalhes verbos que denotam eventos internamente causados e veremos que a modificação com *quase* não se comporta do mesmo modo como se comporta com eventos ditos externamente causados.

⁸⁶ Como observamos anteriormente, contextos específicos podem ser criados de modo a melhorar a aceitabilidade de tais sentenças; no entanto, há um contraste entre os dois conjuntos de verbos, e é isso que nos interessa destacar.

4.1. Estruturas de mudança e resultado

Nesta subseção, abordaremos os subtipos de verbos em que há a veiculação de um tipo de mudança denotada pela raiz, estruturas em que a raiz está no domínio do complemento de *v*. Organizamos os dados pelo tipo semântico da raiz envolvida em cada estrutura, a saber: raízes que denotam prototipicamente um estado, um lugar, uma entidade (concreta ou abstrata), uma entidade criada no evento.

4.1.1. Mudança de estado do argumento interno

A maior parte dos dados transparentes e composicionais de nosso *corpus* encontra-se nesta classe. A terminologia utilizada pelos autores para nomear as classes muitas vezes é divergente para o que parece ser uma mesma categoria. Por isso, buscaremos aproveitar ao máximo as nomenclaturas existentes (se essas nos parecerem apropriadas), a fim de evitar a confusão terminológica. Assumiremos o nome Verbos de Mudança de Estado com Cançado e Godoy (2012) para o que Pereira (2007) chama de Verbos Resultativos. Esses verbos denotam uma mudança de estado sofrida pelo argumento interno. A mudança pode ser de estado físico (como em *endurecer o chocolate*) ou de estado psicológico (como em *acalmar a criança*). Nesses verbos, em especial, fica claro para nós que não importa qual o tipo categorial da base: tanto substantivos quanto adjetivos participam desse tipo de formação e podem denotar propriedades/características adquiridas pelo argumento interno no evento. Assim, a divisão em verbos deadjetivais e denominais dentro dessa classe é totalmente desnecessária, pois se trata da mesma interpretação adquirida a partir de propriedades da base. Algumas propriedades denotadas pelas raízes que geralmente formam adjetivos podem conter um sentido gradual, são predicados escalares. Por exemplo, *endurecer* não significa, necessariamente ‘tornar duro’ (como se existissem somente dois estados: ‘duro X não-duro’), mas frequentemente significa ‘tornar (mais) duro’, apresentando uma gradação. As raízes que geralmente formam nomes não apresentam essa especificidade com relação à gradualidade da propriedade denotada. A ELC sugerida por Pereira para o verbo *endurecer*, por exemplo, é a seguinte:

(234) ELC: [[x AGIR] CAUSAR [y IR PARA **propriedade**]]

(235) Endurecer:

ELC: [[x AGIR] CAUSAR [y IR PARA **DURO**]]

O trabalho de Cançado e Godoy avança na descrição ao demonstrar que existem três subtipos de verbos de mudança de estado: incoativos, causativos/agentivos e estritamente causativos. Como já abordamos, as autoras apresentam como principais propriedades gerais dessa macro classe o fato de acarretarem uma mudança de estado que é denotada pela raiz (exemplos de (236) a (238)) e de participarem de alternância causativo-incoativa, como vemos nos exemplos em (239) a (241). O acarretamento é usado para revelar o resultado.

Acarretamento:

(236) a. O João quebrou o vaso.

b. O vaso ficou quebrado.

(237) a. A filha preocupou a mãe.

b. A mãe ficou preocupada.

(238) a. O calor amadureceu a banana.

c. A banana ficou madura.

Alternância causativo-incoativa:

(239) a. O João quebrou o vaso.

b. O vaso (se) quebrou.

(240) a. A filha preocupou a mãe.

b. A mãe (se) preocupou.

(241) a. O calor amadureceu a banana.

b. A banana amadureceu.

(Cançado e Godoy, 2012:114-115)

As informações trazidas por Cançado e Godoy são valiosas para a diferenciação dos tipos de verbos de mudança de estado. No entanto, a explicação sobre a projeção de tais verbos na

estrutura argumental nos parece simplificada. As autoras sugerem que os três tipos de verbos projetarão do mesmo modo os seus argumentos internos em uma estrutura baseada na diádica composta de Hale e Keyser, vejamos (242) abaixo. O núcleo R representa uma raiz:

Iremos elencar algumas de nossas observações sobre a estrutura proposta. Primeiramente, as autoras afirmam que o fato de os três verbos se relacionarem de modo diferente com seus argumentos externos é irrelevante para a projeção dos mesmos na estrutura sintático-lexical, apesar de mostrarem propriedades morfosintáticas sensíveis a essa diferença: a passivização, a indeterminação do sujeito e a presença do clítico *se*, como veremos. Assumir que os três tipos de verbos se projetam em uma estrutura argumental idêntica, como na representação acima, é assumir que os argumentos externos serão sempre projetados por um mesmo tipo de V1, o que simplifica e neutraliza as suas particularidades. É fato que cada tipo de raiz e verbalizador apresentam propriedades diferentes na sua relação com agentividade, mas a estrutura de Hale e Keyser não consegue representar causa e agentividade por núcleos distintos, como propõe Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006) e, também, Cançado e Godoy (2012) em suas representações semânticas. As noções de causa e agentividade estão amalgamadas na representação do núcleo V1. Por isso, é necessário postular um nível semântico pré-sintático que abarca essas noções. Assim, entendemos que é válida a sugestão de uma estrutura mais complexa se estamos trabalhando dentro de um modelo como a MD. Além disso, a estrutura não atenta para a complexidade morfológica de um verbo derivado, como *amadurecer* por exemplo, em que a presença de afixos é ignorada: esse verbo claramente complexo é inserido como um bloco no núcleo V2. Assim, a crítica feita ao trabalho de Pereira se mantém: a ELC associada a este verbo também não explica a sua complexidade morfológica. Por esses dois motivos, assumimos uma decomposição sintática do evento que atente, ao mesmo tempo, para a tipologia da raiz e para sua

importância na estrutura do evento. Os trabalhos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006) e Alexiadou (a sair) nos oferecem um modelo interessante para esse fim.

Antes de partir para as propostas de estruturas, nossos dados permitem ainda um refinamento em relação à descrição do tipo de raiz envolvida nos verbos de mudança de estado. O estado nem sempre é denotado somente pela raiz. Assim, o primeiro fator importante é que a raiz não precisa denotar por ela mesma um estado para que se derive um verbo de mudança de estado do argumento interno. Identificamos que a constante que é representada por Cançado e Godoy como <STATE> (ou ‘propriedade’ na ELC de Pereira) pode conter por si só uma estrutura complexa (como já alertamos de forma breve no Capítulo 3, seção 3.2.1.). Identificamos as seguintes formas de denotar um estado dentre nossos dados:

- a) **Pela raiz de estado acategorial:** nesse caso, a própria raiz morfologicamente simples denota a propriedade adquirida pelo argumento interno, ou seja a raiz denota um predicado por si mesma. Um exemplo prototípico da acategorialidade está no verbo *encher*: a raiz *che(i)-*, que é a mesma que forma o adjetivo *cheio(a)*, denota sozinha um estado e não há necessidade da formação do adjetivo para a formação verbal. Como já apontamos antes, a formação deadjetival deveria ser **encheiar*⁸⁷. A maior parte de nossos verbos de mudança de estado é derivada a partir dessas raízes. Outros exemplos são: *alargar*, *alongar*, *amansar*, *apodrecer*, *amadurecer*, *emagrecer*, *empobrecer*, *encurtar*, *engordar*, *esfriar*, *esvaziar*, *esverdear*.
- b) **Por um estado derivado:** em alguns verbos que denotam também uma mudança de estado, a raiz não denota prototipicamente um estado, ou seja, não é um predicado. O estado pode ser extraído de alguma propriedade da entidade prototipicamente denotada pela raiz (como em *empedrar*, exemplo discutido no capítulo 2), ou um adjetivo pode ser derivado a partir da raiz que denota tipicamente uma entidade, como em *abrasileirar* (cuja raiz é a que deriva o nome *Brasil*) ou *embebedar* (cuja raiz é a mesma que forma o verbo *beber*) criando-se um predicado por meio de um núcleo adjetival que é realizado pelo sufixo *-eiro* e *-ado*, respectivamente. Outros exemplos são: *envergonhar*, *atemorizar*, *aterrorizar*, *atormentar*, *alagar*, *embebedar*, *abrasar*, *abrasileirar*, *ajuizar*, *encolerizar*, *enferrujar*, *apressar*, *aferventar*, etc.

⁸⁷ Sugerimos que a derivação de *encher* seja a seguinte: *chei-* > *encheier* > *encheer* > *encher*.

Uma evidência para a divisão nesses dois subgrupos é o fato de que a paráfrase de acarretamento/resultado formada para os verbos de raízes estativas é normalmente feita com o adjetivo atributivo simples ao passo que os verbos formados a partir de bases de estados derivados somente apresentam acarretamento com o particípio, ou com algum tipo de locução adjetival (um PP que introduz a raiz, em geral, formadora de substantivos) que pode apresentar uma comparação quando a propriedade relevante é extraída da raiz (ficou *como pedra/lago*) ou pode ser nucleado por *com*, especialmente nos verbos de mudança de estado psicológico (ficou *com vergonha*). Em outras palavras, com as raízes acategoriais que denotam estados é possível criar passivas de estado alvo e de estado resultante, mas com as raízes que denotam tipicamente substantivos só é possível criar passivas de estado resultante.

(243) Acarretamentos com raízes que prototipicamente denotam estados:

- a. Enfraquecer = ficar (+) fraco
- b. Engrossar = ficou (+) grosso
- c. Enlouquecer = ficou (+) louco
- d. Envelhecer = ficou (+) velho
- e. Esclarecer = ficou (+) claro
- f. Esfriar = ficou (+) frio
- g. Adoçar = ficou (+) doce
- h. Amadurecer = ficou (+) maduro

(244) Acarretamentos com raízes que não denotam estados prototipicamente:

- a. Atormentar = ficou atormentado / #tormento
- b. Alagar = ficou alagado / *como* um lago / #ficou lago
- c. Abrasileirar = ficou abasileirado/ *como* brasileiro / #brasil
- d. Empedrar = ficou empedrado/ *como* pedra / #pedra⁸⁸

⁸⁸ A não ser que tenhamos aqui uma leitura especial da primeira categorização ou elipse do elemento de comparação, como em “Essa massa ficou uma pedra”.

- e. Embedar = ficou bebado / #beber
- f. Aterrorizar = ficou aterrorizado / *em* (estado de) terror / #terror
- g. Envergonhar = ficou envergonhado / *com* vergonha / #vergonha

Logo, os participios podem também ser usados como acarretamentos nos verbos de mudança de estado com raízes estativas: *ficou envelhecido/ enfraquecido/ amadurecido*, mas, nesse caso, revelam o resultado do evento (estado resultante) como um todo e não o resultado da mudança veiculado pela camada mais interna do subevento incoativo (aquela na projeção RP). Há, entretanto, uma pequena diferença de interpretação quando utilizamos o participio nesses verbos: a interpretação do auxiliar *ficar* aproxima-se do sentido de *permanecer* mais do que de somente mudar de estado. Quando dizemos que *o bebê ficou adoecido*, isso parece implicar que, após ficar doente (mudança propriamente), o bebê permaneceu no resultado gerado pelo evento (estar adoecido). Por isso, a paráfrase mais natural para esse tipo é de fato aquela feita com o adjetivo simples. O sucesso no teste do acarretamento exposto por passiva adjetival com raiz estativa ou estado derivado é o que unifica a classe de verbos de mudança de estado e está disposto nas sentenças em a. dos Apêndices B a F⁸⁹.

⁸⁹ Apenas quatro verbos que veiculam mudança e resultado não permitem paráfrases perfeitas por meio do uso da passiva adjetival no passado. Observemos as seguintes sentenças:

- i. Anular - ? A prova ficou anulada.
- ii. Embarcar - ? Os passageiros ficaram embarcados.
- iii. Aleitar - ? As crias ficaram aleitadas.
- iv. Encucar - ? A ideia ficou encucada.

No entanto, acreditamos que a estranheza de tais sentenças se deva a razões pragmáticas que restringem o uso do verbo *ficar* no tempo pretérito perfeito. Observemos que o uso do tempo presente melhora consideravelmente os exemplos:

- v. Anular - A prova está anulada (até segunda ordem).
- vi. Embarcar - Os passageiros (estão) embarcados (É possível iniciar o trajeto).
- vii. Aleitar - As crias estão aleitadas (Podemos passar para a limpeza do estábulo).
- viii. Encucar - Essa ideia está encucada (em minha mente desde aquela conversa).

Além disso, os verbos que denotam fenômenos naturais, tais como *amanhecer* e *anoitecer*, se adequam melhor à paráfrase composta pelo verbo *tornar* em vez de *ficar*.

- ix. O dia ? ficou / *se tornou* noite.

Em todos esses casos, a incompatibilidade com *ficar* no tempo passado se deve ao fato de que não concebemos a mudança presente em tais eventos como resultados robustos e permanentes ou minimamente duradouros.

Os dados de estado derivado acima nos levam a um importante ponto teórico. Assumimos com a teoria da MD e, como explicitamente colocam Scher, Medeiros e Minussi (2011), a noção de **compatibilidade ou licenciamento estrutural** que se resume à seguinte ideia: “a estrutura não é projetada dos itens lexicais – os itens lexicais (raízes acategoriais) é que são licenciados em determinadas estruturas de eventos e negociam seu significado com elas” (p. 185-186). Nesse contexto, o achado com relação ao tipo de raiz que compõe os verbos de mudança de estado é uma contribuição. Vejamos que não são as raízes de estado que projetam um verbo de mudança de estado (ou adjetivos, como em muitas propostas lexicalistas, incluindo Hale e Keyser (1993) e mesmo em versões da MD), mas esse tipo de raiz é licenciado na estrutura de evento compatível. Prova disso é que mesmo uma raiz sem nenhuma possibilidade de projeção lexical, ou de “atribuição de papéis temáticos/semânticos”, (como as que formam *lago*, *pedra*, *tormento*) pode ser manipulada a fim de obter a propriedade necessária para seu correto licenciamento. Assim, sempre que uma raiz ou um XP que denotem estado forem licenciados como complementos de um núcleo R que os relaciona a um argumento interno, teremos uma estrutura de mudança de estado do argumento interno.

Passemos à exploração dos subtipos de verbos de mudança de estado encontrados em nossos dados. Entretanto, devemos fazer antes uma consideração. O estudo dos verbos (de mudança de estado) e suas alternâncias nas línguas naturais é extremamente complexo e foi enfocado por diversos pesquisadores em perspectivas teóricas distintas. Não pretendemos esgotar esse assunto neste trabalho, pois nosso objetivo principal é focar a morfologia dos verbos do PB, nos limitando ao nosso *corpus* de estudo.

No que se refere à morfologia, uma característica geral é evidente nos verbos de mudança de estado: se considerarmos os outros tipos semânticos que abordaremos (mudança de lugar, de posse e de configuração), observamos que o sufixo *-ec-* ocorre exclusivamente nessa classe. O sufixo *-iz-* é quase exclusivo: das únicas três realizações do *corpus*, duas estão nessa classe (*atemorizar* e *encolerizar*; *aterrizar* foi classificado como um verbo de mudança de lugar). No entanto, o sufixo *-iz-* ocorre em número muito reduzido em concomitância com a presença de prefixos, traço definidor de nosso *corpus*. Assim, o que podemos afirmar com veemência é que a presença do sufixo *-ec-* está correlacionada com a classe de verbos de mudança de estado. Como apontado no capítulo 3, em Bassani (2011b), sugerimos que o sufixo *-ec-* pode ser a realização morfológica do operador BECOME de Parsons (1990), e o mesmo se aplica para as ELCs de

Cançado e Godoy (2012) e Pereira (2007) (o operador nesse último caso é representado por IR PARA). Porém, duas observações devem ser feitas. Primeiro, tal correlação não é biunívoca: não é verdade que, para que se derive um verbo de mudança de estado, há de se compor morfologicamente esse verbo com o sufixo *-ec-*. Assim, devemos afirmar que *-ec-* poderia ser **uma das** realizações fonológicas de BECOME. Segundo, tendo assumido uma teoria como a MD, temos que *-ec-* deve ser a realização fonológica de um categorizador verbal, dado que se encontra em distribuição complementar com outros sufixos verbais. Adiante, verificaremos se existe alguma correlação entre a presença de *-ec-* e subtipos de verbos de mudança de estado.

Dentro dessa classe, os sufixos estão distribuídos do seguinte modo (observe tabela abaixo): de 136 verbos, 39 realizam-se com o sufixo *-ec-*, dois com *-iz-*, e dois com *-e-* (*esverdear* e *assenhorear*) e a maioria dos verbos não apresenta sufixos fonologicamente realizados (93 verbos).

Mudança de Estado		
Sufixo	Total	Exemplos
-e-	2	esverdear, assenhorear
-ec-	39	amanhecer, empobrecer, esclarecer
-iz-	2	atemorizar, encolerizar
Ø	93	adoçar, engrossar, esvaziar
Total	136	

Tabela 16. Sufixos e verbos de mudança de estado.

Em seguida, a pergunta natural que se coloca, e a hipótese a ser testada, é se há alguma correlação entre o tipo de prefixo e essa classe. Acedo-Matellán (c.p.) aponta que, em catalão, o prefixo *en/-em-* veicula mudança de lugar ao passo que o prefixo *a-* veicula mudança de estado. Não concordamos com a afirmação do autor, pois tal divisão não se observa empiricamente para o catalão⁹⁰, e afirmamos com certeza para o português que tal divisão de tarefas entre *a-* e *eN-* não se concretiza. No português, o prefixo *eN-* tem ampla realização dentro da classe de verbos de mudança de estado: 53 de 136, co-ocorrendo ou não com sufixos. O prefixo *a-* é ainda o mais numeroso, com 75 ocorrências. O prefixo *eS-* tem pouca representatividade, totalizando apenas 8 verbos.

⁹⁰ Em Acedo-Matellán (2006), o autor apresenta os dados *enriquir* (*enriquecer*) e *aclarir* (*esclarecer*) como verbos de mudança de estado (*canvi d'estat*), o que comprova que *en-* pode ocorrer nessa classe.

Mudança de Estado	
Prefixo	Exemplos
a	75 agravar, apodrecer, atemorizar, alisar, amadurecer...
eN	53 encurtar, enfraquecer, encolerizar, empobrecer, engordar...
eS	8 esvaziar, esclarecer, esverdear, esquentar...
Total	136

Tabela 17. Prefixos e verbos de mudança de estado.

A próxima pergunta é se existe, como afirmam Rio-Torto (2004) e Pereira (2007), uma correlação tão forte entre sufixos e prefixos nos verbos parassintéticos que leva esses autores a considerá-los como verbos circunfixados. Nesse sentido, como muitos trabalhos sugerem, a realização do prefixo *eN-* em verbos de mudança de estado seria fruto de uma dependência desse prefixo com o sufixo *-ec-*. Novamente, nossos dados nos mostram que esse não é o caso: o sufixo *-ec-* realiza-se com as três formas prefixais, como vemos na tabela abaixo. Ainda que haja co-ocorrência numericamente maior com *eN-*, devemos tratar tal fato em forma de tendência e não como evidência empírica para a postulação de um circunfixo.

Mudança de estado	Sufixo				
	Prefixo	e	ec	iz	Ø
a	1	10	1	63	75
eN	0	27	1	25	53
eS	1	2	0	5	8
Total	2	39	2	93	136

Tabela 18. Prefixos vs. Sufixos e verbos de mudança de estado.

Após apresentar esses resultados gerais acerca da morfologia dos verbos de mudança de estado, partimos para uma exploração mais detalhada em que buscamos saber se existem correlações mais específicas. Em primeiro lugar, exploraremos inicialmente a hipótese da literatura de que o sufixo *-ec-* está somente atrelado a mudanças de estado internamente causadas. Em seguida, exploramos os demais tipos morfológicos, a saber: verbos com presença de sufixo *-iz-* e *-e-* e verbos com sufixos Ø.

No que se segue, utilizaremos a seguinte estratégia: primeiramente, descreveremos as propriedades e os tipos de verbos de mudança de estado, nos pautando, sobretudo, nos trabalhos de Cançado e Godoy (2012) e Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006) e Alexiadou (a sair) e mostraremos como (e se) nossos dados se encaixam nessas classificações. A escolha por uma

decomposição sintática se justifica, principalmente, pela possibilidade que essa teoria nos dá de abrigar os morfemas em núcleos funcionais, fundamental para a análise no capítulo 5. Antes dos detalhamentos e motivações para a nossa análise estrutural, introduzimos um resumo com os principais elementos que a compõem.

Resumo da análise

Nossa análise para a distribuição/licenciamento das raízes em determinadas estruturas se constrói com base nos seguintes pressupostos:

- a. As raízes pertencem a um determinado tipo semântico, inicialmente especificado no inventário de raízes da língua que, no que nos importa aqui, podem ser basicamente de tipo estado e entidade. No entanto, essa especificação pode sofrer coerção estrutural decorrente da combinação da raiz com outros elementos;
- b. As raízes de tipo estado podem ser subclassificadas em dois tipos: as que denotam estados conceitualizados como internos/inerentes ou estados não-internos/inerentes. Como tais propriedades são relevantes para o licenciamento estrutural, as representamos por meio do traço [$\pm$ int]:

Traço semântico [int]: traço que especifica se uma raiz que denota um estado é prototipicamente interpretada como fruto de uma mudança interna e espontânea, termo largamente conhecido na literatura como raiz internamente causada [$+$ int], ou se é interpretada como fruto de uma mudança causada por uma força externa [$-$ int]. Se a raiz for especificada como [$-$ int], uma projeção *VoiceP* será necessária;

- c. O traço [int] têm especificação inicial na raiz, mas sua especificação final será dada em RP, conjuntamente com o argumento interno;
- d. Todas as raízes/RPs são licenciados como complementos de *v*;
- e. Causa não é um traço, mas o resultado de uma relação estrutural;
- f. Os verbalizadores podem ser de dois tipos: os que **podem** se combinar a uma projeção de *Voice* ($v_{[+voice]}$) e os que nunca se combinam a uma projeção de *Voice* ($v_{[-voice]}$);

- g. A projeção *Voice* pode ser especificada como $[\pm ag]$. A especificação do traço $[ag]$ de *Voice* define como o elemento em sua posição de especificador será interpretado (agente vs. não-agente) e depende dos traços de *vP* (que inclui RP e, conseqüentemente, o argumento interno e a raiz);
- h. As raízes/RPs $[-int]$ são licenciadas em estruturas com $v_{[+voice]}$;
- i. As raízes/RPs $[+int]$ nunca são licenciados em uma estrutura com *Voice*. Contudo, são licenciadas pelo núcleo $v_{[-voice]}$, que pode licenciar opcionalmente uma posição direta de especificador que nunca é interpretada como $[+ag]$ (seguindo Alexiadou (a sair)).

Em suma, os traços de raiz/RP (de estado) são $[\pm int]$; os verbalizadores são $v_{[\pm voice]}$ e a projeção de *Voice* pode ser especificada como $[\pm ag]$. RPs que contêm raízes que denotam entidades (e que não sofreram coerção) não contêm o traço $[int]$, mas se comportam estruturalmente como raízes/RPs especificadas com o traço $[-int]$ porque a mudança de estado não pode ser interpretada como internamente causada, ou seja, sempre fazem parte de eventos externamente causados.

Assumimos que as relações de Causa e *Become* são estruturais, o diagrama abaixo nos mostra em que ponto exato essas noções são estruturalmente ativadas:

No apêndice B, disponibilizamos os verbos de mudança de estado e apresentamos a classificação quanto à especificação dos traços. Baseamo-nos nos testes dispostos na tabela

abaixo, e que detalharemos e justificaremos no decorrer desta subseção. A análise aqui resumida será aplicada a todos os verbos estudados nesta tese⁹¹.

⁹¹ Optamos por apresentar pela primeira vez os tipos de eventos dentro da subseção de verbos de mudança de estado porque essa subclasse é a mais heterogênea: somente nela, encontramos todos os tipos de estruturas de eventos propostos.

Tipos de eventos de mudança de estado ⁹²						
	1.Incoativo	2.Causativo estrito	3.Causativo subespecificado para [ag]	4.Totalmente subespecificado	5.Causativo agentivo estrito	6.Causativo estrito com Voice
Especificação dos traços	v/RP [+int] V[-voice]	v/RP [-int] V[-voice]	v/RP[-int] V[+voice] Voice [±ag]	v/RP [±int], V[±voice] Voice [±ag]	v/RP [-int] V[+voice] Voice [+ag]	v/RP [-int] V[+voice] Voice [-ag]
Testes						
a. Transitiva com agente	*# ⁹³ ok	*# ok	ok	ok	ok	*#
b. Transitiva com causa	ok	ok	ok	ok	*	ok
c. Intransitiva	ok ⁹⁴	ok ⁹⁵	*	ok	*	ok ⁹⁶
d. Passiva	*	*	ok	ok	ok	ok
Exemplo	<i>amadurecer</i>	<i>enfurecer</i>	<i>embelezar</i>	<i>amolecer</i>	<i>abastecer</i>	<i>enobrecer</i>

Tabela 19. Comportamento frente aos testes para identificação de tipos de eventos.

⁹² Quatro verbos apresentam estruturas de verbos transitivos indiretos (*encuciar*, *apoderar*, *apossar* e *acreditar*). Como esses dados se distanciam muito do padrão apresentado pela totalidade dos dados e não são numerosos, não nos interessa estudá-los profundamente neste momento. Por isso, os classificamos como rótulo geral de *Outros* e discutiremos brevemente suas particularidades nas seções que abordam os tipos semânticos a que pertencem.

⁹³ O sinal *# indica que o argumento externo animado da sentença não é interpretado como agente direto do evento de mudança de estado do argumento interno.

Por exemplo, na sentença “O filho enfureceu a mãe”, O filho faz algo que causa o enfurecimento da mãe.

⁹⁴ Somente sem *se*.

⁹⁵ Com ou/e sem *se*.

⁹⁶ Com ou/e sem *se*.

A observação empírica dos dados frente aos testes dispostos na tabela acima, bem como a literatura relevante, nos levaram a encontrar seis tipos de estruturas de eventos associadas aos verbos complexos estudados, os quais nomeamos do seguinte modo: 1. Incoativo; 2. Estritamente causativo; 3. Causativo subespecificado para [ag]; 4. Totalmente subespecificado; 5. Causativo agentivo estrito; 6. Causativo estrito com *Voice*.

A gramaticalidade no teste a. revela que o verbo pode ocorrer em uma estrutura transitiva com argumento externo interpretado como agente; o teste em b. revela que o verbo pode ocorrer em uma estrutura transitiva com argumento externo não agentivo, que abarcamos sob o rótulo geral *causa*⁹⁷; o teste em c. revela que o verbo pode ocorrer em uma estrutura intransitiva em que há ausência do argumento externo e presença de argumento interno alçado para posição de sujeito⁹⁸. A presença do clítico *se* em estruturas intransitivas é proibida para alguns verbos e opcional para outros. Optamos por não considerar rigidamente o teste de presença do clítico *se* porque seu uso está em plena mudança e é sensível à variação dialetal, mas observamos que a possibilidade de ocorrer opcionalmente com esse clítico é a única característica que diferencia, por exemplo, eventos estritamente causativos de incoativos. Em vez de conclusões sobre a presença desse clítico, tentaremos tecer observações empíricas que podem contribuir para a literatura específica. Em alguns casos, (como no do verbo *encorajar*), o uso do clítico *se* na

⁹⁷ Não pudemos abarcar com detalhes a ocorrência de argumentos externos de tipo instrumental. Na verdade, interessa-nos mais observar o papel de desencadeador (com ou sem controle) que um argumento pode desempenhar no evento, nos termos de Cançado (2003). Um instrumento em posição de argumento externo (como em *O Martelo quebrou a vidraça*) tem a mesma função de desencadeador sem controle que tem um argumento de tipo causa (como em *A chuva quebrou a vidraça*) e, por isso, os mantemos sob o mesmo traço [-ag].

⁹⁸ Nos verbos alternantes incoativos e estritamente causativos, o argumento interno pode permanecer *in situ*. Esse é um fator que diferencia, por exemplo, sentenças intransitivas inacusativas e incoativas de sentenças intransitivas absolutas: a possibilidade de ocorrer com ordem SV ou VS resultando na mesma leitura. Contrastemos os seguintes exemplos em i (em que somente uma concordância de 3a. pessoa do plural, um PRO arbitrário, implica uma leitura de sujeito implícito – ver c.) e os exemplos em ii-iv. No caso desses últimos exemplos, a ordem V-AI implica uma leitura (chata e descontextualizada) mais saliente de sujeito implícito, no caso de iv, o sujeito está coindexado com o sujeito da sentença matriz (sentenças em a. de ii. a iv. extraídas de Negrão e Vioti (2010:38)). A observação dos dados nos faz hipotetizar que quando o evento permite uma causa como sujeito, ele também permite mais facilmente, ou tende a permitir, a formação de uma sentença absoluta, mas mais estudos são necessários para corroborar essa ideia.

- i. a. A banana apodreceu.
b. Apodreceu a banana.
c. [PRO_{arb}] Apodreceram a banana.
- ii. a. Esse trem já perdeu.
b. [pro] já perdeu esse trem.
- iii. a. O xerox fica fazendo enquanto a gente vai almoçar.
b. [pro] Fica fazendo o xerox enquanto a gente vai almoçar.
- iv. a. O Luiz Omar nunca rezou tanto pra um saque errar como nesse ponto.
b. O Luiz Omar, nunca rezou tanto pra errar, um saque como nesse ponto.

versão intransitiva implica diretamente somente uma leitura reflexiva. Por isso, nesses casos, marcamos o clítico como *se-r*:

(246) O João *(se-r) encorajou.

Em outros casos escassos, há implicação direta de uma leitura recíproca, como ocorre com o verbo *acasalar*. Nesses casos, notamos o clítico como *se-rec*:

(247) Os animais (se-rec) acasalaram.

Com esse tipo de evento, do mesmo modo que se dá com eventos causativos agentivos, a agentividade exigida pela estrutura verbal é saturada pelo próprio argumento alçado para posição de sujeito.

O teste em d. consiste no uso do verbo na voz passiva. Como a passiva é uma formação fortemente relacionada com a possibilidade de um verbo aceitar um argumento externo, esse teste diferencia estruturas que aceitam um argumento externo direto, ou verdadeiro, daqueles verbos que são inicialmente incoativos e aceitam somente causas como argumentos externos, como veremos com mais detalhes. A passiva também diferencia dois tipos de formações que admitem somente uma causa como argumento externo. Alguns verbos que permitem somente causa permitem também a formação passiva, o que nos faz pensar que tais verbos contêm uma projeção de *Voice* em sua versão transitiva.

Dado nosso interesse primordial no estudo da correlação entre morfologia e estrutura argumental, nosso maior objetivo é observar se a forma do verbo pode revelar a propensão à formação de determinado tipo de evento.

A seguir, elencamos alguns exemplos prototípicos frente aos testes acolhidos antes de iniciarmos o detalhamento da análise:

Evento		Verbos de mudança de estado ⁹⁹
Tipo 1. Evento incoativo		
a. *# A Maria amadureceu a fruta.		<i>amunhecer, emugrecer, engravidar, envelhecer, endurecer, engordar, anoliecer, amadurecer, adormecer, adoecer, apodrecer, amortecer, adensar, endoidar, empalidecer, avermelhar, esverdear, empapar, empedrar, emprenhar.</i>
b. O calor amadureceu a fruta.		
c. A fruta (*se) amadureceu.		
d. * A fruta foi amadurecida (pela Maria/pelo calor).		
Tipo 2. Evento estritamente causativo		
a. *# O filho enfureceu a mãe.		<i>apaxionar, enriquecer, agijizar, estremecer, assemelhar, entristecer, afamar, enamorar, empobrecer, enfurecer, emudecer, encolerizar, agigantar, enervar, amesquinhar, enricar, enraivecere, embrutecer, embravecer.</i>
b. A briga enfureceu a mãe.		
c. A mãe (se) enfureceu (com o filho).		
d. * A mãe foi enfurecida (pelo filho/pela briga). ¹⁰⁰		
Tipo 3. Evento causativo subespecificado para [±agl]		
a. O professor anulou a prova.		<i>assegurar, aprimorar, aproximar, encobertar, arriscar, associar, aquecer, anular, encurtar, alongar, apressar, alargar, embelezar, atornentar, abrihantar, acobertar, endireitar, apavorar, aplinar/aplanar, entorpecer, atemorizar, aligeitar, avassalar.</i>
b. A desonestidade dos alunos anulou a prova.		
c. A prova (*se) anulou (*sozinha ¹⁰¹).		
d. A prova foi anulada (pelo professor).		
Tipo 4. Evento totalmente subespecificado “Alternância total”		
a. A esteticista amoleceu a cera.		<i>encher, associar, acalmar, abaixar, acostumar, esvaziar, alisar, afinar, amolecer, amansar, afrouxar, aquitar, abrasar, arredondar, alumiatar, acalentar, entortiar, avivar, incandescer, acovardar, encurvar, encrestar, afofar.</i>
b. O calor amoleceu a cera.		
c. A cera (?se) amoleceu (sozinha).		
d. A cera foi amolecida (pela esteticista/pelo calor).		
Evento causativo agenteivo		
a. O frentista abasteceu o carro.		<i>Esclarecer, acertar, alinhar, ajustar, aperfeiçoar, acomodar, abastecer, aprontar, apropriar, ajeitar, afixar, adotar, abreviar, expropriar, embebedar, amornar, apadrinhar, endensar, acolhoar.</i>
b. * A bomba de gasolina abasteceu o carro.		
c. * O carro abasteceu (sozinho/ com a bomba de gasolina).		
d. O carro foi abastecido (pelo frentista/ *pela bomba de gasolina).		
Evento estritamente causativo com Voice		
a. *# O chefe enobreceu o rapaz.		<i>Apurar, esquentar, enlouquecer, esfriar, agravar, engrossar, atenuar, enfraquecer, envergonhar, alagar, engrandecer, amaciatar, abrandar, evaporar, encarecer, aquietar, enrijecer, enferujar, endoidecer, enegrecer, enobrecer, anolumar, emburrecer, enternecer, assenhorear, enrubescer, embranquecer, ensurdecer, aferventar, enlutar, extenuar, emborrachar, afervorar.</i>
b. O trabalho enobreceu o rapaz.		
c. O rapaz (se) enobreceu.		
d. O rapaz foi enobrecido (pelo trabalho).		

Tabela 20. Tipos de eventos de mudança de estado.

⁹⁹ Organizados por frequência.

¹⁰⁰ Nesses casos, a passiva permitida é somente a adjetival (cujos exemplos estão nas sentenças em a. dos apêndices A a F). Voltaremos a esse fato adiante.

¹⁰¹ Por vezes, utilizamos o advérbio *sozinho* na versão intransitiva para garantir que estamos testando de fato uma interpretação incoativa e para descartar a interpretação de uma sentença absoluta (NEGRÃO E VIOTI, 2010). Por exemplo, a sentença “A prova anulou” é aceitável (como sentença absoluta), mas esse verbo não aceita a modificação por *sozinho(a)* e nem o uso de se: A prova (*se) anulou (*sozinha).

A seguir apresentamos a discussão que nos levou a chegar aos seis tipos de estrutura de eventos propostas. Não seguiremos a ordem numérica apresentada acima para organizar o conteúdo de maneira mais eficiente. A ordem de apresentação das classes é a seguinte: 4, 3, 1, 2, 6 e 5.

Tipo 4. Totalmente subespecificado

Uma subclasse dos verbos de mudança de estado denota uma mudança de estado do argumento interno desencadeada por uma força externa, de tipo agente, instrumento ou causa/eventualidade:

(248) O João/ o vento/furacão/ uma pedra quebrou o galho da árvore.

(249) O galho da árvore quebrou.

Tais verbos podem ser descritos pela seguinte ELC, segundo Cançado e Godoy:

(250) v: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

Segundo as mesmas autoras, as seguintes propriedades sintáticas particulares a essa classe no PB são: possibilidade de passivização (251), uso opcional do clítico *se* (252) e indeterminação do sujeito (253). A alternância é resultado da possibilidade de expressão da porção mais encaixada do evento independentemente [Y BECOME <STATE>]]; no entanto, em uma abordagem da Semântica Lexical, a ELC implica que CAUSE está lexicalmente codificada nesses verbos. As versões intransitivas seriam resultado de um processo de anti/decausativização.

(251) O galho da árvore foi quebrado.

(252) O galho da árvore (se) quebrou.

(253) Quebraram o galho da árvore.

Em Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006) tenta-se apreender tal ideia de que a noção de causa está presente mesmo nessas versões intransitivas, chamadas pelos autores de

anticausativas. A distribuição dos PPs nas sentenças passivas e anticausativas traz evidência de que o componente Causa está presente em ambas as realizações dessas raízes, mas o componente agentividade só está disponível para as passivas: na forma passiva, PPs que introduzem agentes, causas e instrumentos são licenciados. Vejamos que os mesmos papéis semânticos atribuídos ao argumento externo (agente ou causa) estão disponíveis para esses PPs. O mesmo parece verdadeiro para o PB, v. (254):

(254) O galho da árvore foi quebrado pelo João/ pelo vento/furacão /?? pela pedra¹⁰².

No entanto, nas anticausativas, somente causas são licenciadas por PPs. No caso do PB, a preposição *com* é selecionada para introduzir tal causa, mas não permite a introdução de um instrumento, v. (255):

(255) O galho da árvore quebrou *pelo,*com o João / *pela ,*com a pedra¹⁰³/ *pelo,
com o vento/furacão.

Na análise, os autores sugerem que tais verbos sejam decompostos em uma estrutura, com três camadas: *Voice*, *vP* e um componente que inclui a raiz. Nessa estrutura, *Voice* introduz o argumento externo e pode carregar traços relacionados à agentividade. Além disso, também pode abrigar a morfologia não-ativa de certas línguas, como o grego. A morfologia não-ativa é tomada como um reflexo morfológico do fato de *Voice* não apresentar um argumento externo explícito (uma das ocorrências do clítico *se* das línguas românicas é considerada uma manifestação desse tipo de morfologia pelos autores). O núcleo *v* introduz uma relação causal entre o evento causador e o estado resultante denotado pelo seu complemento. Preposições relacionadas ao agente e instrumentos são licenciados por *Voice* e preposições relacionadas a causa/causadores são licenciados por *v*. A seguinte estrutura seria nuclear em causativas, anticausativas e passivas:

¹⁰² O PP pode ocorrer na sentença “A vidraça foi quebrada com uma pedra”, mas nesse caso trata-se de um adjunto instrumental e não um agente da passiva.

¹⁰³ Uma sentença como *A vidraça quebrou com a pedra que jogaram* nos parece aceitável. No entanto, a modificação parece revelar agentividade, o que justificaria uma estrutura com *Voice* e não uma estrutura verdadeiramente anticausativa.

Com a ideia de que as versões anticausativas apresentam o componente causa, revelado pela modificação, conseguimos apreender a ideia de Cançado e Godoy de que “CAUSE está lexicalmente codificada” em uma análise estrutural e não direcionada, cujos problemas comentamos na seção 3.3.2.

Para maior clareza de exposição, representamos abaixo a nossa proposta para as versões transitiva e intransitiva da raiz $\sqrt{\text{QUEBR-}}$, com a adição do núcleo R, cuja justificativa para adoção foi exposta no capítulo 3. Assumimos que essa raiz é subespecificada por poder ser conceitualizada como o resultado de um evento interna ou externamente causado, propriedade que representamos pelo traço [int]. Ainda, essa estrutura é dada como totalmente subespecificada porque, quando o núcleo *Voice* é projetado, seu traço pode ser especificado tanto como [+ag], quanto como [-ag]. Aqui reside uma diferença entre nossa análise e a de Cançado & Godoy: acreditamos que um evento como o de *quebrar*, cujo uso alternante é difundido e generalizado no PB, não precisa ser considerado como inicialmente causativo.

(257) O João/vento quebrou o galho.

(258) O galho quebrou.

O núcleo *v* nas estruturas é o mesmo, diferentemente do que se sugere em Harley (2007), e a diferença está em que, em (258), o núcleo *Voice* não é projetado, mas poderia ser, e esse é um ponto crucial que diferencia esse tipo de verbo de um outro tipo que veremos logo adiante.

Os verbos classificados como totalmente subespecificados dentro da classe de verbos de mudança de estado são estes:

Tipo 4: *encher, associar, acalmar, abaixar, acostumar, esvaziar, alisar, afinar, amolecer, amansar, afrouxar, ajuntar, abrasar, arredondar, alumiar, acalentar, entortar, avivar, incandescer, acovardar, encurvar, encrespar, afofar*.¹⁰⁴

Observando nossos dados, alguns achados importantes surgem com relação à marcação morfológica no sentido de apontar contraexemplos ao que a literatura tem dito sobre verbos com sufixo *-ec-*, principalmente. Para que houvesse uma relação estrita entre o sufixo *-ec-* e os verbos de mudança de estado interna, como afirmam a maior parte dos trabalhos (Cf. Capítulo 3), em especial Oliveira (2009), a ocorrência desse sufixo deveria se restringir a estruturas intransitivas incoativas (tipo 1), como as que iremos explorar em seguida, e assumiríamos que a presença desse afixo pudesse corroborar a existência de um *v* especializado de sabor BECOME. No entanto, não é o que de fato ocorre. O sufixo *-ec-* também ocorre em estruturas totalmente subespecificadas (tipo 4), em outros termos, em estruturas com raízes [$\pm$ int], e em verbos em que o evento necessariamente é concebido como fruto de força externa [-int], de tipo estritamente causativo (tipos 2 e 4) ou agentivo. (tipo 5). Primeiramente, vejamos o exemplo com o verbo *amolecer*.

¹⁰⁴ Testes no apêndice B.

(259) Amolecer

- a. A esteticista amoleceu a cera (com uma colher de pau).
- b. O calor amoleceu a cera.
- c. A cera (?se) amoleceu.
- d. A cera foi amolecida (pela esteticista/pelo calor).

O evento denotado por *amolecer* pode ser interpretado como um evento desencadeado por força externa ou interna, do mesmo modo que ocorre com o verbo *quebrar*, e a raiz $\sqrt{\text{MOL}}$ pode ocorrer em uma estrutura com um *Voice* de tipo [+ag] ou [-ag]. Como vemos nos dados acima, essa raiz ocorre em sentenças transitivas com a presença de um agente evidenciado pelo instrumento controlado licenciado no PP (com uma colher de pau), em a., aceita uma causa, como “o calor” em b., e ainda pode ser licenciada na versão intransitiva. Esses testes revelam que o agente é um agente direto do evento denotado pela raiz. A estrutura em (260) representa a versão com argumento externo agente:

(260) A esteticista amoleceu a cera (com uma colher de pau).

A possibilidade de indeterminação do sujeito (em “Amoleceram a cera”) é explicada pela presença de um núcleo de Voice [+ag] que tem na sua posição de especificador um *pro*. *Pro* está,

obviamente, em distribuição complementar com a realização de um NP referencial porque só existe uma posição estrutural em que um elemento nominal pode ser interpretado como um agente, essa posição é *spec*, VoiceP [+ag].

Desse modo, ao testar nossos dados, notamos que a gramaticalidade em sentenças transitivas com agente (direto), sentenças transitivas com causa, sentenças intransitivas com argumento interno e sentenças passivas revela que uma raiz é completamente subespecificada. Os testes de passivização e indeterminação do sujeito são redundantes, pois revelam a presença de um núcleo *Voice* e traços de agentividade, e por isso só aplicamos o primeiro à totalidade dos dados.

Tipo 3. Causativos subespecificados para [ag]

Um outro tipo de subespecificação se dá somente no domínio do papel semântico do argumento externo. São eventos em que a mudança de estado deve ser necessariamente fruto de força externa, pelo que são eventos causativos, mas essa força pode ser tanto um agente quanto uma causa desencadeadora. Em outras palavras, o domínio *vP* (que inclui necessariamente *v*_[+voice]) não impõe restrições tão finas ao tipo de argumento externo que será projetado em especificador de *Voice*. Como vemos nos exemplos abaixo, por serem concebidos como fruto de força externa, tais verbos não participam de alternâncias incoativas e permitem a formação passiva. Os verbos pertencentes a esse tipo são os dispostos após o paradigma de testes do verbo *anular*.

(261) Anular

- a. O professor anulou a prova.
- b. A desonestidade dos alunos anulou a prova.
- c. A prova (*se) anulou (*sozinha).
- d. A prova foi anulada (pelo professor).

Tipo 3. *assegurar, aprimorar, aproximar, encobertar, arriscar, associar, aquecer, anular, encurtar, alongar, apressar, alargar, embelezar, atormentar, abrilhantar, acobertar, endireitar, apavorar, aplinar/aplanar, entorpecer, atemorizar, aligeirar, avassalar*.

Existe uma questão crucial em relação ao argumento externo de tipo causa, mas para nos dedicarmos a ela, precisamos, antes de tudo, apresentar a discussão sobre as estruturas de eventos de tipo 1.

Tipo 1. Incoativos

Os ditos verbos de mudança de estado incoativo, cuja representação de Cançado e Godoy encontra-se em (262), denotam uma mudança que depende de propriedades internas ao argumento interno. Como já destacamos, diversos trabalhos os denominam de verbos de mudança de estado internamente causada.

(262) v: ([X] CAUSE) [Y BECOME <STATE>]

Tais verbos não permitem que um NP animado em sua posição de especificador seja interpretado como um agente direto do evento de mudança codificado pela raiz verbal. Essa impossibilidade de codificação de agentividade direta é revelada por três propriedades sintáticas no PB: a) não aceitam passivização; b) não aceitam indeterminação do sujeito; c) não aceitam inserção do clítico *se*:

(263) *A banana foi amadurecida.

(264) *A banana se amadureceu.

(265) *Amadureceram a banana.

A subparte opcional ([X] CAUSE) representa o fato de que tais verbos parecem aceitar uma causa indireta como argumento externo, tal como na seguinte sentença, mas não se assume que essa causa esteja lexicalmente codificada:

(266) O calor amadureceu a banana.

As autoras afirmam que o fato de não aceitarem a marca *se* indica que esses verbos “não trazem em sua estrutura semântica o predicado primitivo CAUSE” (p.121), ao passo que verbos causativos apresentam esse primitivo em sua estrutura semântica e, ao serem incoativizados, perdem esse predicado, o que resulta na marcação morfológica.

Alexiadou (a sair), a partir de dados expostos em outros trabalhos, mostra que a mesma classe de verbos ocorre em inglês e em grego, como nos exemplos abaixo (p. 4), e diz que a questão a ser resolvida é a seguinte: por que somente argumento externo de tipo semântico Causa é permitido para tais verbos?

(267) Inglês:

- a. Early summer heat blossomed fruit trees across the valley.
‘O calor do início do verão floresceu as árvores frutíferas em todo o vale’
- b. Salt air and other pollutants can decay prints.
‘Maresia e outros poluentes podem corroer pinturas.’

(268) Grego

- a. O thalasinós areas skuriase to frahti.
The sea air rusted-3SG the fence
‘The sea air rusted the fence’ (‘A maresia enferrujou a cerca’)
- b. I poli zahari sapizi ta dondia.
The much sugar rot-3sg the teeth
‘A lot of sugar rots the teeth’ (‘Muito açúcar apodrece os dentes’)

A autora sugere que tal argumento (nunca agente) é licenciado diretamente por *v*. A ideia é que os sujeitos de verbos com raiz internamente causada são realizações alternativas de PPs causa, ou seja, semanticamente, eles são tipos de modificadores de evento mais do que sujeitos verdadeiros, o que deve se traduzir na estrutura de algum modo. A análise estrutural para tais verbos se constrói com base na ideia de que esses elementos contêm, inicialmente, apenas *v* e a camada de resultado, como em (269). Opcionalmente, um argumento externo [-ag] pode ser licenciado por *v* (270). Traduzindo essa ideia para a nossa proposta de que há, estruturalmente, dois tipos de verbalizadores (*v*_[+voice] e *v*_[-voice]), temos que *v*_[+voice] é capaz de licenciar um

argumento externo em sua posição de especificador. A discussão se fará mais clara na continuação desta subseção.

A evidência empírica para o fato de que tais verbos não apresentam argumento externo projetado em *spec*, *VoiceP* é a impossibilidade de tais verbos sofrerem passivização.

(271) * A banana foi amadurecida pela cozinheira/ **pelo calor**.

À luz desses fatos, podemos retomar a questão de argumentos externos de tipo causa [-ag], que aparentemente são licenciados em estruturas com $v_{[+voice]}$: seriam tais argumentos introduzidos diretamente por vP, da mesma forma como são introduzidos os PPs de tipo causa em estruturas anticausativas/incoativas (como veremos a seguir), ou seriam introduzidos do mesmo modo como são introduzidos os agentes, em *spec*, *voiceP*?

A estrutura passiva parece ser um importante teste para responder a essa questão. Ambos os argumentos externos de tipo causa ou agente podem ser opcionalmente licenciados em PPs adjuntos nas estruturas passivas de verbos com raízes subespecificadas (272). Isso parece indicar que ambos os tipos semânticos de argumentos têm o mesmo estatuto sintático. Nas versões transitivas, *Voice* estaria disponível e licenciaria, em sua posição de especificador, tanto causa quanto agente. Na versão passiva, seguindo a linha de Schäfer (2008), um núcleo *Voice* passivo licencia ambos os PPs, agentes e causas¹⁰⁵. Na versão intransitiva, pela ausência de *Voice*, apenas

¹⁰⁵ Não iremos abordar a estrutura das sentenças passivas com detalhes. Para Schäfer (2008), a sentença passiva contém um núcleo *Voice* passivo que não licencia um argumento externo (por isso 0 na estrutura abaixo), mas que introduz um “papel temático” agentivo que fica implícito sintaticamente (agent). Uma questão que permanece é a interpretação não-agentiva em passivas como com PPs causa. Possivelmente, esse *Voice* possui além de *Agent* a opção *Causar*.

causas são licenciadas, em spec, vP (273). Lembramos que apenas *Voice* pode licenciar traços relacionados à agentividade (ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOULOU E SCHÄFER, 2006).

(272) A cera foi amolecida pela esteticista/pelo calor.

(273) A cera amoleceu *pela/*com a esteticista/ com o calor.

Ao observar a morfologia dos verbos de mudança de estado incoativos de causa interna (tipo 1) cujo comportamento estrutural será exemplificado por *apodrecer*, notamos que há grande ocorrência do sufixo *-ec-*.

Tipo 1: *amanhecer*¹⁰⁶, *emagrecer*, *engravidar*, *envelhecer*, *endurecer*, *engordar*, *anoitecer*, *amadurecer*, *adormecer*, *adoecer*, *apodrecer*, *amortecer*, *adensar*, *endoidar*, *empalidecer*, *avermelhar*, *esverdear*, *empapar*, *empedrar*, *emprenhar*.

(274) Apodrecer

- a. *# O lenhador apodreceu a madeira.
- b. A umidade apodreceu a madeira.
- c. A madeira apodreceu.
- d. *A madeira se apodreceu.
- e. *A madeira foi apodrecida (pelo lenhador/pela umidade).
- f. *Apodreceram a madeira.

Em (274), o argumento externo da sentença transitiva só pode ser interpretado como um facilitador, e não como um agente do evento expresso pela raiz do verbo, o que representamos pela junção dos sinais *#, (O lenhador deixou a madeira exposta à umidade, o que de fato causou o seu apodrecimento). Uma causa é permitida na posição de sujeito, como em b., e a realização mais natural para esse verbo é aquele em c., na forma de uma sentença intransitiva. O verbo não

a. VoiceP

Voice {agent, 0} vP

¹⁰⁶ *Amanhecer* e *anoitecer* são ainda mais restritivos no sentido de que apenas aceitam argumento externo se considerarmos um “contexto poético” (termo citado pelos falantes), como em “O sol amanheceu o dia”/ “A lua anoiteceu o dia”.

se realiza normalmente em sentenças passivas (d), com o clítico *se* (e) e com a indeterminação do sujeito (f).¹⁰⁷. Nesses casos, com relação à presença de *-ec-* e o tipo de complemento tomado por *v*, notamos que esses verbos tomam preferencialmente raízes simples. Tal fato morfológico está diretamente correlacionado ao tipo semântico [+int] dessa raiz: a raiz não precisa sofrer nenhum tipo de manipulação morfológica para denotar um estado.

A estrutura baixa para um verbo monoargumental, como *apodrecer* ou *amadurecer*, é a que dispomos a seguir:

(275) Apodrecer a madeira.

Nessa estrutura monoargumental e incoativa, o núcleo R [+r] licencia estruturalmente um argumento interno e o relaciona à raiz de estado; o DP recebe sua interpretação semântica em spec, R. Há, então, um tipo de *small clause* que contém um estado cuja combinação (como complemento) com um núcleo *v* eventivo gera interpretação de um evento de mudança e resultado.

A ordem Sujeito-Verbo (SV)¹⁰⁸ é derivada pelo movimento do argumento interno para especificador de TP para checagem de caso nominativo, pois o *v* inacusativo não é capaz de

¹⁰⁷ Apesar de mantermos o uso do sinal * nessas sentenças, é possível criar contextos muito específicos em que sua aceitabilidade melhora, revelando que talvez não se trate de agramaticalidade. Imagine o seguinte contexto para (274)e: “Olha, a madeira da sua casa não apodreceu porque ela era ruim, ela **foi apodrecida** com sua falta de cuidado”, ou contexto para (274)f: “A madeira da sua casa não apodreceu sozinha não, **apodreceram** ela com a falta de cuidado, mas não vou citar nomes...” (Imaginamos uma entonação marcada para as partes destacadas em negrito).

¹⁰⁸ Sobre a possibilidade de ordem VS no PB, cf. KATO, M. (2000). “The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: M.A. Kato e E.V. Negrão (eds). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Vervuert-Iberoamericana, e VIOTTI, E. C. . *Ordem VS no português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos*. In: Ataliba T. de Castilho; M. A. Torres Moraes; Sonia M.L. Cyrino; Ruth E. Vasconcellos Lopes. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 131-158.

checar caso acusativo do argumento interno porque não licencia uma projeção de *Voice* (seguindo a generalização de Burzio (1986), verbos que não projetam argumento externo não atribuem caso acusativo). A estrutura simplificada é a seguinte:

(276) A madeira apodreceu.

Nessa estrutura, o núcleo *Voice* não é licenciado e, por isso, não é possível ter formas intransitivas como a passiva e a indeterminação porque essas são todas estruturas dependentes desse núcleo.

A estrutura sintática sugerida acima se parece com a de um verbo inacusativo prototípico, como *nascer* e *morrer*. No entanto, existe uma diferença entre esses dois tipos de verbos: verbos como *amadurecer* e *apodrecer* podem apresentar versões transitivas (277) ao passo que aqueles não podem (278):

- (277) a. A cozinheira amadureceu a banana (no forno).
 b. O calor amadureceu a banana/ O jornal amadureceu a banana.

- (278) a. * O médico nasceu o bebê (no fórceps).
 b. * O parto normal/ *A cesariana/ *O fórceps nasceu o bebê.

Por isso, apesar de não nos determos na estrutura de verbos inacusativos prototípicos, como *nascer* e *morrer*, assumimos que sua estrutura deve ser diferente da dos verbos como *amadurecer* e *apodrecer*.

Uma primeira hipótese levantada foi a de que o fato de um argumento externo humano e animado somente poder ser interpretado como um facilitador para essa classe de raízes (*amadurecer*, *apodrecer*) se dá porque ele é, na verdade, um agente de um outro evento mais externo, que não aquele relacionado à raiz de estado interno. Retomando o exemplo acima com *apodrecer*, em uma sentença como *o lenhador apodreceu a madeira*, o argumento externo agente só pode causar de modo indireto o apodrecimento do argumento interno, por meio de um outro evento. Ou seja, ele pode, por exemplo, fazer a madeira apodrecer deixando-a exposta à umidade, o que implica um tipo de causação indireta. Nesse caso, em MD, uma maneira de representar estruturalmente essa relação se faz por meio de dois núcleos introdutórios de eventos, dois *vs*: um que toma a camada que inclui a raiz como complemento e um que toma um outro *vP* como complemento. Esse tipo de estrutura já foi sugerida por Harley (2008)¹⁰⁹ para o que a autora denomina de causativos sintáticos do japonês, em oposição a causativos lexicais, que têm o causador licenciado diretamente pelo *v* mais baixo. A paráfrase ideal para esses casos é aquela que inclui o verbo *fazer*: *O lenhador fez a madeira apodrecer*.¹¹⁰

A forma lógica para esse tipo de estrutura de causa indireta, de dentro uma teoria semântica como a de Parsons, consegue mostrar, por exemplo, que os tempos dos dois eventos podem ser distintos. O lenhador pode expor a madeira à umidade em um tempo *t* (ontem) e o evento do apodrecimento (*v*) pode se dar em um tempo diferente, em um tempo *t'*:

¹⁰⁹ Conforme estrutura reproduzida abaixo e retirada de Harley (2008:30)

(Taro-ga Hanako-ni pizza-o tabe-sase-ta)
Taro-N Hanako-D pizza-A eat-caus-past
"Taro made Hanako eat pizza."

¹¹⁰ Não iremos nos estender nos detalhes desse tipo de estrutura de causa indireta para o português. Remetemos o leitor ao trabalho de Carvalho, J. M. R. (tese de doutorado em preparação).

(279) $(\exists t)(\exists t')[t > t' (\exists e) [\text{Agente}(e, \text{lenhador}) \ \& \ \text{Cul}(e, t) \ \& \ (\exists e') [\text{Apodrecer}(e') \ \& \ \text{Cul}(e', t') \ \& \ \text{Tema}(e', \text{Madeira}) \ \& \ \text{CAUSE}(e, e') \ \& \ (\exists s) [\text{Estar-podre}(s) \ \& \ \text{Tema}(s, \text{Madeira}) \ \& \ \text{Hold}(s, t') \ \& \ \text{BECOME}(e', s)]]]]]$

(280) O lenhador (ao expor à umidade no tempo t) apodreceu a madeira (no tempo t').

No que se refere a argumentos externos de tipo causa, nesses verbos, a observação atenta dos dados nos permite concluir que muitas vezes essas causas são expressas por nomes eventivos. Por exemplo, em (281), *a chuva* é claramente um evento que causa o evento incoativo de *apodrecer*. Em (282), o nome eventivo (*discurso*) é compatível inclusive com a presença de um agente introduzido por uma preposição (*do político*).

(281) A chuva apodreceu as plantas.

(282) O discurso (do político) enfureceu o público.

Vários dos exemplos nos itens c. do Apêndice B são sentenças transitivas com D/NP argumento externo que podem ser facilmente reinterpretados como um evento causador. Alguns deles estão dispostos a seguir:

(283)

- a. O descuido adoeceu o menino.
- b. A canção de ninar adormeceu a criança.
- c. (*Expor ao*) O calor amadureceu a fruta.
- d. A pancada adormeceu meu braço.
- e. A umidade apodreceu a madeira.
- f. A dieta emagreceu o paciente.
- g. (*Assistir a*) Os programas de TV emburreceram o telespectador.
- h. A lavagem enrijeceu a sapatilha.

Não iremos detalhar a estrutura de tais nomes eventivos, pois fugiria ao escopo desta tese, mas, nesses casos, poder-se-ia sugerir uma estrutura de eventos bem próxima à de (284) a seguir.

(284) O(s) lenhador(es) apodreceu(ram) a madeira.

Por hipótese, se considerarmos que o *v* presente nessas formações é um *v* que não licencia seu argumento externo, devemos ter como consequência o fato de que esse *v* não pode atribuir caso acusativo ao seu argumento interno. No entanto, nesses dados, o argumento interno recebe caso acusativo. A atribuição de caso nessas versões transitivas dos verbos incoativos mostra que elas se comportam sintaticamente como sentenças monoracionais e não como sentenças bioracionais ou, em outras palavras, como sentenças de causa indireta.

Por isso, nos parece mais apropriado assumir que argumentos externos permitidos com raízes de estado interno (causa e NP animado não-agentivo) são licenciados diretamente por *v*, e não por *Voice* e nem por um outro *v* mais externo. O único núcleo *v* presente atribui caso acusativo ao argumento interno nesses casos porque possui uma projeção de argumento externo associada a ele. Nesse sentido, temos um tipo estrutural de *v* diferente daquele que ocorre em eventos externamente causados. Temos de assumir, então, dois tipos de verbalizadores para abarcar nossos dados: um que se combina (opcionalmente) com *Voice* e um que nunca se

combina com *Voice*. O primeiro tipo está presente em eventos externamente causados e o segundo segundo tipo em eventos internamente causados; esses licenciam opcionalmente uma posição de especificador com traços [-ag]. A estrutura abaixo representa o segundo tipo de verbalizador.

Uma evidência para a estrutura sugerida em (285) surge da modificação pelo advérbio *quase*. Quando adicionamos *quase* a uma sentença que descreve um evento internamente causado, mesmo que exista um sujeito (animado ou não), parece difícil conseguir apreender a leitura em que o advérbio tem escopo sobre todo o evento, incluindo o argumento externo: isso se dá porque não há *Voice*. A leitura disponível é a de modificação da camada de resultado.

(286) A umidade quase apodreceu a madeira.

Int1: #A umidade quase desencadeou o processo de apodrecimento.

Int2: A madeira quase ficou podre.

(287) O calor quase amadureceu a fruta.

Int1: #O calor quase desencadeou o processo de amadurecimento.

Int2: A fruta quase ficou madura.

Gostaríamos de acrescentar uma reflexão acerca da tipologia das raízes. Apesar de classificarmos *a priori* esse conjunto de raízes, nos parece que em muitos casos é o argumento interno que valoriza a especificação da raiz. Por exemplo, é consenso na literatura que *amadurecer* denota uma mudança de estado internamente causada. Contudo, se pensarmos no vP [amadurecer

a Maria], em que o argumento interno é mais humano e mais animado, fica difícil considerar que a mudança é conceitualizada como internamente causada. O mesmo se dá para algo como o vP[amadurecer o vinho]. Pode-se dizer que esses são usos metafóricos, mas essa não é uma explicação satisfatória, dado que esse uso metafórico, especificamente, é derivado da combinação estrutural com um tipo diferente de argumento interno, ou seja, da manipulação da estrutura sintática desse “verbo”, e aspectos robustos do significado nuclear e das características morfológicas da raiz são preservados, de modo que é improvável que sejam dois verbos homônimos. Isso se comprova, por exemplo, pelo fato de podermos formar uma passiva com essas combinações, e algumas outras nos exemplos a seguir de (288) a (290). A especificação do tipo de mudança é mais uma característica composicional construída com base no sintagma RP do que por um traço ou propriedade exclusiva da raiz.

(288) “Este vinho **foi amadurecido** em barris de carvalho por seis meses.”¹¹¹

(289) “Guilherme de Sá falou que sua voz **foi amadurecida** com o tempo”¹¹²

(290) “A ideia de homenagear o boi **foi amadurecida** pelo Prefeito Arthur.”¹¹³

(291) “Mas aos poucos **a ideia foi se amadurecendo** e a ansiedade aumentando”¹¹⁴.

Tipo 2. Estritamente Causativos

Observando um novo tipo de comportamento, identificamos uma parte de nossos dados com os verbos chamados por Cançado e Godoy (2012) de estritamente causativos (rótulo que emprestamos das autoras para o Tipo 2) exemplificados pelas autoras por *preocupar* e representados pela seguinte ELC:

(292) v: [[X] CAUSE [Y BECOME <STATE>]]

Segundo as autoras, esse tipo de verbo aceita somente uma causa como argumento externo e são de tipo psicológico com objeto experienciador. Se assemelham aos incoativos por não aceitarem a passivização sintática (293), mas se distinguem deles por aceitarem

¹¹¹ <http://www.poraodovinho.com.br/nacionais.php>

¹¹² <http://www.youtube.com/watch?v=HL4FfH8K180>

¹¹³ <http://www3.manaus.am.gov.br/shooto-brasil-em-manaus-tera-ronys-torres-e-geraldo-ferro/>

¹¹⁴ <http://www.pj.org.br/jmj/ja-fui/>

opcionalmente o clítico *se* na versão intransitiva (294)¹¹⁵. Vejamos que a ELC sugerida prevê o componente causa como obrigatório, diferentemente da ELC de verbos incoativos.

(293) *A mãe foi preocupada pelo filho.

(294) A mãe (se) preocupou com o filho.

Os verbos pertencentes a essa classe são os transcritos a seguir, cujo comportamento está representado pelo dos verbos *enfurecer* e *entristecer* no paradigma em (295).

Tipo 2. *apaixonar, enriquecer, ajuizar, estremecer, assemelhar, entristecer, afamar, enamorar, empobrecer, enfurecer, emudecer, encolerizar, agigantar, enervar, amesquinhar, enricar, enraivecer, embrutecer, embravecer,*

(295) *Enfurecer*

- a. *#O filho enfureceu/entristeceu a mãe.
- b. A confusão enfureceu/entristeceu a mãe.
- c. A mãe (se) enfureceu/entristeceu.
- d. *A mãe foi enfurecida/entristecida (pelo filho).¹¹⁶

Assim como nos verbos com mudança internamente causada, o verbo *enfurecer* aceita um PP adjunto com o argumento de tipo causa, mas não é compatível com a formação passiva. Por isso, em nossa análise, os argumentos desses verbos devem ser projetados diretamente como especificadores de $v_{[-voice]}$, assemelhando-se aos verbos incoativos. Temos uma explicação uniforme e estruturada, então, para a atribuição do papel semântico do argumento externo: por estar na posição de especificador de $v_{[-voice]}$, o argumento externo não é capaz de ser interpretado como [+ag].

(296) a. A mãe se enfureceu com (a atitude d) o filho.

b. *A mãe foi enfurecida pela atitude do filho.

¹¹⁵ No dialeto paulistano, a presença do clítico é muito frequente com os verbos desta classe, o que se nota pela agramaticalidade atribuída a alguns exemplos, como em O João *(se) enervou.

¹¹⁶ Nesse caso, o falante prefere usar a passiva com *ficar*, de estado resultante: *A mãe ficou enfurecida com o filho*.

Além disso, apesar de a maior parte desses verbos poder ser identificada como verbos psicológicos com objeto experienciador, a classe dos causativos estritos não se limita a esse tipo semântico: verbos como *enriquecer*, *emudecer*, *afamar* não apresentam mudança de estado psicológico e têm comportamento estrutural compatível com o dessa classe.

Resta-nos discutir porque tais formações ocorrem opcionalmente com o clítico *se* ao passo que essa morfologia é rejeitada na classe dos verbos incoativos. A diferença essencial entre os dois tipos de raízes está em que, no primeiro caso, as raízes denotam inicialmente estados [+int] (como *maduro*, *podre*) e, no segundo os estados, são [-int] (como *triste*, *em estado de fúria*), que necessitam obrigatoriamente do desencadeamento de uma causa externa. O clítico seria um reflexo morfológico dessa necessidade da raiz¹¹⁷. O francês se comporta de modo diferente do PB: nessa língua, eventos internamente causados são compatíveis com a ocorrência do clítico *si* (SCHÄFER, 2008):

(297) L'univers s'agrandit.

O universo está SE aumentando.

(298) Le temps s'améliore.

O tempo está SE melhorando.

Tipo 6. Estritamente causativos com $v_{[+voice]}$

Assim como nos eventos de tipo 2, em que o DP no especificador de *Voice* só pode ser [-ag] (como agente indireto ou como causa), há também outros casos em que essa restrição se mantém, mas cujo comportamento não é idêntico ao daquela classe. Tais casos são também denominados aqui de verbos causativos estritos, mas, diferentemente dos verbos como *preocupar*, *enfurecer* e *entristecer*, aceitam a formação passiva. Por isso, os denominamos de causativos estritos com $v_{[+voice]}$. São eles:

¹¹⁷ Não iremos apresentar uma análise para o local de projeção do clítico neste trabalho. Para esse assunto, Cf. Lazzarini-Cyrino (tese de doutorado em preparação).

Tipo 6. *Apurar, esquentar, enlouquecer, esfriar, agravar, engrossar, atenuar, enfraquecer, envergonhar, alagar, engrandecer, amaciar, abrandar, evaporar, encarecer, aquietar, enrijecer, enferrujar, endoidecer, enegrecer, enobrecer, avolumar, emburrecer, enternecer, assenhorear, enrubescer, embranquecer, ensurdecer, aferventar, enlutar, extenuar, emborrachar, afervorar.*

Obervemos o comportamento exemplar do verbo *enferrujar*:

(299) *Enferrujar*

- a. *# O João enferrujou o portão.
- b. A maresia enferrujou o portão.
- c. O portão (se) enferrujou.
- d. O portão foi enferrujado (pela maresia).

Tipo 5. Estritamente agentivos

Outro tipo é encontrado em verbos como *esclarecer* e *abastecer*, em que a raiz é [-int] e *Voice* somente pode ser especificado como [+ag]. São eventos causativos estritamente agentivos. Os dados que apresentam o mesmo comportamento do verbo *esclarecer* abaixo são os seguintes:

Tipo 5. *Esclarecer, acertar, alinhar, ajustar, aperfeiçoar, acomodar, abastecer, aprontar, apropriar, ajeitar, afixar, adoçar, abreviar, expropriar, embebedar, amornar, apadrinhar, endeusar, acolchoar.*

(300) *Esclarecer*

- a. professor esclareceu a questão.
- b. *O bilhete esclareceu a questão.
- c. A questão *(se) esclareceu.
- d. A questão foi esclarecida (pelo professor).

O verbo *esclarecer* não ocorre na forma incoativa porque pede a expressão de um AE de tipo agentivo. Mesmo que um AE não animado seja licenciado, como em b., ele é um produto de

um ato agentivo, e parece ser de algum modo controlado. Não são permitidos argumentos externos que denotem forças naturais, por exemplo (compare com “A chuva esclareceu a questão”, sentença para a qual não há salvação).

Uma comparação necessária é a do verbo *esclarecer* com o verbo *clarear*, que em PB é prototipicamente licenciado em uma estrutura de mudança de estado internamente causada¹¹⁸. Desse modo, se assumirmos que a mesma raiz √CLAR está presente em *esclarecer* e *clarear* temos uma explicação para as diferentes interpretações e os comportamentos frente a estrutura argumental, em especial o fato de que *clarear* permite alternância ao passo que *esclarecer* não permite. A explicação é estrutural e reside no fato de que quando na estrutura causativa de *esclarecer*, o RP em que √CLAR está incluída é interpretado como externamente causado e *Voice* é necessariamente [+ag]; já quando na estrutura de *clarear*, o RP é interpretado como internamente causado, e não há projeção de *Voice*, como em *O céu clareou*, por exemplo, ou mesmo em *O sol clareou o céu*, em que temos uma estrutura idêntica àquela sugerida para eventos do tipo de *amadurecer* (que não se combinam com *Voice*). Poder-se-ia argumentar, por exemplo, que a agentividade está relacionada à presença dos prefixo *es-* em *esclarecer*, mas tal ideia não se sustenta, dado que outros dados com esse prefixo podem ser interpretados como [+int]: *esfriar* e *esquentar*, quando usados em referência ao tempo, por exemplo, não podem ser causativos.

O outro verbo deste grupo é *abastecer*, cujo comportamento frente aos testes é o exposto em (301) abaixo. O teste de alternância em b. mostra que o verbo ocorre uma sentença intransitiva, porém é óbvio que a interpretação deve ser agentiva: “o carro abasteceu” implica que alguém (que não pode ser somente uma causa) desencadeou o evento de abastecer, mas esse argumento não aparece na sintaxe. A estrutura em (302) é a sugerida para a sentença b. em (301), em que o núcleo *Voice* [+ag] garante a interpretação agentiva e a falta de uma posição de especificador desse núcleo proporciona a alternância intransitiva. Apesar de sintaticamente intransitiva, não podemos chamar essa estrutura de incoativa dado que o traço [int] é especificado para [-]:

(301) Abastecer

- a. O frentista abasteceu o carro.
- b. * A bomba de álcool abasteceu o carro.

¹¹⁸ O verbo *aclarar* é descrito por Pereira como produtivo em PE, mas não nos parece ter amplo uso em PB.

- c. O carro (*se) abasteceu (*sozinho).
- d. O carro foi abastecido (pelo frentista).

Em teoria, a sentença *O carro abasteceu* não deveria ser uma sentença grammatical ou aceitável. No entanto há mais fatores envolvidos: o fato de uma sentença como “Meu carro (já) abasteceu” ser perfeitamente aceitável tem a ver com a existência/aumento em PB do que Negrão e Viotti (2010) descobriram e denominaram de Sentenças Absolutas. As autoras afirmam que, nessas construções, “o argumento que corresponde ao participante do evento que fornece a energia para que o evento aconteça não é simplesmente não-realçado, como acontece nas sentenças passivas, nem é indefinido ou genérico, como nas construções impessoais e nas chamadas médias: ele não chega a ser conceitualizado” (p. 40). A não conceitualização desse argumento poderia corresponder em nossos termos à sua não-projeção e, nesse caso, a estrutura seria idêntica à que licencia uma raiz internamente causada. Concordamos com as autoras no aspecto que diz que tais sentenças são diferentes das passivas, impessoais e médias; contudo, não concordamos que não haja nenhuma interpretação de agente ou causa implícita nessas sentenças com base no teste de modificação por advérbios. Vemos que diferentemente das raízes de tipo internamente causadas (que incluem as subespecificadas), esses verbos não são completamente compatíveis com um advérbio como *por si só* ou *sozinho*, que revelaria a completa ausência de força externa. Se o argumento implícito (entendido por nós como a projeção de *Voice*) não fosse conceitualizado, as sentenças em (305) deveriam ser ótimas:

(303) A madeira apodreceu sozinho/por si só.

(304) A cera amoleceu sozinho/ por si só.

- (305) a. A questão *(se) esclareceu sozinha/ por si só.
b. *O carro abasteceu sozinho/por si só.

Por outro lado, as raízes especificadas como [-int] são compatíveis com advérbios orientados para o argumento externo agente, quando Voice é [+ag]:

- (306) #O lenhador apodreceu a madeira com cuidado/de propósito¹¹⁹.
(307) A esteticista amoleceu a cera com cuidado/de propósito.
(308) # Minha perna amoleceu com cuidado/de propósito¹²⁰.
(309) a. O professor esclareceu a questão com cuidado/de propósito.
b. O frentista abasteceu o carro com cuidado/de propósito.

Contudo, como bem apontam as autoras, a questão não é tão simples no que concerne a esse novo tipo de formação. Um argumento que poderia ser usado em favor da ideia da não existência de *Voice* [+ag] nessas sentenças seria a estranheza da sentença abaixo, que rejeita um advérbio orientado para o argumento externo agente.

- (310) Meu carro abasteceu # com cuidado/# de propósito.

Tal advérbio deveria poder se adjungir a *VoiceP*, se ele de fato existisse nessas sentenças. Talvez a peculiaridade dessas sentenças esteja exatamente no fato de que há uma estrutura intransitiva em que a camada baixa possui uma especificação para externamente causada e, mesmo assim, *Voice* não é projetado. Essa não é uma questão direta do presente trabalho, mas o que tais fatos nos mostram com certeza é que o simples teste de alternância transitivo-intransitiva não é mais um teste efetivo para identificar estruturas incoativas no PB: *Meu carro abasteceu* é uma alternância intransitiva, mas não é uma estrutura incoativa de alternância como a do verbo *amadurecer*, por exemplo.

¹¹⁹ *De propósito* faz as vezes de *deliberadamente* porque consideramos que o uso do primeiro modificador é mais natural, e talvez produtivo, embora não tenhamos dados numéricos para suportar tal intuição.

¹²⁰ Essa sentença revela novamente a importância do tipo de argumento interno para a especificação do traco [int] da raiz.

Como já vimos anteriormente, trabalhos como o de Oliveira (2009) fazem uma clara oposição entre *-iz-* como sufixo realizador de *v* de eventos de mudança de estado externamente causada e *-ec-* como relativo à mudança de estado internamente causada. Por meio da investigação dos dados acima, mostramos que a segunda afirmação é incorreta, ou pelo menos, deve ser relativizada e colocada em forma de tendência, pois o sufixo *-ec-* está em todas as possíveis realizações de verbos de mudança de estado.

Apesar de não termos dados numerosos em nosso *corpus* do sufixo *-iz-*, faremos uma breve investigação¹²¹. Em geral, os verbos formados pelo sufixo *-iz-* também veiculam uma mudança de estado do argumento interno que implica um estado resultante (em determinado grau algumas vezes) causada por um agente/causa, figurando em estruturas bieventivas, do mesmo modo que se dá com algumas formações em que há ocorrência do sufixo *-ec-*. Alguns testes de negação do resultado (*denial of result test*) abaixo corroboram a existência de mudança de estado e estado resultante.

(311) # O palhaço aterrorizou as crianças, mas elas não ficaram aterrorizadas.

(312) # A doceira caramelizou o doce, mas o doce não ficou caramelizado.

Uma primeira diferenciação que notamos com relação à realização dos sufixos é que o sufixo *-iz-* junta-se com mais frequência a estados derivados. Tal fato é revelado pelo teste de acarretamento:

(313) A criança ficou #terror/ aterrorizada.

(314) O açúcar ficou #caramelo/caramelizado.

O sufixo *-iz-* combina-se a adjetivos derivados de relação (*profissional, americano, familiar, cristão*), mas esses devem ser reinterpretados como qualificativos, portadores de uma propriedade. Uma forte evidência desse fato é a grande ocorrência de verbos com *-iz-* formados a partir de adjetivos derivados por *-al* (*formalizar, sexualizar, centralizar, municipalizar*) e *-vel* (*responsabilizar, contabilizar, estabilizar*). Isso indica que a estrutura em que *-iz-* ocorre deve

¹²¹ Essa breve investigação não será considerada oficialmente nas análises estatísticas descritivas.

conter uma camada que forma um estado derivado a partir da raiz. A estrutura baixa de verbos como *profissionalizar* e *aterrorizar* deve ser inicialmente esta a seguir:

(315) Profissionalizar

(316) Aterrorizar

Para verbos com sufixos adjetivais, podemos afirmar que é o núcleo funcional (ou traço que ele contém), realizado por essas marcas, o responsável por introduzir o argumento interno e relacioná-lo ao estado derivado pela junção da raiz que normalmente denota entidades. Já para verbos com prefixos, como *aterrorizar*, é o núcleo R que realiza tais funções. Uma evidência relevante é que nas formações com os sufixos *-al* e *-iz-*, por exemplo, a presença de prefixos é quase nula¹²².

¹²² Há algumas formações listadas em dicionário, mas que não são usuais: *assexualizar*, *assocializar*. Com os prefixos *eN-* e *eS-* não há nenhum registro.

A pergunta que se segue, na linha de argumentação, é: como se deriva o estado necessário em verbos que contém *-iz-* mas não contém realização aberta nem de prefixos e nem de sufixos adjetivais, como é o caso de *caramelizar*, por exemplo? Observemos a estrutura abaixo:

Novamente, tal dado nos parece um incentivo no sentido do abandono de noções categoriais em nossa análise: podemos bem sugerir um rótulo *a* ou um rótulo R nesse caso.

Diferentemente dos dados acima, em que temos estados derivados, em verbos como *amenizar*, *suavizar* e *tranquilizar*, as raízes (as mesmas presentes em *ameno*, *suave* e *tranquilo*) denotam por elas mesmas estados e são tomadas como complementos de *vs* realizados por *-iz-*.

Explorando agora a realização do argumento externo em verbos que contêm o sufixo *-iz-*, notamos que os estados derivados são em geral interpretados como externamente causados justamente porque as raízes presentes expressam prototipicamente entidades, o que implica sempre a existência de uma projeção de *Voice* de tipo $[\pm ag]$. Observemos os testes para *aterrorizar* e *caramelizar* que revelam que as raízes $\sqrt{TERR}$ (ou $\sqrt{TEM}$ em *atemorizar*) e $\sqrt{CARMEL}$ ocorrem em sentenças com argumento externo de tipo agente ou de tipo causa, permitem passivização, uso do clítico *se* e indeterminação do sujeito. Além disso, como já mostramos, o acarretamento do estado resultante é feito para esses verbos com a forma do participípio. Em geral, esses verbos não alternam normalmente sem a presença do clítico *se*.

(318) Aterrorizar

- a. As vítimas ficaram #terror/ aterrorizadas.
- b. O ladrão aterrorizou as vítimas.
- c. A ventania aterrorizou as pessoas.
- d. As vítimas *(se) aterrorizaram.

- e. As vítimas foram aterrorizadas.

Contudo, alguns dados mostram que o sufixo *-iz-* pode ocorrer, talvez de modo inovador, em eventos conceitualizados como internamente causados. Observemos o seguinte trecho retirado da internet, em que fica claro que a mudança de estado denotada por *cristalizar* é conceitualizada como internamente causada¹²³:

*Há casas em que o mel nunca cristaliza, porque acaba muito antes de ter essa possibilidade; e há outras (como a minha) em que o estado normal do mel é... Cristalizado, porque só se usa quando alguém está com tosse ou com dores de garganta! Em primeiro lugar, convém saber duas coisas para evitar que o mel cristalize – guardá-lo num local fresco e escuro (mas não no frigorífico), e nunca introduzir humidade [sic] dentro do frasco! Ou seja, se colocar uma colher de mel no chá e quiser pôr mais uma, não use a mesma colher, mas sim uma que esteja limpa e seca. Mas se entretanto o **mel já cristalizou**, pode sempre tirar a tampa e colocar o frasco no microondas, verificando o seu estado a cada 30 segundos, até que o mel fique límpido e livre de cristais. (Grifo nosso)*

(319) Cristalizar (o mel)

- a. *# A cozinheira cristalizou o mel.
- b. A umidade cristalizou o mel.
- c. O mel cristalizou.
- d. ?? O mel foi cristalizado (pela umidade).

Ainda, na discussão sobre formas sufixais, devemos abordar duas ocorrências do sufixo *-e-*, *esverdear* e *assenhorear*, com comportamento de verbos de mudança de estado, sendo o último dado pouco familiar. Como vimos no capítulo 3, a literatura tem correlacionado largamente a presença desse sufixo à expressão de eventualidades atéticas de tipo durativo e iterativo e expressões de habitualidade. Nesse caso específico, não há testes que comprovem que os eventos expressos por *assenhorear* e *esverdear* sejam aspectualmente diferentes de eventos como *apadrinhar* e *avemelhar*, constituindo-se como eventualidades téticas. Testes clássicos de identificação de eventualidades atéticas falham em sua aplicação:

¹²³ <http://cookingworldpt.wordpress.com/2013/04/08/o-mel-cristalizou-a-solucao-e/>

(320) O produto químico esverdeou o cabelo em 10 minutos/ #por 10 minutos.

(321) A garota se assenhoreou em poucos meses/ #por anos.

Esverdear se comporta como um verbo incoativo e *assenhorear* como um verbo estritamente causativo. Nesse caso, *-e-* seria então, mais uma realização do $v_{[-voice]}$ que também pode ser realizado por *-ec-* (em *amadurecer*), por *-iz-* (em *cristalizar* o mel) e por $\emptyset$ em *engordar*, *embolorar* e *murchar*.

Conclusões parciais da subseção

Nossa hipótese inicial era a de que talvez o sufixo *-ec-* fosse a realização de um v_{BECOME} e que *-iz-* fosse a realização de um v_{CAUS} . No entanto, se tanto verbos com *-ec-* como verbos com *-iz-* veiculam tanto mudança de estado quanto uma relação de causa não faz sentido propor tal distribuição. Contudo, é fato que na superfície há uma distribuição complementar: não há verbo que contenha *-ec-* e *-iz-* ao mesmo tempo: eles ocupam a mesma posição estrutural – são expoentes de v .

A morfologia sufixal do PB aponta certas tendências em termos de inclusão na classe de verbos de mudança de estado internamente ou externamente causados, mas sua ocorrência não é consistente. Vemos que verbos que contêm *-iz-* passam a participar de alternâncias, podendo indicar a sua conceitualização como internamente causados (*O computador inicializou sozinho*, *O mel cristalizou sozinho*), e verbos com *-ec-* ocorrem em estruturas em que a raiz pede necessariamente uma causa externa ou é subespecificada.

Se a morfologia sufixal verbal do PB fosse ativa e consistente deveríamos esperar a existência de pares alternantes em que a presença de *-ec-* marcasse a versão incoativa ao passo que $\emptyset$ ou *-iz-* marcassem a versão causativa (*amolecer*_{incoativo} vs. **amolar*/**amolizar*_{causativo}). Somente nesse contexto poderíamos assumir que a morfologia evidencia a presença de verbalizadores de sabores distintos. No entanto, a alternância é *labile*, e assumimos que a presença de *-ec-* apenas pode ser a indicação de uma tendência ou um resquício de uma época em que esse sufixo foi de fato produtivo como marca de incoatividade.

Em termos estruturais, temos dois tipos de verbalizadores: a) $v_{[+voice]}$ que licencia *Voice* [$\pm ag$] e que é realizado fonologicamente por $\emptyset$, *-iz-* ou *-ec-*; b) $v_{[-voice]}$ que nunca licencia *Voice*, mas pode licenciar opcionalmente uma posição de especificador marcada como [$-ag$], e também pode ser realizado fonologicamente por *-ec-*, *-iz-*, *-e-* ou $\emptyset$. Poderíamos chamar, ao dialogar com a literatura, o primeiro *v* de causativo e o segundo de incoativo. No entanto, lembramos que uma relação de causa e mudança (incoatividade) se estabelece na presença de ambos. Por isso, rotulamos os categorizadores de $v_{[+voice]}$ e $v_{[-voice]}$. A tabela 21, a seguir, mostra a distribuição dos afixos frente aos tipos de eventos dentro dessa classe.

Mudança de Estado		Prefixo										Sufixo						Total
Tipo de Evento		a		eN		eS		e		ec		iz		Ø	Total			
1.Incoativo: v[-voice]		9	12% 8%	10	19% 23%	1	13% 13%	1	50% 0%	11	28% 23%	0	0% 50%	8	9% 10%	20	15% 14%	
2.Causativo estrito: v[-voice]		6	8%	12	23%	1	13%	0	0%	9	23%	1	50%	9	10%	19	15%	
3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]		18	24%	5	9%	0	0%	0	0%	2	5%	1	50%	20	22%	23	17%	
4.Totalmente subespecificado: [±voice]		16	21%	5	9%	1	13%	0	0%	2	5%	0	0%	20	22%	22	16%	
5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]		15	20%	2	4%	2	25%	0	0%	2	5%	0	0%	17	18%	19	14%	
6.Causativo estrito com voice: v[+voice]		11	15%	19	36%	3	38%	1	50%	13	33%	0	0%	19	20%	33	24%	
Total		75	100%	53	100%	8	100%	2	100%	39	100%	2	100%	93	100%	136	100%	

Tabela 21. Verbos de mudança de estado: tipo de evento vs. afixos.

Se atentarmos para o fato de que os tipos 1 e 2 possuem verbalizador tipo $v[-voice]$ e os demais tipos (3a 6) possuem verbalizador de tipo $v[+voice]$, podemos observar as possíveis realizações sufixais desses dois verbalizadores na segunda parte da tabela (sufixos). Outras realizações para esses núcleos são possíveis, mas não estão sob o escopo deste estudo no momento. Ademais, concluímos que os prefixos estão relacionados somente com a parte mais baixa da estrutura. A distribuição dos prefixos não está correlacionada ao tipo de evento: os três prefixos ocorrem com os dois tipos de verbalizadores e com *Voice*[±ag] quando licenciados em $v[+voice]$.

Finalmente, um fator crucial e referente a classe de verbos de mudança de estado em geral se refere à total falta de semântica de direcionalidade relacionada à presença de prefixos. Por essa ser a mais numerosa classe dentre os verbos com presença de prefixos, já começa a nos parecer problemática a ideia de que tais prefixos sejam considerados como direcionais. Se observarmos as descrições tradicionais e enumerações dos possíveis usos desses prefixos na literatura, notamos que a primeira função atribuída a esses morfemas é a direcional. Ao observar o comportamento dos prefixos das classes subseqüentes, poderemos voltar a esse tópico e tecer conclusões mais robustas baseadas nos dados.

4.1.2. Mudança de lugar do argumento interno (*location*)

Outro padrão encontrado dentre os verbos estudados é o daqueles que participam de estruturas em que há uma mudança de lugar do argumento interno para o lugar denotado pela raiz. Três fatores os contrastam com os verbos de mudança de estado abordados imediatamente acima. O primeiro deles consiste em que a raiz denota um lugar em vez de um estado, o segundo se refere à aparente contribuição semântica direcional dos prefixos e o terceiro diz respeito ao comportamento diferenciado frente a testes sintáticos que revelam eventos incoativos. Este último fator é correlacionado ao primeiro.

Tais verbos denotam um evento complexo em que o argumento externo causa a transferência do que é denotado pelo argumento interno em direção ao que é denotado pela raiz. Segundo Pereira, a base é interpretada como ‘lugar/recipiente’ de tipo fim/alvo ou origem da mudança de lugar denotada pelo verbo. Esses verbos correspondem aos de tipo *location* em Clark e Clark (1979) e em Hale e Kayser (2002).

Em relação à estrutura, segundo Cançado e Godoy (2012), os verbos de mudança de lugar são verbos compostos por dois subeventos: um primeiro, em que a ação do agente é expressa, e um segundo, em que ocorre uma mudança de lugar de uma entidade; os dois subeventos são relacionados por causa. Por esse motivo, tais verbos não apresentam a alternância causativo-incoativa e são considerados pelas autoras como derivados de nomes. A ELC associada a tais verbos é a seguinte:

(322) [[X ACT] CAUSE [Y BECOME] IN <PLACE>

Em Bassani (2009), aplicamos os testes sugeridos por Hale e Keyser (2002) e mostramos que, apesar de não sofrerem alternância causativo-incoativa, os verbos *locativos* e *locatum* (a serem abordados na próxima seção) participam de alternância média. Isto porque a alternância média, apesar de prescindir da realização sintática do agente, não exclui a sua interpretação. Em outras palavras, a alternância média é compatível com um agente implícito na sentença, o que se representa pela presença de *Voice* em nossa análise. Abaixo, elencamos alguns exemplos de sentenças médias julgadas como gramaticais por falantes nativos. Entre parênteses, podemos adicionar um instrumento que revela a possível interpretação de um agente implícito. Na sentença

(323), por exemplo, podemos adicionar o adjunto “com uma empilhadeira”: a empilhadeira tem de ser controlada por um agente.

(323) Mercadoria organizada embarca fácil.

(324) Cavalo manso sela rápido.

(325) Doce quente não empacota bem.

(326) Boi bravo não encurrala rápido.

Em termos estruturais, esses verbos se comportam, em geral, como verbos de mudança causativos estritamente agentivos ou causativos subespecificados para [ag]. A diferença está em que não é possível encontrar o traço [+int], definidor de eventos incoativos, nessas estruturas, porque a raiz não denota um estado, muito menos um estado de mudança interna. A mudança nesses verbos é completamente estrutural. Assim como se dá na classe de verbos de mudança de lugar, alguns deles participam de sentenças absolutas (NEGRÃO E VIOTTI, 2010) como em (327), o que enfatiza novamente que a alternância transitivo-intransitiva não é um teste ótimo para identificar estruturas incoativas.

(327) Depois de finalizar a tacada e ver que deu certo, que **a bola encaçapou**... aí, posso dizer que sim¹²⁴.

No entanto, alguns verbos que têm como argumento interno seres animados em sua versão transitiva participam de alternância entre essa versão transitiva e outra inergativa. Encaixam-se nessa descrição verbos como *embarcar* e *acampar*, por exemplo. Nas sentença em (328)a. o verbo *embarcar* se comporta prototipicamente como um verbo de mudança de lugar, mas em b. a formação intransitiva é permitida porque o único argumento do verbo é, ao mesmo tempo, o desencadeador da mudança e o argumento afetado por ela, o que não é possível com argumentos não-animados. (observar (329)c.)

(328) embarcar

a. O capitão embarcou os passageiros.

¹²⁴ <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080923123945AAA6MjC>

- b. Os passageiros embarcaram (sozinhos).

Abaixo, representamos estruturalmente o verbo *encaçapar*, que representa o comportamento prototípico de um verbo desta classe.

(329) Encaçapar

- a. O jogador encaçapou a bola.
- b. *O vento encaçapou a bola.
- c. *A bola encaçapou (sozinha).
- d. A bola foi encaçapada.

As estruturas sintáticas são idênticas para todos os verbos desta classe, sendo, inicialmente, o fator diferencial os valores dos traços semânticos no núcleo relacionador R. Novamente, não assumimos a presença de um nome como complemento de R, mas sim de uma raiz acategorial que pode denotar lugar.

Apesar de a maioria das raízes denotar um local concreto, como espaços (*prisão, campo, terra*) ou contêineres (*garrafa, gaveta, caçapa, bolsa*), relacionados a semântica de *Ground* nos termos de Talmy (1978), o local pode ser abstrato, em menor escala, como em *encucar* e *enturmar* (Cf. Apêndice C). Outro fato que observamos desde Bassani (2009) é que tais verbos quase sempre permitem uma interpretação especial, sendo esta a mais saliente em alguns casos, como em *embolsar a verba* (= roubar/desviar), *engavetou o processo* (= suspender). Naquele momento, como já observado no capítulo 2, sugerimos que a interpretação especial seria

propiciada por uma derivação direta da raiz e que a interpretação literal seria denominal. Hoje, consideramos que o fato do significado da formação ser composicional não implica uma derivação denominal necessariamente, conforme discutido no capítulo 2.

Outro fator que, inicialmente, contrasta verbos de mudança de estado e verbos de mudança de lugar é a contribuição direcional dos prefixos presentes nessa última classe. Pereira afirma que, no PE, a depender da denotação da base, o movimento pode ser de tipo i) adlativo (‘aproximar(-se) de Nome’: *aterrar*, *alunar*), e se realiza por *a-*, ii) ilativo (‘meter em Nome’: *engarrafar*, *ensacar*) e se realiza por *eN-*, ou iii) elativo (‘tirar de Nome’: *espipar*, *expatriar*) e se realiza por *eS-*. Olhando atentamente para os dados de PB, a situação parece um pouco mais complexa, especialmente no que se refere aos prefixos *a-* e *eN-*.

A fim de situarmos a discussão, apresentamos as tabelas a seguir, que revelam que a forma mais numerosa nesta classe é a do prefixo *eN-*, somando 25 de 36 ocorrências, seguido por *a-* com 9 ocorrências. Com somente 2 ocorrências, temos *eS-*. Fatos como esses, que apontam a baixa representatividade de *eS-*, somado ao fato de que *eS-* está presente na maior parte dos verbos reanalisados e de que esta peça não tem estatuto independente de preposição, como ocorre com as outras duas, nos levam a concluir que há enfraquecimento desse IV no Vocabulário do PB.

Mudança de lugar		
Prefixo		Exemplos
A	09	aprisionar, acampar
eN	25	engavetar, ensacar, enjaular
eS	2	expatriar, exorbitar
Total	36	

Tabela 22. Prefixos e verbos de mudança de lugar.

Nesta classe, há somente um dado com sufixo fonologicamente realizado: *aterrizar*. A ocorrência dessa peça é compatível com o tipo de verbalizador majoritariamente presente nessa classe ($v_{[+voice]}$).

Mudança de lugar	
Sufixo	Exemplos
-iz-	1 Aterrizar
Ø	35 engavetar, ensacar, enjaular
Total	36

Tabela 23. Sufixos e verbos de mudança de lugar.

Primeiramente, em termos descritivos, existe uma compatibilidade semântica entre a raiz e o prefixo: em geral, *a-* combina-se com raízes que denotam locais do tipo espaços e *eN-* combina-se com locais do tipo contêiner. Quando a raiz pode ser interpretada como ambos os tipos de lugares, como é o caso da raiz $\sqrt{\text{TERR-}}$, que forma *terra*, podemos encontrar um par mínimo como *enterrar* (colocar dentro da terra) vs. *aterrizar* (pousar sobre a terra)¹²⁵.

O que ocorre é que o prefixo *eN-* tem um comportamento mais homogêneo, sua ocorrência está associada a raízes que denotam lugares de tipo contêiner, e o traço direcional interpretado parece ter valor [‘dentro’]. Alguns exemplos estão a seguir e a totalidade dos dados está disposta no Apêndice C.

(331) Exemplos de verbos com *eN-*

- a. encaçapar = colocar dentro de caçapa.
- b. engavetar = colocar dentro de gaveta.
- c. enlatar = colocar dentro de lata.

A ocorrência do prefixo *a-* é um tanto mais complexa. Primeiramente, alguns verbos que contêm *a-* parecem também estar associados à semântica de [‘dentro’], geralmente realizada por *eN-* em R. São os casos de verbos como *aprisionar* (*colocar dentro de prisão*) e *aninhar* (*colocar dentro de ninho*), por exemplo. A direcionalidade pode ter interpretação de ‘sobre’ quando as raízes denotam espaços, e não possíveis contêineres. Os verbos de mudança de lugar com *a-* são estes a seguir:

¹²⁵ O sufixo *-iz-* neste contexto não se relaciona à estrutura mais baixa, que envolve R e a raiz. Como vimos nos verbos de mudança, ele é uma realização de *v*. Em português europeu, a forma utilizada é *aterrear* em lugar de *aterrizar*. Segundo o Dicionário Houaiss, *aterrizar* é uma forma variante de *atterrissar*, que corresponde a *atterrar*, mas em PB a forma *atterrar* significa “colocar terra em AI, configurando uma estrutura de tipo *locatum*, a ser abordada na próxima subseção.

(332) Verbos com *a-*:

a.	aterri(z/ss)ar	Pousar em terra
b.	acamar	Colocar em cama
c.	afundar	Colocar/ir para o fundo
d.	aportar	Colocar no porto
e.	aprisionar	Colocar na/dentro da prisão
f.	acampar	Colocar em/ir para campo
g.	aninhar	Colocar dentro do ninho
h.	aquartelar	Colocar em quartel
i.	adentrar	Ir para dentro de X

O que nos parece até então, é que *a-* está associado a uma semântica de direcionalidade subespecificada, negociando com as raízes a sua interpretação. Nesse sentido, *a-* é semanticamente muito mais leve do que *eN-*¹²⁶. Dois exemplos formados por *a-* têm comportamento estrutural também um pouco diferente do padrão geral, são eles: *afundar* e *adentrar*. *Afundar* se comporta como um verbo inacusativo de alternância e parece ocupar algum lugar entre um verbo de mudança de estado e de lugar (pela denotação da raiz que o forma), o que se comprova pelo seu comportamento sintático (Cf. sua classificação como Tipo 4. Totalmente Subespecificado nos testes no Apêndice C). *Adentrar* codifica na raiz mais uma localização em relação a um local do que um local propriamente, e por isso, estruturalmente, o local deve ser codificado no argumento interno do verbo. Além disso, *dentro* é classificado como um advérbio pela tradição gramatical e, à semelhança de substantivos que denotam lugar, permite a formação de um verbo de tipo mudança de lugar, o que reforça a nossa ideia de que rótulos de categorias são irrelevantes para a formação de verbos derivados.

As duas ocorrências do prefixo *eS-* em verbos de mudança de lugar são muito escassas para que cheguemos a uma generalização. As raízes com as quais esta peça se combina são *pátria* e *órbita* (Cf. (333), denotando locais de natureza um tanto abstrata.

¹²⁶ Intuitivamente, acreditamos que o mesmo não pode ser dito da preposição *eN* em contextos direcionais. No entanto, não teremos tempo para desenvolver essa comparação no presente trabalho.

(333) Verbos com *eS*-

- a. expatriar = colocar para fora da pátria.
- b. exorbitar = colocar para fora de órbita.

Uma questão essencial que surge neste momento é se, na verdade, os prefixos estão previamente veiculados a traços semânticos direcionais específicos ([‘dentro’], [‘fora’], [‘prox’]) e são licenciados em compatibilidade com as raízes ou se têm seus traços direcionais subespecificados e a valoração ocorre quando da concatenação com as raízes.

Como vimos na seção anterior, por um lado, os traços direcionais são irrelevantes quando as raízes/XPs complementos de R denotam estados, o que indica que a localidade e a denotação da raiz têm papel fundamental na interpretação de RP. No entanto, há diversas maneiras de implementar esse tipo de negociação. Os verbos de mudança de lugar, por sua vez, podem dar indícios de alguma direcionalidade codificada pelo prefixo, mas não de forma robusta e completamente sistemática.

Como até o momento exploramos somente dois tipos de contribuição semântica correlacionada à presença de prefixos (mudança de estado e lugar), seria prematuro decidir por uma análise completamente especificacional dos traços direcionais ou subespecificada dos traços de R. No próximo capítulo, após explorarmos todos os contextos estruturais e semânticos em que os itens de vocabulário *a*-, *eN*- e *eS*- ocorrem, discutiremos como se dá a inserção destas peças para, enfim, optar por uma dessas duas possibilidades de análise.

4.1.3. Mudança de posse concreta e abstrata da raiz para o argumento interno (*locatum*)

Um terceiro padrão encontrado em nossos verbos se assemelha ao que, desde Clark e Clark (1979), vem sendo denominado de verbos de *Locatum*. Segundo esses autores, nesses verbos, os nomes chamados por eles de “aparentados ao verbo” (*parent nouns*) desempenham função de objeto (no sentido semântico, e não sintático) nas frases que descrevem uma mudança de localização de um objeto em referência a outro, como em *blanket (the bed)* (‘colocar o cobertor na cama’), *carpet (the room)* (‘acarpetar a sala’), *spice (the food)* (‘apimentar a comida’), *paper (the wall)* (‘colocar papel (de parede) na parede’), *roof (the house)* (‘colocar

telhado na casa')¹²⁷. Observemos os exemplos seguidos pela paráfrase e tradução para o português:

(334) Jane blanket the bed.

P: Jane did something to cause it to come about that [the bed had one or more blankets on it].

‘Jane colocou o cobertor na cama’

P: ‘Jane fez algo para fazer a cama ficar com um ou mais cobertores’

Pereira (2007) nomeia tais verbos de Ornativos e afirma que denotam o padrão inverso dos verbos de mudança de lugar, pois a transferência se dá sobre o referente da base para o, ou para fora do, referente designado pelo sintagma nominal objeto, nesses casos interpretados como ‘lugar’ de Fim ou Origem daquele processo. Segundo esse mesmo autor, a transferência pode ser de tipo adlativo (‘dotar de Nome’: *atapetar*) ou ilativo (pôr Nome em/sobre’: *encerar*) ou elativo (‘tirar Nome de’: *esladroar*). Dados do último tipo são pouco usuais no PB, sendo que a única ocorrência encontrada em nosso *corpus* foi *estripar*. Tal fato mantém-se coerente com as afirmações que vimos fazendo sobre o enfraquecimento da peça *es-* no PB. Para Pereira, a ELC relacionada ao verbo *atapetar*, por exemplo, seria a seguinte:

(335) [[x AGIR] CAUSAR [TAPETE IR PARA y]]

Pereira sugere que a classificação de um verbo como locativo ou ornativo depende do local ocupado pela constante que denota a base. Nos verbos de tipo ornativo/*locatum*, a base é o referente que será deslocado para algum local denotado pelo objeto direto do verbo ao passo que no verbo de tipo locativo a base é o local para o qual o objeto do verbo será deslocado. O que define, então, o local que a base ocupará é a sua natureza semântica: se denota um tipo de objeto ou um local; nas palavras de Pereira a base denota um ‘conteúdo’ nos verbos ornativos/*locatum* e um ‘continente’ nos verbos locativos. Dada as semelhanças estruturais, Pereira acaba por sugerir uma única ELC para verbos ornativos e locativos (p. 130):

¹²⁷ Os autores ainda subclassificam esses verbos em tipos específicos de *locatum verbs* em relação ao tipo de semântica da base, por exemplo: *Coverings (blanket)* (‘Cobertores/coberturas (cobertor)’), *Labels (ticket the car)* (‘Etiquetas (multar o carro)’), *Condiments (spice)* (‘Condimentos (apimentar)’), etc.

(336) [[x AGIR] CAUSAR [_yobjeto IR PARA _zlugar]]

Nessa análise, quando a constante y é incorporada, cria-se um verbo ornativo/*locatum* e quando a constante z é incorporada cria-se um verbo locativo. Pereira diz que um verbo como *conchear* (também pouco usual em PB) pode ser interpretado tanto como um ornativo quanto como locativo porque a base *concha* pode ser interpretada como um objeto deslocado ou como um local. A explicação do autor se baseia no fato de que a interpretação da base depende da semântica da base e do conhecimento enciclopédico do falante. Aqui nos cabe levantar uma importante observação acerca do papel do argumento interno na definição do tipo de verbo a ser formado. Não se pode descartar de modo algum a semântica e o tipo do objeto para a determinação da interpretação do produto final. Não é somente a base que define o tipo semântico do verbo, mas a sua relação com a interpretação semântica do objeto sintático. Nesse sentido, a formação do verbo depende, pelo menos, da etapa que inclui a definição de seus argumentos, a estrutura argumental. Dentre nossos dados, o único exemplo que aparentemente cabe nesse padrão é o do verbo *envidraçar*, que, em tese, poderia ser interpretado de dois modos, em que a primeira leitura é muito mais saliente: ‘prover com vidraça’ (ornativo/*locatum*); ‘colocar na vidraça (tomado por compartimento que tem vidraça)’ (locativo). Contudo, a segunda leitura só se encontra em forma dicionarizada e não tem uso real. Por isso, achamos desnecessário fazer tal distinção para o PB.

(337) “O morador pode **envidraçar** sua sacada de varanda sem consultar o condomínio?”¹²⁸

(338) Envidraçar os potes.

Nas sentenças acima, os objetos são de mesmo tipo semântico, denotam entidades, mas é o conhecimento enciclopédico que define a sua relação de conteúdo ou continência com relação à base. A base pode ser polissêmica, tendo uma interpretação também de conteúdo ou continente, o que permite essa dupla figuração.

¹²⁸<http://www.sindiconet.com.br/1352/6/TiraDuvidas/Juridico/Morador-pode-envidraar-sua-sacada-modifica-a-parte-externa-fachada-do-predio>

Na análise de Pereira, a ELC com a função ‘IR PARA’ dá conta dos verbos adlativos e ilativos, mas não dos verbos elativos, cujo movimento parte do local para fora, geralmente realizado com o prefixo *es-* (*estripar*). Nesse caso, o autor sugere uma ELC com função diferente.

(339) $[[x \text{ AGIR}] \text{ CAUSAR } [y_{\text{objeto}} \text{ IR DE } z_{\text{lugar}}]]$

Cançado e Godoy nomeiam tais verbos de verbos de mudança de posse e os dividem em dois tipos, de acordo com a denotação da raiz: as raízes que denotam objetos concretos, tais como *manteiga* e *carpete*, formam verbos de tipo *locatum*, e as raízes que denotam entidades abstratas a serem transferidas, tais como *benção* e *conselho*, formam verbos chamados de Benefactivos. Para ambos os tipos, a mesma ELC e a mesma projeção sintático-lexical é proposta. Concordamos com tal diferença, mas uma primeira reflexão diz respeito à escolha do termo Benefactivo. Tal termo pode ser enganoso no sentido de que estimula a ideia de que o argumento afetado de tais verbos será sempre um beneficiário, no entanto, em nossos dados, encontramos casos em que o argumento interno seria um “maleficiário”, e a utilização de tal rótulo soaria muito estranha. São exemplos desse caso *amaldiçoar*, *enfeitiçar* (no sentido negativo do termo feitiço), *apenar* e *castigar*. Sugerimos o termo “mudança de posse abstrata”, que abrange ambos os casos de forma neutra em nossa análise.

A mesma ELC para os verbos de mudança de lugar é utilizada para representar os verbos de mudança de posse, diferenciando-as o tipo semântico da preposição utilizada (WITH em oposição a IN) e o tipo de raiz (THING em oposição a PLACE), seguindo a sugestão de Hale e Keyser (2002):

(340) $[[X \text{ ACT}] \text{ CAUSE } [Y \text{ BECOME}] \text{ WITH } <THING>]$

A estrutura sintático lexical sugerida para essa classe de verbos é baseada na diádica básica de Hale e Keyser:

Cançado e Godoy (2012: 130)

Mais uma vez, não há nenhuma menção ao papel dos prefixos nos verbos parassintéticos, apesar de essa discussão ser essencial, especialmente para esses casos, que são numerosos. Se o que diferencia os verbos de tipo *location*, ou mudança de lugar, e *locatum*, ou mudança de posse, é o seu tipo de preposição, uma previsão plausível é a de que podemos encontrar evidência morfológica da natureza semântica distinta de uma preposição de tipo IN, locativa, ou WITH, de *locatum*.

Vemos nos dados que um mesmo prefixo pode figurar em ambos os tipos de verbos, como em *aninhar/acarpetar*, *engarrafar/ensaboar*, *expatriar/estripar*. Como se daria a diferente interpretação se tivérmos a mesma estrutura com o mesmo tipo de núcleo preposicional? Onde vai recair a diferença entre eles? Tais questões de natureza morfossemântica ficam sem respostas em trabalhos como o de Cançado e Godoy e outros na linha da Semântica Lexical.

Primeiramente, sugerimos um refinamento na representação sintática, seguindo os pressupostos da MD, como fizemos para o verbos de mudança de lugar. Duas são as possibilidades de análise estrutural para os verbos de mudança de posse.

A primeira linha de análise segue a sugestão de que a estrutura para verbos de mudança de lugar e posse deve ser idêntica na linha do que fizeram Hale e Keyser (2002) e Cançado e Godoy (2012). O que diferencia as estruturas é o tipo de R, que conteria um traço de tipo “com” em oposição ao traço direcional em R usado em verbos de mudança de lugar:

(342) Acorrentar

- a. O policial acorrentou o bandido.
- b. *O roubo acorrentou o bandido.
- c. O bandido *(se-r) acorrentou.
- d. O bandido foi acorrentado (pelo policial).

Na estrutura em (343), há um evento complexo composto de dois subeventos, assim como nos verbos de mudança de estado e de lugar de tipo 5. causativos agentivos. Contudo, o resultado representado pela *small clause* nucleada por R veicula a semântica de posse representada pelo traço ['com'].

A outra alternativa de análise estaria mais na linha da ELC de Pereira e mostraria um padrão estrutural inverso em que o complemento de R é o argumento interno e o especificador é a raiz, como na estrutura em 0, e o relacionador R prescinde de um traço 'com', podendo ser representado de modo idêntico ao relacionador dos verbos de mudança de lugar:

(344) VoiceP

Tal representação nos parece equivocada na medida em que não se inicia com a projeção da raiz. No entanto, a alternativa anterior também não nos agrada completamente porque cria a necessidade de um novo tipo de traço, e no limite, um novo tipo de (sabor de) relacionador sem que tenhamos evidência morfológica para isso, nos deixando com o mesmo problema identificado na análise de Cançado e Godoy. Para que a estrutura em (343) fosse empiricamente comprovável, deveríamos ter verbos como *compimentar*, *concorrentar*.

Por essas razões, iremos sugerir uma terceira alternativa, que não se baseia nas análises anteriores. O que extraímos da análise dos dados de mudança de posse concreta em comparação com os verbos de mudança de lugar é que a transferência da entidade denotada pela raiz para o argumento interno não implica uma direcionalidade marcada na transferência de posse, em que se entende por direcionalidade marcada uma direção específica (dentro, fora, sobre, como ocorre com os verbos de mudança de lugar formados por *eN-* e *eS-*) em oposição a uma transferência genérica. Na mudança de posse, o núcleo R parece mediar somente uma relação de direção do tipo abstrato de uma entidade em relação a outra. Nos parece indevido dizer que traços direcionais de tipo [‘dentro’] ou [‘prox’] marcam alguma distinção nesta classe. No entanto, há a ocorrência do verbo *estripar* com *eS-*, em que essa peça parece revelar a presença do traço [‘fora’], mas esse é um caso bem raro, dado que é somente uma única ocorrência frente às outras 60 (37 de posse concreta e 23 de posse abstrata). Se compararmos ainda os verbos de mudança de lugar e de posse aos verbos de mudança de estado, vemos que, nesse último caso, nem mesmo uma direcionalidade não marcada é encontrada. Nesses verbos, a ideia de direção é completamente ausente.

Abaixo, podemos observar os números relativos à realização dos prefixos nos verbos de mudança de posse concreta. Assim como nos verbos de mudança de lugar, há predominância de realização do prefixo *eN-*, seguido por *a-*.

Mudança de posse concreta		
Prefixo		Exemplos
a	11	amordaçar, acorrentar, afivelar
eN	25	enlaçar, emborrachar, engessar
eS	1	estripar
Total	37	

Tabela 24. Prefixos e verbos de mudança de posse concreta.

Mudança de posse concreta		
Sufixo		Exemplos
e	1	enlamear
Ø	36	
Total	37	

Tabela 25. Sufixos e verbos de mudança de posse concreta.

Tais fatos nos fazem pensar que, na verdade, o traço direcional é um traço complexo que encabeça uma hierarquia. Os traços [‘prox’], [‘dentro’] e [‘fora’] são dependentes de um traço direcional genérico, que representamos por [dir] abaixo:

(345) **Hierarquia dos traços de R:**

Com esse tipo de organização, podemos estabelecer uma escala de direcionalidade para os verbos estudados até agora:

(346) **Escala de direcionalidade:**

a. Mudança de lugar: R [+r], [+dir]

[+próx] [+dentro] [+fora]

b. Mudança de posse concreta: R [+r], [+dir]

c. Mudança de estado: R [+r]

O que (346) representa é o fato de que não há direcionalidade expressa nos verbos de mudança de estado, de que a direcionalidade da transferência nos verbos de mudança de posse é não especificada, o que deixa somente uma noção genérica de transferência física, e que nos verbos de mudança de lugar, especialmente aqueles com *eN-* e *eS-*, a transferência é completamente especificada, com a veiculação da ideia de transferência física e direção.

O que observamos até o momento com relação à morfologia, é que quanto menor a expressão de direcionalidade, maior a ocorrência de prefixo *a-*. Nos verbos de mudança de estado, por exemplo, o prefixo *a-* ocorre com mais frequência (76 casos de 139).

A observação dos dados de mudança de posse abstrata parece corroborar essa ideia. Nos verbos de mudança de posse concreta, por se tratarem de entidades com existência física, a transferência implica transferência e direcionalidade (não-marcada), mas quando a entidade a ser transferida não tem natureza física, não há nenhuma necessidade de expressão de direcionalidade. Nesse caso, os traços em R devem ser como os traços de R em mudança de estado: há somente um traço relacionador. A diferente interpretação recai sobre a denotação da raiz, que, nesse caso, é uma entidade e não um estado. A morfologia desses dados corrobora nossa ideia, pois a maior parte deles contém o prefixo *a-*, como podemos ver nas tabelas a seguir (Cf. conjunto dos dados no Apêndice D, item D2):

Mudança de posse abstrata		
Prefixo	Exemplos	
a	14	aconselhar, acompanhar, apoderar
eN	9	encorajar, empossar, enfeitiçar
eS	0	-
Total	23	

Tabela 26. Prefixos e verbos de mudança de posse abstrata.

Mudança de posse abstrata	
Sufixo	
Ø	23
Total	23

Tabela 27. Sufixos e verbos de mudança de posse abstrata.

Atualizando nossa escala, de modo a incluir esses dados, temos:

(347) **Atualização da escala de direcionalidade I.**

a. Mudança de lugar: R [+r], [+dir]

[+próx] [+dentro] [+fora]

b. Mudança de posse concreta: R [+r], [+dir]

c. Mudança de estado, mudança de posse abstrata: R [+r]

Observando a ocorrência dos prefixos na tabela abaixo, notamos que *eN-* representa a maior parte da morfologia dos dados com maior especificação direcional (mudança de lugar e posse concreta) ao passo que *a-* ocorre na maior parte dos verbos com direcionalidade ausente (mudança de estado e posse abstrata):

Verbos	a-	eN-	eS-	Total
Mudança de lugar	9	25	2	36
Mudança de posse concreta	11	25	1	37
Mudança de estado	75	53	8	136
Mudança de posse abstrata	14	9	0	23
Total	109	112	11	232

Tabela 28. Prefixos e a relação com a especificação de direcionalidade.

Sendo assim, a representação prototípica para um verbo de mudança de posse concreta é composta de dois subeventos e de um núcleo R com os traços [+r, dir], como em (348):

A representação prototípica de um verbo de mudança de posse abstrata deve conter um núcleo R somente com a especificação de um traço [r], como em (350):

- (349) Aconselhar
- A mãe aconselhou o filho.
 - * As palavras da mãe aconselharam o filho.
 - * O filho (se) aconselhou (sozinho).
 - O filho foi aconselhado pela mãe.

As estruturas e os testes acima são, de fato, representantes do comportamento geral dos verbos de mudança de posse, mas a observação dos dados um a um (Apêndice D) nos leva a alguns verbos de comportamentos distintos.

Dentre os verbos de mudança de posse concreta, por exemplo, encontramos verbos que são de tipo 6., estritamente causativo com $V_{[+voice]}$, como os verbos *intoxicar* e *empoeirar*. Em (351)a, o argumento externo é um facilitador, e o que causa de fato o evento de *intoxicar* é uma causa, como fica evidente em b.:

(351) Intoxicar

- a. *# A mulher intoxicou a menina.
- b. A carne de porco intoxicou a menina.
- c. A menina ?(se) intoxicou.
- d. A menina foi intoxicada pela carne de porco.

Além disso, o verbo *enevoar* mostra comportamento de evento de tipo 1. incoativo. Observemos seu comportamento frente aos testes:

(352) Enevoar

- a. * O João enevoou o vale.
- b. O mal tempo/a fumaça enevoou o vale.
- c. O vale (? se) enevoou.
- d. * O vale foi enevoadado (pelo mal tempo).

Dentre os verbos de mudança de posse abstrata, a maior parte pode ser representada pela mesma estrutura argumental transitiva e agentiva proposta em (350) (Ver apêndice D, parte 2), mas alguns comportamentos destoam da maioria. O caso mais importante é de um grupo que pede argumentos internos preposicionados em vez de argumentos internos diretos. São verbos como *acreditar*, *apossar* e *apoderar* cujos testes utilizados até o momento estão reproduzidos abaixo. Nas sentenças em d. temos a expressão gramatical e totalmente usual desses verbos¹²⁹. Vamos à observação caso a caso.

(353) Acreditar

- a. *A moça acreditou o namorado.

¹²⁹ Cf. nota 92.

- b. * O namorado (se) acreditou.
- c. * O namorado foi acreditado (pela moça).
- d. A moça acreditou **no** namorado.

Considerando o verbo *acreditar*, se esse fosse um verbo do tipo de posse abstrata no sentido de “causar um argumento interno passar a ter *crédito*”, não haveria necessidade de uma preposição como *em* para que o argumento interno pudesse ser relacionado à raiz, pois o prefixo *a-* deveria ser a realização do núcleo R que tem tal função. No entanto, a obrigatoriedade da preposição indica que o verbo não deve ter mais tal estrutura na língua atualmente. O que os dados parecem indicar é que talvez *acreditar* tenha passado por um processo semelhante aos dados parcialmente transparentes analisados no capítulo 2, de perda do núcleo funcional que abriga o prefixo¹³⁰.

Outros dois dados interessantes apontam que, nos verbos de mudança de posse abstrata, com a direcionalidade menos marcada no verbo, essa pode aparecer codificada por meio de uma preposição. Em dados de posse que codificam a transferência para fora, não com sentido de “prover com”, mas de “tomar de”, os argumentos internos devem ser preposicionais, com a preposição que indica origem:

(354) Apossar (tomar a posse de argumento interno)

- a. *As tropas **apossaram** a cidade.
- b. *O ataque **apossou** a cidade.
- c. *A cidade (se) **apossou**.
- d. *A cidade foi **apossada** (pelas tropas/*pelo ataque).
- e. As tropas se **apossaram** **da** cidade.

(355) Apoderar (tomar o poder de argumento interno)

- a. *O ladrão **apoderou** os bens.
- b. *O roubo **apoderou** os bens.

¹³⁰ Outro aspecto que diferencia esse verbo da classe geral de verbos de mudança e resultado são suas propriedades aspectuais. *Acreditar* é classificado como um estado e não como *accomplishment* ou *achievement*. Discutiremos a relação entre os dois tipos de estruturas propostas (raiz como complemento ou modificador de *v*) e as classes aspectuais na Seção 4.2.

- c. *Os bens (se) apoderaram.
- d. O ladrão se apoderou dos bens da vítima.

Tais dados são evidência de duas afirmações que fizemos até o momento, a primeira diz respeito à correlação entre o prefixo *a-* e a ausência da codificação de direcionalidade no verbo (veja que esses verbos se formam com *a-*). No caso de *apossar* a relação é nítida, pois podemos ter *empossar* em que a ideia de direcionalidade não precisa ser necessariamente marcada no argumento interno (Cf. Apêndice D, item 2.). E o segundo diz respeito ao enfraquecimento ou desaparecimento do prefixo *ex-*. Se essa peça estivesse ativa no vocabulário do PB, esperar-se-ia que *apossar* pudesse ser construído como **expossar* e *apoderar* pudesse ser construído como **expoderar*, significando tirar a posse e tirar o poder, respectivamente.

Uma última nota remete ao uso do clítico *se* nessa classe: nos verbos de mudança de posse concreta, o uso de *se* na versão intransitiva das sentenças (com verbo e argumento interno) remete a uma interpretação reflexiva, como em “Maria se acorrentou” (como já notado por Cançado e Godoy (2012)), e em muitos dos verbos de mudança abstrata, o uso do clítico não é interpretado como marca de reflexivização:

(356)

- a. As tropas se apossaram da cidade
- b. O ladrão se apoderou dos bens da vítima.
- c. A filha se agraciou com a benção

Dois últimos verbos desta classe que merecem discussão são *assustar* e *enojar*. Esses verbos podem tanto ser interpretados como “prover AI com susto/nojo” como “causar AI ficar enojados/assustados”, sendo possivelmente interpretados como verbos de mudança de estado psicológico (agentivo e causativo, respectivamente) e de posse abstrata. O verbo *enojar*, por exemplo, apresenta um comportamento sintático parecido com o do verbo *preocupar*:

(357) Enojar

- a. *# O garoto enojou a menina.
- b. A falta de higiene do garoto enojou a menina.

- c. A menina *(se) enojou.
- d. *A menina foi enojada pelo garoto.

4.1.4. Mudança de configuração do argumento interno para a criação denotada pela raiz

Outro padrão encontrado em nossos dados se refere ao que tem sido chamado de Verbos de Alvo e Fonte por Clark e Clark (1979), de Verbos Performativos por Pereira (2007) e de Verbos de Raiz de Criação por Levinson (2012).

Segundo Clark e Clark, os nomes aparentados são um tipo de alvo nos Verbos de Alvo (*Goal verbs*), no sentido de que o evento realizado acaba por criá-los. Nesse caso, o nome objeto é a fonte da criação: por exemplo, em *powder the aspirin* ('transformar aspirina em pó'), *powder* é o alvo (*goal*) e '*aspirin*' a fonte (*source*). O verbo pode ser formado a partir do nome fonte também (casos mais raros), ocasião em que se cria um verbo de fonte (*source verb*): *piece the quilt* ('fazer uma colcha de retalhos'), *word the sentence* ('colocar palavras na frase, criando-a'), *letter the sign* ('colocar letras no sinal, criando-o').¹³¹

(358) Edward powdered the aspirin.

P: Edward did something to cause it to come about that [the aspirin was powder].
 'Edward fez algo que causou que a aspirina virasse pó'

Segundo Pereira, os verbos performativos são definidos como verbos em que o sujeito realiza uma ação/evento que cria um processo ou objeto designado pela base (fazer/realizar/produzir nome da base - *guerrear*, *festejar*, *frutificar*). Uma característica marcante dessa classe é que os objetos ou eventos produzidos não têm existência antes da concretização do verbo derivado. Apesar de o autor afirmar que a descrição semântica desses verbos permite pareá-los com os chamados verbos de tipo *Goal/Source* de Clark e Clark, a ELC proposta por ele, em (359), não consegue representar todos esses verbos. Por exemplo, em um verbo como *empilhar*, em que o suposto nome da base é um objeto criado a partir do nome fonte que será o

¹³¹ Há também subtipos: *Human roles* (*fool, baby, widow*) ('Funções humanas (bobo, bebê, viúva)'); *Groups* (*group, regiment, parade*) ('Grupos (grupo, regimento, passeata)'); *Masses* (*pile, mass, heap*) ('Massas (pilha, massa, monte)'); *Shapes* (*braid, plait, cube*) ('Formas (trança, dobra, cubo)'); *Pieces* (*powder, crumb, quarter*) ('Pedacos (pó, migalha, quarto)'); *Products* (*fingerprint, script, flower, copy*) ('Produtos (impressão digital, roteiro, flor, cópia), entre outros.

argumento interno do evento (livros, por exemplo), não consegue ser descrito pela ELC abaixo, em que *x* é o sujeito sintático e *y* é o nome da base, porque não há local para acomodar o nome fonte (*livro*):

(359) [x FAZER y]

Do mesmo modo, a ELC de um verbo locativo não apreende o caráter de criação desses mesmos verbos. Por exemplo, uma possível paráfrase do tipo “colocar livros em pilha” para *empilhar* pode levar à errônea classificação desse verbo como um verbo de mudança de lugar mas tal classificação não traz à tona o fato de que o objeto *pilha* não existe antes da execução do evento. Mesmo a representação sugerida para verbos transitivos do tipo *festejar*, *calejar*, *golpear*, que inclui o predicado EM não consegue apreender tais tipos de verbos:

(360) [x fazer BASE EM y]

Levinson (2012) sugere uma interessante proposta para a ontologia das raízes em inglês, em que apresenta o que chama de *Root creation verbs*. Seu exemplo clássico é o do verbo *braid* (p. 4), cujo acarretamento é expresso na segunda parte do exemplo em (361) e a paráfrase em (362):

(361) The stylist braided her hair. → At least one braid was created.

“O estilista trançou o cabelo dela. → No mínimo, uma trança foi criada.”

(362) The stylist made/reconfigured her hair into a braid.

“O estilista fez/reconfigurou o cabelo dela em uma trança.”

Segundo a autora, nesses verbos o indivíduo/entidade criado é nomeado pela raiz do verbo e, portanto, deve ser de tipo <e,t>. A proposta é que essa raiz, não sendo uma raiz de tipo predicado (<e, <ss,t>>), precisa de núcleos funcionais que a relacionem ao argumento interno reconfigurado. São propostos dois núcleos: [IN] toma a raiz como argumento e expressa o resultado, de “estar em forma de *braid*”, por exemplo; e [TO] é um núcleo puramente sintático

licenciado por um *v* causativo com um sabor semântico específico de “reconfiguração” (o que implica que uma entidade é criada). A representação sintática proposta é a reproduzida em (363):

(363) Levinson (2012:6)

Nossa proposta até o momento apresenta semelhanças com o que propôs a autora no que se refere ao núcleo relacionador R, que tem função equivalente à de [IN]. Nos dados do português podemos encontrar evidências morfológicas claras da presença de um núcleo mediador entre a raiz e o argumento interno. A forma *empilhar* correspondente a *pile*, deixa tal fato muito claro.

Apesar de acreditarmos nos pressupostos gerais da proposta de Levinson, acreditamos que essa proposta sobrecarrega semanticamente a sintaxe e minimiza o papel da Enciclopédia. O uso de um *v* de tipo semântico “reconfigure” e a seguinte assunção não são necessários:

*“I assume that there is not simply one *v* head, but rather that there is an inventory of heads which can serve as verb categorizers. This is akin to the fact that there are different *T* and *C* heads which vary with respect to their syntactic features, semantics, and selectional restrictions.”* (p. 5).

Além disso, não entendemos o papel do núcleo [TO], um núcleo “semantically/type-theoretically vacuous” para o qual não há evidência morfológica. As funções de [IN] e [TO] podem ser acumuladas em um único núcleo: do mesmo modo que um núcleo como *T* (ou *I*) pode expressar semanticamente a noção de tempo e checar estruturalmente caso do seu argumento externo, um núcleo baixo pode ter natureza semântica e sintática simultânea.

Novamente, mais dados nos levam a uma maior exploração empírica. Há um conjunto prototípico dessa classe de verbos que se assemelha ao verbo *empilhar* em português e aos verbos *braid* e *pile* do inglês. Neles, existe um evento desencadeado por um agente que afeta o argumento interno de forma a reconfigurá-lo de um modo que pode ser expresso pela entidade prototipicamente denotada pela raiz. Trata-se de uma estrutura bieventiva com argumento externo de tipo agente e argumento interno relacionado em uma small clause com a raiz, que não denota um predicado. Obervemos o comportamento do verbo *empilhar* e a estrutura proposta para ele em (365):

(364) Empilhar¹³²

- a. João empilhou os livros.
- b. *A arrumação empilhou os livros.
- c. *Os livros (se) empilharam.
- d. Os livros foram empilhados.

(365) VoiceP

Assim como nos verbos de mudança de estado e de posse, não existe direcionalidade expressa na mudança do argumento interno para a nova configuração expressa pela raiz. Por isso, no núcleo R, marcamos apenas um traço relacional. Outros exemplos que se encaixam nesse mesmo padrão são *empacotar*, *encadernar*, *agrupar*, *alistar*, *arruinar*, *esquartejar*, entre outros

¹³² Uma sentença intransitiva como “*As pedras se empilharam ao longo da margem do rio*” nos parece grammatical e se trata de um evento espontâneo. Mais uma vez, a natureza do objeto direto influencia diretamente no modo como a mudança é concebida.

expressos no Apêndice E. Notemos que há, nesse padrão causativo, a presença dos três prefixos, bem como do sufixo *-ej-*. Para continuar nossa discussão em termos da morfologia desses verbos, observemos as tabelas abaixo. Nesta classe, 15 verbos realizam-se com prefixo *eN-*, 6 verbos com prefixo *a-* e 6 verbos com prefixo *eS-*. Observamos que a presença de *eS-* é um pouco mais representativa nesses verbos do que nos demais (Cf. Tabela 23 para fins de comparação):

Mudança de configuração		
Prefixo	Exemplos	
a	6	Agrupar, alistar
eN	15	Empilhar, encadear
eS	6	Esfarelar, esmigalhar
Total	27	

Tabela 29. Prefixos e verbos de mudança de configuração.

Mudança de configuração		
Sufixo		
ej	1	Esquartejar
Ø	26	
Total	27	

Tabela 30. Sufixos e verbos de mudança de configuração.

A presença de *eS-* parece estar relacionada a uma compatibilidade semântica com o tipo de entidade denotada pela raiz. Sempre que *eS-* encontra-se nesse tipo de verbo a reconfiguração do argumento interno resulta em uma divisão desse em partes ((366)a-e) ou em várias entidades ((366)f), o que não se expressa pelos verbos com presença de *eN-* e *a-*, em que somente uma entidade (inteira, de natureza concreta ou abstrata, ex: *encadernar*, *empilhar*, *agrupar* e *alistar*) é criada (para totalidade dos dados Cf. Apêndice E).

(366) Verbos de mudança de configuração com *eS-*:

- a. esquartejar (a carne) > criação de quartos de carne
- b. esmigalhar (a bolacha) > criação de migalhas de bolacha
- c. espedaçar (a vidraça) > criação de pedaços de vidro
- d. esfarelar (o pão) > criação de farelos de pão
- e. esfarrapar (a roupa) > criação de farrapos de roupa
- f. esburacar (o solo) > criação de buracos no solo

Por dados como esses, *eS-* é considerado por alguns trabalhos como prefixo aspectual de valor iterativo, do mesmo modo que são tratados os sufixos *-e-* e *-ej-*. Novamente, observamos que a ideia de configuração em partes pode estar correlacionada a presença dessa peça, mas não é exclusiva e nem inerente a ela. Vemos que verbos como *fatiar* comportam-se exatamente como os verbos acima e prescindem da realização de prefixos e sufixos. No entanto, o dicionário Houaiss registra, nesse caso, uma variante (não usada em PB) *esfatiar* para *fatiar*. Observamos, nesse caso, uma expressão exemplar da opcionalidade da formação morfológica. Por esse mesmo motivo, não temos no português verbos como *escubar/cubear/escubejar* para ‘cortar em cubos’, a exemplo de *cube the meat* em inglês. Apesar de tais palavras serem gramaticalmente perfeitas e potencialmente formáveis (*potential words*) não são atualizadas (*actual words*), seguindo a distinção proposta em Halle (1973) de que a língua tem algum tipo de mecanismo que filtra tais formações e produz *gaps* morfológicos, que na derivação (em oposição à flexão), são muito comuns. Tal filtro pode ser a Enciclopédia para a MD. Outro fato é o de que o português prefere a formação analítica e não privilegia demasiadamente a aglutinação de informações em uma palavra morfológica, como parece ser o caso do inglês. Discutiremos essa questão de modo breve na conclusão desta tese. Além disso, já vimos formações com *es-* não necessariamente iterativas (*esquentar, esfriar, esclarecer, estremecer*).

No que se refere à presença de *a-* e *eN-*, não encontramos distinções importantes entre os tipos de raízes presentes.

Atualizando a escala de direcionalidade relacionada aos prefixos, temos o seguinte:

(367) **Atualização da escala de direcionalidade:**

a. Mudança de lugar: R [+r], [+dir]

[+próx] [+dentro] [+fora]

b. Mudança de posse concreta: R [+r], [+dir]

c. Mudança de estado, mudança de posse abstrata, **mudança de configuração do argumento interno**: R [+r]

Antes de finalizar essa classe, chamamos a atenção do leitor para o fato de que assim como nos outros tipos de verbos, podemos encontrar estruturas argumentais não prototípicas, em que há eventos que podem ser interpretados como espontâneos ou admitem uma causa externa como argumento estrutural e, logo, prescindem de um agente. Por exemplo, o verbo *enrugar* (assim como *incrustar*, Cf. Apêndice E) apresenta o seguinte comportamento:

(368) Enrugar

- a. *A moça enrugou a pele¹³³.
- b. O sol enrugou a pele (da moça).
- c. A pele (se) enrugou (sozinha).
- d. A pele enrugou com o sol/com o tempo.
- e. A pele foi enrugada pelo sol.¹³⁴

Esses verbos devem ter a mesma estrutura proposta para verbos de tipo 6. causativo estrito com $V_{[+voice]}$. No caso do verbo *enraizar*, quando há a presença de um argumento externo agentivo, como em (369), este argumento externo não é um agente direto do evento em que raiz é criada, mas um facilitador. Trata-se de um evento de tipo 1. Incoativo.

(369) Enraizar

- a. *# O jardineiro enraizou a árvore.
- b. *A primavera enraizou a árvore.
- c. A árvore (se) enraizou.
- d. * A árvore foi enraizada (pelo jardineiro/ pela primavera).

Ademais, é importante notar que para verbos como *enodoar* e *incrustar*, o material fonte, que é, ao mesmo tempo, causa/instrumento, não está no argumento interno, mas no argumento externo do verbo. O argumento interno é o alvo atingido pelo evento:

(370) Argumentos externos como material fonte e causa:

¹³³ Possibilita leitura de alçamento do possuidor.

¹³⁴ Preferência para “ficou enrugada com o sol”.

- a. O vinho enodoou a camisa = o vinho criou/se transformou em nódoas na camisa.
- b. A fuligem encrustou a parede = a fuligem criou/se transformou em crostas na parede.

Por fim, acrescentamos duas observações descritivas. Primeiro, novamente, o fator estrutural parece influir na aceitação de sentenças intransitivas. Com *enfileirar*, por exemplo, a presença de argumentos externos animados possibilita a formação de sentenças intransitivas com o clítico *se* (que pode ser interpretado reflexivamente nesse caso), observemos as sentenças abaixo:

(371) Enfileirar + argumento interno animado

- a. O funcionário enfileirou as pessoas.
- b. As pessoas *(se) enfileiraram sozinhas.
- c. As pessoas *(se) enfileiraram com a abertura do banco.

(372) Enfileirar + argumento interno inanimado

- a. O funcionário enfileirou as cadeiras.
- b. *As cadeiras (se) enfileiraram sozinhas.
- c. *As cadeiras (se) enfileiraram com o evento.

Segundo, tais verbos também permitem a formação de sentenças absolutas. Não encontramos ocorrências de fala, mas imaginemos uma situação em que um chefe se dirige a um funcionário e diz: “você só pode sair depois que toda a mercadoria empilhar”. Essa nos parece uma sentença previsível e aceitável com base na definição desse tipo de sentença em Negrão e Viotti (2010).

4.2. Estruturas em que a raiz modifica *v*

Como comentamos no início desta seção, um pequeno conjunto de verbos se comporta de modo distinto dos verbos abordados imediatamente acima. Estruturalmente, sugerimos que em tais verbos a raiz se concatena como um modificador do núcleo verbal *v*, e não como complemento. A raiz especifica alguma maneira de execução da ação e se relaciona mais intimamente com *v* do que com o DP argumento interno, como ocorre nos verbos estudados na seção 4.1.

Mostramos que alguns testes evidenciam que o tipo de evento denotado por eles é estruturalmente distinto, e que achamos por bem repetir neste momento para facilitar a exposição. Primeiramente, não há implicação de um resultado e não há ambiguidade com o uso do advérbio *quase*, teste que revela estruturas bieventivas em que se inclui um processo e um resultado (em geral, *accomplishments*). Retomamos brevemente os exemplos utilizados na introdução deste capítulo.

a) Identificação de resultado:

(373) Verbos com raiz no complemento de *v*: expressão do resultado

- a. Quebrar: O vaso ficou quebrado.
- b. Apodrecer: A madeira ficou podre.
- c. Engarrafar: O vinho ficou engarrafado.

(374) Verbos com raiz como modificador de *v*: **não há** expressão de resultado

- a. O prego foi/ #ficou martelado.
- b. O cachorro foi/ #ficou acariciado.
- c. O bandido foi/ #ficou apedrejado.

b) Identificação de evento complexo:

(375) Verbos com raiz no complemento de *v*: eventos complexos

- a. Quebrar: O João *quase* quebrou o vaso.

b. Encher: O funcionário quase *encheu* o balde.

Int1: O agente nem chega a desencadear o evento;

Int2: O agente desencadeia o evento, mas não se atinge resultado.

(376) Verbos com raiz como modificador de *v*: eventos simples

a. O João quase martelou o prego.

b. O dono quase acariciou o cachorro.

c. A população quase apedrejou o bandido.

Int1: O agente nem chega a desencadear o evento.

Int2: Excluída.

As estruturas em que a raiz é complemento de *v* são, de modo geral, eventualidades de tipo *accomplishment* e *achievement* ao passo que as estruturas em que a raiz é modificador de *v* comportam-se como eventualidades de tipo atividade e semelfactivos, de acordo com a classificação em Smith (1991). Um teste que diferencia atividades e semelfactivos de eventos de tipo *accomplishment* consiste em colocar o verbo ou o *vP* no lugar de X no seguinte esquema:

(377) a. A está sendo Xado, apenas se A foi Xado.

b. A está sendo Xado, apenas se A não foi Xado.

Se aceitável na formulação em a., tem-se uma atividade (*acariciar*) ou semelfactivo (*apedrejar*) e se aceitável na formulação b. tem-se um *accomplishment* (*engarrafar* e um dos usos de *encher*). Os *achievements* são mais difíceis de identificar frente a esse teste porque o uso da voz passiva força uma leitura de *accomplishment*. Mesmo que usemos um verbo prototipicamente classificado como *achievement* (como *estourar*, por exemplo) há implicação de um processo desencadeado por força externa com o uso da voz passiva. Contudo, sabemos que diversos verbos de mudança e resultado podem ser usados de modo a apresentar/enfatizar somente o resultado em detrimento de um processo desencadeado, sendo classificados nesses usos como *achievements*¹³⁵. Alguns exemplos:

¹³⁵ Isso se dá em parte porque os *accomplishments* são eventualidades formadas por um processo/atividade e um *achievement*. Assim, é possível derivar um *accomplishment* de um *achievement* compondo-o com uma atividade e um *achievement* de um *accomplishment* dissociando-o de uma atividade.

(378) O riacho encheu.

(379) O metal entortou (com a pancada).

Após essas considerações, observemos como esse teste contrasta, por um lado, os verbos *encher* e *engarrafar* e, por outro, os verbos *acariciar* e *apedrejar*¹³⁶:

(380) O balde está sendo enchido, apenas se o balde #(não) foi enchido.

(381) O vinho está sendo engarrafado, apenas se o vinho #(não) foi engarrafado.

(382) O cachorro está sendo acariciado, apenas se o cachorro #(não) foi acariciado.

(383) A viatura está sendo apedrejada, apenas se a viatura #(não) foi apedrejada.

A classificação proposta por Smith (1991) prevê a existência de cinco classes aspectuais derivadas da oposição entre os membros dos seguintes pares de traços temporais: estativo/dinâmico, durativo/instantâneo, télico/atélico:

(384) Classes aspectuais em Smith (1991)

a. Estados	[estático, durativo, atélico]
b. Atividades	[dinâmico, durativo, atélico]
c. Accomplishments	[dinâmico, durativo, télico]
d. Achievements	[dinâmico, instantâneo, télico]
e. Semelfactivos	[dinâmico, instantâneo, atélico]

O que há de comum entre as classes de atividades e semelfactivos e entre as classes de *accomplishments* e *achievements* é especificação do traço [–télico] para as primeiras e [+télico] para as segundas. Assim, nossos dados nos levam a assumir que existe uma correlação entre o traço [+télico] e os verbos em que a raiz complementa *v* e uma correlação entre o traço [–télico] e os verbos em que a raiz modifica *v*. A questão que se coloca é como entender essa correlação.

¹³⁶ No apêndice F, classificamos os verbos que constituem estruturas em que a raiz modifica *v* com base nesses três testes dispostos nas sentenças em a, e e f.

A definição de telicidade em Smith (1991:19) nos permite fazer uma correspondência em termos dessa noção e a estrutura que vimos sugerindo para os verbos de mudança e resultado: “*Telic events have a change of state which constitutes the outcome, or goal, of the event. When the goal is reached, a change of state occurs and the event is complete*”.

Assim, a telicidade pode ser definida/derivada estruturalmente em termos da nossa análise. Em termos gerais, quando o *v* toma como complemento um RP que relaciona um DP (definido) argumento interno a uma raiz, tem-se a leitura de mudança (de estado/lugar/posse/configuração) e toda estrutura contida em *vP* é interpretada como télica. Nos termos de Smith, temos o resultado (*outcome*) do evento.

Por outro lado, se a raiz é um modificador de *v* e não é relacionada ao argumento interno em uma estrutura de mudança mediada por R, não é possível ter leitura de resultado, logo não é possível ter leitura télica.

Além de apreender essa relação, ao compreender a pertença a uma classe aspectual como derivada da leitura de uma configuração estrutural, evitamos o erro que vários trabalhos já mostraram ser comum: é problemático associar as propriedades aspectuais somente ao verbo (‘lexical’) (em nossos termos, somente ao núcleo *v*), pois o *V(v)P* como um todo pode influenciar a classificação do evento¹³⁷. Dois exemplos clássicos bastam para comprovar tal fato. Nos exemplos a seguir, o verbo *correr* é interpretado como atividade em (385)a. e como *accomplishment* quando tem um complemento de tipo tema incremental em (385)b.; o verbo *esclarecer* é tomado como *accomplishment* em (386)b. e como atividade, dada a falta de determinante no complemento que leva a uma leitura habitual (reforçado pelo adjunto *todos os dias*), em (386)a. O verbo *tossir* em (387) é geralmente classificado como semelfactivo (como em a.), mas se acrescentamos um advérbio temporal temos de classificar o *vP* como uma atividade (*multiple event activity* – atividade de eventos múltiplos – nos termos de Smith). Além disso, já demos o exemplo da alternância entre as leituras de *accomplishment* e *achievement* com o verbo *encher* acima.

(385) a. A Maria correu. (atividade)

¹³⁷ Nesse sentido, Smith (1991) sugere que há dois tipos de classificação: as de nível básico e as de nível derivado. Em princípio, o verbo traria uma classificação básica de acordo com o uso mais prototípico daquele item e com o modo como o evento denotado por ele é cognitivamente conceitualizado pelos falantes. A partir da categorização de nível básico pode-se formar categorizações de nível derivado.

- b. A Maria correu a maratona. (*accomplishment*)
- (386) a. O monitor esclarece dúvidas dos alunos todos os dias. (atividade)
- b. O monitor esclareceu **as** minhas dúvidas. (*accomplishment*)
- (387) a. Ele tossiu. (semelfactivo)
- b. Ele tossiu o dia todo. (*atividade*)
- c. Ele tossiu só uma vez. (*achievement*)

Nos dois primeiros exemplos, vemos casos em que é possível derivar ou alterar a especificação do traço [$\pm$ télico] a partir da configuração estrutural.

Por outro lado, ambas as subclassificações de um verbo em que a raiz é complemento de *v* como *accomplishment* ou *achievement*, e de um verbo em que a raiz modifica *v* como atividade ou semelfactivo, dependem basicamente da especificação durativo/instantâneo. Esse traço contrasta, por um lado, *achievements* e semelfactivos ([+instantâneo]) e por outro *accomplishments* e atividades ([+durativo]). Esse traço pode ser derivado da estrutura na alternância entre *accomplishments* e *achievements* (com a presença/ausência de um argumento externo que desencadeia um processo) e na alternância entre atividades e semelfactivos com o uso de advérbios durativos no segundo tipo, que implicam uma leitura de atividade iterativa com culminações internas em um grande evento atélico ((387)b).

Em relação à estrutura argumental dos verbos em que a raiz modifica *v*, em todos os verbos selecionados, *v* projeta necessariamente um núcleo *Voice* que licencia o argumento externo e o especifica como agente. Assim, temos estruturalmente $v_{[+voice]}$. Isso reflete o comportamento geral dessa classe. Abaixo falaremos de alguns casos particulares que não apresentam agentividade.

Um subgrupo desses verbos é chamado por alguns autores de verbos instrumentais, em que aparecem *apedrejar*, *esfaquear* e *apunhalar*. As raízes denotam instrumentos que são usados para a execução da atividade que é direcionada a um argumento interno. Observemos o comportamento argumental do verbo *apedrejar*. Na expressão analítica desse subgrupo de verbos, a raiz na forma de uma entidade introduzida por um adjunto, como em (388)e, o que parece ser evidência de que nossa análise estrutural para essa classe está na direção correta.

(388) Apedrejar

- a. O manifestante apedrejou a viatura.
- b. *A confusão apedrejou a viatura.
- c. *A viatura apedrejou.
- d. A viatura #ficou/foi apedrejada.
- e. O manifestante atingiu a viatura *com pedras*.

Na morfologia dessa classe em geral, observamos a ocorrência, entre dez verbos, de seis sufixados com *-e/-ej-* presentes no *corpus*. Assim, esses morfemas estão associados em muitos exemplos a uma interpretação atélica do evento, mesmo em *enlamear* (mudança de posse) e em *esquartejar* (mudança de configuração), apresentando um comportamento um pouco mais consistente do que os outros sufixos.

Modificação de v	
Prefixo	Exemplos
A	6 Afrontar, acariciar, apedrejar
em	4 Encabeçar, encarar, enxotar
eS	7 Espreguiçar, estapear, esfaquear
Total	17

Tabela 31. Prefixos e verbos de modificação de v.

Modificação de v	
Sufixo	Exemplos
e/ej	6 Estapear, apedrejar
Ø	11 Esmurrar, encarar
Total	17

Tabela 32. Sufixos e verbos de modificação de v.

Segundo Pereira, no evento denotado pelo verbo instrumental, atuam, no mínimo, três participantes: uma entidade causadora, uma entidade que é afetada e muda de estado e uma entidade de tipo instrumental que é utilizada pela entidade causadora para atingir a entidade afetada. A ELC sugerida é a seguinte:

(389) [x AGIR] CAUSAR [ycoisa IR PARA zcoisa]

Vejamos que a ELC é de mesmo tipo da sugerida para os verbos de mudança de lugar, de posse e de estado, a única diferença seria a natureza da variável y, que denota um instrumento. A descrição desse item é a mais obscura. Na tentativa de manter uma descrição homogênea com as classes anteriores, Pereira deixa de apreender características importantes dos verbos instrumentais. Isso porque a ELC não explica porque, para uma base de tipo entidade (COISA, em seus termos), ora se tem a interpretação instrumental ora a interpretação de ornativo/*locatum*. Consideremos uma base como ALFINETE: a interpretação do verbo derivado a partir dessa base na estrutura de ELC em (389) será de atingir com alfinete ou prover com alfinete? Mais do que especificar a base como de tipo propriedade ou coisa, é preciso atribuir outros fatores na descrição do modo como a raiz atua na estrutura em vez de somente considerar que a denotação de tais verbos decorre de “uma interpretação particular da base lexical” (p. 138).

Temos um exemplo importante de como não é só a base lexical que define o comportamento do verbo nos casos em que uma mesma raiz forma verbos de tipos diferentes. Vejamos que a mesma raiz $\sqrt{\text{PEDR}}$ ocorre em *empedrar*, no domínio do complemento da raiz, e em *apedrejar* como modificador da raiz, mostrando que a interpretação final é dada por uma combinação de propriedades lexicais da raiz (na possível flexibilidade do uso de $\sqrt{\text{PEDR}}$ - como um estado derivado ou como uma entidade instrumental) e do tipo de inserção na estrutura e na relação com o núcleo v. Além disso, dados como esses comprovam que não são as raízes que selecionam os núcleos funcionais aos quais se associam, determinando a estrutura argumental, conforme defendemos no Capítulo 3. Isso porque o categorizador presente em *empedrar* tem de ser um $v_{[-\text{voice}]}$ e o categorizador de *apedrejar* é necessariamente $v_{[+\text{voice}]}$ (e com Voice[+ag]), ambos realizados por diferentes itens de vocabulário e co-ocorrendo com uma mesma raiz.

Oliveira (2009) assume que *-ejar* e *-ear* são núcleos aspectuais internos a vP , e diferentes de v, portadores de informações agentivas/iterativas. Lemle (2009) também assume que *-e-* é um morfema de aspecto iterativo. No entanto, a morfologia do português não nos mostra com clareza que podemos dissociar informações de aspecto lexical do núcleo verbalizador v, associando-as a um outro núcleo funcional. Para que tal fato fos

se comprovável, deveríamos poder ter em uma mesma formação verbal a realização de um sufixo (categorizador) em v e de sufixo aspectual em *Asp*. Diferentemente das línguas eslavas

em que morfemas podem mudar produtivamente o aspecto lexical (e gramatical) de verbo, não temos tal produtividade em português. Por isso, assumimos que tais sufixos ditos “iterativos” são realizações de *vs* que contêm inicialmente o traço [-télico], em distribuição com um alomorfe $\emptyset$ que pode veicular o mesmo tipo de aspecto (*piscar*, *batucar*), e mesmo com outros sufixos, como *-isc-* em *mordiscar* e *-it-* em *saltitar*. Além disso, os dados comprovam que há uma menor ocorrência desse sufixo em eventos não agentivos (*gotejar*, *trovejar*) em que também são uma realização de $v_{[-voice]}$ e em eventos não iterativos, mas apenas durativos (como em *papear*, *mapear*).

Com relação à representação estrutural dessa classe, devemos nos perguntar onde se localiza o item de vocabulário que realiza o prefixo nesses casos, se devemos tratá-lo do mesmo modo como fizemos nos verbos de mudança e resultado. Especialmente pelos testes que mostram que não existe uma camada de subevento que veicula resultado, optamos por não representar o prefixo como item de vocabulário que realiza o núcleo de uma small clause RP. Contudo, não vamos tratá-lo por um rótulo diferenciado do sugerido para os verbos de mudança e resultado porque ainda temos um argumento interno que é relacionado ao evento por meio dessa peça. Entretanto, não iremos sugerir que em outros verbos em que a raiz modifica *v* é necessário um R nulo que introduza o argumento interno antes de maior investigação em trabalho futuro.

(390) Fazer carícia <a> cão.

(391) Jogar pedras <a> viatura.

(392) Acariciar

Na estrutura em (392), o núcleo R seleciona o argumento interno e é tomado como complemento do núcleo *v*, que, por sua vez, é modificado pela raiz $\sqrt{\text{CARIC-}}$. Nos verbos instrumentais, em que as bases denotam algum tipo de objeto concreto passível de ser interpretado como algo transferido para o argumento interno (a pedra na viatura, por exemplo) e, poderia se pensar em algum grau de direcionalidade. Essa ideia é representada na ELC de Pereira pelo predicado IR PARA. Desses três verbos, dois se realizam com o prefixo *a-* (*apunhalar* e *apedrejar*) e um com o prefixo *es-* (*esfaquear*). Pelo escasso número de dados desse tipo, não parece apropriado pensar em direcionalidade como um traço dos núcleos R presentes nessa classe.

Antes de finalizar esse grupo de verbos, devemos destacar que é neles que encontramos o único dado de verbo inergativo: *espernear*. Encontrar um verbo inergativo com presença de prefixo seria, inicialmente, um contra-argumento para nossa proposta de que os prefixos são realizações fonológicas de um núcleo introdutor de argumento interno. Optamos por não aceitar tal caso como contraexemplo porque pode se tratar de uma única ocorrência cuja composicionalidade (em uma estrutura em que a raiz $\sqrt{\text{PERN}}$ de fato modifica *v*) pode ser questionada. Outro fato é a proximidade desse verbo com outros dois que encontramos e que têm uso estritamente reflexivo: *espreguiçar* e *ajoelhar*. Tais verbos requerem um argumento interno coindexado com o agente. A possibilidade de uso de *se* com interpretação reflexiva corrobora essa ideia.

(393) O bebê (se) espreguiçou.

(394) O menino (se) ajoelhou.

O dado *ajoelhar* é ainda mais intrigante porque se comporta frente aos testes como portador de um resultado, como um *accomplishment*. Nesse caso, não temos um estado denotado pela raiz, pelo que não podemos classificá-lo como um verbo de mudança de estado, nem um local prototípico. Temos na raiz a denotação de uma parte do corpo que é salientada na denotação de uma mudança de postura corporal, que implica como resultado uma nova posição. Por fim, em caráter de exceção, o verbo *encabeçar* tende a um uso estativo:

(395) O empresário encabeçou a comissão por 3 anos.

4.3. Conclusão do capítulo: afixos e classes semânticas

Neste capítulo, investigamos a estrutura de evento associada aos verbos transparentes e composicionais selecionados em nosso estudo. Tivemos como objetivo primário observar possíveis relações entre propriedades de estrutura argumental e expressão de direcionalidade correlacionadas à presença dos afixos e, em um segundo momento, observamos propriedades de aspecto com foco em telicidade.

A característica mais robusta e unificadora dessa macro classe é, sem dúvida, a obrigatoriedade de um argumento interno interpretado como objeto afetado (tema ou, em menor grau, experienciador) da mudança expressa pelo evento. Por isso, sugerimos que o prefixo é a realização de um núcleo funcional relacionador reponsável por introduzir o argumento interno e relacioná-lo à raiz. Contudo, esse núcleo é não-cíclico e, por isso, é um núcleo dependente de *v*, esse sim um núcleo cíclico definidor de palavra morfológica. Nesse sentido, o complexo *R-v* é, em última instância, responsável por categorizar o verbo.

No que se refere à forma do prefixo, não encontramos evidências robustas de associação exclusiva de um tipo de prefixo a uma determinada estrutura argumental ou classe semântica. Encontramos, entretanto, algumas tendências no que se refere à presença dos prefixos, que explicitamos a seguir.

Tipo semântico	Prefixo			Sufixo						
	a	eN	eS	ec	e	ej	iz	Ø		
Mudança de Estado	75 62%	53 40%	8 33%	39 100%	2 29%	0 0%	2 67%	96 42%		
Mudança de Lugar	9 7%	25 19%	2 8%	0 0%	0 0%	0 0%	1 33%	34 15%		
Mudança de Posse c.	11 9%	25 19%	1 4%	0 0%	1 14%	0 0%	0 0%	36 16%		
Mudança de Posse a.	14 12%	9 7%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	23 10%		
Mudança de Configuração	6 5%	15 11%	6 25%	0 0%	0 0%	1 33%	0 0%	26 12%		
Modificação de <i>v</i>	6 5%	4 3%	7 29%	0 0%	4 57%	2 67%	0 0%	11 5%		
Total	121 100%	131 100%	24 100%	39 100%	7 100%	3 100%	3 100%	226 100%		

Tabela/Gráfico 33. Visão geral de afixos e tipos semânticos.

Na tabela/gráfico acima, podemos observar a ocorrência dos afixos a partir de dois ângulos: comparando a presença entre prefixos e entre sufixos dentro de uma mesma classe semântica ou observando a ocorrência de um mesmo afixo entre as classes. Nessas perspectivas, as conclusões mais robustas a que podemos chegar são as seguintes:

- a. A presença do sufixo *-ec-* em uma formação transparente e composicional está correlacionada à classe de mudança de estado;
- b. O sufixo *-e/-ej-* tem forte presença na classe de modificação de *v*, pelo que se correlaciona com a criação de verbos de atividade;
- c. Há muito poucos dados para tratarmos com seriedade do sufixo *-iz-*, mas ele está presente na classe de mudança de estado e local, minimamente;
- d. Considerando os prefixos, a situação parece mais idiossincrática. No entanto, observamos que apesar da parca ocorrência do prefixo *eS-* em geral, especialmente como um prefixo direcional, sua ocorrência é maior na classe de modificação de *v* e de mudança de configuração em comparação a sua representatividade nas outras classes;
- e. Com relação à expressão de direcionalidade na formação, observamos que uma pequena tendência se apresenta do seguinte modo: nas classes que apresentam algum grau de transferência física e expressão de direcionalidade (mudança de local e mudança de posse concreta), a presença de *eN-* é maior ao passo que nas que veiculam mudança abstrata (mudança de estado e mudança de posse abstrata), sem transferência física e expressão de direcionalidade, a presença de *a-* é maior. Contudo, a classe de mudança de configuração se torna problemática para essa correlação na medida em que é uma classe em que não há expressão de transferência física e direcionalidade e há maior ocorrência do prefixo *eN-*.

O que podemos concluir com a investigação deste capítulo é que a polissemia apresentada por tais morfemas prefixais no PB é muito mais complexa do que tenta indicar a literatura ao listar os possíveis usos, introduzidos no capítulo 3 e retomado na tabela abaixo:

Descrição	
Prefixo	a- ✓ Direção no tempo e no espaço; aproximação ✓ Aspecto incoativo
	eN- ✓ Direção no tempo e no espaço; locativo ✓ Aspecto ingressivo
	eS- ✓ Direção externa ✓ Aspecto egressivo ✓ Fim da ação ou ação repetida
	-ec- ✓ Incoatividade
	-iz- ✓ Causatividade
	-e-/-ej- ✓ Iteratividade; habitualidade

Tabela 34. (originalmente tabela 8). Descrições tradicionais dos afixos.

No próximo capítulo, discutiremos alternativas de análise (lexicalistas, localistas e localistas/de alomorfia) para tratar essa polissemia.

CAPÍTULO 5. Manipulação dos traços e inserção de vocabulário

No capítulo anterior, verificamos os contextos de ocorrência dos afixos nos verbos complexos transparentes e composicionais, sugerimos análises de sua estrutura de eventos e observamos numericamente a realização das peças morfológicas. Em MD, cada afixo é potencialmente a realização fonológica de um núcleo funcional. Em termos técnicos, um afixo é potencialmente um item de vocabulário inserido em um nó terminal que é composto de um conjunto de traços. Neste capítulo, investigaremos os princípios que guiam a especificação e manipulação dos traços e a inserção dos itens de vocabulário nos nós terminais R, *v* e Th (Vogal temática). Para implementar tal análise de modo satisfatório, nos valem de modo mais aprofundado da teoria localista de alomorfia de Embick (2010). Apesar de já termos explicitado e utilizado algumas noções dessa teoria, vamos apresentar mais detalhes na próxima subseção para, então, proceder a uma análise morfofonológica completa dos dados. Além disso, na subseção 5.2. tratamos das vogais temáticas verbais com base na proposta de Oltra-Massuet (1999).

5.1. C1-LIN: uma teoria localista para a alomorfia (EMBICK, 2010)

Embick (2010) apresenta uma versão da teoria da MD denominada de C1-LIN em que padrões de alomorfia contextual são restritos por noções de localidade baseadas nas ideias de linearidade (adjacência linear) e fase-ciclicidade. Trata-se de uma visão serialista de derivação morfológica e sintática, em que cada ‘passo’ da formação serve como *input* para o próximo e, por isso, pode influenciá-lo, desde que estejam em um mesmo domínio.

A alomorfia contextual (ou lexicalmente condicionada) para a MD é determinada no momento da Inserção de Vocabulário, ou seja, no momento em que os nós terminais da sintaxe recebem conteúdo fonológico. Como já vimos acima, os IVs compatíveis competem para inserção em um dado nó terminal e o mais específico e compatível é inserido. Nesse sentido, a

alomorfia determinada por esse tipo de operação é sempre supletiva, pois não é possível derivar uma forma da outra por transformações fonológicas, por exemplo.¹³⁸

Um exemplo do autor é o do morfema de passado do Inglês, já citado em subseção acima. A sintaxe gera uma estrutura com o nó [passado] e os seguintes IVs competem pra inserção. Cada IV é um alomorfe para contextos diferentes (p. 12):

(396) Itens de Vocabulário para Tempo

$T[\text{past}] \leftrightarrow -t/___\{\sqrt{\text{LEAVE}}, \sqrt{\text{BEND}}, \dots\}$

$T[\text{past}] \leftrightarrow -\emptyset/___\{\sqrt{\text{HIT}}, \sqrt{\text{SING}}\}$

$T[\text{past}] \leftrightarrow -d^{139}$

A intuição por trás dessa análise é a seguinte:

“Contextual allomorphy, where one node X can see another node Y for the purposes of Vocabulary Insertion, is possible only when X and Y are concatenated - that is, in the most local linear relationship possible”
(p.12)¹⁴⁰.

A inserção de vocabulário se aplica do nó mais interno para o nó mais externo. A inserção de IVs nos nós mais internos não pode ser influenciada por nós mais externos, pois a informação de quais IVs foram inseridos nos nós mais externos ainda não está disponível.

Além disso, assume-se uma derivação sintática por fases (CHOMSKY, 2001) com *spell-outs* cíclicos que, por definição, restringem a quantidade de informação que está disponível em um determinado ciclo da derivação e as possíveis interações alomórficas. Os objetos somente podem interagir se estiverem ativos em um mesmo ciclo da computação. Os núcleos que desencadeiam *spell-out* são núcleos de fase na palavra, ou seja, os categorizadores, representados sempre por letras minúsculas. Núcleos de Tempo, Aspecto, entre outros núcleos mais externos

¹³⁸ A alomorfia fonologicamente condicionada resulta de outros mecanismos não supletivos. Por exemplo, no Inglês, para o nó terminal que contém [pl], o IV inserido será sempre /z/ e a realização superficial dessa forma como /s/, /z/ ou /ez/ dependerá de transformações morfofonológicas pós-Inserção de Vocabulário.

¹³⁹ A não especificação de contexto indica que este IV será inserido em todos os outros ambientes. Outras formas de marcar essa ideia são: $T[\text{past}] \leftrightarrow -d/\textit{elsewhere}$ ou n.d.a.

¹⁴⁰ A alomorfia contextual, em que um nó X pode ver outro nó Y para os propósitos de Inserção de Vocabulário, é possível apenas quando X e Y estão concatenados – ou seja, na relação linear mais local possível. Tradução nossa.

(com exceção de *v* e *C*), não são cíclicos e, portanto, não desencadeiam *spell-out* e são sempre representados por letras maiúsculas.

Muito importante para a análise que vamos delinear mais adiante para os verbos em estudo são as noções de que núcleos categorizadores são fases cíclicas. Como já apontado em Marantz (2001, 2007), e também em Embick e Marantz (2008), há uma diferença no resultado esperado em termos semânticos e em termos fonológicos a depender do local de anexação do afixo e do tipo de núcleo. As categorias das palavras são definidas pelo primeiro núcleo sintático que se adjunge a uma raiz categorialmente neutra. O primeiro núcleo categorizador está no domínio interno de formação da palavra, esse que parece desencadear uma relação especial no âmbito do som e do significado.

As generalizações que decorrem da ideia de ciclicidade são:

- a. **Alomorfia:** Para um *x* concatenado diretamente à raiz, a alomorfia especial para *x* pode ser determinada pelas propriedades da raiz. Um núcleo no domínio externo não está em uma relação local com a raiz e então não pode ter sua alomorfia determinada pela raiz.
- b. **Interpretação:** A concatenação de um *x* diretamente à raiz pode desencadear uma interpretação especial. Quando concatenado no domínio externo, o núcleo *x* desencadeia interpretações previsíveis (composicionais).

Contudo, o autor percebe que tal combinação é muito restritiva, pois elementos do domínio externo podem sofrer alomorfia condicionada pela raiz, como é o caso da alomorfia de passado do inglês, em que o núcleo *T* pode se realizar como *-d*, *-t* e *-Ø* (para *played*, *left* e *hit*, respectivamente) cuja estrutura sintática é a seguinte:

Na estrutura em (397), o domínio interno é formado pelo núcleo complexo *v* ao passo que a anexação de *T[past]* se dá no domínio externo. Pela primeira versão da teoria localista, a raiz

não deveria influenciar a realização de T. Logo, uma nova versão da teoria deve permitir que alguns núcleos do domínio externo possam ser ‘vistos’ por elementos do domínio interno. Contudo, observa-se empiricamente que essas interações alomórficas entre o domínio externo e o interno apresentam restrições de duas ordens:

- i. **Linearidade:** ocorrem apenas quando as duas peças morfofonológicas estão linearmente adjacentes uma a outra, ou seja, não há nenhum nó fonologicamente realizado entre elas;
- ii. **Ciclicidade:** núcleos cíclicos externos não podem mostrar alomorfia contextual determinada por elementos no domínio de núcleos cíclicos internos.

Na formação de nominalizações gerundivas e derivadas em inglês temos um exemplo da atuação de ii. A concatenação de um núcleo *n* diretamente a uma raiz pode derivar diversos alomorfes nominalizadores (-age, -er, -ion) nas nominalizações derivadas, em que o tipo de nominalizador é determinado pela raiz:

Marri-age, laugh-ter, destruc-tion (‘Casamento, risada, destruição’)

Por outro lado, se se tratar de uma nominalização gerundiva, em que há a presença de um núcleo *v* entre a raiz e o nominalizador (MARANTZ, 1997), existe uma mudança de categoria e dois núcleos cíclicos envolvidos. Nesse contexto, a raiz não influencia na determinação do alomorfe nominalizador a realizar esse núcleo, será sempre *-ing*, mesmo que *v* seja fonologicamente nulo:

Marry-ing, Laugh-ing, Destroy-ing (‘Casando, rindo, destruindo’)

Assim, o autor chega às seguintes generalizações (p.16):

(400) **Generalização a. . . . a] x] Z]**

*O (núcleo) não-cíclico Z pode mostrar alomorfia contextual determinada por a, contanto que x não seja realizado fonologicamente.*¹⁴²

(401) **Generalização: b. . . . a] x] y]**

*O (núcleo) cíclico y não pode mostrar alomorfia contextual determinada por a, mesmo se x não for realizado fonologicamente.*¹⁴³

Essas duas generalizações são explicadas com base em duas hipóteses centrais (p. 16-17):

(H1) Alomorfia contextual é possível apenas com elementos que estão concatenados¹⁴⁴.

(H2) Domínios cíclicos de *spell-out* definem quais núcleos estão presente em um determinado ciclo da computação de PF e, logo, estão potencialmente ‘ativos’ (capazes de serem referidos) para os propósitos de alomorfia contextual. Em alguns casos, nós superficialmente adjacentes não podem influenciar um ao outro

¹⁴¹ Vejamos que, pelo fato de o núcleo v, verbal, se anexar diretamente à raiz, uma interpretação eventiva é selada até o fim da derivação. O mesmo não ocorre necessariamente para as nominalizações formadas diretamente de raiz.

¹⁴² a. . . . a] x] Z]

Generalization: Noncyclic Z may show contextual allomorphy determined by a, as long as x is not overt.

¹⁴³ b. . . . a] x] y]

Generalization: Cyclic y may not show contextual allomorphy determined by a, even if x is not overt.

¹⁴⁴ (H1) *Contextual allomorphy is possible only with elements that are concatenated.*

alomorficamente porque em termos de *spell-out* cíclico não estão ativos no mesmo ciclo de PF¹⁴⁵.

(402) Estrutura sintática

(403) Núcleo complexo criado a partir de (402):

Em primeiro lugar, assume-se que a estrutura sintática em (402) tem de ser linearizada para que se forme um núcleo complexo que corresponderá a uma palavra (403). No exemplo acima, a palavra poderá apresentar potencialmente quatro morfemas fonologicamente realizados nos nós terminais x, W, Z e y. Esses morfemas devem ser especificados quanto a seu posicionamento morfológico: se se realizam como prefixos ou sufixos¹⁴⁶. No caso do exemplo, todos os nós terminais serão realizados por sufixos hipotéticos que representamos abaixo após a operação de inserção de vocabulário.

¹⁴⁵ (H2) Cyclic Spell-Out domains define which nodes are present in a given cycle of PF computation and thus potentially “active” (capable of being referred to) for the purposes of contextual allomorphy. In some cases, superficially adjacent nodes cannot influence each other allomorphically because in terms of cyclic Spell-Out, they are not active in the same PF cycle.

¹⁴⁶ Harley (2010:7) assume a mesma ideia para a especificação posicional dos morfemas. “Just as the heads of phrasal syntactic projections may precede or follow their sisters, so too may the heads of X^0 constituents.” (‘Assim como os núcleos das projeções sintáticas frasais podem preceder ou seguir seus nós irmãos, também podem os núcleos de constituintes X^0 ’. Tradução nossa).

(404) Núcleo complexo criado a partir de (402) após inserção de vocabulário:

Se acompanharmos a estrutura abstrata em (404), vemos que x e y são núcleos cíclicos, que definem domínios cíclicos fonológicos e semânticos, e W e Z não o são. Quando um núcleo cíclico é concatenado na estrutura, esse desencadeia o *spell-out* de núcleos nos domínios cíclicos no seu complemento. No exemplo, quando x é concatenado, nenhum *spell out* ocorre, pois não há núcleos cíclicos no seu complemento. Assim, a inserção de vocabulário ocorre do núcleo mais interno para o mais externo, sendo que os núcleos/nós terminais podem interagir em um mesmo domínio. x , W e Z podem, por exemplo, apresentar alomorfia determinada pela raiz e por eles mesmos (desde que x condicione W ou Z , ou W condicione Z), desde que não haja morfemas realizados intervenientes. Quando y é inserido, o domínio destacado pelo círculo é enviado para as interfaces.

Se pensarmos nas premissas de Marantz (2001, 2007) já apresentadas, notamos que os núcleos cíclicos definem domínios do que é denominado de palavra (*m-word domains*) ao passo que os núcleos não cíclicos são partes de palavras (*subwords morphemes*).

5.2. O que entendemos por vogais temáticas (OLTRA-MASSUET, 1999)

Pela nossa forma de representar os sufixos neste trabalho, diferentemente de outros autores (*iz-* em vez de *-izar*, *-ej-* em vez de *-ejar*, *-e-* em vez de *-ear* e *-ec-* em vez de *-ecer*) fica claro que não assumimos que sufixo e vogal temática sejam uma única peça morfológica.

Oltra-Massuet (1999) assume que as vogais temáticas do catalão são inseridas na morfologia como um requerimento de boa formação dos núcleos funcionais sintáticos. A vogal temática funcionaria, então, como uma marca na morfologia da categoria “verbo”, criada na sintaxe. Essa ideia apreende aquela exposta pelos estudos mais tradicionais de que a vogal temática é uma marca que adapta a forma verbal para receber as conjugações. Esse elemento não tem nenhum papel sintático relevante.

Assumimos, com essa autora, que a vogal temática é inserida em um nó-dissociado inserido pós-sintaticamente e antes da inserção de vocabulário no componente morfológico (Cf. Figura 1, cap.1). O núcleo Th, de *Theme* (‘tema’), representa o local de inserção da vogal temática, sendo de natureza verbal e não cíclico porque não altera a categoria da estrutura. Ele se anexa como um adjunto na projeção v e recebe uma das três vogais temáticas verbais do português, *-a*, *-e*, *-i*, de acordo com uma informação idiossincrática da raiz. Apenas as raízes que são de 2ª e 3ª conjugação precisam ser marcadas com traços de classe, já que a 1ª classe é a realização *default de Th* (verbal).

(405) *Output* sintático

(406) Estrutura Morfológica

A partir dos pressupostos apresentados nesta seção, passaremos à análise morfofonológica dos dados de verbos complexos transparentes e composicionais.

5.3. Análise morfofonológica

Pelo que investigamos nos capítulos anteriores, sabemos que a estrutura sintática associada a um verbo parassintético é composta por quatro elementos obrigatórios: a raiz e os núcleos funcionais R, *v* e Th, além de (possivelmente) *Voice* e dos núcleos do domínio da flexão, que não nos interessa investigar nesta tese. A estrutura a seguir é central para todos os verbos de mudança de estado (trataremos dos verbos de modificação a frente). O núcleo R é especificado para se posicionar de modo a preceder a raiz, realizando-se superficialmente como um prefixo, e Th é inserido na estrutura morfológica.

(407) Estrutura sintática

(408) Núcleo complexo

As previsões da teoria C1-LIN para a interação entre os morfemas da estrutura em (408) são as seguintes:

- A raiz pode determinar contextualmente a forma de R e de *v*;
- R não pode ter sua forma determinada por *v* e Th porque a inserção ocorre do núcleo mais interno para o mais externo;
- v* não pode ter sua forma determinada contextualmente por R porque a raiz nunca será fonologicamente nula;
- Th pode ter sua forma contextualmente determinada por *v*;

¹⁴⁷ Neste momento, não iremos nos preocupar em investigar qual o papel do DP argumento interno na interação dos nós terminais. Segundo Embick (cp), é possível que a formação do núcleo de nível zero *v* ocorra de algum modo em paralelo, de tal modo que o sintagma frasal DP não interfira na interação dos núcleos internos a essa projeção.

- e. Th pode ter sua forma contextualmente determinada por R se *v* for fonologicamente nulo;
- f. Se se tratar de uma formação denominal, com *n* intervindo entre raiz e *v*, *v* nunca poderá ter sua forma determinada pela raiz porque está em outro domínio cíclico.

Se comprovarmos que a inserção de R é contextualmente determinada pela raiz, estaremos contribuindo para um importante ponto teórico da teoria da MD acerca da natureza das raízes. Como a inserção de R se dá antes de uma possível inserção vocabular em raiz, se comprovado que a inserção em R depende da raiz, temos que essa precisa ser necessariamente provida de conteúdo fonológico antes da primeira inserção inserção vocabular da estrutura. Se a inserção fosse tardia para a raiz, não haveria nenhum material para influenciar a inserção de R. A seguir, discutimos essas previsões com base nos dados.

5.3.1. A inserção em R: um prefixo ou muitos prefixos?

Propomos que os prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* são itens de vocabulário que realizam o núcleo funcional relacionador R, que possui minimamente o traço funcional [+r]. Vimos que nos verbos de mudança de estado e mudança de posse abstrata não há transferência física (TF) e nem direcionalidade (DIR), que nos verbos de mudança de posse concreta há alguma noção de transferência física sem direcionalidade especificada e que nos verbos de mudança de lugar, aparentemente, há mudança direcionalmente especificada pela natureza da raiz (fonte da direcionalidade – FDIR). Observamos que em cada classe há variação da forma fonológica que realiza R, com alguma tendência numérica. Observemos as descrições a seguir:

	Prefixo						TF	DIR	FDIR
Tipo semântico	a		eN		eS				
Mudança de Estado	75	62%	53	40%	8	33%	✗	✗	-
Mudança de Lugar	9	7%	25	19%	2	8%	✓	✓	raiz
Mudança de Posse c.	11	9%	25	19%	1	4%	✓	✗	-
Mudança de Posse a.	14	12%	9	7%	0	0%	✗	✗	-
Mudança de Configuração	6	5%	15	11%	6	25%	✗	✗	-
Modificação de <i>v</i>	6	5%	4	3%	7	29%	✗ ¹⁴⁸	✗	-
Total	121	100%	131	100%	24	100%			

Tabela 35. Classe semântica vs. prefixos vs. expressão de direcionalidade.

¹⁴⁸ Com exceção dos verbos instrumentais.

Atestando que o mesmo prefixo pode ocorrer em classes em que não há nenhuma expressão de TF ou expressão de direcionalidade e que pode ocorrer em menor escala com essas noções, a pergunta que se coloca é: como se dá a especificação dos traços que compõem o núcleo R. Logicamente, duas alternativas de análise são possíveis, iremos denominá-las de Análise por Especificação Total e Análise por Subespecificação.

A análise por especificação total é aquela em que o núcleo R possui um conjunto de traços específico e determinado e é selecionado da lista 1 para inserção na sintaxe. A consequência dessa análise é a assunção de três tipos de Rs, distintos mas semelhantes, e cada conjunto de traços do nó terminal deve ter um IV correspondente em perfeita compatibilidade, do seguinte modo:

A1. Análise por especificação total:

RÓTULO	NÓ TERMINAL	ITENS DE VOCABULÁRIO COMPATÍVEIS
R1	[+r, +dir [prox]]	/a/ ↔ [+r, +dir [prox]]
R2	[+r, +dir [dentro]]	/eN/ ↔ [+r, +dir [dentro]]
R3	[+r, +dir [fora]]	/eS/ ↔ [+r, +dir [fora]]

A observação dos dados nos mostrou que a análise por especificação total não é vantajosa porque o traço [+dir] é raramente interpretado e depende determinantemente do tipo semântico da raiz. Para que essa análise funcione, precisamos recorrer muito mais frequentemente à operação de Empobrecimento dos traços direcionais de R. Após esse empobrecimento, os IVs se tornariam alomorfes de R e a inserção seria condicionada lexicalmente.

Além disso, a escolha da análise por especificação total nos levaria a um tipo de análise lexicalista como a de Markova e Padrosa-Trias (2008). Em uma tentativa de explicar dados de prefixos do inglês, catalão e das línguas eslavas, as autoras sugerem uma revisão para a distinção feita por Svenonius (2004) entre prefixos lexicais e superlexicais em termos de diferenças entre prefixos lexicalmente derivados e prefixos morfológicamente derivados. As autoras sugerem a seguinte classificação para os tipos de prefixos:

- a. **Prefixos lexicalmente derivados:** i) apresentam significado idiossincrático, ii) não são reconhecidos pelos falantes, iii) não são semanticamente transparentes; iv) são derivados no **léxico**;
- b. **Prefixos morfollogicamente derivados:** i) são composicionais; ii) são ativos na língua (podem criar formas novas palavras); iii) são formados no componente morfológico (independentemente da sintaxe); iv) se dividem em: **Internos** - a) prefixos perfectivizadores ou quantificacionais; b) prefixos direcionais que se unem a verbos do movimento, c) prefixos locativos que incluem prefixos do tipo *location* e *locatum* e d) prefixos causativos, que causativizam verbos; e **Super-lexicais** – têm significados aspectuais e quantificacionais (adverbiais) que não alteram a estrutura argumental do verbo a que se unem.

Lexicalmente derivados	Morfollogicamente derivados	
<i>pair > repair</i> <i>kasa > dokaza</i> <i>dizer > provar (Búlgaro)</i>	Internos (EA) <i>eat > eat up</i> <i>rich > enrich</i> <i>placha > raz-placha</i> <i>(chorar > fazer chorar - Búlgaro)</i>	Superlexicais (Adv) <i>write > rewrite</i> <i>tancar > entre-tancar</i> <i>(‘trancar > entretrancar’ - Catalão)</i>

Tabela 36. Prefixos segundo Markova e Padrosa-Trias (2008).

Se assumirmos uma análise desse tipo, o fato de termos a presença dos prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* em todas as classes semânticas (com exceção de *eS-* na classe de mudança de posse abstrata) tem de ser encarado como caso de mera homofonia e, em termos mais gerais, temos como resultado da análise uma lista de diversos prefixos organizados por representatividade, como a seguinte:

Análise lexicalista: lista de prefixos verbais homófonos:

(409) Para *a-*:

a⁻¹ = prefixo de mudança de estado;

a⁻² = prefixo de mudança de posse abstrata;

a⁻³ = prefixo de mudança de posse concreta;

a⁻⁴ = prefixo de mudança de lugar;

a⁻⁵ = prefixo de mudança de configuração;

a⁻⁶ = prefixo formador de atividade (mod. de *v.*).

(410) Para *eN-*:

eN⁻¹ = prefixo de mudança de estado;

eN⁻² = prefixo de mudança de lugar;

eN⁻³ = prefixo de mudança de posse concreta;

eN⁻⁴ = prefixo de mudança de configuração;

eN⁻⁵ = prefixo de mudança de posse abstrata;

eN⁻⁶ = prefixo formador de atividade (mod. de *v.*).

(411) Para *eS-*:

eS⁻¹ = prefixo de mudança de estado;

eS⁻² = prefixo de mudança de configuração;

eS⁻³ = prefixo formador de atividade (mod. de *v.*);

eS⁻⁴ = prefixo de mudança de lugar;

eS⁻⁵ = prefixo de mudança de posse concreta.

Essas listas são muito utilizadas em gramáticas tradicionais, mas não têm nenhum cunho científico. Além disso, elas não capturam as semelhanças semânticas, morfológicas e estruturais entre os “diversos” prefixos homófonos: isso se torna uma mera coincidência. Esse tipo de análise de homofonia completa se aplica bem a casos como o da forma fonológica /a/, por exemplo, que pode corresponder a prefixo de negação (*anormal*), formador de verbos (*amaciar*)

ou como artigo feminino definido, em que o conjunto de traços, o ambiente morfológico e categorial são completamente distintos

Uma alternativa que também devemos descartar pelas evidências empíricas que possuímos, apesar de muito atraente e compatível com a MD, é a alternativa que funciona puramente por localidade.

Svenonius (2004) argumenta que a divisão entre prefixos lexicais e superlexicais deve ser analisada em termos das posições diferentes dos prefixos em uma decomposição sintática da estrutura sentencial¹⁴⁹. (p.1). Mais precisamente, o autor propõe que os prefixos ‘lexicais’ (com significados resultativos, espaciais e idiossincrásitos) se anexam abaixo de VP e que os prefixos superlexicais (com significados aspectuais e quantificacionais) se anexam acima de VP. Vejamos a estrutura para um verbo da língua sérvia que contém um prefixo com significado resultativo (*iz-*), interno, e um prefixo com significado distributivo (*po-*), externo:

(412) Po-iz-bac-i-va-ti

DSTR-out-throw-v-IMP-INF

‘throw out one by one’ (‘Jogar (fora) um a um’)

Svenonius (2004:239)

¹⁴⁹ Nos termos do autor, a divisão entre prefixos lexicais e superlexicais ‘should be analyzed in terms of the place of the different prefixes in a syntactic decomposition of the clausal structure’ (Svenonius, 2004:1)

Não podemos utilizar esse tipo de estratégia porque não temos evidências empíricas para afirmar que as diferentes contribuições semânticas dos prefixos *a-*, *eN-* e *eS-* são oriundas de diferentes locais de anexação na estrutura sintática.

Por tais motivos, assumiremos uma Análise por Subespecificação, que consiste na ideia de que o núcleo R contém apenas um traço relacionador e seus traços direcionais são adquiridos/especificados em decorrência da concatenação com as raízes ou bases.

A2. Análise por Subespecificação

RÓTULO	NÓ TERMINAL	ITENS DE VOCABULÁRIO COMPATÍVEIS
R	[+r]	/a/ ↔ [+r, +dir [prox]]
		/eN/ ↔ [+r, +dir [dentro]]
		/eS/ ↔ [+r, +dir [fora]]

A derivação de verbos de mudança de estado (exemplificados por *emagrecer*, *amaciar* e *esfriar*), de mudança de posse abstrata (ex. por *abençoar* e *enfeitiçar*) e de mudança de configuração (ex. por *empilhar*, *agrupar* e *esquartejar*) deve ocorrer do seguinte modo:

Na sintaxe, o núcleo R se concatena a raízes que pertencem ao tipo estado (Est.) ou entidade (Ent.) de tipo produto ou uma entidade de tipo abstrato e que não tem nenhum traço direcional a especificar. O único traço presente em R é, então, [+r].

Na morfologia, essas três estruturas passam à seguinte configuração, que será *input* para a inserção de vocabulário:

Na inserção de vocabulário, os itens de vocabulário que competem para inserção em R são os seguintes:

(419) IVs elegíveis para competição para as estruturas em (416), (417) e (418):

- a. /a-/ ↔ [+r, +dir [prox]]
- b. /eN-/ ↔ [+r, +dir [dentro]]
- c. /eS-/ ↔ [+r, +dir [fora]]

Temos de acrescentar a informação de que o IV a ser inserido tem natureza afixal para que as preposições, de natureza plena, não façam parte da competição para inserção em R, pois elas, possivelmente, também possuem o traço [+r].

Segundo o princípio do subconjunto, retomado abaixo, considerando o traço presente nos núcleos e nos IVs, **todos têm as mesmas chances de inserção em R.**

Princípio do Subconjunto:

Uma propriedade dos IVs que diz que, para que esses sejam inseridos em um nó terminal, seus traços devem (e podem) ser um *subconjunto* dos traços do nó sintático, desde que não exista nenhum traço *conflitante* entre eles.

Competição: os IVs competem para inserção, contrariamente ao que ocorre em teorias lexicalistas, em que uma entrada lexical já é completamente especificada e determinada para inserção.

A primeira hipótese a investigar é se a inserção em R não seria guiada por um condicionamento puramente fonológico da raiz¹⁵⁰. Ou seja, a fonologia do primeiro elemento da raiz ou sua forma prosódica determinaria a escolha entre os itens a.b. e c. Descartamos essa hipótese em uma investigação empírica detalhada que dispomos no **Apêndice G**. Observamos que as únicas restrições dessa natureza que se colocam são a que já destacamos, o fato de a raiz se iniciar por vogal desfavorece a sua prefixação, e não encontramos casos de prefixação por /es/ quando o elemento inicial é uma sibilante ([s], [ʒ], [ʃ]). Nos outros casos, as formas /a/, /en/ e /es/ podem se anexar a todos os fonemas consonantais. Além disso, apesar de nossa investigação ser breve e pouco detalhada nesse sentido, não parece que há condicionamentos em termos da prosódia da raiz: encontramos casos de prefixação com o mesmo sufixo com raízes com duas ou três sílabas.

A segunda hipótese a investigar é se a escolha da forma de R não é guiada pela forma de *v*. Em caso afirmativo, teríamos boas evidências para atestar a existência de circunfixos (na linha do que assumem Pereira (2007) e Rio-Torto (2004). Nesse caso, no verbo *emagrecer*, por exemplo, afirmariamos que a inserção em R e *v* se dá ao mesmo tempo e que *eN-ec* é um circunfixo. Dois são os nossos argumentos de base empírica para descartar tal hipótese e temos um argumento de base teórica.

O primeiro argumento se baseia na independência de ocorrência de tais prefixos e sufixos. Os dados abaixo mostram contextos em que os prefixos ocorrem tanto isoladamente (coluna 2) quanto concomitantemente aos sufixos (colunas 1 e 3). Além disso, mostramos que o mesmo sufixo ocorre concomitantemente com os três prefixos (coluna 1) e que o mesmo prefixo ocorre em contextos diversos (linhas 1, 2 e 3). Vejamos que os dados na coluna 1 e em comparação com os demais também comprovam que uma mesma forma prefixal co-ocorre com diferentes vogais temáticas presentes nessa macro-classe de verbos transparentes e composicionais¹⁵¹.

¹⁵⁰ Agradecemos ao Prof. Dr. Paulo Chagas pelas discussões acerca desta hipótese.

¹⁵¹ A vogal temática de terceira conjugação, mais rara, se restringe aos contextos não transparentes, como já discutimos no capítulo 2.

	1		2		3
1	a -madur- ec -er	vs.	a -maci- Ø -ar	vs.	a -senhor- e -ar
	vs.		vs.		vs.
2	en -magr- ec -er	vs.	en -gord- Ø -ar	vs.	en -coler- iz -ar
	vs.		vs.		vs.
3	es -clar- ec -er	vs.	es -vazi- Ø -ar	vs.	es -quart- ej -ar

Tabela 37. Evidências contra a análise por circunfixos.

O segundo argumento empírico se baseia na existência de *doublets* ou pares morfológicos como os seguintes:

(420) *Doublets* morfológicos

- a. **en**-ric-**Ø**-ar vs. **en**-riqu-**ec**-er
- b. **en**-bolor-**Ø**-ar vs. **en**-bolor-**ec**-er
- c. **en**-doid-**Ø**-ar vs. **en**-doid-**ec**-er

Se a forma do prefixo influenciasse de fato a forma do sufixo, ou vice-versa, não deveríamos ter essas variações com o mesmo significado. Se o significado fosse diverso, poderíamos pensar em diferentes núcleos funcionais R e v em termos semânticos e os contextos seriam diversos, mas esse não é o caso. Logo adiante, mostraremos como esses *doublets* são também material empírico interessante para a investigação da inserção em Th.

Continuando a investigação em R[+r], acreditamos que o fato de não haver nenhum outro caso de circunfixação no português é também um argumento teórico válido. Se a operação de circunfixação, que em termos de MD pode ser entendida como fruto da operação de fissão, fosse comum ao português, não deveria ser tão restrita a um pequeno conjunto de aproximadamente 50 verbos (Cf. Tabela 9).

Nos resta, então, a alternativa de que a escolha da forma do prefixo é puramente idiossincrática e depende de alomorfia contextual determinada pela raiz. Essa alternativa corrobora a teoria C1-LIN ao atestar as previsões a. (parcial) e b. retomadas abaixo e, ao mesmo tempo, apresenta-se como evidência empírica contrária à ideia de inserção tardia para as raízes.

- A raiz pode determinar contextualmente a forma de R e de v;
- R não pode ter sua forma determinada por v e Th porque a inserção ocorre do núcleo mais interno para o mais externo;

Os IVs a. b.e c., que são igualmente elegíveis para inserção em todas as estruturas abaixo (figura 4) poderiam gerar tanto *emagrecer*, *amagrecer*, *esmagrecer* quanto *aquartejar*, *enquartejar*, *esquartejar* e *afeitiçar*, *enfeitiçar* e *esfeitiçar*.

Figura 4. Competição para inserção sem especificação contextual.

Por isso, devemos assumir que existe informação contextual especificada nos IVs em forma de listas de raízes, conforme representado abaixo nas regras de inserção de vocabulário para [+r] a serem lidas do seguinte modo: a. O traço morfosemântico [+r] se realiza fonologicamente como /a/ quando concatenado com raízes de uma lista de raízes, digamos lista A; o traço morfosemântico [+r] se realiza fonologicamente como /eN/ quando concatenado com raízes de uma lista de raízes, digamos lista B; o traço morfosemântico [+r] se realiza fonologicamente como /eS/ quando concatenado com raízes de uma lista de raízes, digamos lista C. As múltiplas realizações de um mesmo traço por diferentes formas fonológicas definem um caso de alomorfia contextual.

(424) Regras para inserção em [+r]

- a. [+r] ↔ /a//__ ◡ √LISTA-A (*amanhecer, amaciar, assenhorear*)
- b. [+r] ↔ /eN//__ ◡ √LISTA-B (*emagrecer, empilhar, encolerizar*)
- c. [+r] ↔ /eS//__ ◡ √LISTA-C (*esvaziar, esquartejar, esclarecer*)

Nossa análise de que esse tipo de escolha alomórfica é idiossincrática nos leva a duas previsões: i) que essas especificações não são inatas e ii) devem ser aprendidas pelos falantes em fase de aquisição. Não poderemos investigar tal previsão no contexto desta tese, mas espera-se que os falantes em fase de aquisição de verbos complexos cometam trocas em que usem outro prefixo em lugar do prefixo esperado. Esse instigante trabalho permanece em nossa agenda futura, mas apresentaremos na conclusão deste capítulo um pequeno estudo piloto baseado em logatomas que parece corroborar nossa análise.

O verbo *emagrecer* é um bom exemplo da atuação de regras regulares puramente fonológicas (e não de influencia morfofonológica). Após a inserção de vocabulário, no momento em que *c* (complementizador, grafado em minúsculas por ser um núcleo de fase) é concatenado, ele causa o *spell-out* do domínio cíclico no seu complemento, que inclui a raiz, R, v, Th e T, circulados abaixo¹⁵².

Spell-out: *emagreceu*

¹⁵² Não nos determos aos detalhes do domínio da flexão, pelo que representamos tempo (T) e concordância (AGR) em um mesmo local.

Em PF, a seguinte regra se aplica e, logo após, há dissimilação:

- (426) /n/ → [m] / __ [+ bilabial, - nasal]
 (enmagrecer > emmagrecer > emagrecer)

Neste momento, podemos diferenciar claramente dois tipos de alomorfia definidos pelos componentes em que são derivados. No caso da alomorfia contextual, a alomorfia se dá no momento da inserção de vocabulário, já a alomorfia fonologicamente condicionada (/e/~/en/~/em/) se dá em PF.

A derivação de verbos de mudança de lugar e de posse concreta se dá de modo diferente porque assumimos que os primeiros têm direcionalidade especificada influenciada pela natureza da raiz, que é uma entidade de tipo lugar, e os segundos têm direcionalidade não-especificada também influenciada pela natureza de entidade concreta da raiz. No segundo caso, existe somente uma transferência física sem especificação de movimento da direcionalidade.

Novamente, no momento da inserção vocabular, os mesmo IVs disponíveis em (419) são elegíveis para inserção, tal como na Figura 4. acima. Desse modo, precisamos especificar novamente os itens de vobulário.

- (429) Regras para inserção em [+r, +dir]
- a. [+r,+dir] ↔ /a//__ ◡ √_LISTA-D (apimentar, acorrentar)
 - b. [+r,+dir] ↔ /eN//__ ◡ √_LISTA-E (emplacar, envenenar)

O único verbo com o prefixo *eS-* nessa classe tem uma contribuição semântica que, de fato, é completamente especificada na forma dos traços [+r, +dir [fora]], como ocorre com os verbos de mudança de lugar, que investigamos agora.

A derivação de verbos mudança de lugar é a mais especificada possível. O núcleo R tem seus traços completamente especificados pela natureza da raiz do seguinte modo: quando a raiz é uma entidade que denota um lugar genérico, o IV em (419)a. é inserido, quando é do tipo contêiner, o IV em (419)b. é inserido. No entanto, novamente o traço [fora] deve ser especificado independentemente porque não há nenhuma informação na raiz que seja capaz de especificar esse traço.

Entretanto, essa análise de completa especificação para os verbos de mudança de lugar é muito frágil, na medida em que encontramos vários contraexemplos em que as raízes podem ser interpretadas como contêineres, logo especificadoras do traço [dentro] e os prefixos selecionados são a-: *aninhar*, *aprisionar*, *aquartelar*.

Tal fragilidade se deve ao fato de que a direcionalidade codificada no verbo no PB vem diminuindo, e talvez seja uma informação residual nos dados em que está presente. Uma prova disso é o fato de que o prefixo *eS-* não é capaz de formar neologismos: esse traço não é ativo.

5.3.2. A inserção em *v*

Ao investigar como se dá a inserção de vocabulário nos núcleos *v*, estaremos testando as seguintes suposições de C1-LIN:

- a. A raiz pode determinar contextualmente a forma de R e de *v*;

c. *v* não pode ter sua forma determinada contextualmente por R porque a raiz nunca será fonologicamente nula;

Os dados da tabela 37, em que há verbos como *amaciar* e *amadurecer*, *emagrecer* e *engordar* e *esclarecer* e *esfriar* e os *doublets* em (420), que atestam a independência entre prefixos e sufixos, corroboram a previsão em c: a forma fonológica sufixal, ou seja o IV a ser inserido em *v* não depende da forma de R.

No capítulo 4, assumimos que há dois tipos de verbalizadores: *v*_[+voice] e *v*_[-voice]. Demonstramos que não é possível assumir que *-ec-* é sempre a realização fonológica de *v*_[-voice] (em outras terminologias de vBECOME), assim como não é possível assumir e que *-iz-* é sempre a realização de *v*_[+voice] (vCAUSE). Observe a tabela abaixo em que apresentamos a distribuição dos sufixos de acordo com o tipo de verbalizador:

	Sufixos											
Tipo de <i>v</i>	ec		iz		e		ej		Ø		Total	
<i>v</i> [+voice]	17	43,6%	2	66,7%	6	85,7%	3	100,0%	176	78,6%	204	73,9%
<i>v</i> [-voice]	20	51,3%	1	33,3%	1	14,3%	0	0,0%	21	9,4%	43	15,6%
<i>v</i> [±voice]	2	5,1%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	27	12,1%	29	10,5%
Total	39	100,0%	3	100,0%	7	100,0%	3	100,0%	224	100,0%	276	100,0%

Tabela 38. Tipos de *v* vs. sufixos

Em termos estruturais, temos dois tipos de verbalizadores: *v*_[+voice] que licencia *Voice* [$\pm$ ag] e que é realizado fonologicamente pelos alomorfes Ø, *-iz-*, *-ec-* e *v*_[-voice] que nunca licencia *Voice*, mas pode licenciar opcionalmente uma posição de especificador marcada como [$\pm$ ag], e também pode ser realizado fonologicamente pelos alomorfes *-ec-*, *-iz-*, *-e-* e Ø. A tabela abaixo sumariza as possíveis realizações sufixais desses dois verbalizadores encontradas em nosso estudo. Outras realizações para esses núcleos são possíveis, mas não estão sob nosso escopo no momento (ex. *-if-* em *tonificar*, *-iç-* em *esbranquiçar*, *-it-* em *saltitar*, etc). Sobre *-ej-* falaremos com mais detalhes na próxima subseção.

potencialização parece ser motivada pela categoria adjetival da inserção anterior; no entanto, observamos dados em que parece que é a forma fonológica que guia a inserção de *-iz-* mais do que a categoria. Isso porque todos as terminações dos sufixos listados acima (*-or*, *-al*, etc) bem como as terminações de palavras não sufixadas (como *em álcool*, *moral*, *hospital*) são consoantes líquidas. Se pensássemos em criar uma forma verbal a partir de um nome próprio como *Carol*, *Juvenal* ou *Jabor* teríamos *Carolizar*, *Juvenalizar* e *Jaborizar* ao passo que sabemos que *Maluf* foi verbalizado como *Malufar*. Por isso, em trabalho futuro analisaremos uma quantidade maior de verbos formados com *-iz-* com vistas a responder melhor essas questões e decidir se podemos abandonar as noções categoriais na regra em (433) acima para a inserção de *-iz-*, reescrevendo-a como uma regra puramente fonológica ou morfofonológica. No momento, vamos manter a presente formulação em que admitimos tanto a relevância de informações categoriais quanto fonológicas. Na estrutura abaixo, vemos que a inserção em *v* se define por localidade, de acordo com o material (ou categoria) do nó terminal mais interno. Se não houver nenhum nó intermediário entre *v* e a raiz, algumas poucas raízes são especificadas para receber a forma *-iz-*.

A escolha do alomorfe *-ec-* para o núcleo $v_{[+voice]}$ não se baseia em restrições fonológicas. Contudo, notamos que essa forma ocorre quando *v* está concatenado diretamente à raiz na maior parte dos casos. Em alguns casos em que parece que se anexa a palavras derivadas, como em *alvorecer*, vemos que *alvor* se trata de uma cristalização que se comporta hoje como uma raiz simples. Por isso, não nos parece absurdo pensar que a escolha de *-ec-* se guia por informação idiossincrática da raiz, como se lê na regra em b: o núcleo $v_{[+voice]}$ é realizado por /ec/ quando concatenado a um número determinado de raízes de uma lista idiossincrática B. Essa ideia está de acordo com a natureza residual/histórica desse sufixo, como uma herança de um sufixo latino

incoativo que foi muito produtivo naquela língua e parcialmente produtivo no português. Hoje, acreditamos que esse sufixo não esteja disponível para formação de neologismos, mas tal afirmação só pode ser verdadeiramente comprovada após pesquisa experimental (apontaremos essa questão no Conclusão da tese). O alomorfe $\emptyset$ é sem dúvida o mais produtivo na medida em que não há restrições para a sua anexação. Lembramos que a competição deve seguir a ordem apresentada na regra em (433) e, logo, aqueles itens que encontrarem suas especificação em a. e b. não estão mais disponíveis para verificação em c. Por exemplo, na inserção de *v* para a formação de *formalizar*, o IV será inserido após o escaneamento da regra em a., em que encontrará sua descrição estrutural; para inserção em *esclarecer*, o escaneamento cessará quando encontrar a descrição estrutural apropriada em b. passando por a.; e, finalmente, todos os itens que não encontrarem suas descrições estruturais em a. e b. receberão a forma *default* $\emptyset$ ao escanear a regra c. (gerando *embebedar*, *acorrentar*, etc). Isso nos faz lembrar um importante detalhe sobre regras *default*: os itens *default* não são necessariamente os mais numerosos, mas aqueles que apresentam menos restrições estruturais, embora, nesse caso específico, tenhamos uma coincidência: o item $\emptyset$ é o *default* e o mais numeroso.

Trataremos agora da inserção em $v_{[-voice]}$. Como vimos, a ocorrência do alomorfe *-iz-* é ainda inovadora e talvez seja mais o fruto de uma coerção de estruturas do que propriamente uma opção de realização para $v_{[-voice]}$. Por isso, sem investigação adicional, não podemos afirmar mais do que contém a regra em (435) abaixo: que a inserção de *-ec-* é guiada também por uma propriedade idiossincrática da raiz (porque não observamos restrições fonológicas ou morfológicas) e que o item $\emptyset$ é o item *default*. Além disso, para itens como *esverdear* e *trovejar* devemos admitir a possibilidade de inserção dos alomorfes *-e-* e *-ej-* em $v_{[-voice]}$.

(435) Regras para inserção em $v_{[-voice]}$

- a. $v_{[-voice]} \leftrightarrow /es/ \sqrt{\text{LISTA-H}} \curvearrowright __$ (amadurecer, apodrecer)
- b. $v_{[-voice]} \leftrightarrow /e/ \sqrt{\text{LISTA-I}} \curvearrowright __$ (esverdear)
- c. $v_{[-voice]} \leftrightarrow /e/ \text{ / LISTA-J} \curvearrowright __$ (trovejar, gear)
- d. $v_{[-voice]} \leftrightarrow \emptyset \text{ / nda}$ (murchar, enferrujar)

Veja que, em casos de raízes subespecificadas, como $\sqrt{\text{MOL}}$ de *amolecer*, em que podemos admitir um comportamento estrutural que indica a presença tanto de $v_{[+voice]}$ quanto de

$v_{[-voice]}$, devemos admitir que a mesma raiz está presente em duas listas, mas em regras diferentes. Isso não nos gera graves problemas porque a inserção para esse núcleo se dará exclusivamente em uma das duas categorias. Em outras palavras, nunca haverá uma competição em que os itens que contêm a mesma raiz competem de modo a chegar a um empate: ou a estrutura contém $v_{[+voice]}$ ou $v_{[-voice]}$, nunca ambos.

Precisamos discutir um problema decorrente da análise que oferecemos: os *doublets* que nos serviram de evidência para negar circunfixação (*endoidar/endoidecer*, *enricar/enriquecer*, *embolorar/embolorecer*). Esses *doublets* são problemáticos na medida em que, para uma mesma raiz, dois alomorfes sufixais são escolhidos: *-ec-* ou $\emptyset$. Também podem parecer problemáticos casos como *amadurecer* e *madurar*, *ruborizar* e *enrubescer*. O fato é que um mesmo falante dificilmente vai ter as duas formas disponíveis em seu dialeto/idioleto, como nos parece ser o caso para *madurar* e *amadurecer* por exemplo com o mesmo uso. Isso mostra que uma raiz pode estar em diferentes listas para diferentes falantes a depender de variação dialetal/idioletal. Já para *ruborizar* e *enrubescer* há diferença estrutural (uma estrutura com $v_{[+voice]}$ e outra com $v_{[-voice]}$), assim como ocorre em *esclarecer* e *clarear*. Se um mesmo falante apresenta um caso de variação livre, podemos pensar em um processo de mudança, em que uma raiz passa de uma determinada lista a outra. O vocabulário da língua está aberto a mudanças, assim como está o léxico em teorias lexicalistas.

Concluimos, então que a inserção de IV em v é de fato guiada por localidade, sendo definido ou pelo núcleo anterior a ele em palavras derivadas ou pela raiz (corroborando a assunção em a.). Além disso, ao observar como a raiz pode definir o alomorfe contextualmente tanto de R quanto de v , chegamos ao seguinte achado contra Rio-Torto (2004) e Pereira (2007):

A suposta dependência prefixo-sufixo nos verbos parassintéticos é um **epifenômeno** derivado do fato de que ambas as inserções de vocabulários em R e v ocorrem em um contexto em que ambos estão diretamente concatenados com a raiz. Por isso, não assumimos uma análise em termos de circunfixação.

Finalmente, vamos comentar brevemente a inserção do sufixo *-ej-* e *-e-* em verbos de modificação de v porque não temos um grande número de dados organizados de modo cuidadoso para tecer conclusões seguras. Vimos, no capítulo 4, que esses morfemas estão associados, em

muitos exemplos, a uma interpretação atélica do evento, apresentando um comportamento um pouco mais consistente do que os outros sufixos. Por isso, assumimos que o *v* relizado por essas peças, em geral *v*_[+voice], contém também inicialmente um traço inerente aspectual [-télico], que pode ser alterado estruturalmente. Como também já destacamos, esse tipo de *v* possui diversos alomorfes, entre eles *-isc-*, *it-* e $\emptyset$. Não descartamos a hipótese de um traço que denote repetição em *v* (talvez mesmo outros traços de aspecto, como duratividade/dinamicidade possam atribuir junto com aspecto atélico o caráter de repetição), mas por enquanto não nos aprofundaremos nesse tópico¹⁵³. Além disso, não observamos casos em que uma mesma raiz pode ser seguida de um ou outro dos 4 sufixos abaixo com o mesmo tipo de contribuição semântica e argumental (por exemplo, uma variação livre entre *apedrejar* e **apedrear/*apedricar/*apedrisca* ou entre *piscar* e **pisquear/*pisquejar*, *batucar* e **batuquear/*batuquejar*, que são formações possíveis do ponto de vista fonológico e semântico), mas observamos variações dialetais, como é o caso de *planejar* em PB e *planear* em PE. Por isso, propomos a seguinte regra para inserção de vocabulário em *v*_[+voice, -télico], em que, novamente, as listas de raízes devem ser especificadas:

(436) Regras para inserção em *v*_[+voice, -télico]

- a. *v*_[+voice, -télico] ↔ /e//√LISTA-K ◡ ____ (sapatear)
- b. *v*_[+voice, -télico] ↔ /it//√LISTA-L ◡ ____ (saltitar)
- c. *v*_[+voice, -télico] ↔ /isk//√LISTA-M ◡ ____ (mordiscar)
- d. *v*_[+voice, -télico] ↔ /eʒ //√LISTA-N ◡ ____ (apedrejar)
- e. *v*_[+voice, -télico] ↔ $\emptyset$ / nda (piscar, batucar)

Como conclusão, podemos afirmar que em diversos contextos a previsão em a. se aplica: a raiz pode definir contextualmente o alomorfe de *v*.

¹⁵³ Com vistas a pesquisa futura, já temos as listas de verbos terminados em *-ejar*, *-izar* e *-ear* que visamos estudar com novos critérios de frequência, com base em corpora e outras ferramentas, como apontado no capítulo 1.

Já na formação do verbo *adormecer*, a mesma raiz não consegue definir a forma de Th porque há um núcleo interveniente fonologicamente realizado com informação de classe que impede a comunicação entre Th e raiz, que é a forma *-ec-*. Nesse caso, a informação de classe, embora ainda idiossincrática, não provém da raiz. Por isso, alguns autores tradicionais afirmam que *-ece-* é um sufixo que inclui a vogal temática *e*, por sua total dependência. Essa assunção nos parece problemática porque há verbos que contêm a VT *e* e não contêm o sufixo *-ec-*, como *comer* e *fazer*.

Novamente os *doublets* de (420), retomados abaixo, são material empírico relevante em dois sentidos. Primeiro, vemos que se *v* for fonologicamente nulo $\emptyset$, Th pode terminar em uma relação de linearidade com a raiz, e, como essas raízes não têm nenhuma especificação com relação a classe, ele é preenchido por uma VT *default* de primeira conjugação.

(439) *Doublets* morfológicos: foco nas VTs

- a. **en-ric-Ø-a-r** vs. **en-riqu-ec-e-r**
- b. **en-bolor-Ø-a-r** vs. **en-bolor-ec-e-r**
- c. **en-doid-Ø-a-r** vs. **en-doid-ec-e-r**

Ainda, provamos que não há influência entre R e Th, corroborando a previsão em d. Novamente, provamos que não há circunfixos, uma vez que excluído *-ec-*, *eN-* se mantém nessas formações. Além disso, podemos assumir que o único verbalizador que contém informação de classe é *-ec-* porque em todos os outros casos há inserção da VT *default*. Por exemplo, quando temos *morder* e *mordiscar*, *beber* e *bebericar*, assim como ocorre em (438), os sufixos *-isc-* e *-ic-* bloqueiam a comunicação entre raiz e Th, mas esses sufixos não possuem nenhuma informação de classe, o que leva ao preenchimento com um traço de classe default [1]. Não podemos assumir, no entanto, que são sempre os verbalizadores e não as raízes que possuem informações de classe (como afirma Acquaviva, 2009) com base nas evidências do português porque não temos casos de alternâncias com diferentes sufixos que definem para a mesma raiz diferentes VTs (hipoteticamente algo como *amolecer* incoativo e **amolizar* causativo). A evidência empírica advinda unicamente de *-ec-* como possível verbalizador com informação de classe é muito fraca frente aos diversos verbos de primeira e segunda conjugação em que as raízes estão em uma relação direta de linearidade com Th.

Com base nessa discussão, sugerimos a seguinte regra para inserção de vocabulário, que deve ser lida da seguinte forma: a. o núcleo Th é especificado com o traço de 2a conjugação e recebe a vogal *e* quando concatenado por linearidade com raízes de uma determinada lista (raízes de segunda conjugação) ou com o sufixo *-ec-*; b. O núcleo Th é especificado com o traço de 3a conjugação e recebe a vogal *i* quando concatenado por linearidade com raízes de uma determinada lista (raízes de terceira conjugação), c. O núcleo Th é especificado com o traço de 1a conjugação e recebe a vogal *a* por uma regra *default* nos demais ambientes.

(441) Regra para inserção vocábular em Th:

- a. Th $\leftrightarrow$ [2, -e-] / $\sqrt{\text{LISTA-F}} \frown + \text{ec} __ \frown$ (*comer, enriquecer*)
- b. Th $\leftrightarrow$ [3, -i-] / $\sqrt{\text{LISTA-G}}$ (*sorrir*)
- c. Th $\leftrightarrow$ [1, -a-] / *nda* (*amar, caramelizar, esbranquiçar, mordiscar*)

5.3.4. Dados possivelmente desafiadores para C1-LIN

A maior parte dos dados observados parece corroborar, de fato, a teoria C1-LIN, mas esse sucesso depende da nossa escolha em analisar as formações verbais como derivadas diretamente de raízes na falta de evidência morfológica contrária. Isso porque se assumirmos que há um categorizador nulo *n* ou *a* entre a raiz e *v*, seguindo a Generalização b. da teoria (retomada abaixo), temos que a raiz nunca pode exercer alomorfia contextual sobre *v*, e todas as regras para inserção em todos os tipos de *v* apresentam casos de alomorfia contextual definida pela raiz. Para ficar mais claro, vejamos o exemplo paralelo à generalização b. em (443)

(442) **Generalização: b. . . . a/ x/ y/**

O (núcleo) cíclico y não pode mostrar alomorfia contextual determinada por a, mesmo se x não for realizado fonologicamente.

(443) **R[RAIZ]*n/a*v**

O (núcleo) cíclico v não pode mostrar alomorfia contextual determinada pela RAIZ, mesmo se n (ou a) não for realizado fonologicamente.

Se assumirmos derivações deadjetivais ou denominais para verbos como *enriquecer* (que viria então de *rico*), *caramelizar* (de *caramelo*), *apedrejar* (de *pedra*), teríamos problemas para C1-LIN. No entanto, como já argumentamos antes, não vemos evidências empíricas reais quando estamos trabalhando em uma teoria como a MD para assumir tais derivações (Cf. Subseção 3.2.1).

Por outro lado, temos casos em que há evidências morfológicas concretas para derivações denominais: como exemplo tomemos *abrasileirar* e *enfileirar*, em que após a presença do sufixo nominal/adjetival *-eir(o/a)* há uma verbalização. Esses casos não se apresentam como problemáticos, de fato, mas como mais uma evidência em favor da teoria C1-LIN. Isso porque as realizações de *v* em derivações morfológicamente complexas como essas são sempre *default* ($\emptyset$), o que é uma evidência de que *v* não se comunica com a raiz para fins de alomorfia contextual por conta do bloqueio imposto pela realização fonológica presente em *n/a*. Por consequência, como

discutido na subseção anterior, Th também não pode acessar a raiz e se realiza sempre como *default*. Observemos o exemplo paralelo abaixo em (444) e estrutura arbórea em (445):

5.4. Conclusão do capítulo

Nesse capítulo, investigamos os princípios que guiam a especificação e manipulação dos traços e a inserção dos itens de vocabulário nos nós terminais R, v e Th. Para tal, utilizamos a teoria de alomorfa C1-LIN proposta em Embick (2010). Para a inserção em R, concluímos que uma análise completamente especificacional (lexicalista) ou uma análise completamente baseada em localidade de anexação (nos termos de Svenonius (2004) ou Marantz (2009) não são totalmente satisfatórias para explicar as semelhanças semânticas, morfológicas e estruturais entre os prefixos *a-*, *eN-* e *eS-*. Por isso, optamos por uma análise por subespecificação dos traços de R em que nos valem de noções como o princípio do subconjunto e de competição. No que se refere à inserção em v, observamos que a escolha da forma *-iz-* pode ser guiada por potencialização morfofonológica e a inserção do sufixo *-ec-* é idiossincrática. Por fim, com relação à realização de Th, observamos claramente o papel da linearidade na escolha da vogal temática. Após descartar possíveis casos desafiadores para C1-LIN, podemos afirmar que todas as previsões de a. a f. retomadas abaixo se concretizam, provando que essa teoria tem valor empírico com base em nossos dados.

- a. A raiz pode determinar contextualmente a forma de R e de *v*;
- b. R não pode ter sua forma determinada por *v* e Th porque a inserção ocorre do núcleo mais interno para o mais externo;
- c. *v* não pode ter sua forma determinada contextualmente por R porque a raiz nunca será fonologicamente nula;
- d. Th pode ter sua forma contextualmente determinada por *v*;
- e. Th pode ter sua forma contextualmente determinada por R se *v* for fonologicamente nulo;
- f. Se se tratar de uma formação denominal, com *n* intervindo entre raiz e *v*, *v* nunca poderá ter sua forma determinada pela raiz porque está em outro domínio cíclico.

Pode parecer ao leitor que nossa análise para inserção em *v* e em R seja demasiadamente idiossincrática. Contudo, nesse sentido, gostaríamos de destacar a variação existente entre a expressão de verbos parassintéticos presente nas línguas românicas. Tal fato só nos leva a corroborar que a escolha das formas prefixais e sufixais é, de fato, guiada por idiossincrasia e, logo, é específica para cada língua em muitos casos. Observemos as diferenças na tabela abaixo em que comparamos uma pequena quantidade de verbos em português, catalão, espanhol, francês, galeco e italiano. Mesmo em latim, quando se trata de verbos chamados incoativos, há grandes diferenças. Vejamos por exemplo a diferença entre *duresco* e *vespareasco* correspondentes a *endurecer* e *entardecer*, respectivamente.

	Português	Catalão	Espanhol	Francês	Galego	Italiano
1.	adoçar	endolcir endolçar endulzar	endulzar	sucrer adoucir	adoçar	addolcire
2.	amolecer	Ablanin/ablandar	ablandar	amollir	amolecer	mollicicare
3.	anoitecer	-	anohecer	Faire nuit	anoitecer anohecer	Fare notte
4.	entardecer	-	atardecer	-	atardecer entardecer	- ¹⁵⁴
5.	endurecer	endurir	endurecer	durcir	endurecer	indurire
6.	enganchar	enganxar	enganchar	accrocher	enganchar	agganciare
7.	ensaboar	-	enjabonar	savoner	ensaboar	Insaponare
8.	ensacar	-	acondicionar	ensacher	ensacar	insaccare
9.	esclarecer	aclarir	esclarecer	éclaircir	aclarar	schiarare
10.	esfriar	refredar/enfredorir	enfriar	refroidir	arrefriar esfriar	freddare
11.	esquartejar	-	descuartizar	écarteler	esquartejar	macellare
12.	esquentar	escalfar	calentar	échauffer	quentar	scaldare
13.	esvaziar	buidar	vaciar	vider	esvaziar	svuotare

Tabela 40. Comparação de verbos em algumas línguas românicas.

Além disso, realizamos um *wug*-teste piloto, a ser retomado em continuidade de nossa pesquisa, em que vemos que a escolha dos alomorfes para R e v também pode variar entre os falantes de uma mesma língua. A seguir, apresentamos a instrução e em seguida a tabela comparativa de resultados.

Instrução: Preencha a lacuna com um verbo relacionado à palavra destacada na primeira sentença. Não use expressões do tipo “fez/ficou x”. A lacuna só pode conter uma palavra. Muito obrigada.

1. Meu sapato não era **pibo**, mas eu deixei ele no por um tempo sol e ele _____.
2. Eu quero colocar todos esses doces nas **lubas**. Eu vou _____ os doces.
3. Eu quero colocar os **tivos** nos quadros. Eu vou _____ os quadros.
4. Minha mãe é muito amiga, vive me dando bons **denos**. Ela me _____ sempre.

¹⁵⁴ Esse sinal não significa que não é possível exprimir o significado do verbo em questão, apenas indica que não encontramos uma forma verbal complexa equiparável.

5. Eu vou organizar todos os meus alunos em **lidras**. Eu vou _____ os livros.
6. garoto ameaçou a colega com uma **tuga** de metal. Ele disse: vou te _____.
7. Ele quer sempre ser o **napo** da situação. Ele quer _____ todas as comissões.

As classes que esperávamos testar com as sentenças de 1. A 7. são as seguintes:

1. Mudança de estado;
2. Mudança de lugar;
3. Mudança de posse concreta;
4. Mudança de posse abstrata;
5. Mudança de configuração do argumento interno;
6. Modificação de *v* (Instrumental);
7. Modificação de *v*

Como vemos nos resultados preliminares da tabela 41 abaixo, há variação entre os falantes. Nos verbos de mudança de estado, a escolha da realização de R varia entre $\emptyset$ e *eN*- e *v* é categoricamente realizado como $\emptyset$; nos verbos de mudança de lugar, R é majoritariamente realizado por *eN*- e *v* por $\emptyset$; nos verbos de mudança de posse concreta, *eN*- é também majoritariamente escolhido para R e $\emptyset$ para *v*; nos verbos de mudança de posse abstrata, há variação equilibrada na escolha de *a*-, *eN*- e $\emptyset$ para R e um falante emprega a forma prefixal *bem*-, refletindo claramente uma leitura benefactiva; nos verbos de mudança de configuração há preferência por *eN*- e $\emptyset$, mas é nessa classe que ocorre a primeira ocorrência de *-iz*-; nos verbos de modificação de *v* há uma maior escolha da forma *-e*- para a realização de *v*, o que parece corroborar nossa proposta de que esse morfema realiza um tipo específico de *v* que contém o traço [-télico].

Resultados¹⁵⁵

Classe semântica	1.M. de estado	2.M. de lugar	M. de PosseC	M. de PosseA	M. de config.	Mod. de v (ins)	Mod. de v
falante/ logatoma	<i>Pibo</i>	<i>luba</i>	<i>tivo</i>	<i>deno</i>	<i>lidra</i>	<i>tuga</i>	<i>napo</i>
1. A.P.	en-pibar	en-lubar	tivar	denar a -denar den- e -ar	lidrar a -lidrar	tugar es -tugu- e -ar	nap- e -ar
2. A.R.	Pibar	lubar	tivar	denar	lidrar	tugar	napar (em)
3. B.S.	Pibar	lub car	en -tivar	bem denar	in -lidrar	"machucar"	nap- e -ar
4. E.L.	Pibar	lubar	tivar	denar	lidrar	tugar	napar
5. I.N.	Pibar	en -lubar	tivar	a -denoar	en -lidrar	es -tugu- e -ar	nap- e -ar
6. J.C.	Pibar	en -lubar	en -tivar	a -denar	en -lidrar	tugu- e -ar	napar napa- liz -ar
7. L.O.	Pibar	en -lubar	tivar	a -denar	lidrar	en -tugar	nap- e -ar
8. L.S.	en -pibar	en -lubar	en -tivar	en -denar	en -lidrar	en -tugar	en -apar
9. P.A.	Pibar	en -lubar	en -tivar	denar	en -lidrar	tugar	napar
10.P.B.	Pibar	en -lubar	en -tivar	en -denar	lidrar	en -tugar	napar
11.R.L.	Pibar	lubar	tivar	-	lidral- iz -ar	tugar	nap- e -ar
12.R.M.	en -pibar	en -lubar lubar	en -tivar tivar	en -denar	en -lidrar	en -tugar	nap- e -ar
13.V.N.	Pibar	en -lubar	tivar	denar	en -lidrar	tugar	napar

Tabela 41. *Wug*-teste piloto.

¹⁵⁵ M. = Mudança, PosseC = Posse concreta; PosseA = Posse abstrata; config. = configuração; Mod = modificação; ins = instrumental.

CAPÍTULO 6. Conclusões

Este capítulo de conclusões está organizado de modo a mostrar as contribuições para o campo de estudo, em especial no campo da interface entre morfologia e estrutura argumental, na forma de respostas às questões iniciais apresentadas na seção 1.3. A segunda parte deste capítulo ressalta as limitações encontradas para a realização deste estudo e como podemos transformá-las em direcionamentos futuros para esta pesquisa.

6.1. Contribuições

Na seção 1.3. declaramos ter como objetivo responder às questões abaixo. Na seção 1.5. apresentamos nossas hipóteses iniciais acerca dessas questões. Nesta seção, oferecemos breves respostas cujas discussões completas e evidências podem ser encontradas ao longo dos capítulos anteriores, conforme apontaremos, e relatamos, ao fim de cada resposta, se nossas hipóteses iniciais puderam ser comprovadas ou não.

- **Questões (originalmente seção 1.3.)**

- a) *Qual a natureza e a função dos afixos ditos verbalizadores na formação de verbos complexos no português brasileiro nos diferentes ambientes listados na seção anterior? É possível que esses afixos sejam a realização fonológica de núcleos funcionais (morfemas abstratos) que tenham alguma influência sobre a determinação final da estrutura argumental do verbo formado, por exemplo? Se sim, essa influência é única para todos os morfemas ou depende de cada peça inserida?*

Resposta para a):

Nossa investigação apontou que os prefixos das formações parassintéticas podem ser a realização fonológica de núcleos de natureza lexical e funcional (à semelhança de preposições) que são responsáveis por introduzir o argumento interno na estrutura e, nos verbos de mudança,

relacioná-lo à semântica denotada pela raiz (Cf. Subseção 3.3.3.1). Por essa natureza relacionadora, rotulamos o núcleo como R (relacionador) e assumimos que ele tem, minimamente, o traço [+r]. Em alguns poucos casos, esse núcleo apresenta especificação direcional [+dir] que, na maior parte das vezes, é uma contribuição dada pela raiz. Com isso, desmistificamos a ideia de que esses prefixos são em princípio morfemas direcionais. Observamos que a informação direcional é muito residual e não pode ser a principal característica desses prefixos. Em muitos casos, os prefixos se comportam como alomorfes e não apresentam as distinções semânticas que a literatura afirma que eles têm (Cf. Subseção 3.1.1.) Com a resposta a essa questão, podemos dizer que corroboramos a **hipótese b. da seção 1.5**.

Assumimos que os sufixos são realizações de núcleos funcionais verbais de tipo $v_{[+voice]}$, $v_{[-voice]}$ (Cf. Seção 4.1.) e $v_{[+voice, -téllico]}$ (Cf. Seção 4.2.), mas observamos que a ocorrência dos sufixos em tipos de eventos verbais também não se dá de modo tão sistemático como afirma a literatura (Cf. Subseção 3.1.2). Por exemplo, notamos que a morfologia sufixal do PB aponta certas tendências em termos de inclusão na classe de verbos de mudança de estado internamente ou externamente causada, mas sua ocorrência não é consistente (Cf. Seção 4.1). Vimos que verbos que contêm *-iz-* passam a participar de alternâncias, podendo indicar a sua conceitualização como internamente causados (*O computador inicializou sozinho, O mel cristalizou sozinho*), e verbos com *-ec-* ocorrem em estruturas em que a raiz pede, necessariamente, uma causa externa ou é subespecificada. Com a resposta a essa questão, podemos dizer que corroboramos parcialmente a **hipótese c. da seção 1.5**.

b) Quais os tipos de raízes/quais as propriedades das raízes que podem fazer parte da formação de tais verbos? Elas têm características específicas ou, em outras palavras, existem restrições ao tipo de raiz que compõe essas formações complexas?

Resposta para b):

Notamos que o tipo semântico da raiz envolvida em cada estrutura, tem influência no tipo de verbo formado. Há raízes que denotam prototipicamente um estado, um lugar, uma entidade (concreta ou abstrata), uma entidade criada no evento. Além disso, as raízes podem se concatenar à estrutura de dois modos: como complemento do núcleo v , formando estruturas de mudança e resultado (Cf. Seção 4.1.) ou como adjunto do núcleo v , formando estruturas de modificação do

evento (Cf. Seção 4.2.). No entanto, o tipo da raiz pode ser manipulado a fim de sofrer coerção por um processo metonímico ou por coerção estrutural. (Cf. Capítulo 4).

c) Qual o estatuto desses afixos em formações em que aparentemente só se pode depreendê-los “historicamente”? Qual a relação deles com as formações correntes? E como explicar os resultados não-composicionais da formação de verbos com uma proposta sintática que, em princípio, disponibiliza operações que geram resultados previsíveis?

Resposta para c):

A resposta para a questão c. pode ser dividida em duas partes. Primeiro, na primeira parte do capítulo 2, exploramos as formações parcialmente transparentes e as analisamos como fruto de um processo de reanálise histórica. Comparamos esse processo ao processo de desaparecimento de preverbos e sugerimos que essa mudança pode ser explicada em termos de estrutura nos termos de Roberts e Roussou (2003). Mostramos que existe um *continuum* entre as formações completamente fossilizadas, reanalisadas como simples, as formações em processo de mudança e as formações completamente transparentes e composicionais.

No que se refere à segunda parte da pergunta em c., fizemos uso de uma leitura revisitada da restrição de localidade na interpretação das raízes para explicar os resultados não-composicionais em uma análise sintática. Apesar de ser uma análise sintática, nos valem da noção de polissemia das raízes na forma da emergência do significado múltiplo contextualizado sugerido por Arad (2003). Desse modo, pudemos representar também verbos transparentes e composicionais como formações derivadas diretamente da raiz, na ausência de evidência morfofonológica contrária, sem que esse fato nos leve a assumir que formações de raiz levam necessariamente a resultados especiais.

d) Qual a relação entre a realização das vogais temáticas, os afixos verbalizadores e as raízes?

Resposta para d):

Tratamos das vogais temáticas principalmente nos capítulos 2 e 5. No capítulo 2, vimos que existe uma forte correlação entre maior transparência e primeira conjugação e menor transparência e terceira conjugação e que tanto as formas arcaicas dos alomorfes prefixais como a

vogal temática de terceira conjugação são tidas como peças não produtivas na sincronia da língua. No capítulo 5, vimos que a inserção de vocabulário no núcleo Th inserido pós sintaticamente é completamente guiada por localidade e linearidade corroborando as previsões da teoria C1-LIN. Os *doublets* morfológicos como *endoidecer* e *endoidar* e *dormir* e *adormecer* são evidência empírica disso. Além disso, concluímos que não podemos assumir que são sempre os verbalizadores e não as raízes que possuem informações de classe (como afirma Acquaviva, 2009) com base nas evidências do português porque não temos casos de alternâncias com diferentes sufixos que definem para a mesma raiz diferentes VTs. (Cf. Subseção 5.2.3.). Com a resposta a essa questão, podemos dizer que corroboramos a **hipótese d. da seção 1.5**.

e) Finalmente, a formação interna desses tipos de verbos complexos pode revelar que a formação de palavras e a formação de sentenças se dá no mesmo componente corroborando a validade de uma teoria sintática para a formação de palavras?

Resposta para e):

Podemos afirmar que a resposta a essa questão é a mais complexa do trabalho. Isso porque ela depende em parte de evidências empíricas mas também de uma discussão teórica aprofundada e, por vezes, a resposta pode divergir a depender da teoria com a qual se está trabalhando. O que podemos afirmar é que nossos dados apontam que não é possível fazer uma separação estanque entre a morfologia de um verbo complexo e sua estrutura argumental, entendida por alguma teorias como estrutura sintática. Apesar disso, para que pudéssemos tratar os dados com todos a riqueza de detalhes que eles nos oferecem, tivemos que “carregar” o componente sintático com muitas informações semânticas, incluindo traços direcionais e a tipologia das raízes. Acreditamos que, para tratar sintaticamente a morfologia derivacional, não há como escapar da relevância da semântica lexical. Por isso, novamente, acreditamos que, como afirmamos no início do capítulo 1, há muitas visões estreitas e viesadas da teoria da MD que não permitem ver que esse modelo não é “só sintático”. Nossa atração por esse modelo se dá justamente pelo alto poder de interação que ele permite aos componentes da gramática, desde a importância da interpretação das raízes, passando pelo fator estrutural, pela morfofonologia e pela fonologia pura. Com a resposta a essa questão, podemos dizer que corroboramos a **hipótese**

a. da seção 1.5, bem como trouxemos novas hipóteses para o campo de estudo morfologia vs. estrutura argumental.

6.2. Limitações do estudo e direcionamentos futuros

Algumas limitações permeiam os resultados deste estudo. A primeira delas diz respeito às conclusões obtidas no capítulo 2 de que há verbos parcialmente transparentes que ainda são analisáveis. Para que se tenha evidência mais robusta dessa afirmação, devemos realizar testes psicolinguísticos que comprovem que o tempo de processamento desses verbos é maior do que o tempo de processamento de verbos classificados como simples. No mesmo sentido, espera-se que o tempo de processamento de verbos transparentes e composicionais, como os explorados no capítulo 4, seja superior aos demais, e mesmo que existam diferenças de processamento entre os tipos de estruturas argumentais, a depender de sua complexidade. Desse modo, esse é um ponto que fora excluído de nosso estudo. Acreditamos que agora, após a análise teórica, teremos as ferramentas e a maturidade necessárias para proceder a testes experimentais na linha dos utilizados em Cid (2009) de modo cauteloso. A seguinte citação de Marantz (2012:165) embasa nossa escolha:

*One may ask, then, in the case of verbal argument structure, is linguistics ready for primetime in the cognitive neurosciences? Here, we should start with a cautionary note. Linguistic theory, including the theory of argument structure, involves some level of complexity that cannot be ignored when the implications of the theory are investigated within cognitive neuroscience. For example, take the unaccusative hypothesis sketched above. An oversimplification of this hypothesis would involve a contrast between sets of unaccusative and unergative verbs.*¹⁵⁶

¹⁵⁶ Pode-se perguntar, então, no caso de estrutura argumental verbal, a linguística está pronta para o *primetime* na neurociência cognitiva? Aqui, devemos começar com uma nota de precaução. A teoria Linguística, incluindo a teoria de estrutura argumental, envolve certo grau de complexidade que não pode ser ignorada quando as implicações da teoria são investigadas em neurociência cognitiva. Por exemplo, tome a hipótese inacusativa [...]. Uma simplificação dessa hipótese pode envolver em um contraste entre verbos inacusativos e inergativos. Mas, como explicado, um verbo não é inacusativo, mas uma estrutura é. (Tradução nossa).

Além disso, não pudemos inserir nesse estudo questões de produtividade dos verbos complexos e seu contraste com o uso de perifrases que, intuitivamente, nos parece mais produtivo em discursos informais. Se isso for confirmado, apenas como uma hipótese vaga e intuitiva, lançamos a ideia abaixo a ser investigada:

A menor produtividade dos verbos parassintéticos em comparação a suas formas analíticas (*emudecer* vs. *ficar mudo*, por exemplo) se deve a um processo de analiticização mais geral que sofre a gramática do PB. Tal analiticização se observa, por exemplo, na formação do tempo verbal futuro do presente.

Outro fator de caráter metodológico nos parece carente de maior atenção: acreditamos que os testes de julgamento de gramaticalidade, utilizados como metodologia de trabalho neste estudo, podem ser aperfeiçoados de modo a apreender mais do que as noções categóricas de gramaticalidade e agramaticalidade. É comum ocorrer discordância entre os falantes com relação à aceitabilidade de determinada formação, o que dificulta o trabalho de classificação e análise objetiva do pesquisador. Nesse sentido, para o futuro, objetivamos controlar fatores como frequência de uso, distinção entre aceitabilidade em termos de compreensão (quando o falante declara “entender” aquela expressão) e/ou possibilidade de produção (quando o falante declara que aquela é uma forma usada por ele), variação regional, entre outros, de modo a gerar menos discordâncias entre falantes e obter mais assertividade e precisão na exploração dos dados.

Por fim, não tivemos tempo de explorar a crença que temos de que o núcleo R pode ter estatuto cíclico ou não cíclico a depender da língua. Tal fato nos leva, naturalmente, a um estudo comparativo entre prefixos e partículas.

Além desses direcionamentos futuros, deixamos ao longo dos capítulos, indicações de questões que ainda não estão totalmente respondidas e que se tornam parte de nossa agenda de estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEDO-MATELLÁN, V. Una aproximació sintàctica als verbs prefixats en català. **Estudios Catalanos Revista internacional de lengua, literatura y cultura catalanas**, p. 41-78, 2006.

ACQUAVIVA, P. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, A.; REDINGER, D; YEO, N. (Eds.) **York-Essex Morphology Meeting 5**, p.1-21, 2009.

ACQUAVIVA, P.; PANAGIOTIDIS, P. Lexical decomposition meets conceptual atomism. **Lingue e Linguaggio** XI, n. 2 , p.165-180, 2012.

ALEXIADOU, A. The problem with internally caused change of state verbs. **Linguistics**, in press.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, M. **Phases of Interpretation**. Berlin: Mouton, p. 187-211, 2006.

ALLEN, J.H.; GREENOUGH, J.B. **Allen and Greenough's New Latin grammar for schools and colleges, founded on comparative grammar**. New Rochelle, New York: Caratzas Brothers, 1979.

ALVES, I.M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

AMIRIDZE, N. Verb forms inside verb forms. The case of the modern spoken georgian proverbs. In: 11TH INTERNATIONAL MORPHOLOGY MEETING, 2004.

ARAD, M. Locality Constraints on the Interpretation of Roots: the Case of Hebrew Denominal Verbs. **Natural Language and Linguistics Theory**, v. 21, p. 737-778, 2003.

ARONOFF, M. **Morphology by itself**. Cambridge: MIT Press, 1994.

_____. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1976.

BASÍLIO, M. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. 2ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão? **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. v. 9, n. 2, p. 295-304, 1993.

BASSANI, I.S. A estrutura de eventos dos verbos morfológicamente complexos com sufixo -ec-. In: 59. SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL). Handout. Bauru, 2011.

_____. **Formação e Interpretação dos Verbos Denominais do português do Brasil**. 2009. 281f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BASSANI, I. S.; LUNGUINHO, M.V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem. Edição Especial, n.5**, p. 199-227, 2011.

BASSANI, I. S.; MEDEIROS, A. B.; SCHER, A. P. Verbos denominais com prefixo *des-* no português do Brasil. In: LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R.R. **Estudos formais das gramáticas das línguas naturais**, Goiânia: Cênese, 2011, p. 123-137.

BASSETO, B. F. **A parassíntese: teoria e prática**. Essen: Verlag Die Blaue Eule, 1993.

BEARD, R. **Lexeme-Morpheme Base Morphology**. Albany: SUNY Albany Press, 1995.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BOOIJ, G. The boundary between morphology and syntax: separable complex verb in Dutch. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. **Yearbook of Morphology**. Dordrecht: Foris, 1990, p 45-63.

BOOIJ, G.; KEMENADE, A. V. Preverbs: an introduction. In: BOOIJ, G.; MARLE, J. **Yearbook of Morphology**. Dordrecht: Foris, 1990, p 1-11.

BORER, H. Root Bound. *Handout presented at CASTL University of Tromsø*, 2009.

_____. **Structuring sense volume 2: The normal course of events**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BOSSIER, W. **Os sufixos verbalizadores complexos no léxico português moderno**. Antuérpia: Linguistica antverpina series maior n.3, 1998.

BOWERS, J. Transitivity. **Linguistic Inquiry** 33(2), p. 183-224, 2000.

BURZIO, L. **Italian Syntax: a Government-Binding approach**. Dordrecht: Reidel, 1986.

CAMARA JR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. São Paulo: Vozes, 1991.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANÇADO, M. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. *Revista Letras (Curitiba)*, v. especial, n. 1, p.17-43, 2003.

CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação lexical de Classes verbais do PB. **Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)**, v. 56, n. 1, p.109-135, 2012.

CARO, M. A.; CUERVO, R. J. **Gramatica de la Lengua Latina. Para el uso dos que hablam castellano**. Bogota: Instituto Caro y Cuervo, 1972.

CARVALHO, J. M. R. A expansão da alternância causativa em PB: a relação entre a morfologia e a estrutura argumental. Tese em preparação. (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. **Ken Hale: a life in language**. Cambridge: MIT Press, 2001, p. 1-52.

_____. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

_____. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. **Readings in English transformational grammar**. Waltham, Mass: Ginn & Company, 1970, p. 184-221

CID, D. **Elementos estruturais no acesso lexical: o reconhecimento de palavras multimorfêmicas no português brasileiro**. 2009. 79f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

CLARK, E.; CLARK, H.. When nouns surface as verbs. **Language**, v. 55, n. 4, p. 767-811, 1979.

CUERVO, C. **Datives at large**. Cambridge, MA: MIT PhD Thesis, 2003.

DI SCIULO, A. M. Prefixed-verbs and adjunction identification. In: _____. **Projections and Interface Conditions: essays on modularity**, New York: Oxford University Press, 1997, p. 52-73.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Reidel/Kluwer, 1979.

DUBINSKY, S.; SIMANGO, S.R. Passive and Stative in Chichewa: evidence for modular distinctions in grammar. **Language**, 72, p. 749-781, 1996.

EMBICK, D. Roots and features (an acategorial postscript). **Theoretical Linguistics**, v. 38, n1-2, p. 73-89, 2012.

_____. **Localism versus Globalism in Morphology and Phonology**. Cambridge: MIT Press, 2010.

_____. Blocking effects and analytic/synthetic alternations. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 25, n.1, p. 1-37, 2007a.

_____. Linearization and Local Dislocation: derivational mechanisms and interactions. **Linguistic Analysis**, v.33, p. 303-336, 2007b.

_____. On the structure of Resultative Participles in English. **Linguistic Inquiry** v. 35, n.3, p. 355-392, 2004.

EMBICK, D.; ROLF, N. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: by RAMCHAND, G.; REISS, C. **Oxford handbook of Linguistics Interfaces**. New York: Oxford University Press, 2006, p. 298-324.

_____. Movement operations after syntax. **Linguistic Inquiry**, v.32, n.4, p.555-595, 2001.

EMBICK, D.; MARANTZ, A. Architecture and Blocking. **Linguistic Inquiry**, v. 39, n. 1, p.1-52, 2008.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. **Revel**, vol.7, n.12, p. 1-23, 2009.

FOLLI, R.; HARLEY, H. Consuming results in Italian and English: flavors of v. **Studies in Natural Language and Linguistic Theory**, v. 62, p. 95-120, 2005.

GODOY, L. **A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados**. 2012. 159f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

HALE, K.; KEYSER, J. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: _____. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 53-109.

_____. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLE, M. Distributed morphology: Impoverishment and fission. **MIT Working Papers in Linguistics**, p. 425-449, 1997.

_____. Prolegomena to a Theory of Word Formation. **Linguistic Inquiry**, v.4, n.1, p. 3-16, 1973.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key-features of Distributed Morphology. **MIT Working Papers in Linguistics 21. Papers on Phonology and Morphology**, p. 111-176, 1994.

_____. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. **The View from Building 20**. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, H. On the causative construction. In: MIYAGAWA, S.; SAITO, M. **Handbook of Japanese Linguistics**. Oxford: OUP, 2008, p. 20-53.

_____. The bipartite structure of verbs cross-linguistically, or Why Mary can't exhibit John her paintings. Write-up of a talk given at the 2007 **ABRALIN Congress in Belo Horizonte**, Brazil, Março, 2007.

_____. **Subjects, Events and Licensing**. 1995. PhD Thesis (Linguistics). Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.

_____. Affixation and the mirror principle. In: FOLLI, R.; ULLBRICHT, C. **Interfaces in Linguistics**. Oxford: OUP, 2010, p. 166-186.

HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: evidence from nominalizations. In: PEETERS, B. **The lexicon-encyclopedia interface**, 2000.

_____. State-of-the-article: Distributed Morphology. **Glott International**, v. 4, n. 4, p. 3 -9, 1999.

HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B; POLINSKY, M. **Causatives and Transitivity**. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 87-120.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva (CD-ROM), 2007.

IPPOLITO, M. On the Past Participle Morphology in Italian. In: **MIT Working Papers in Linguistics 33**, p. 111-137, 1999.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. 3 ed. São Paulo: Editora Atica, 2003.

KIPARSKY, P. Word Formation and the Lexicon. In: PROCEEDINGS OF THE MID-AMERICA LINGUISTICS CONFERENCE. Kansas: University of Kansas, p. 3-29, 1982a.

_____. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. **Linguistic in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing Co, 1982b.

KOOPMAN, H; SPORTICHE, D.. The Position of Subjects. **Lingua**, v. 85, n. 2/3, p. 211-259, 1991.

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: J. ROORYCK, J.; ZARING, L. **Phrase Structure and the Lexicon**. Dodrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996, p. 109-137.

LARSON, R. On the double object construction. **Linguistic Inquiry**, v. 21, p. 335-391, 1988.

LAZZARINI-CYRINO, J. P. O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico. Tese em preparação. (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEMLE, M. *Arbitrariedade saussureana: saltos e sobressaltos*. IN: XXIII ENANPOLL, ANPOLL, 2008.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Linguistic Inquiry Monograph 26.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

MAIDEN, M. Morphological autonomy and diachrony. In: BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. **Yearbook of Morphology 2004**, 2005, p. 137-175.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. **Lingua**, p. 152-168, 2013.

_____. Roots, *re-* and affected agents: can roots pull the agent under little *v*?. Handout. In: ROOTS IN STUTTGART WORKSHOP, Stuttgart, 2009.

_____. **Phases and words.** Manuscrito. NYU, 2007.

_____. **Objects out of the lexicon.** Manuscrito. MIT, 2005.

_____. **Words and Things.** Manuscrito. NYU, 2001.

_____. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. PROCEEDINGS OF THE 21ST PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM. Philadelphia: Working papers in Linguistics, p. 201-115, 1997.

_____. **On the nature of grammatical relations.** Cambridge: MIT Press, 1984.

MARKOVA, A.; PADROSA-TRIAS, S. Some remarks on prefixation: evidence from Bulgarian, Catalan and English. Handout. In: ASSOCIASÓ DE JOVES LINGUISTES, Giroan, 2008.

MASINI, F. **Complex verb formation in English and Russian.** PhD (Thesis in theoretical linguistics). University of Bologna: Italy, 2002.

MEDEIROS, A. B. Considerações sobre o prefixo *re-*. **Alfa, rev. lingüíst. (São José Rio Preto)**, v. 56, n. 2, p. 583-610, 2012.

_____. Formas nominais em *-nte* do português do brasil: uma abordagem sintática. **Revista do GEL (Araraquara)** v. 7, p. 30-56, 2010.

_____. A molecada se empanturrou de bananada! – Considerações sobre as nominalizações em *-ada* não-eventivas. **ReVEL** v. 7, n. 12, 2009.

_____. **Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais.** 2008. 315f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MINUSSI, R. D. **Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico.** 2012. 283f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática. **Estudos linguísticos**, v. 38, n.1, p. 259-271, 2009.

_____. **A relação entre caso e definitude no hebraico: o construct state e a marcação diferencial de objeto**. 2008. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). 165f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. **Revista Linguística da ALFAL**, p. 37-58, 2010.

NEVINS, A.; RODRIGUES, C. **Naturalness Biases, ‘Morphomes’, and the Romance First Person Singular**. Manuscrito, p. 1-7, 2012.

NEVINS, A.; PARROT, J.K. Variable rules meet impoverishment theory: patterns of agreement leveling in English and varieties. **Lingua**, v. 20, n. 5, p. 1135-1159, 2010.

NÓBREGA, V. A. Explorando o emprego dos elementos sino-japoneses na formação de palavras do japonês. **ReVEL** edição especial, n. 5, p.40-60, 2011.

NOYER, R. Impoverishment theory and morphosyntactic markedness. In: Lapoint, S.; Brentari, D. K.; Farrel, P. **Morphology and its relation to phonology and syntax**. Stanford: CSLI, p. 264-285.

_____. **Features, positions and affixes in autonomous morphological structure**. New York: Garland Publishing, 1997.

OLIVEIRA, S. A estrutura de evento de formações derivadas com -iz(ar) e -ec(er)/-esc(er). In: LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R.R. **Estudos formais das gramáticas das línguas naturais**, Goiânia: Cânone, 2011, p. 147-168.

_____. Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil. 2009. 252f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

OLTRA-MASSUET, I. **On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal Morphology**. 2000. (Master Thesis). MIT, Cambridge, 2000.

OLTRA-MASSUET, I.; ARREGI, C. Stress-by-Structure in Spanish. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 1, p. 43–84, 2005.

PARSONS, T. **Events in the semantics of English**. Cambridge: The MIT Press, 1990.

PEREIRA, A. L. D. **Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**. 2006. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PEREIRA, R. A. **Formação de verbos em português: afixação heterocategorial**. Muenchen: Lincom Europa. Academic Publications, 2007.

_____. Condições estruturais da formação de verbos em português. In: RIO-TORTO, G. **Verbos e Nomes em Português**. Coimbra: Almedina, 2004, p. 91-127.

_____. Verbos prefixados com a(d)-, en- e es- no português: estrutura interna e externa. **Máthesis**, p. 77-94, 2002.

_____. **Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, es- e en-**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade de Coimbra, Coimbra, 2000.

RALLI, A. Prefixation vs. Compounding: the case of greek preverbs. In: Di Sciullo, A. M. **Assimetry in Grammar. Vol 2: Morphology, Phonology and Acquisition**, Philadelphia: Jonhs Benjamim Publishing, 2004, p. 34-63.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Morphology and Lexical Semantics. In: ZWICKY, A.; SPENCER, A. **Handbook of Morphology**, p. 248-271. Oxford: Blackwell, 1998.

_____. Reflections on manner/result complementarity. In: DORON, E.; RAPPAPORT HOVAV, M.; SICHEL. **Syntax, lexical semantics and event structur**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 21-38.

RIO-TORTO, G. Morfologia, Sintaxe e Semântica dos Verbos Heterocategoriais. In: RIO-TORTO, G. **Verbos e Nomes em Português**. Coimbra: Almedina, 2004, p. 17-89.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. **Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ROMANELLI, R. **Prefixos latinos**. Belo Horizonte: UFMG, 1964.

ROSA, M.C. **Introdução à Morfologia**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída. In: LIMA-SALLES, H. M. M.; NAVES, R.R. **Estudos formais das gramáticas das línguas naturais**, Goiânia: Cãnone, 2011, p. 175-197.

SCHER, A. P., LUNGUINHO, M. V.; RODERO-TAKAHIRA, A. G. The morphosyntax of innovative participles in Brazilian Portuguese. Handout. In: WORKSHOP ON ASPECT AND ARGUMENT STRUCTURE OF ADJECTIVES AND PARTICIPLES (WAASAP!), Londres, 2012.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica. 2000. 192f. Tese (Doutorado em Letras - Linguística Aplicada). Faculdade de Letras da PUC-RS, Porto Alegre, 2000.

SIDDIQUI, D. **Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology**. [Linguistik Aktuell/Linguistics Today 138]. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

SILVA, L. H. R. **Aperfeiçoamento de um tradutor automático Português-Inglês: tempos verbais**. 2010. 168f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SMITH, C. S. **The parameter of aspect**. 2 ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

SVENONIUS, P. Slavic Prefixes inside and outside VP. **Nordlyd**, v 32, n.2, p. 205-253, 2004.

TALMY, L. Figure and Ground in complex sentences. In: Greenberg, J. H. **Universals of human language**. Stanford: Stanford University Press, 1978, p. 625-652.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, New York: Cornell U. Press, 1967.

VIARO, M. E. **Por trás das palavras: manual de etimologia do português**. São Paulo: Globo, 2004.

VILLALVA, A. Configurações não-binárias em Morfologia. In: X ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. Évora, 1994, p. 583-597.

VINCENT, N. The evolution of c-structure: prepositions and PPs from Indo-european to Romance. **Linguistics**, v. 37, n. 6, p. 1111-1154, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A

(Apêndice ao Capítulo 2)

Tipo 2.1. Parcialmente transparente com raiz inativa = Simples por derivação histórica

(Verbo seguido de etimologia HOUAISS¹⁵⁷):

1. inclinar

lat. *inclino, as, avi, atum, are* 'fazer pender, inclinar, dobrar, abaixar, p. ext. ceder, recuar, causar decadência, corromper, estragar'; f.hist. sXIII *enclinar*, sXIV *inclinar*, sXIV *jinclinar*, c1543 *incrinar*.

2. infectar

mesmo que infectar. infeto + *-ar*; ver *faz-* antepositivo, do v. lat. *facio, is, feci, factum, facere*.

3. inflamar

lat. *inflammo, as, avi, atum, are* 'lançar fogo a, incendiar; aquecer, irritar, inflamar (med); entusiasmar alguém, excitar, agitar (os espíritos), incitar (paixões); enfurecer, exasperar (os touros)'; ver *flam(t)-*; f.hist. sXIV *enflamar*, sXV *enframar*.

¹⁵⁷ Optamos por não marcar a distinção entre sílabas longas e breves porque esse aspecto é irrelevante para a discussão.

4. inundar

lat. *inundo, as, avi, atum, are* 'inundar', de *in-* + *undare*; ver *und-*.

5. arredar

prov. do lat. *ad retro* 'para trás' + *-ar* (suf. verbal); ver *re-*; XIII *arredar*, sXIII *redrar*, sXIV *arudar*, sXV *arrendar*.

6. esquecer

lat. **excadescere* v. freq. de *excadere* 'cair para fora', de *ex* + *cado, is, cecidi, casum, ere* 'cair, escorregar; abaixar-se, desfalecer, perecer'; observem-se a f.hist. *escaecer*; ver *cai-*; f.hist. sXIII *escaecer*, sXIII *escaeger*, sXIV *esquecer*, sXV *esquecer*.

7. embaçar

em- por ¹*en-* + ²*baço* + *-ar*; ver ¹*baç-*; f.hist. sXIV *embaçado*, sXV *embaçar*.

antepositivo, do port. *baço* 'moreno amarelado, escurecido, opaco', cog. do esp. *bazo* 'id.', ambos do sXIV; Gonçalves Viana e Schuchardt propuseram um lat.vulg. **opaceus* (ou, em outra versão, **opacius*), mas Corominas e A. Nascentes vêem no lat. *badū-* 'avermelhado' (lat.cl. *badūus, a, um*) étimo mais seguro, fonética e semanticamente; em esp. há derivados como *embazador*, *embazadura*, *embazar* (rad. *baz-*), enquanto em port. há *baço*, *desembaçado*, *desembaçador*, *desembaçamento*, *desembaçante*, *desembaçar*, *desembaçável*; *embaçadela*, *embaçado*, *embaçador*, *embaçamento*, *embaçante*, *embaçar* (rad. *baç-*), a par de *desembaciado*, *desembaciador*, *desembaciamento*, *desembaciante*, *desembaciar*, *desembaciável*, *embaciado*, *embaciador*, *embaciamento*, *embaciante*, *embaciador*, *embaciável* (rad. *bac-*), não havendo grande diferença de datação entre os dois rad., nas alternâncias verbais do tipo *-açar/-aciar* ou *-açar/-acear* (*chalaçar/chalacear*, *congruçar/congruaciar*, *desgruçar/desgruaciar*, *espaçar/espaaciar*, *laçar/lacear*, *madrugar/madracear*, *pirruçar/pirruaciar*) pode ser que haja motivação analógica para o

caso; contrastar com *bac(f)-*.

8. adquirir

lat. *adquirō* (ou *acquiro*), *quisivi, quisitum, ere* (de *ad* e *quaerere*) 'juntar a, adquirir, acrescentar, procurar'; a f. *adquirir* coexistiu com *a(c)quirir* e acabou por suplantá-la; ver ²*quer-*; f.hist. 1493 *adquirir*, sXV *aquerer*, sXV *aquerryr*, sXV *aquirir*, sXV *aquyre*, 1552 *acquirir*.

9. afetar

lat. *affecto, as, avi, atum, are* 'pôr-se a' depois 'tentar obter, buscar', v. freqüentativo de *afficio, is, eci, ectum, icer* ou *adficere* (de *ad-* e *facio*) 'pôr em certa disposição (física ou moral), afetar, trocar, tratar bem ou mal, mover, comover', por sua vez, der. de *ad* + *facere* 'fazer'; f.divg. erud. *afeltar*; ver *faz-*; f.hist. 1569 *afetado*, 1619 *afectar*

10. assentir

lat. *assentio* ou *adsentio, is, sensi, sensum, ire* 'ser de igual opinião, dar assentimento, aderir', mais us. em lat. como v.dep. *adsentiri*, de mesmo sentido; ver *sen(t/s)-*

11. assistir

lat. *adisto* ou *assisto, is, stiti, stitum, sistere* 'estar ou conservar-se de pé junto a, estar presente, comparecer, assistir em juízo'; ver *assist-* e *-sta-*; f.hist. al593 *assistido*, 1602 *assistir*

12. esbarrar

es- + *barra* + -ar; ver *bar-*. antepositivo, de uma base pré-romana provinda do gaulês **barro* 'extremidade', representada no lat. vulg. **barra* (it. *barra*, fr. *barre*, provç.cat.esp.port. *barra*), com o sentido genérico de 'travessa, tranca de fechar porta'; há os que buscam associar essa raiz à referida em *bar-*, ver; a documentação do esp. *barra* é de 1283, e a do port., de 1175; a cognação port. inclui *barra*, *barração*, *barrada*, *barrado*, *barradura*, *barragem* (fr. *barrage*, sXII), *barramento*, *barrar*, *barrário*, *barreira*, *barrejamento*, *barrejar*, *barrelete*, *barreta*, *barretear*, *barreteio*, *barrinha*, *barrotado*, *barroído*, *barrotar*, *barrote*, *barrotear*, *barroteiro*, *barroina*, *esbarrada*, *esbarroído*, *esbarrar*; há umas quantas pal. em que é difícil dirimir se provindas desta raiz *bar-* ou se da raiz *barr-*, ou se, mais prov., de ambas, em duplo étimo; o galicismo *barriolagem* é desta cognação *bar-*; cumpre ainda considerar que é admitido um lat. vulg. **imbarrire* 'trancar, cerrar, fechar' > provç.cat.esp.port. *embargar*, donde o port. *embargado*, *embargador*, *embargamento*, *embargante*, *embargar*, *embarável*, *embargo*, *embargozo*; *desembargabilidade*, *desembargadeiro*, *desembargado*, *desembargador*, *desembargamento*, *desembargante*, *desembargar*, *desembargatório*, *desembargo*; não nos esqueçamos de que são desta raiz os anglicismos *bar*, *barman* e *snack-bar*

13. esmiuçar

es- + *miuça* + -ar; até o sXV, era usado com o pref. *des-*; no port. moderno, contudo, fez-se a permuta do pref. *des-* por *es-*, sem alt. de significado; MS sugere a intervenção do it. *sminzare* (a1342) 'reduzir a pequenos pedaços', (a1580) 'expor com minúcia', der. de *minuzzare* (sXIV), do lat. vulg. **minutiare* por *minutare*, de *minutia*; ver *men-*; f.hist. sXVI *esmeuçar*

14. acessar

do lat. *accessum*, supn. do v. *accedo*, *is, essi, essum, dere* 'aproximar-se, chegar, abordar, aportar, surgir', fonte do port. *aceder*; ver *-ceder*

15. engolir

prov. lat. vulg. **ingulare* (it. *ingollare*, fr. *engouler*, provç. *engolar*, esp. *engullir*); ver *gul-*. antepositivo, do lat. *gula, ae* 'parte da boca pela qual se engole, goela, garganta, pescoço; boca (linguagem popular).

16. envergar

en- + *vergar*; ver *verg-*, *in fine*. *Verg-* antepositivo, do lat. *virga*, *ae* 'vara, vergôntea, ramo, renovo; pau, bordão, cajado; açoite; fascas consulares; vassoura; membro viril'.

Tipo 2.2. Raiz ativa

Tipo 2.2.1. Parcialmente transparente com raiz ativa, mas não analisável

Verbo seguido de outra ocorrência da mesma raiz **sem** formação de par mínimo com significado coerente = nova raiz.

1. enunciar, anunciar	(raiz latina nunci-)
2. instaurar, restaurar	(raiz latina -sta-)
3. investir, revestir	(raiz latina vest-)
4. apreender, 5. empreender	(raiz latina prend-)
6. aprender, desprender	(raiz latina prend-)
7. atender, entender	(raiz latina tend-)
8. apagar, pagar	(raiz latina pag-)

9. induzir, reduzir	(raiz latina -duz-)
10. administrar, ministrar	(raiz latina -men-)
11. aplicar, 12. explicar	(raiz latina de *plicare)
13. influir, afluir	(raiz latina flu-)
14. inferir, 15. aferir	(raiz latina -fer-)
16. instruir, construir	(-stru-) ¹⁵⁸
17. assumir, consumir	(-sum-)
18. agredir, regredir	(grad-)
19. encarregar, descarregar	(carr-)

Tipo 2.2.2. Parcialmente transparente com raiz ativa e possivelmente analisável

1. agregar	(vs. segregar, congregar)
2. atrair	(vs. extrair, contrair...)
3. atribuir	(vs. retribuir, contribuir)
4. evadir	(vs. invadir)
5. exalar	(vs. inalar)
6. excluir	(vs. incluir)
7. exibir	(vs. inibir)

¹⁵⁸ *Construir e destruir* podem ser considerados como pertencentes a um par mínimo e, nesse caso, estariam no Tipo 2.2.2.

8. expelir (vs. repelir)
9. expirar (vs. inspirar)
10. explodir (vs. implodir)
11. extrair (vs. atrair, retrain)
12. inalar (vs. exalar)
13. incluir (vs. excluir)
14. ingressar (vs. regressar)
15. inibir (vs. exibir)
16. inspirar (vs. expirar)
17. expulsar (vs. impulsar/impulso)
18. insistir (vs. desistir)

Tipo 3.1. Totalmente transparente com semântica não-composicional

1. abafar	16. arrambar
2. abarcar	17. arrumar
3. abocanhar	18. assolar
4. abordar	19. assombrar
5. acabar	20. avaliar
6. acartetar	21. avantajar
7. adestrar	22. embalsamar
8. adiar	23. embaralhar
9. afixar	24. encaixar
10. afirmar	25. encanar
11. afunilar	26. encavalar
12. agarrar	27. encharcar
13. alojar	28. encorpar
14. aplacar	29. encostar
15. apontar	30. encravar

- 31. enfeſtar
- 32. enfiar
- 33. enforçar
- 34. enganchar
- 35. engatinhar
- 36. englobar
- 37. empinar
- 38. enrascar
- 39. enrolar
- 40. enroscar
- 41. entalar
- 42. entrarvar
- 43. enumerar
- 44. esborrachar
- 45. espalmar
- 46. espezinhar
- 47. espraçar
- 48. incriminar
- 49. infiltrar
- 50. inovar
- 51. intimidar

VERBOS TRANSPARENTES E COMPOSICIONAIS

ESTRUTURAS DE MUDANÇA E RESULTADO

APÊNDICE B: Mudança de Estado

#	Verbo (Frequência)	Pref	VT	Suf	Testes ¹⁵⁹	Tipo de evento
1	assegurar 7.440.000,00	a	a	Ø	a. A construção da obra ficou segura. b. O engenheiro assegurou a construção da obra. c. A nova verba assegurou a construção da obra. d. * A construção da obra (se) assegurou. e. A construção da obra foi assegurada (pelo engenheiro/pela nova a verba).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
2	aprimorar 7.240.000,00	a	a	Ø	a. O sistema ficou primoroso/aprimorado. b. O professor aprimorou o sistema de avaliação. c. A inclusão de novas questões aprimorou o sistema de avaliação. d. * O sistema de avaliação (se) aprimorou. e. O sistema de avaliação foi aprimorado (pelo professor).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
3	amanhecer 7.020.000,00	a	e	ec	a. * O dia se tornou manhã. ¹⁶⁰ b. * A Maria amanheceu o dia. c. * O sol amanheceu o dia. d. O dia (*se) amanheceu. e. * O dia foi amanhecido (pela Maria/sol).	1. Incoativo: v[-voice]

¹⁵⁹ Observações se-r = se reflexivo; se-rec = se recíproco.

¹⁶⁰ Aceitável somente se em contexto poético.

4	esclarecer	eS	e	ec	a. A questão ficou clara. b. O professor esclareceu a questão. c. *O bilhete esclareceu a questão. d. A questão *(se) esclareceu. e. A questão foi esclarecida (pelo professor).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	6.360.000,00					
5	aproximar	a	a	Ø	a. Os alunos ficaram próximos. b. Os professores aproximaram os alunos. c. A tragédia aproximou os alunos. d. Os alunos *(se-rec) aproximaram. e. Os alunos foram aproximadas (pelos professores).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	4.090.000,00					
6	apurar	a	a	Ø	a. A água ficou pura. b. *# O engenheiro apurou a água. c. O novo sistema apurou a água. d. A água (se) apurou. e. A água foi apurada (pelo engenheiro/novo sistema).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	4.030.000,00					
7	acertar	a	a	Ø	a. O corte do vestido ficou certo. b. A costureira acertou o corte do vestido. c. * A tesoura acertou o corte do vestido. d. * O corte do vestido (se) acertou. e. O corte do vestido foi acertado (pela costureira).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	3.990.000,00					
8	alinhar	a	a	Ø	a. A tropa ficou em linha/alinhada. b. O general alinhou a tropa. c. * A batalha alinhou a tropa. d. A tropa *(se-r) alinhou. e. A tropa foi alinhada (pelo general).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	3.970.000,00					

9	encher	3.860.000,00	eN	e	Ø	a. O balde ficou cheio. b. A Maria encheu o balde. c. A água encheu o balde. d. O balde (*se) encheu (?sozinho). e. O balde foi enchido (pela Maria/pela água).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
10	ajustar	3.650.000,00	a	a	Ø	a. O vestido ficou ?justo/ajustado. b. A costureira ajustou o vestido. c. * A máquina ajustou o vestido. d. * O vestido (se) ajustou (sozinho). e. O vestido foi ajustado (pela costureira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
11	aperfeiçoar	3.380.000,00	a	a	Ø	a. A técnica ficou (mais) perfeita. b. O jogador aperfeiçoou a técnica. c. * O treino aperfeiçoou a técnica. d. A técnica ?(se) aperfeiçoou. e. A técnica foi aperfeiçoada (pelo jogador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
12	encobertar	2.900.000,00	eN	a	Ø	a. Os problemas ficaram cobertos. b. O João encobertou os problemas. c. A confusão encobertou os problemas. d. * Os problemas (se) encobertaram. e. Os problemas foram encobertados (pelo João/pela confusão)	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
13	emagrecer	2.730.000,00	eN	e	ec	a. A paciente ficou magra. b. *# O médico emagrecceu a paciente. c. A dieta emagrecceu a paciente. d. A paciente (*se) emagrecceu. e. * A paciente foi emagrecida (pelo médico/ dieta).	1. Incoativo: v[-voice]

14	arriscar			a. Nossa vida ficou em risco. b. O motorista arriscou nossa vida . c. Aquela manobra arriscou nossa vida. d. * Nossa vida (se) arriscou. e. Nossa vida foi arriscada (pelo motorista/pela manobra).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	a	a	Ø		
15	associar			a. O João ficou sócio do clube. b. O pai associou o João ao clube. c. Um novo contrato associou o João ao clube. d. O João *(se) associou ao clube. e. O João foi associado ao clube (pelo pai/por um novo contrato).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	a	a	Ø		
16	engravidar			a. A Maria ficou grávida. b. *# O João engravidou a Maria . c. ? A inseminação artificial engravidou a Maria. d. A Maria (*se) engravidou. e. * A Maria foi engravidada (pelo João/pela inseminação	1. Incoativo: v[-voice]
	eN	a	Ø		
17	apaixonar			a. A menina ficou apaixonada. b. * O João apaixonou a menina. c. A beleza do João apaixonou a menina. d. A menina (se) apaixonou. e. * A menina foi apaixonada (pela beleza do João).	2. Causativo escrito: v[-voice]
	a	a	Ø		
18	aquecer			a. A sopa ficou quente. b. A copeira aqueceu a sopa. c. O fogo alto aqueceu a sopa). d. A sopa (*se) aqueceu (*sozinha). e. A sopa foi aquecida pela copeira.	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	a	e	ec		

19	anular	a	a	Ø	a. A prova ?ficou/ está anulada. b. O professor anulou a prova. c. A desonestidade dos alunos anulou a prova. d. A prova (*se) anulou (*sozinha). e. A prova foi anulada (pelo professor).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
20	esquentar	eS	a	Ø	a. A água ficou quente. b. *# A Maria esquentou a água. c. O calor esquentou a água. d. A água (*se) esquentou. e. A água foi esquentada (pela Maria/pelo calor).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
21	enlouquecer	eN	e	ec	a. O João ficou louco. b. *# A Maria enlouqueceu o João. c. Os gritos da Maria enlouqueceram o João. d. O João (se-r) enlouqueceu. e. O João foi enlouquecido (pela Maria/pelos gritos da Maria) ¹⁶¹ .	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
22	acalmar	a	a	Ø	a. O bebê ficou calmo. b. A mãe acalmou o bebê. c. A canção acalmou o bebê. d. O bebê (se) acalmou. e. O bebê foi acalmado (pela mãe/pela canção).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]

¹⁶¹ "Assassino do cartunista Glauco **foi enlouquecido** pelo Espiritismo, e ficou endemoniado?".
 (http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100312155532AAiMvGH)

23	acomodar			a. Os convidados ficaram acomodados. b. O anfitrião acomodou os convidados. c. * O ambiente acomodou os convidados. d. Os convidados *(se-r) acomodaram. e. Os convidados foram acomodados (pelo anfitrião).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	1.540.000,00	a	a	Ø	
24	esfriar			a. A sopa ficou fria. b. *# A Maria esfriou a sopa. c. O vento esfriou a sopa. ¹⁶² d. A sopa (se) esfriou. e. A sopa foi esfriada (pela Maria/pelo vento). ¹⁶³	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	1.510.000,00	eS	a	Ø	
25	abaixar			a. O toldo ficou baixo. b. O João abaixou o toldo. c. O vento abaixou o toldo. d. O toldo (?se) abaixou (com o vento/sozinho). e. O toldo foi abaixado.	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	1.500.000,00	a	a	Ø	
26	abastecer			a. O carro ficou abastecido. b. O frentista abasteceu o carro. c. * A bomba de álcool abasteceu o carro. d. O carro (*se) abasteceu (*sozinho). e. O carro foi abastecido (pelo frentista).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	1.480.000,00	a	e	ec	

¹⁶² Anotamos o seguinte dado espontâneo, em que o DP que denota um local ocupa a posição de sujeito: “*Essa garrafa esfria o café*”.

¹⁶³ “E sentimos frio porque perdemos calor para o ar ambiente, que **foi esfriado** pelo ar condicionado”.
(<http://www.seara.ufc.br/quermosaber/fisica/olfisica/respostas/gr0046.htm>).

27	acostumar			a. Os filhos ficaram acostumados. b. A mãe acostumou as crianças (a comer fruta). c. A rotina acostumou as crianças (a comer fruta). d. As crianças (se) acostumaram (a comer fruta). e. As crianças foram acostumadas (a comer fruta).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	a	a	Ø		
28	enriquecer			a. O chefe ficou rico. b. *# O funcionário enriqueceu o chefe. c. Os negócios enriqueceram o chefe. d. O chefe (se-r) enriqueceu. e. * O chefe foi enriquecido (pelo bom andamento dos negócios).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	eN	e	ec		
29	envelhecer			a. O pai ficou velho. b. *# Os filhos envelheceram o pai. c. O excesso de trabalho envelheceu o pai. d. O pai (*se) envelheceu. e. * O pai foi envelhecido (pelos filhos / pelo excesso de trabalho).	1. Incoativo: v[-voice]
	eN	e	ec		
30	endurecer			a. O esmalte ficou duro. b. *# A manicure endureceu o esmalte (pra prejudicar o dono do salão). c. O produto químico endureceu o esmalte. d. O esmalte (*se) endureceu. e. * O esmalte foi endurecido (pela manicure/ frio).	1. Incoativo: v[-voice]
	eN	e	ec		
31	engordar			a. A criança ficou gorda. b. *# A mãe engordou a criança. c. A dieta rica em carboidrato engordou a criança. d. A criança (*se) engordou. e. * A criança foi engordada (pela mãe/dieta).	1. Incoativo: v[-voice]
	eN	a	Ø		

32	agrarar	a	a	Ø	a. A situação ficou grave. b. *# A Maria agravou a situação. c. A falta de água agravou a situação. d. A situação (?se) agravou. e. A situação foi agravada (pela Maria/ falta de água).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	1.060.000,00					
33	esvaziar	eS	a	Ø	a. O pneu ficou vazio. b. *# O bandido esvaziou o pneu. c. A pancada esvaziou o pneu. d. O pneu (?se) esvaziou. e. O pneu foi esvaziado (pelo bandido/pela pancada).	4.Totalmente subespecificado: v[±voice]
	1.050.000,00					
34	anoitecer	a	e	ec	a. O dia ?ficou/ se tornou noite. b. * A Maria anoiteceu o dia. c. * A lua anoiteceu o dia. d. (? O dia) (*se) anoiteceu. e. * O dia foi anoitecido (pela Maria/lua).	1.Incoativo: v[- voice]
	962.000,00					
35	alisar	a	a	Ø	a. O cabelo ficou liso. b. A cabeleireira alisou o cabelo dela. c. O tratamento alisou o cabelo dela. d. O cabelo dela (*se) alisou (sozinho). e. O cabelo dela foi alisado (pela cabeleireira).	4.Totalmente subespecificado: v[±voice]
	885.000,00					

36	encurtar 885.000,00	eN	a	Ø	a. A saia ficou curta. b. A costureira encurtou a saia. c. O reparo encurtou a saia. d. A saia (*se) encurtou (*sozinha). e. A saia foi encurtada (pela costureira).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
37	ajuizar 855.000,00	a	a	Ø	a. O adolescente ficou com juízo/ajuizado. b. *# O pai ajuizou o adolescente. c. O trabalho ajuizou o adolescente. d. O adolescente (se) ajuizou. e. * O adolescente foi ajuizado (pelo pai/trabalho).	2.Causativo estrito: v[-voice]
38	alongar 840.000,00	a	a	Ø	a. A reunião ficou longa. b. O chefe alongou a reunião. c. O atraso alongou a reunião. d. A reunião *(se) alongou. e. A reunião foi alongada (pelo chefe/atraso).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
39	apressar 749.000,00	a	a	Ø	a. As crianças ficaram com pressa/apressadas. b. A mãe apressou as crianças. c. A fome apressou as crianças. d. As crianças *(se) apressaram. e. As crianças foram apressadas (pela mãe/fome).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
40	engrossar 740.000,00	eN	a	Ø	a. O mingau ficou grosso. b. *# A Maria engrossou o mingau. c. A farinha engrossou o mingau. d. O mingau (se) engrossou. e. O mingau foi engrossado (pela Maria/farinha).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]

41	aprontar	a	a	Ø	a. As crianças ficaram prontas. b. A babá aprontou as crianças. c. * A viagem aprontou as crianças. d. As crianças *(se-r) aprontaram. e. * As crianças foram aprontadas (pela babá).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
					714.000,00	
42	atenuar	a	a	Ø	a. A dor do paciente ficou tênue. b. *# O médico atenuou a dor do paciente. c. O remédio atenuou a dor do paciente. d. A dor do paciente (se) atenuou. e. A dor do paciente foi atenuada (pelo médico/remédio).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
					703.000,00	
43	amadurecer	a	e	ec	a. A fruta ficou madura. b. *# A cozinha amadureceu a fruta. c. O calor amadureceu a fruta. d. A fruta (*se) amadureceu. e. * A fruta foi amadurecida (pela cozinha/calor).	1. Incoativo: v[-voice]
					695.000,00	
44	apropriar	a	a	Ø	a. O terreno ficou apropriado. b. O fazendeiro apropriou o terreno. c. * A invasão apropriou o terreno. d. * O terreno (se) apropriou. e. O terreno foi apropriado (pelo fazendeiro).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
					686.000,00	

45	afinar	a	a	Ø	a. A ponta do lápis ficou fina. b. O aluno afinou a ponta do lápis. c. * O apontador afinou a ponta do lápis. d. A ponta do lápis (se) afinou. e. A ponta do lápis foi afinada (pelo aluno).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
					a. A minha voz ficou fina. b. * O médico afinou a minha voz. c. O medo afinou a minha voz. d. A minha voz (?se) afinou. e. * A minha voz foi afinada pelo medo.	
46	enfraquecer	eN	e	ec	a. O lutador ficou fraco. b. *#O oponente enfraqueceu o lutador. c. O ataque enfraqueceu o lutador. d. O lutador (se) enfraqueceu. e. O lutador foi enfraquecido (pelo ataque do oponente).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
47	alargar	a	a	Ø	a. A rodovia ficou larga. b. Os operários alargaram a rodovia. c. A obra alargou a rodovia. d. A rodovia (*se) alargou (*sozinha). e. A rodovia foi alargada (pela obra).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
48	ajeitar	a	a	Ø	a. A casa ficou ajeitada. b. A diarista ajeitou a casa. c. * A faxina ajeitou a casa. d. * A casa (se) ajeitou. e. A casa foi ajeitada pela faxineira.	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

49	embelezar	a. O cabelo ficou belo. b. A modelo embelezou o cabelo. c. O enfeite embelezou o cabelo. d. * O cabelo (se) embelezou. e. O cabelo foi embelezado (pela modelo/pelo enfeite).			3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	eN	a	Ø		
50	adormecer	a. O bebê ficou dormindo/adormecido. b. *# A babá adormeceu o bebê. c. A canção de ninar adormeceu o bebê. d. O bebê (*se) adormeceu (com a canção de ninar). e. * O bebê foi adormecido (pela babá/canção de ninar).			l.Incoativo: v[-voice]
	a	e	c		
51	envergonhar	a. Os pais ficaram com vergonha/ envergonhados. b. *# O filho envergonhou os pais. c. A bagunça do quarto do filho envergonhou os pais. d. Os pais *(se) envergonharam. e. Os pais foram envergonhados (pelo filho/pela bagunça).			6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	eN	a	Ø		
52	alagar	a. A rua ficou como um lago/alagada. b. # Os manifestantes alagaram a rua. c. A enchente alagou a rua. d. A rua (*se) alagou. e. A rua foi alagada (pela enchente).			6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	a	e	Ø		

53	atormentar 296.000,00	a	a. O José ficou atormentado. b. O Pedro atormentou o José. c. A falta de dinheiro atormentou o José. d. O José *(se-r) atormentou. e. O José foi atormentado (pelo Pedro/ pela falta de dinheiro).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
		a		
54	adoecer 291.000,00	a	a. O menino ficou doente. b. *# A cuidadora adoeceu o menino. c. O descuido (da mãe) adoeceu o menino. d. O menino (*se) adoeceu. e. * O menino foi adoecido (pela cuidadora/descuido).	1.Incoativo: v[- voice]
		e		
55	apodrecer 268.000,00	a	a. A madeira ficou podre. b. *# O lenhador apodrecceu a madeira. c. A umidade apodrecceu a madeira. d. A madeira (*se) apodrecceu. e. * A madeira foi apodrecida (pelo lenhador/umidade).	1.Incoativo: v[- voice]
		e		
56	afixar 262.000,00	a	a. O cartaz ficou fixo. b. A secretária afixou o cartaz. c. * A fita afixou o cartaz. d. O cartaz (*se) afixou (*sozinho). e. O cartaz foi afixado (pela secretária).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		a		
57	engrandecer 253.000,00	eN	a. O rapaz ficou grande. b. *# O chefe engrandeceu o rapaz. c. O trabalho engrandeceu o rapaz. d. O rapaz (se) engrandeceu. e. O rapaz foi engrandecido (pelo trabalho).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
		e		

58	amaciar	252.000,00	a	a	Ø	a. A roupa ficou macia. b. *# A Maria amaciou a roupa. c. O produto novo amaciou a roupa. d. A roupa (*se) amaciou. e. A roupa foi amaciada (pelo produto novo).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
59	amolecer	249.000,00	a	e	ec	a. A cera ficou mole. b. A esteticista amoleceu a cera. c. O calor amoleceu a cera. d. A cera (?se) amoleceu. e. A cera foi amolecida (pela esteticista/calor).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
60	estremecer	248.000,00	eS	e	ec	a. O corpo ficou com tremor/estremecido. b. *# A Maria estremeceu o corpo. ¹⁶⁴ c. O ar gelado estremeceu o corpo. d. O corpo (se) estremeceu. e. * O corpo foi estremecido (pelo ar gelado).	2. Causativo estrito: v[-voice]
61	abrandar	247.000,00	a	a	Ø	a. O cavalo ficou brando. b. *# O criador abrandou o cavalo. c. A chegada da noite abrandou o cavalo. d. O cavalo (se) abrandou (com a chegada da noite) sozinho. e. O cavalo foi abrandado (pelo criador).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]

¹⁶⁴ Também possibilita uma leitura de alçamento de possuidor: A Maria estremeceu o corpo = O corpo da Maria estremeceu.

62	abrilhantar			Ø	a. O desfile ficou brilhante. b. A modelo abrihantou o desfile. c. O show abrihantou o desfile. d. * O desfile (se) abrihantou. e. O desfile foi abrihantado (pela modelo/pelo show).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	230.000,00	a	a			
63	amansar			Ø	a. O cachorro ficou manso. b. O treinador amansou o cachorro. c. O calmante amansou o cachorro. d. O cachorro (se) amansou. e. O cachorro foi amansado (pelo treinador/calmante).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	225.000,00	a	a			
64	evaporar			Ø	a. A água virou vapor. b. *# A Maria evaporou a água. c. O calor evaporou a água. d. A água (se) evaporou. e. A água foi evaporada (pelo calor).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	221.000,00	eN	a			
65	acobertar			Ø	a. Os fatos ficaram cobertos. b. O jornalista acobertou os fatos. c. A tragédia acobertou os fatos. d. * Os fatos (se) acobertaram. e. Os fatos foram acobertados (pela jornalista/ tragédia).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	218.000,00	a	a			
66	adoçar			Ø	a. O café ficou doce. b. A copeira adoçou o café. c. * O açúcar adoçou o café. d. * O café (se) adoçou. e. O açúcar foi adoçado (pela copeira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	218.000,00	a	a			

					a. O texto ficou breve. b. O autor abreviou o texto. c. * A repaginação abreviou o texto. d. * O texto (se) abreviou. e. O texto foi abreviado (pelo autor).	
67	abreviar	a	a	Ø	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	
	217.000,00					
					a. A obra ficou cara. b. *# O governador encareceu a obra. c. O novo desvio encareceu a obra. d. A obra (*se) encareceu. e. A obra foi encarecida (pelo novo desvio).	
68	encarecer	eN	e	ec	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]	
	216.000,00					
					a. O nó ficou frouxo. b. O marinheiro afrouxou o nó. c. O balanço do barco afrouxou o nó. d. O nó (?se) afrouxou. e. O nó foi afrouxado (pelo marinheiro/balanço).	
69	afrouxar	a	a	Ø	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]	
	208.000,00					

					a. Os brinquedos ficaram ajuntados. b. O menino ajuntou os brinquedos . c. * A faxina ajuntou os brinquedos d. * Os brinquedos (se) ajuntaram. ¹⁶⁵ e. Os brinquedos foram ajuntados (pelo menino).	
70	ajuntar	a	a	Ø	a. A poeira ficou ajuntada na sala. b. *# O dono da casa ajuntou poeira na sala. c. O vento ajuntou poeira na sala. d. A poeira (se) ajuntou na sala. e. * A poeira foi ajuntada sala pelo vento.	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
71	abrasar	a	a	Ø	a. As árvores ficaram abrasadas. b. O fazendeiro abrasou as árvores da fazenda. c. O sol abrasou as árvores da fazenda. d. As árvores da fazenda (se) abrasaram. e. As árvores da fazenda foram abrasadas pelo sol.	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
72	endireitar	eN	a	Ø	a. O quadro ficou ?direito/endireitado. b. A Maria endireitou o quadro. c. A reforma endireitou o quadro. d. O quadro (*se) endireitou (*sozinho). e. O quadro foi endireitado (pela Maria/pela reforma).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]

¹⁶⁵ O DP que denota local pode ocupar a posição de sujeito em uma sentença como “A sala ajuntou muita poeira”.

73	assemelhar			Ø	a. O menino ficou semelhante ao irmão. b. * O pai assemelhou o menino ao irmão. c. A convivência assemelhou o menino ao irmão. d. O menino *(se) assemelhou ao irmão. e. * O menino foi assemelhado ao irmão (pelo pai/pela convivência).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	a	a				
74	amortecer			ec	a. Meu braço ficou amortecido. b. *# O João amorteceu meu braço. c. A pancada amorteceu meu braço. d. Meu braço *(se) amorteceu (com a pancada). e. * Meu braço foi amortecido (pela pancada).	1. Incoativo: v[-voice]
	a	e				
75	arredondar			Ø	a. A peça ficou redonda. b. O ourives arredondou a peça. c. A ferramenta arredondou a peça. d. A peça (se) arredondou. e. A peça foi arredondada (pelo ourives/pela ferramenta).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	a	a				
76	entristecer			ec	a. A mãe ficou triste. b. *# A filha entristeceu a mãe. c. A notícia entristeceu a mãe. d. A mãe (se) entristeceu. e. * A mãe foi entristecida (pela notícia).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	eN	e				
77	afamar			Ø	a. A atriz ficou famosa. b. *# O colega de cena afamou a atriz. c. A novela afamou a atriz. d. A atriz (se) afamou. e. * A atriz foi afamada (pela novela).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	a	a				

78	enamorar	eN	a	Ø	a. A Maria ficou enamorada. b. * O João enamorou a Maria. c. A beleza do João enamorou a Maria. d. A Maria *(se) enamorou (pelo João). e. * A Maria foi enamorada (pelo João).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	126.000,00					
79	alumiari	a	a	Ø	a. A rua ficou alumiada. b. O guarda noturno alumiou a rua. c. O lampião alumiou a rua. d. A rua (se) alumiou. e. A rua foi alumiada (pelo guarda/lampião).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	123.000,00					
80	acalentar	a	a	Ø	a. O bebê ficou acalentado. b. A mãe acalentou o bebê. c. O abraço acalentou o bebê. d. O bebê (se) acalentou (nos braços da mãe). e. O bebê foi acalentado (pela mãe).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	121.000,00					
81	entortari	eN	a	Ø	a. O galho ficou torto. b. O menino entortou o galho. c. O vento entortou o galho. d. O galho (se) entortou. e. O galho foi entortou (pelo menino/vento).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	113.000,00					
82	expropriari	ex	a	Ø	a. As empresas ficaram expropriadas. b. O empresário expropriou as empresas. c. * A crise expropriou as empresas. d. * As empresas (se) expropriaram. e. As empresas foram expropriadas (pelo empresário).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	101.000,00					

83	apavorar	97.800,00	a	a	Ø	a. As vítimas ficaram apavoradas. b. O assaltante apavorou as vítimas. c. O assalto apavorou as vítimas. d. As vítimas *(se) apavoraram. e. As vítimas foram apavoradas (pelo assaltante/assalto).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
84	avivar	97.400,00	a	a	Ø	a. O ambiente ficou vivo. b. A Maria avivou o ambiente. c. A música avivou o ambiente. d. O ambiente (se) avivou. e. O ambiente foi avivado (pela Maria/música)	4.Totalmente subespecificado: v[±voice]
85	embebedar	97.400,00	eN	a	Ø	a. O Pedro ficou bêbado. b. O amigo embebedou o Pedro. c. ?? O vinho importado embebedou o Pedro. d. O Pedro *(se-r) embebedou. e. O Pedro foi embebedado (pelo amigo).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
86	amornar	97.100,00	a	a	Ø	a. A água ficou morna. b. A vó amornou a água do chá. c. * O microondas amornou a água do chá. d. * A água do chá (se) amornou. e. A água do chá foi amornada (pela vó).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
87	aquietar	90.300,00	a	a	Ø	a. O bebê ficou quieto. b. *# A mãe aquietou o bebê. c. A canção aquietou o bebê d. O bebê (se) aquietou. e. O bebê foi aquietado (pela mãe/canção).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]

88	empobrece	eN	e	ec	a. O empresário ficou pobre. b. *# O filho empobreceu o empresário. c. A queda das ações empobreceu o empresário. d. O empresário (*se) empobreceu. e. * O empresário foi empobrecido (pelo filho/queda das ações).	2.Causativo estrito: v[-voice]
	90.000,00					
89	apadrinhar	a	a	Ø	a. O bebê ficou apadrinhado. b. O João apadrinhou o bebê. c. * A cerimônia apadrinhou o bebê. d. * O bebê (se) apadrinhou. e. O bebê foi apadrinhado (pelo João).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	71.900,00					
90	aplainar/aplanar	a	a	Ø	a. O terreno ficou plano. b. O pedreiro aplanou o terreno. c. O trator aplanou o terreno. d. * O terreno (se) aplanou. e. O terreno foi aplainado (pelo pedreiro).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	69.000,00					
91	enrjecer	eN	e	ec	a. A sapatilha ficou rija/rígida. b. *# A lavadeira enrjeceu a sapatilha. c. A lavagem enrjeceu a sapatilha. d. A sapatilha (se) enrjeceu. e. A sapatilha foi enrjecida (pela lavadeira/lavagem).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	66.300,00					

92	enferrujar	65.200,00	eN	a	Ø	a. O portão ficou com ferrugem/enferrujado. b. *# O João enferrujou o portão. c. A maresia enferrujou o portão d. O portão (se) enferrujou. ¹⁶⁶ e. O portão foi enferrujado (pelo João/pela maresia).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
93	enfurecer	59.000,00	eN	e	ec	a. A mãe ficou enfurecida. b. *#O filho enfureceu a mãe. c. As notas do filho enfureceram a mãe. d. A mãe (se) enfureceu. e. *A mãe foi enfurecida (pelas notas do filho).	2.Causativo estrito: v[-voice]
94	entorpecer	51.200,00	eN	e	ec	a. A mulher ficou entorpecida. b. O golpista entorpeciu a mulher. c. A bebida entorpeciu a mulher. d. A mulher *(se-r) entorpeciu. e. A mulher foi entorpecida (pelo golpista).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
95	incandescer	47.200,00	in	e	ec	a. O brinquedo ficou incandescente. b. A menina incandesciu o brinquedo. c. O calor do fogo incandesciu o brinquedo. d. O brinquedo (se) incandesciu. e. O brinquedo foi incandescente (pelo calor do fogo).	4.Totalmente subespecificado: v[±voice]

¹⁶⁶ Na verdade, sempre existe uma causa que desencadeia um evento como o de enferrujar, mas como essa não é visível (oxigênio), parece que o evento é conceitualizado como algo espontâneo.

				a. O menino ficou como covarde/acovardado. b. O pai acovardou o menino. c. A opressão acovardou o menino. d. O menino (se) acovardou. e. O menino foi acovardado (pelo pai).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
96	acovardar	a	a	Ø	
	44.900,00				
				a. A massa ficou densa. b. #* A cozinheira adensou a massa. c. O açúcar adensou a massa. d. A massa (*se) adensou. e. * A massa foi adensada (pela cozinheira/açúcar).	l. Incoativo: v[- voice]
97	adensar	a	a	Ø	
	43.700,00				
				a. A modelo ficou como deusa. b. Os fãs endeusaram a modelo. c. * Aquela roupa endeusou a modelo. d. * A modelo (se) endeusou. e. A modelo foi endeusada (pelos fãs).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
98	endusar	eN	a	Ø	
	41.500,00				
				a. As vítimas ficaram aterrorizadas/atemorizadas. b. O ladrão aterrorizou/atemorizou as vítimas. c. A ventania aterrorizou/atemorizou as pessoas. d. As vítimas *(se) aterrorizaram/atemorizaram. e. As vítimas foram aterrorizadas/atemorizadas (pelo ladrão).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
99	atemorizar	a	a	iz	
	40.700,00				

100	emudecer	eN	e	ec	a. O João ficou mudo. b. *# O pai emudeceu o João. c. A chegada do pai emudeceu o João. d. O João (? se-r) emudeceu. e. ? O João foi emudecido (pela chegada do pai.)	
					2. Causativo estrito: v[-voice]	
101	endoidar	eN	a	Ø	a. O paciente ficou doído. b. *# Os parentes endoidaram o paciente. c. O ambiente endoidou o paciente. d. O paciente (*se) endoidou. e. * O paciente foi endoidado (pelos parentes/ambiente).	
					1. Incoativo: v[-voice]	
102	endoidecer	eN	e	ec	a. O João ficou doído. b. *# A Maria endoideceu o João. c. Os gritos da Maria endoideceram o João. d. O João (? se-r) endoideceu. e. O João foi endoidecido (pelos gritos da Maria).	
					6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]	
103	enegreecer	eN	e	ec	a. A parede ficou negra. b. # O João enegreceu as paredes. c. A umidade enegreceu as paredes. d. A parede (se) enegreceu. e. A parede foi enegrecida (pela umidade).	
					6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]	
104	enobreecer	eN	e	ec	a. O rapaz ficou nobre. b. *# O chefe enobreceu o rapaz. c. O trabalho enobreceu o rapaz. d. O rapaz (se) enobreceu. e. O rapaz foi enobrecido (pelo trabalho).	
					6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]	

105	encolerizar			eN	a	iz	a. A audiência ficou encolerizada/em estado de cólera. b. *# O político encolerizou a audiência. c. A injustiça encolerizou a audiência. d. ? A audiência (? se) encolerizou. e. * A audiência foi encolerizada (pela injustiça).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	28.800,00							
106	agigantar			a	a	Ø	a. A árvore ficou gigante. b. *# O jardineiro agigantou a árvore. c. O fertilizante agigantou a árvore. d. A árvore (se) agigantou. e. * A árvore foi agigantada (pelo jardineiro/fertilizante).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	28.700,00							
107	avolumar			a	a	Ø	a. O vestido ficou com volume/volumoso. b. *# A costureira avolumou o vestido. c. Os enchimentos avolumaram o vestido. d. O vestido (se) avolumou. e. O vestido foi avolumado (pelos enchimentos).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	28.700,00							
108	empalidecer			eN	e	ec	a. O João ficou pálido. b. *# A Maria empalideceu o João. c. A doença empalideceu o João. d. O João (*se) empalideceu. e. * O João foi empalidecido (pela Maria/ doença).	1. Incoativo: v[-voice]
	28.700,00							

109	emburrecer	eN	e	ec	a. O telespectador ficou burro. b. *# O apresentador emburreceu o telespectador. c. Os programas de TV emburreceram o telespectador. d. O telespectador (? se) emburreceu. e. O telespectador foi emburrecido (pelos programas de TV).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
110	enervar	eN	a	Ø	a. O Pedro ficou nervoso. b. *# O José enervou o Pedro. c. A falta de sono enervou o Pedro. d. O Pedro *(se) enervou. e. * O Pedro foi enervado (pelo José).	2.Causativo estrito: v[-voice]
111	enternecer	eN	e	ec	a. A megera ficou terna. b. *# O filho enterneceu a megera. c. O sorriso da criança enterneceu a megera. d. A megera (se) enterneceu. e. A megera foi enternecida (pelo sorriso da criança).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
112	assenhorear	a	a	e	a. A menina ficou como senhora/assenhoreada. b. *# A mãe assenhoreou a menina. c. O nascimento do filho assenhoreou a menina. d. A menina (se) assenhoreou. e. * A menina foi assenhoreada (pelo nascimento do filho).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]

113	avermelhar	18.600,00	a	a	Ø	a. As folhas das árvores ficaram vermelhas. b. * O jardineiro avermelhou a folha da árvore. c. A mudança de estação avermelhou as folhas da árvore. d. As folhas da árvore (se) avermelharam. e. * As folhas da árvore foram avermelhadas (pela mudança da estação).	1. Incoativo: v[-voice]
114	enrubescer	18.300,00	eN	e	ec	a. A moça ficou rubra. b. #* O rapaz enrubesceu a moça. c. Os elogios enrubesceram a moça. d. A moça (se) enrubesceu. e. A moça foi enrubescida (pelos elogios do rapaz).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
115	esverdear	18.200,00	eS	a	e	a. As plantas ficaram verdes. b. #* O jardineiro esverdeou as plantas. c. A chuva esverdeou as plantas. d. As plantas (*se) esverdearam. e. * As plantas foram esverdeadas (pela chuva).	1. Incoativo: v[-voice]
116	amesquinhar	17.500,00	a	a	Ø	a. O homem ficou mesquinho. b. #* A mulher amesquinhou o homem. c. A morte da mulher amesquinhou o homem. d. O homem (se) amesquinhou. e. * O homem foi amesquinhado (pela morte da mulher).	2. Causativo estrito: v[-voice]

117	encurvar 17.400,00	eN	a	Ø	a. O galho ficou curvo. b. O menino encurvou o galho. c. O vento encurvou o galho. d. O galho (se) encurvou. e. O galho foi encurvado (pelo menino/vento).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
118	acolchoar 17.200,00	a	a	Ø	a. A poltrona ficou acolchoada. b. A Maria acolchoou a poltrona. c. * O tecido acolchoou a poltrona. d. * A poltrona (se) acolchoou. e. A poltrona foi acolchoada (pela Maria).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
119	empapar 16.500,00	eN	a	Ø	a. O arroz ficou como papa/ empapado. b. *# A cozinheira empapou o arroz. c. O molho empapou o arroz. d. O arroz (*se) empapou. e. * O arroz foi empapado (pela cozinheira/pelo molho).	1. Incoativo: v[- voice]
120	encrespar 16.400,00	eN	a	Ø	a. O meu cabelo ficou crespo. b. A cabeleireira encrespou o meu cabelo. c. O shampoo encrespou o meu cabelo. d. O meu cabelo (*se) encrespou. e. O meu cabelo foi encrespado (pela cabeleireira).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
121	embranquecer 16.200,00	eN	e	ec	a. Os meus dentes ficaram brancos. b. *# O dentista embranqueceu meus dentes. c. O clareamento embranqueceu meus dentes. d. Meus dentes (*se) embranqueceram. e. Meus dentes foram embranquecidos (pelo clareamento).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]

122	empedrar	eN	a	Ø	a. A massa ficou como pedra/ empedrada. b. *# A cozinha empedrou a massa. c. O contato com o ar empedrou a massa. d. A massa (*se) empedrou. e. * A massa foi empedrada (pela cozinha/pelo contato com o ar).	1. Incoativo: v[-voice]
	15.300,00					
123	afofar	a	a	Ø	a. O travesseiro ficou fofo. b. Eu afofei o travesseiro. c. O peso afofou o travesseiro. d. O travesseiro (se) afofou. e. O travesseiro foi afofado (por mim/pelo peso).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	15.200,00					
124	emprenhar	eN	a	Ø	a. A vaca ficou prenhe/a. b. *# O boi empenhou a vaca. c. ? A inseminação empenhou a vaca. d. A vaca (*se) empenhou. e. * A vaca foi empenhada (pelo boi/pela inseminação).	1. Incoativo: v[-voice]
	14.900,00					
125	enricar	eN	a	Ø	a. O homem ficou rico. b. *# O patrão enricou o homem. c. O trabalho enricou o homem. d. O homem (se) enricou. e. * O homem foi enricado (pelo patrão/trabalho).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	14.800,00					
126	enraivecer	eN	e	ec	a. O aluno ficou com raiva/enraivecido. b. *# O colega enraiveceu o aluno. c. A situação enraiveceu o aluno. d. O aluno (se) enraiveceu. e. * O aluno foi enraivecido (pelo colega).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	14.400,00					

127	ensurdecer	eN e ec	a. O homem ficou surdo. b. *# O médico ensurdeceu o homem (com o erro). c. O excesso de poluição sonora ensurdeceu o homem. d. O homem (se-r) ensurdeceu. e. O homem foi ensurdecido (pelo barulho).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	14.200,00			
128	embrutecer	eN e ec	a. O homem ficou bruto. b. *# A namorada embruteceu o homem. c. As adversidades embruteceram o homem. d. O homem (se) embruteceu. e. * O homem foi embrutecido (pelas adversidades).	2. Causativo estrito: v[-voice]
	14.000,00			
129	aferventar	a a Ø	a. A água ficou fervendo/fervente. b. *# A moça aferventou a água. c. O fogo alto aferventou a água. d. A água (*se) aferventou. e. ? A água foi aferventada (pela moça/pelo fogo alto).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	13.800,00			
130	aligeirar	a a Ø	a. A obra ficou ?ligeira/ aligeirada. b. O engenheiro aligeirou a obra. c. A liberação da verba aligeirou a obra. d. ? A obra (se) aligeirou. e. A obra foi aligeirada (pelo engenheiro/ pela liberação da verba).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	13.700,00			
131	enlutar	eN a Ø	a. A moça ficou de luto. b. *# O marido enlutou a moça. c. A morte/perda do marido enlutou a moça. d. A moça (se) enlutou. e. A moça foi enlutada (pela morte do marido).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	13.700,00			

132	extenuar				a. O atleta ficou extenuado. b. O técnico extenuou o atleta. c. O treinamento excessivo extenuou o atleta. d. O atleta *(se) extenuou. e. O atleta foi extenuado (pelo técnico/treinamento excessivo).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	13.000,00	ex	a	Ø		
133	emborrachar ¹⁶⁷				a. O tecido ficou como borracha/ emborrachado. b. *# A costureira emborrachou o tecido. c. O processo emborrachou o tecido. d. * O tecido (se) emborrachou. e. O tecido foi emborrachado (pelo processo).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	12.700,00	eN	a	Ø		
134	afervorar				a. A multidão ficou fervorosa. b. *# O artista afervorou a multidão. c. O show afervorou a multidão. d. A multidão (se) afervorou. e. A multidão foi afervorada (pelo artista/show).	6.Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	12.100,00	a	a	Ø		
135	avassalar				a. O povo ficou (como) vassalo. b. O barão avassalou aquele povo. c. A miséria avassalou o povo. d. O povo *(se) avassalou. e. O povo foi avassalado (pelo barão/miséria).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	11.700,00	a	a	Ø		

¹⁶⁷ Acreditamos que esse verbo seja mais frequentemente usado como participio.

		a. O aluno ficou bravo. b. *# O colega embraveceu o aluno. c. A nota embraveceu o aluno. d. ? O aluno (? se) embraveceu. e. * O aluno foi embravecido (pelo colega/pela nota).			
136	embravecer	eN	e	ec	2. Causativo estrito: v[-voice]
	10.500,00				

APÊNDICE C: Mudança de Lugar

#	Verbo (Frequência)	Pref	VT	Suf	Testes	Tipo de evento	Tipo de local
1	incorporar 2.080.000,00	in	a	Ø	a. Um espírito ficou incorporado. b. O homem incorporou um espírito. c. * A cerimônia incorporou um espírito. d. * Um espírito (se) incorporou. e. Um espírito foi incorporado (pelo homem).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Abstrato/con têiner/espaco / [dentro]
2	enterrar 1.570.000,00	eN	a	Ø	a. O osso ficou enterrado. b. O cachorro enterrou o osso. c. A chuva enterrou o osso. d. O osso (?se) enterrou (?sozinho). e. O osso foi enterrado (pelo cachorro).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/espac o/ [dentro]
3	embarcar 1.440.000,00	eN	a	Ø	a. ? Os passageiros ficaram embarcados. b. O capitão embarcou os passageiros. c. * A viagem embarcou os passageiros. d. Os passageiros (*se) embarcaram. e. Os passageiros foram embarcados (pelo capitão).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]

4	enquadrar	eN	a	Ø	a. A fotografia ficou enquadrada. b. O artista enquadrou a fotografia. c. A exposição enquadrou a fotografia. d. * A fotografia (se) enquadrou. e. A fotografia foi enquadrada (pelo artista).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntéiner/ nténier/ [dentro]
5	afundar	a	a	Ø	a. O navio ficou no fundo/? afundado. b. O exército afundou o navio. c. A maré afundou o navio. d. O navio (*se) afundou (sozinho). e. O navio foi afundado (pelo exército/pela maré).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]	Concreto/esp aço
6	adentrar	a	a	Ø	a. * A sala ficou adentrada. b. O rapaz adentrou a sala. c. O vento adentrou a sala. d. * A sala (se) adentrou. e. A sala foi adentrada (pelo rapaz).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/esp aço
7	acampar	a	a	Ø	a. O grupo ficou acampado. b. O líder acampou o grupo. c. * A chuva acampou o grupo. d. O grupo (se) acampou. e. O grupo foi acampado (pelo líder).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/esp aço
8	aportar	a	a	Ø	a. O navio ficou aportado. b. O capitão aportou o navio. c. * A entrega aportou o navio. d. O navio (*se) aportou (*sozinho). e. O navio foi aportado (pelo capitão).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/esp aço

9	aterriz(ss)ar 182.000,00	a	a	iz	a. O avião ficou aterrissado. b. O piloto aterrissou o avião . c. ? O pouso aterrissou o avião. d. O avião (*se) aterrissou (?? sozinho). e. O avião foi aterrissado (pelo piloto).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/esp aço
10	aprisionar 171.000,00	a	a	Ø	a. O fugitivo ficou aprisionado. b. O policial aprisionou o fugitivo. c. * A perseguição aprisionou o fugitivo. d. O fugitivo *(se-r) aprisionou. e. O fugitivo foi aprisionado (pelo policial).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/esp aço
11	embolsar 144.000,00	eN	a	Ø	a. A grana ficou embolsada. b. O ladrão embolsou a grana. c. * O furto embolsou a grana. d. * A grana (se) embolsou. e. A grana foi embolsada (pelo ladrão).	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
12	ensacar 120.000,00	eN	a	Ø	a. Os cereais ficaram ensacados. b. O funcionário ensacou os cereais. c. A máquina ensacou os cereais. d. * Os cereais (se) ensacaram. e. Os cereais foram ensacados (pelo funcionário/pela máquina).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
13	enturnar 89.700,00	eN	a	Ø	a. O novo aluno ficou enturnado. b. O João enturnou o novo aluno. c. * A festa enturnou o novo aluno. d. O novo aluno *(se-r) enturnou. e. O novo aluno foi enturnado pelo João.	5.Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Abstrato/con têiner/espço /[dentro]

14	encarcerar	eN	a	Ø	a. As vítimas ficaram encarceradas. b. O sequestrador encarcerou a vítima. c. * O sequestro encarcerou a vítima. d. A vítima *(se-r) encarcerou. e. A vítima foi encarcerada (pelo sequestrador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	
	79.900,00						
15	encurralar	eN	a	Ø	a. O boi ficou encurralado. b. O criador encurralou o boi. c. * A chuva encurralou o boi. d. O boi *(se-r) encurralou. e. O boi foi encurralado (pelo criador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	68.500,00						
16	engarrafar	eN	a	Ø	a. O vinho ficou engarrafado. b. O João engarrafou o vinho. c. A máquina engarrafou o vinho. d. O vinho *(se) engarrafou (*sozinho). e. O vinho foi engarrafado (pelo João/pela máquina).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	65.600,00						
17	enredar	eN	a	Ø	a. O peixe ficou enredado. b. O pescador enredou o peixe. c. ? A maré enredou o peixe. d. O peixe *(se-r) enredou. e. O peixe foi enredado (pelo pescador).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	65.100,00						
18	aninhar	a	a	Ø	a. Os filhotes ficaram aninhados. b. O pardal aninhou os filhotes. c. * A chuva aninhou os filhotes. d. Os filhotes *(se-r) aninharam. e. Os filhotes foram aninhados (pelo pardal).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/esp ago/contêine r
	58.800,00						

19	envasar	eN	a	Ø	a. A planta ficou envasada. b. O jardineiro envasou a planta. c. * O plantio envasou a planta. d. * A planta (se) envasou. e. A planta foi envasada (pelo jardineiro).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/espaç o/ [dentro]
	57.300,00						
20	engavetar	eN	a	Ø	a. O formulário ficou engavetado. b. O estudante engavetou o formulário. c. ?? A petição engavetou o formulário. d. * O formulário (se) engavetou. e. O formulário foi engavetado (pelo estudante).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	49.600,00						
21	encapsular	eN	a	Ø	a. O medicamento ficou encapsulado. b. O técnico encapsulou o medicamento. c. O processo encapsulou o medicamento. d. * O medicamento (se) encapsulou. e. O medicamento foi encapsulado (pelo técnico).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	47.200,00						
22	encaixotar	eN	a	Ø	a. As peças ficaram encaixotadas. b. O montador encaixotou as peças. c. A máquina encaixotou as peças. d. As peças (*se) encaixotaram (*sozinhas). e. As peças foram encaixotadas (pelo montador).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	40.600,00						
23	enformar	eN	a	Ø	a. O bolo ficou enformado. b. A cozinha enformou o bolo. c. * A receita enformou o bolo. d. * O bolo (se) enformou. e. O bolo foi enformado (pela cozinha).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	33.100,00						

24	exorbitar	ex	a	Ø	a. O foguete ficou exorbitado. b. O astronauta exorbitou o foguete. c. O lançamento exorbitou o foguete. d. O foguete (se) exorbitou. e. O foguete foi exorbitado (pelo astronauta/pelo lançamento).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]	Concreto/co ntêiner/espaç o/ [dentro]
	27.400,00						
25	empareadar	eN	a	Ø	a. O cadáver ficou emparedado. b. O assassino emparedou o cadáver. c. * O assassinato emparedou o cadáver. d. * O cadáver (se) emparedou. e. O cadáver foi emparedado (pelo assassino).	5. Causativo agentivo estrito: v[±voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	23.500,00						
26	encaçapar	eN	a	Ø	a. A bola ficou encaçapada. b. O jogador encaçapou a bola. c. * O vento encaçapou a bola. d. A bola (*se) encaçapou (*sozinha). e. A bola foi encaçapada (pelo jogador).	5. Causativo agentivo estrito: v[±voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]a
	22.800,00						
27	acamar ¹⁶⁸	a	a	Ø	a. A criança ficou acamada. b. A babá acamou a criança. c. A doença acamou a criança. d. A criança *(se) acamou. e. A criança foi acamada (pela babá/doença).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[±voice]	Concreto/esp aço
	22.700,00						

¹⁶⁸ *Acamar* é mais usado no sentido de “ficar doente” e na forma passiva, como em “*ele está acamado; ficou acamado por meses*”. No entanto, também é possível interpretar essa forma composicionalmente.

28	enlatar	eN	a	Ø	a. O milho ficou enlatado. b. A empresa enlatou o milho. c. A máquina enlatou o milho. d. O milho (*se) enlatou (*sozinho). e. O milho foi enlatado (pela empresa/pela máquina).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	19.700,00						
29	enfurnar ¹⁶⁹	eN	a	Ø	a. A raposa ficou enfurnada. b. O cão enfurnou a raposa. c. ?? O inverno enfurnou a raposa. d. A raposa *(se-r) enfurnou. e. A raposa foi enfurnada pelo cão.	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	18.500,00						
30	enjaular	eN	a	Ø	a. O animal ficou enjaulado. b. O funcionário enjaulou o animal. c. * O chuva enjaulou o animal. d. O animal *(se-r) enjaulou. e. O animal foi enjaulado (pelo funcionário).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	15.700,00						
31	empoleirar	eN	a	Ø	a. O pássaro ficou empoleirado. b. O criador empoleirou o pássaro. c. * A caça empoleirou o pássaro. d. * O pássaro (se) empoleirou. e. O pássaro foi empoleirado (pelo criador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
	12.900,00						

¹⁶⁹ Enfurnar é um exemplo interessante em que o substantivo caiu em desuso e o verbo derivado permaneceu.

32	aquartelar	a	a	Ø	a. A tropa ficou aquartelada. b. O soldado aquartelou a tropa. c. * A guerra aquartelou a tropa. d. A tropa *(se-r) aquartelou. e. A tropa foi aquartelada (pelo soldado).	5. Causativo agentivo estritio: v[+voice]	Concreto/esp aço
33	encucar	eN	a	Ø	a. A ideia ? Ficou / está encucada. b. A moça encucou com a ideia. c. * O problema encucou com ideia. d. * A ideia (se) encucou. e. * A ideia foi encucada pela moça.	Outros	Abstrato/con têiner/ [dentro]
34	encestar	eN	a	Ø	a. # A bola ficou encestada ¹⁷⁰ . b. O jogador encestou a bola. c. * O lance encestou a bola. d. * A bola (se) encestou. e. A bola foi encestada (pelo jogador).	5. Causativo agentivo estritio: v[+voice]	Concreto/co ntêiner/ [dentro]
35	expatriar	ex	a	Ø	a. O terrorista ficou expatriado. b. O governo expatriou o terrorista. c. A nova lei expatriou o terrorista. d. O terrorista *(se-r) expatriou. e. O terrorista foi expatriado (pelo governo/pela nova lei).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]	Abstrato/con têiner/espago /[dentro]

¹⁷⁰ Pragmaticamente estranha pela natureza do contêiner, que não é capaz de reter o objeto. A aceitabilidade melhora quando imaginamos uma situação em que alguém encesta as roupas, e as mesmas ficam encestadas por semanas.

				a. O pássaro ficou engaiolado. b. O criador engaiolou o pássaro. c. * O vendaval engaiolou o pássaro. d. O pássaro *(se-r) engaiolou. e. O pássaro foi engaiolado (pelo criador).		
36	engaiolar 10.600,00	eN	a	Ø	5. Causativo agentivo estritio: V[+voice]	Concreto/co ntéiner/ [dentro]

APÊNDICE D: Mudança de Posse concreta e abstrata

D1. Posse concreta

#	Verbo	Pref	VT	Suf	Testes	Tipo de evento
(Frequência)						
1	emplacar 743.000,00	eN	a	Ø	a. O carro ficou com placa/emplacado. b. O Pedro emplacou o carro. c. * A fiscalização emplacou o carro. d. * O carro (se) emplacou. e. O carro foi emplacado (pelo Pedro).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
2	apimentar 612.000,00	a	a	Ø	a. O acarajé ficou com pimenta/apimentado. b. A baiana apimentou o acarajé. c. * A nova receita apimentou o acarajé. d. * O acarajé (se) apimentou. e. O acarajé foi apimentado (pela baiana).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
3	envenenar 542.000,00	eN	a	Ø	a. A princesa ficou ?com veneno/ envenenada. b. A bruxa envenenou a princesa. c. A maçã envenenou a princesa. d. A princesa *(se-r) envenenou. e. A princesa foi envenenada (pela bruxa/ pela maçã).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]

4	emoldurar	415.000,00	eN	a	Ø	a. A gravura ficou com moldura/emoldurada. b. O artista emoldurou a gravura. c. * A exposição emoldurou a gravura. d. * A gravura (se) emoldurou. e. A gravura foi emoldurada (pelo artista).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
5	engomar	301.000,00	eN	a	Ø	a. A roupa ficou com goma/engomada. b. A passadeira engomou a roupa. c. * O ferro engomou a roupa. d. * A roupa (se) engomou. e. A roupa foi engomada (pela passadeira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
6	aterrar	204.000,00	a	a	Ø	a. O terreno ficou com terra/aterrado. b. O pedreiro aterrou o terreno. c. A implusão aterrou o terreno. d. * O terreno (se) aterrou. e. O terreno foi aterrado (pelo pedreiro/ pela implusão).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
7	encapar	136.000,00	eN	a	Ø	a. O caderno ficou com capa/ encapado. b. O aluno encapou o caderno. c. * O plástico encapou o caderno. d. * O caderno (se) encapou. e. O caderno foi encapado (pelo aluno).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
8	encerrar	128.000,00	eN	a	Ø	a. O chão ficou com cera/ encerado. b. Ela encerou o chão. c. * A limpeza encerou o chão. d. * O chão (se) encerou. e. O chão foi encerado (por ela).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

9	engraxar 120.000,00	a. O sapato ficou com graxa/ engraxado. b. O João engraxou o sapato. c. * A graxa nova engraxou o sapato. d. * O sapato (se) engraxou. e. O sapato foi engraxado (pelo João).			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		eN	a	Ø	
10	acorrentar 92.400,00	a. O bandido ficou acorrentado. b. O policial acorrentou o bandido. c. O roubo acorrentou o bandido. d. O bandido *(se-r) acorrentou. e. O bandido foi acorrentado (pelo policial).			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		a	a	Ø	
11	engessar 80.200,00	a. O braço ficou com gesso/ engessado. b. O enfermeiro engessou o braço. c. * O acidente engessou o braço. d. * O braço (se) engessou. e. O braço foi engessado (pelo enfermeiro).			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		eN	a	Ø	
12	enlaçar 69.700,00	a. O boi ficou com laço/ enlaçado. b. O vaqueiro enlaçou o boi. c. * O rodeio enlaçou o boi. d. * O boi (se) enlaçou. e. O boi foi enlaçado (pelo vaqueiro).			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		eN	a	Ø	
13	amordacar 56.700,00	a. As vítimas ficaram com mordaca/amordaçadas. b. O sequestrador amordaçou as vítimas. c. * O sequestro amordaçou as vítimas. d. As vítimas *(se-r) amordaçaram. e. As vítimas foram amordaçadas (pelo sequestrador).			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
		a	a	Ø	

14	abacalhoar	a	a	Ø	a. A salada ficou com bacalhau/ abacalhoadá. b. A cozinheira abacalhoou a salada. c. * A receita abacalhoou a salada. d. * A salada (se) abacalhoou. e. A salada foi abacalhoadá (pela cozinheira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
15	intoxicar	in	a	Ø	a. A menina ficou com tóxicos/ intoxicada. b. *#A mulher intoxicou a menina. c. A carne de porco intoxicou a menina. d. A menina ?(se) intoxicou. e. A menina foi intoxicada (pela mulher/ pela carne de porco).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
16	ensaboar	eN	a	Ø	a. O cachorro ficou com sabão/ ensaboado. b. O toador ensaboou o cachorro. c. * O banho ensaboou o cachorro. d. O cachorro *(#se) ensaboou. ¹⁷¹ e. O cachorro foi ensaboado (pelo toador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
17	envernizar	eN	a	Ø	a. A peça ficou com verniz/ envernizada. b. O artista envernizou a peça. c. * O conserto envernizou a peça. d. * A peça (se) envernizou. e. A peça foi envernizada (pelo artista).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

¹⁷¹ O uso de *se* só é pragmaticamente estranho pela natureza não-humana do DP animado cachorro. Se o DP em posição de sujeito fosse humano, a sentença seria interpretada instantaneamente como reflexiva. O mesmo se aplica para o verbo *enlutar* abaixo, em que o uso de *se* leva imediatamente a uma leitura reflexiva que é pragmaticamente estranha mesmo com DP animado e humano.

18	empenar	eN	a	Ø	a. O travesseiro ficou com penas/empenado. b. O alfaiate empenou o travesseiro. c. * A reforma empenou o travesseiro. d. * O travesseiro (se) empenou. e. O travesseiro foi empenado (pelo alfaiate).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
19	aparafusar	a	a	Ø	a. A TV ficou com parafuso/aparafusada. b. O técnico aparafusou a TV. c. * O consetto aparafusou a TV. d. * A TV (se) aparafusou. e. A TV foi aparafusada (pelo técnico).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
20	embandeirar	eN	a	Ø	a. O mastro ficou com bandeira/embandeirado. b. O sargento embandeirou o mastro. c. ? A bandeira grande embandeirou o mastro. d. * O mastro (se) embandeirou. e. O mastro foi embandeirado (pelo sargento).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
21	inseminar	in	a	Ø	a. O óvulo ficou com sêmen/ inseminado. b. O médico inseminou o óvulo. c. ?? O tratamento inseminou o óvulo. d. ? O óvulo (*se) inseminou. e. O óvulo foi inseminado (pelo médico).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
22	enfaixar	eN	a	Ø	a. O braço ficou com faixa/ enfaixado. b. O enfermeiro enfaixou o braço. c. * O acidente enfaixou o braço. d. * O braço (se) enfaixou. e. O braço foi enfaixado (pelo enfermeiro).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

23	enfiar	21.600,00	eN	a	Ø	a. O cabelo ficou com fita/ enfiado. b. A moça enfiou o cabelo. c. * O penteado enfiou o cabelo. d. * O cabelo (se) enfiou. e. O cabelo foi enfiado (pela moça).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
24	enfarinhar	18.800,00	eN	a	Ø	a. A forma ficou com farinha/ enfarinhada. b. A cozinheira enfarinhou a forma. c. * O vento enfarinhou a forma. d. * A forma (se) enfarinhou. e. A forma foi enfarinhada (pela cozinheira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
25	enlamear	18.700,00	eN	a	e	a. O Pedrinho ficou com lama/ enlameado. b. O garoto enlameou o Pedrinho. c. O tombo enlameou o Pedrinho. d. O Pedrinho *(se-r) enlameou. e. O Pedrinho foi enlameado (pelo garoto).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
26	encapotar	18.000,00	eN	a	Ø	a. O filho ficou com capote/ encapotado. b. A mãe encapotou o filho. c. * O frio encapotou o filho. d. * O filho *(se-r) encapotou. e. O filho foi encapotado (pela mãe).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
27	abalizar	17.400,00	a	a	Ø	a. A rua ficou com baliza/ abalizada. b. O instrutor abalizou a rua. c. * A prova abalizou a rua. d. * A rua (se) abalizou. e. A rua foi abalizada (pelo instrutor).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

28	entubar			eN	a	Ø	a. O paciente ficou com tubo/ entubado. b. O médico entubou o paciente. c. * A cirurgia entubou o paciente. d. O paciente *(#se) entubou. e. O paciente foi entubado (pelo médico).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	17.400,00							
29	empalhar			eN	a	Ø	a. O animal ficou com palha/empalhado. b. O João empalhou o animal. c. * A palha velha empalhou o animal. d. * O animal (se) empalhou. e. O animal foi empalhado (pelo João).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	16.800,00							
30	aleitar			a	a	Ø	a. As crias ? Ficaram/ estão com leite/aleitadas. b. A vaca aleitou as crias. c. * O leite materno aleitou as crias. d. * As crias (se) aleitaram. e. # As crias foram aleitadas (pela vaca).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	14.200,00							
31	afivelar			a	a	Ø	a. A correia do relógio ficou com fivela/afivelada. b. A moça afivelou a correia do relógio. c. * O conserto afivelou a correia do relógio. d. * A correia do relógio (se) afivelou. e. A correia do relógio foi afivelada (pela moça).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	14.100,00							
32	empoeirar			eN	a	Ø	a. A sala ficou com poeira/ empoeirada. b. *# O João empoeirou a sala. c. O vento empoeirou a sala. d. A sala (?se) empoeirou. e. A sala foi empoeirada (pelo João/ pelo vento).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	13.100,00							

33	envidraçar			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	eN	a	Ø	
12.400,00				
a. As janelas ficaram com vidraça/ envidraçadas. b. O funcionário envidraçou as janelas. c. * A reforma envidraçou as janelas. d. * As janelas (se) envidraçaram. e. As janelas foram envidraçadas (pelo funcionário).				
34	enevoar			1. Incoativo: v[-voice]
	eN	a	Ø	
11.600,00				
a. O vale ficou com névoa/enevoadado. b. * O João enevoou o vale. c. O mal tempo/a fumaça enevoou o vale. d. O vale (? se) enevoou. e. * O vale foi enevoadado (pelo mal tempo).				
35	estripar			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	eS	a	Ø	
11.000,00				
a. A vítima ficou <u>sem</u> tripa/estripada. b. O assassino estripou a vítima. c. * O assassinato estripou a vítima. d. * A vítima (se) estripou. e. A vítima foi estripada (pelo assassino).				
36	atarraxar			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	a	a	Ø	
10.900,00				
a. O brinco ficou com tarraxa/atarraxado. b. A Joana atarraxou o brinco. c. * A tarraxa errada atarraxou o brinco. d. * O brinco (se) atarraxou. e. O brinco foi atarraxado (pela Joana).				
37	abarrancar			5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	a	a	Ø	
10.800,00				
a. O caminho ficou abarrancado. b. Os soldados do exército abarrancaram o caminho. c. * O conflito abarrancou o caminho. d. * O caminho (se) abarrancou. e. O caminho foi abarrancado (pelos soldados).				

D2. Posse abstrata

#	Verbo (Frequência)	Pref	VT	Suf	Testes	Tipo de evento
1	acompanhar 20.000.000,00	a	a	Ø	a. O paciente ficou/ está ¹⁷² acompanhado. b. A enfermeira acompanhou o paciente. c. * A necessidade acompanhou o paciente. d. * O paciente (se) acompanhou. e. O paciente foi acompanhado (pela enfermeira).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
2	aproveitar 13.000.000,00	a	a	Ø	a. A oportunidade *ficou/está aproveitada. b. O candidato aproveitou a oportunidade. c. * A sorte aproveitou a oportunidade. d. * A oportunidade (se) aproveitou. e. A oportunidade foi aproveitada (pelo candidato).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]

¹⁷² Para alguns verbos, o uso da paráfrase de resultado com o verbo *ficar* no passado não causa estranheza talvez exatamente pela natureza abstrata da transferência estabelecida. O do tempo presente é mais compatível com esta classe.

					a. * O namorado ficou/ está acreditado. b. * A moça acreditou o namorado. c. * A história acreditou o namorado. d. * O namorado (se) acreditou. e. * O namorado foi acreditado pela moça.	Outros
3	acreditar ¹⁷³	a	a	Ø		
	6.900.000,00					
					a. As crianças ficaram assustadas. b. O palhaço assustou as crianças. c. O barulho assustou as crianças. d. As crianças ?(se) assustaram. e. As crianças foram assustadas (pelo palhaço).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
4	assustar	a	a	Ø		
	1.280.000,00					
					a. A filha ficou/ está abençoada. b. O pai abençoou a filha. c. * O casamento abençoou a filha. d. A filha *(se-r) abençoou. e. A filha foi abençoada (pelo pai).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
5	abençoar	a	a	Ø		
	1.030.000,00					
					a. O filho ficou/ está aconselhado. b. A mãe aconselhou o filho. c. * Aquele discurso aconselhou o filho. d. * O filho (se) aconselhou. e. O filho foi aconselhado (pela mãe).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
6	aconselhar	a	a	Ø		
	827.000,00					

¹⁷³ Considerar que o verbo *acreditar* é relacionado de algum modo ao nome *crédito* não é ponto pacífico. Em Bassani (2009), observamos que os falantes reconhecem uma relação entre a sentença base "Eu acreditei no sujeito" e a expressão perifrástica "Eu dei um crédito ao sujeito", mas não reconhecem relação com os outros testes: adjunto cognato ("Eu acreditei nele com um crédito sem tamanho") e objeto cognato ("Eu acreditei um crédito enorme nele"). Além disso, reconhecem de modo absoluto a relação com o que chamamos de adjunto hipônico ou hiperônimo ("Eu acreditei nele com uma confiança sem tamanho").

7	encorajar	707.000,00	eN	a	Ø	a. O estudante ficou/ está encorajado. b. O professor encorajou o estudante. c. A bom tempo encorajou o estudante. d. O estudante *(se-r) encorajou. e. O estudante foi encorajado (pelo professor/pelo bom tempo).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
8	embasar	686.000,00	eN	a	Ø	a. A discussão ficou/ está embasada. b. O autor embasou a discussão. c. Os gráficos embasaram a discussão. d. * A discussão (se) embasou. e. A discussão foi embasada (pelo autor/pelos gráficos).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
9	enfocar	234.000,00	eN	a	Ø	a. Esse assunto ficou/ está enfocado. b. O palestrante enfocou esse assunto. c. Os slides enfocaram esse assunto. d. * Esse assunto (se) enfocou. e. Esse assunto foi enfocado (pelo palestrante/pelos slides).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
10	apoderar	233.000,00	a	a	Ø	a. Os bens *ficaram/ ?estão apoderados. b. * O ladrão apoderou os bens. c. * O roubo apoderou os bens. d. * Os bens (se) apoderaram. e. * Os bens foram apoderados (pelo ladrão).	Outros

				a. A equipe ficou/ está condicionada. b. O treinador condicionou a equipe. c. O treino condicionou a equipe. d. A equipe *(se-r) condicionou. e. A equipe condicionada (pelo treinador/treino).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
11	acondicionar	a	a	Ø	
	232.000,00				
				a. A esposa ficou endividada. b. O marido endividou a esposa. c. As compras de natal endividaram a esposa. d. A esposa *(se-r) endividou. e. A esposa foi endividada (pelo marido/pelas compras de natal).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
12	endividar	eN	a	Ø	
	165.000,00				
				a. O professor ficou/ está empossado. b. O reitor empossou o professor aprovado. c. A cerimônia empossou o professor aprovado. d. * O professor (se) empossou. e. O professor foi empossado (pelo reitor).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
13	empossar	eN	a	Ø	
	152.000,00				
				a. A cidade ficou/ está apossada. b. * As tropas apossaram a cidade. c. * O ataque apossou a cidade. d. * A cidade (se) apossou. e. A cidade foi apossada (pelas tropas).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
14	apossar	a	a	Ø	
	141.000,00				Outros
				a. A filha ficou/ está amaldiçoada. b. O pai amaldiçoou a filha. c. * O casamento amaldiçoou a filha. d. A filha *(se-r) amaldiçoou. e. A filha foi amaldiçoada (pelo pai).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
15	amaldiçoar	a	a	Ø	
	135.000,00				

				a. O João ficou/ está intitulado. b. O presidente intitulou o João chefe de seção. c. A promoção intitulou o João chefe de seção. d. O João *(se-r) intitulou chefe de seção. e. O João foi intitulado chefe de seção (pelo presidente).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
16	intitular	in	a	Ø	
	93.500,00				
				a. A filha ficou/ está agraciada. b. O pai agraciou a filha. c. A oração agraciou a filha. d. A filha *(se) agraciou. e. A filha foi agraciada (pelo pai).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
17	agraciar	a	a	Ø	
	74.200,00				
				a. A princesa ficou enfeitçada. b. A bruxa enfeitiçou a princesa. c. A poção enfeitiçou a princesa. d. A princesa *(se-r) enfeitiçou. e. A princesa foi enfeitçada (pela bruxa/ poção).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
18	enfeitiçar	eN	a	Ø	
	72.300,00				
				a. O réu ficou/ está apenado. b. O Juiz apenou o réu. c. * A sentença apenou o réu. d. * O réu (se) apenou. e. O réu foi apenado (pelo juiz).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
19	apenar	a	a	Ø	
	50.100,00				

20	enojar 23.500,00	eN	a	Ø	a. A menina ficou/ está enojada. b. *# O garoto enojou a menina. c. A falta de higiene do garoto enojou a menina. d. A menina *(se) enojou. e. * A menina foi enojada (pelo garoto/ pela a falta de higiene).	2.Causativo estrito: v[-voice]
21	assalariar 12.400,00	a	a	Ø	a. Os voluntários ficaram/ estão assalariados. b. O chefe assalariou os voluntários. c. O novo regimento assalariou os voluntários. d. Os voluntários *(se-r) assalariaram. e. Os voluntários foram assalariados (pelo chefe/pelo novo regimento).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
22	aculturar 11.100,00	a	a	Ø	a. As tribos ficaram/estão aculturadas. b. O homem branco aculturou as tribos. c. A influência do homem branco aculturou as tribos. d. As tribos *(se) aculturaram. e. As tribos foram aculturadas (pelo homem branco/pela presença do homem branco).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
23	enviesar 10.200,00	eN	a	Ø	a. O tecido ficou/ está enviesado. b. A costureira enviesou o tecido. c. O corte enviesou o tecido. d. O tecido (*se) enviesou (*sozinho). e. O tecido foi enviesado (pela costureira/ pelo corte).	3.Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]

APÊNDICE E: Mudança de configuração do argumento interno para a criação denotada pela raiz

#	Verbo	Pref	VT	Suf	Testes	Tipo de evento
1	apontar 7.400.000,00	a	a	Ø	a. O lápis ficou apontado. b. O menino apontou o lápis. c. * O apontador apontou o lápis. d. * O lápis (se) apontou. e. O lápis foi apontado (pelo menino).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
2	agrupar 1.050.000,00	a	a	Ø	a. Os times ficaram agrupados. b. O técnico agrupou os times. c. O sorteio agrupou os times. d. * Os times (se) agruparam. e. Os times foram agrupados (pelo técnico).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
3	empacotar 425.000,00	eN	a	Ø	a. As roupas ficaram empacotadas. b. João empacotou as roupas. c. * O bazar empacotou as roupas. d. As roupas (*se) empacotaram (*sozinhas). e. As roupas foram empacotadas (pelo João).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
4	arruinar 375.000,00	a	a	Ø	a. A cidade ficou arruinada. b. O exército arruinou a cidade. c. A guerra arruinou a cidade. d. ? A cidade (se) arruinou. e. A cidade foi arruinada (pelo exército/pela guerra).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]

				a. As casas ficaram arroladas. b. O pesquisador arrolou as casas. c. A pesquisa arrolou as casas. d. * As casas (se) arrolaram. e. As casas foram arroladas (pelo pesquisador/pela pesquisa).	
5	arrolar	a	a	Ø	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
	326.000,00				
6	alistar	a	a	Ø	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	319.000,00				
7	empilhar	eN	a	Ø	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	259.000,00				
8	encenar	eN	a	Ø	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	205.000,00				

9	acasalar	a	a	Ø	a. Os animais ficaram em casais/ acasalados. b. O fazendeiro acasalou os animais. c. * O cio acasalou os animais. d. Os animais *(se-rec) acasalaram. e. Os animais foram acasalados (pelo fazendeiro) ¹⁷⁴ .	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
10	esquartejar	eS	a	ej	a. A carne ficou esquartejada. b. O açougueiro esquartejou a carne. c. * A faca esquartejou a carne. d. * A carne (se) esquartejou. e. A carne foi esquartejada (pelo açougueiro).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
11	encadernar	eN	a	Ø	a. As folhas ficaram encadernadas. b. O estudante encadernou as folhas. c. * O espiral encadernou as folhas. d. * As folhas (se) encadernaram. e. As folhas foram encadernadas (pelo estudante).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
12	enraizar	eN	a	Ø	a. A árvore ficou enraizada. b. *# O jardineiro enraizou a árvore. c. * A primavera enraizou a árvore. d. A árvore (se) enraizou. e. * A árvore foi enraizada (pelo jardineiro/ pela primavera).	1. Incoativo: v[-voice]

¹⁷⁴ "Machos heterozigotos (K dw+/k dwB) foram acasalados com fêmeas normais (dw+) e com fêmeas bantam (dwB)".
 (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-84551997000300003&script=sci_abstract&lng=pt)

13	entalhar	eN	a	Ø	a. A madeira ficou entalhada. b. O artista entalhou a madeira. c. * A tesoura entalhou a madeira. d. * A madeira (se) entalhou. e. A madeira foi entalhada (pelo artista).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
14	encadear	eN	a	Ø	a. As ideias ficaram encadeadas. b. O palestrante encadeou as ideias. c. * A palestra encadeou as ideias. d. As ideias *(se) encadearam. e. As ideias foram encadeadas (pelo palestrante).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
15	esfarelar	eS	a	Ø	a. O pão ficou esfarelado. b. A criança esfarelou o pão. c. O excesso de farinha esfarelou o pão. d. O pão (se) esfarelou. e. O pão foi esfarelado (pela criança).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
16	enfileirar	eN	a	Ø	a. As pessoas ficaram enfileiradas. b. O funcionário enfileirou as pessoas. c. * A abertura do banco enfileirou as pessoas. d. As pessoas *(se-r) enfileiraram. e. As pessoas foram enfileiradas (pelo funcionário).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
17	enrugar	eN	a	Ø	a. A pele ficou enrugada. b. * A moça enrugou a pele ¹⁷⁵ . c. O sol enrugou a pele (da moça). d. A pele (se) enrugou.	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]

¹⁷⁵ Possibilita leitura de alcance do possuidor.

e. A pele foi enrugada (pelo sol).

18	enovelar	35.900,00	eN	a	Ø	a. A lã ficou enovelada. b. A senhora enovelou a lã. c. A máquina enovelou a lã. d. * A lã (se) enovelou. e. A lã foi enovelada (pela senhora).	3. Causativo subespecificado para [ag]: v[+voice]
19	enfeixar	25.300,00	eN	a	Ø	a. As varas ficaram enfeixadas. b. O pescador enfeixou as varas. c. * O término da pescaria enfeixou as varas. d. * As varas (se) enfeixaram. e. As varas foram enfeixadas (pelo pescador).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
20	esmigalhar	21.400,00	eS	a	Ø	a. A bolacha ficou esmigalhada. b. O João esmigalhou a bolacha. c. O transporte esmigalhou (o pacote de/) a bolacha. d. A bolacha (se) esmigalhou. e. A bolacha foi esmigalhada (pelo João/pelo transporte).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
21	enodoar	17.600,00	eN	a	Ø	a. A canmisa ficou enodoada. b. ?? O João enodou a canmisa. c. O vinho enodou a canmisa. d. * A canmisa (se) enodou. e. A canmisa foi enodoada (pelo vinho).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]

22	incrustar	in	a	Ø	a. As paredes ficaram encrustadas. b. *# O João incrustou as paredes. c. A fuligem incrustou as paredes. d. * A parede (se) incrustou. e. A parede foi incrustada (pela fuligem).	6. Causativo estrito com Voice: v[+voice]
	15.000,00					
23	entrincheirar	eN	a	Ø	a. Os soldados ficaram entrincheirados. b. O comandante entrincheirou os soldados. c. * A batalha entrincheirou os soldados. d. Os soldados *(se-r) entrincheiraram. e. Os soldados foram entrincheirados (pelo comandante).	5. Causativo agentivo estrito: v[+voice]
	14.900,00					
24	encaroçar	eN	a	Ø	a. A pele ficou encaroçada. b. * O João encaroçou a pele. c. A alergia encaroçou a pele. d. A pele (*se) encaroçou (sozinha). e. * A pele foi encaroçada (pelo João/ pela alergia).	1. Incoativo: v[-voice]
	13.300,00					
25	esfarrapar	eS	a	Ø	a. As roupas ficaram esfarrapadas. b. A menina esfarrapou as roupas. c. A máquina de lavar esfarrapou as roupas. d. As roupas (se) esfarraparam. e. As roupas foram esfarrapadas (pela menina/pela máquina de lavar).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
	11.800,00					

				a. A vidraça ficou espedaçada. b. O rapaz espedaçou a vidraça. c. A ventania espedaçou a vidraça. d. A vidraça (se) espedaçou. e. A vidraça foi espedaçada (pelo rapaz/pela ventania).	4. Totalmente subespecificado: v[±voice]
26	espedaçar	eS	a	Ø	
	11.600,00				
27	esburacar	eS	a	Ø	a. O solo ficou esburacado. b. O animal esburacou o solo. c. A chuva esburacou o solo. d. O solo (se) esburacou. e. O solo foi esburacado (pelo animal/pela chuva).
	11.100,00				4. Totalmente subespecificado: v[±voice]

ESTRUTURAS EM QUE A RAIZ MODIFICA v

APÊNDICE F: Verbos em que a raiz modifica v.

Testes de alternância: b-d, Testes de identificação de eventualidade: a, e-f¹⁷⁶.

#	Verbo (Frequência)	Pref	VT	Suf	Testes	Tipo de evento
1	enfrentar 14.100.000,00	eN	a	Ø	a. O inimigo *ficou/foi enfrentado. b. O soldado enfrentou o inimigo. c. *O conflito enfrentou o inimigo. d. O inimigo *(se-r) enfrentou. e. O inimigo quase foi enfrentado = (Int 1). f. O inimigo está sendo enfrentado, apenas se o inimigo (#não) foi enfrentado.	atividade
2	encarar 3.710.000,00	eN	a	Ø	a. O policial *ficou/foi encarado. b. O bandido encarou o policial. c. * O confronto encarou o policial. d. O policial *(se-r) encarou. e. O policial quase foi encarado = (Int 1). f. O policial está sendo encarado, apenas se o policial (#não) foi encarado.	atividade

¹⁷⁶ A formação passiva que se encontra nos outros grupos de verbos no teste e. está em a. nesta classe.

						a. O cão *ficou/foi acariciado. b. O menino acariciou o cão. c. * O bom comportamento acariciou o cão. d. O cão *(se-r) acariciou. e. O cachorro quase foi acariciado = (Int 1). f. O cachorro está sendo acariciado, apenas se o cachorro (#não) foi acariciado.
3	acariciar	582.000,00	a	a	Ø	atividade
4	afrontar	326.000,00	a	a	Ø	atividade
						a. O chefe *ficou/foi afrontado. b. O funcionário afrontou o chefe. c. * O insulto afrontou o chefe. d. * O chefe (se) afrontou. e. O chefe quase foi afrontado = (Int 1). f. O chefe está sendo afrontado, apenas se o chefe (#não) foi afrontado.
5	ajoelhar	230.000,00	a	a	Ø	inergativo-reflexivo
						a. O menino ficou/*foi ajoelhado. b. O menino (se) ajoelhou. c. – d. – e. O menino quase se ajoelhou. (Int 1 e 2) f. O menino está se ajoelhando, apenas se o menino #(não) se ajoelhou.

				a. O João ?? ficou/ foi esfagueado. b. A esposa esfagueou o João. c. * A briga esfagueou o João. d. O João *(se-r) esfagueou. e. O João quase foi esfagueado (= Int 1 e ? Int 2). f. O João está sendo esfagueado, apenas se o João (#não) foi esfagueado.	atividade
6	esfaquear 197.000,00	eS	a	e	
7	encabeçar 131.000,00	eN	a	Ø	atividade
				a. A comissão *ficou/foi encabeçada. b. O professor encabeçou a comissão. c. * A reestruturação encabeçou a comissão. d. * A comissão (se) encabeçou. e. A comissão quase foi encabeçada (pelo professor) = (Int 1). f. A comissão está sendo encabeçada, apenas se a comissão (#não) foi encabeçada.	
8	espernear 116.000,00	eS	a	e	inergativo-reflexivo
				a. O bebê *ficou/ *foi esperneado. b. O bebê esperneou. c. – d. – e. O bebê quase esperneou. = (Int 1). f. O bebê está esperneando, apenas se o bebê (#não) esperneou.	

9	apedrejar 90.700,00	a	a	ej	a. A viatura ?? ficou/foi apedrejada. b. O manifestante apedrejou a viatura. c. * A manifestação apedrejou a viatura. d. * A viatura (se) apedrejou. e. A viatura quase foi apedrejada. f. A viatura está sendo apedrejada, apenas se a viatura (#não) foi apedrejada.	atividade
10	esbravejar 44.900,00	eS	a	ej	a. Palavrões *ficaram/foram esbravejados. b. A torcida esbravejou (palavrões) (contra o árbitro). c. * A manifestação esbravejou palavrões. d. * Palavrões (se) esbravejaram. e. Palavrões quase foram esbravejados. = (Int 1). f. Palavrões estão sendo esbravejados, apenas se palavrões (#não) foram esbravejados.	atividade
11	espreguiçar 42.400,00	eS	a	Ø	a. O bebê *ficou/ *foi espreguiçado. b. O bebê (se) espreguiçou. c. – d. – e. O bebê quase se espreguiçou. = (Int 1). f. O bebê está se espreguiçando, apenas se o bebê (#não) se espreguiçou.	inergativo-reflexivo

12	esmurrar	41.200,00	eS	a	Ø	a. Uma mulher *ficou/foi esmurrada. b. Amy Winehouse esmurrou uma mulher. c. * A confusão esmurrou uma mulher. d. Uma mulher *(se-r) esmurrou. e. Uma mulher quase foi esmurrada. = (Int 1). f. Uma mulher está sendo esmurrada, apenas se uma mulher (#não) foi esmurrada.	atividade
13	acarinhar	39.000,00	a	a	Ø	a. O cão *ficou/foi acarinhado. b. O menino acarinhou o cão. c. * O bom comportamento acarinhou o cão. d. O cão *(se-r) acarinhou. e. O cachorro quase foi acarinhado = (Int 1). f. O cachorro está sendo acarinhado, apenas se o cachorro (#não) foi acarinhado.	atividade
14	esbofetear	36.700,00	eS	a	e	a. A menina *ficou/foi esbofetada. b. A moça esbofetou a menina. c. * O desentendimento esbofetou a menina. d. A menina *(se-r) esbofetou. e. A menina quase foi esbofetada = (Int 1). f. A menina está sendo esbofetada, apenas se a menina (#não) foi esbofetada.	atividade

15	apunhalar 34.500,00	a. O policial ?? ficou/foi apunhalado. b. O assaltante apunhalou o policial. c. * O confronto apunhalou o policial. d. O policial *(se-r) apunhalou. e. O policial quase foi apunhalado = (Int 1 e ? Int 2). f. O policial está sendo apunhalado, apenas se o policial (?não) foi apunhalado.			atividade
		a	a	Ø	
16	enxotar 22.100,00	a. Os desordeiros *ficaram/foram enxotados. b. A professora enxotou os desordeiros. c. ? O grito enxotou os desordeiros. d. * Os desordeiros (se) enxotaram. e. Os desordeiros quase foram enxotados = (Int 1). f. Os desordeiros estão sendo enxotados, apenas se os desordeiros (#não) foram enxotados.			atividade
		eN	a	Ø	
17	estapear 17.200,00	a. Um fã *ficou/foi estapeado. b. A atriz estapeou um fã. c. * A confusão estapeou um fã. d. Um fã *(se-r) estapeou. e. Um fã quase foi estapeado. = (Int 1). f. Um fã está sendo estapeado, apenas se um fã (#não) foi estapeado.			atividade
		eS	a	e	

APÊNDICE G: Verificação de contextos fonológicos

Consoantes/Prefixos	[a]	[ẽ]	[es]	[i]
[p]	apadrinhar apaixonar aparafusar apavorar apedrejar apenar aperfeiçoar apimentar aplainar/aplanar apoderar apodrecer apontar aportar apossar apressar aprimorar aprisionar aprontar apropriar aproveitar aproximar apunhalar apurar	empacotar empalhar empalidecer empapar emparedar empedrar empenar empilhar emplacar empobrecer empoeirar empoleirar empossar emprenhar	espedaçar espernear espreguiçar expatriar expropriar	-
[b]	abacalhoar abaixar abalizar abarrancar abastecer abençoar abrandar abrasar abrasar abreviar abrilhantar	embandeirar embarcar embasar embebedar embelezar embolsar emborrachar embranquecer embravecer embrutecer emburrecer	esbofetear esbravejar esburacar	-
[t]	atarraxar atemorizar atenuar aterrar aterriz(ss)ar atormentar atormentar	entalhar enternecer enterrar entorpecer entortar entrincheirar entristecer entubar enturmar	estapear estremecer estripar extenuar	intimidar intitular intoxicar

[d]	adensar adentrar adoçar adoecer adormecer	endeusar endireitar endividar endoidar endoidecer endurecer	-	-
[k]	acalentar acalmar acamar acampar acariciar acarinhar acasalar aclerar acobertar acolchoar acomodar acompanhar acondicionar aconselhar acorrentar acostumar acovardar acreditar aculturar aquartelar aquecer aquestar aquietar	encabeçar encaçapar encadear encadernar encaixotar encapar encapotar encapsular encarar encarcerar encarecer encaroçar encobertar encolerizar encorajar encrespar encucar encurrular encurtar encurvar enquadrar	esclarecer esquartejar esquentar	incrustar incandescer incorporar incriminar
[g]	agraciar agravar agregar agrupar	engaiolar engarrafar engavetar engomar engordar engrandecer engravidar engraxar engrossar	-	-
[m]	amaciar amadurecer amaldiçoar amanhecer amansar amesquinhar amolecer amordaçar	emagrecer emoldurar emudecer	esmigalhar esmurrar	

	amornar amortecer			
[n]	aninhar anoitecer anular	enamorar enegrecer enervar enevoar enobrecer enodoar enojar enovelar		
[f]	afamar afamar aferventar afervorar afinar afivelar afixar afofar afrontar afrouxar afundar afunilar	enfaixar enfarinhar enfeitiçar enfeixar enferrujar enfileirar enfitar enfocar enformar enfraquecer enfrentar enfurecer enfurnar	esfaquear esfarelar esfarrapar esfriar	
[v]	avassalar aveludar avermelhar avivar avizinhar avolumar	envasar envelhecer envenenar envergonhar envernizar envidraçar enviesar evaporar	esvaziar esverdear	
[s]	acertar assalarar assegurar assemelhar assenhorear asseverar associar assustar	encenar encerar encestar ensaboar ensacar ensurdecir	-	inseminar
[3]	agigantar ajeitar ajoelhar ajuizar ajuntar ajustar	engessar enjaular		

[ɲ]		encher enxotar		
[ʃ]	arredondar arriscar arrolar arruinar	enraivecer enraizar enredar enricar enrijecer enriquecer enrubescer enrugar		
[l]	alagar alagar alargar aleitar aligeirar alinhar alisar alistar alongar alourar alumiar	enlaçar enlamear enlatar enlouquecer enlutar		

Vogais/Prefixos	[a]	[ê]	[es]	[i]
[a]	-	enamorar enaltecer	-	-
[i]	-	-	-	-
[o]	-	-	exorbitar	-

Se ligam a palavras com:	[a]	[ê]	[es]	[i]
Uma sílaba	-	encher	-	-
Duas sílabas	apurar	embolsar	esmurrar	inovar
Três sílabas	abrilhantar	embandeirar	esbofetear	intimidar